

CES | Revista

ISSN 1983-1625



CES/JF

Centro de Ensino Superior
de Juiz de Fora

Administração Arquitetura e Urbanismo Ciências Biológicas Engenharia Elétrica Engenharia de Software Engenharia de Telecomunicações Design de Moda Design de Interiores
Filosofia Gastronomia Gestão de Recursos Humanos Jornalismo Marketing Mestrado em Letras Psicologia Publicidade e Propaganda Sistemas de Informação Teologia

PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

32

CONTEMPORANEIDADES

v. 32 n. 1 jan./jul. 2018



SUMÁRIO

EDITORIAL/EDITORIAL

CONTEMPORANEIDADES Mariana Aparecida Venâncio.....	4-6
---	-----

ADMINISTRAÇÃO

O INTRAEMPREENDEDORISMO COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL: UM ESTUDO DE CASO COM AS EMPRESAS JUNIORES BRASILEIRAS Rogério Lino do Carmo Freitas, Débora Marques.....	7-37
---	------

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

EFEITO ALELOPÁTICO DE EXTRATOS DE TETRADENIA RIPARIA (HOCHST.) CODD E ROSMARINUS OFFICINALIS L. SOBRE A GERMINAÇÃO E O CRESCIMENTO INICIAL DE PLÂNTULAS DE RÚCULA Clarissa Loures Lanzoni, Antônio Marcos Oliveira Toledo, Fernando Teixeira Gomes.....	38-56
--	-------

IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE HIV PARA A EFICÁCIA TERAPÊUTICA E O BEM-ESTAR DO PACIENTE Igor Barbosa Lima.....	57-71
--	-------

DESIGN DE MODA

A IDEALIZAÇÃO CORPORAL CONTEMPORÂNEA: MODA, CORPO, BELEZA E IDENTIDADE EM <i>REALITIES SHOWS</i> DE TRANSFORMAÇÃO Fabiano Eloy Atílio Batista.....	72-82
---	-------

JORNALISMO

JORNALISMO LITERÁRIO: UM ESTUDO DE CASO NA CONTEMPORANEIDADE Lucas Soboleswki Flores, Salete Rosa Pezzi dos Santos.....	83-98
---	-------

MESTRADO EM LETRAS

FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA EM A ASA ESQUERDA DO ANJO, DE LYA LUFT Maria Aparecida Nogueira Schimitt, Francine Nogueira Schimitt.....	99-115
--	--------

INTERLOCUÇÕES ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA NAS ESCRITAS DE ALEXANDRE HERCULANO E JOSÉ SARAMAGO SOBRE A INQUISIÇÃO Felipe dos Santos Matias.....	116-130
LEITURAS EM REDE, AUTORES CONECTADOS: O AUTOR NA GLOBALIZAÇÃO E NA ERA DIGITAL Fellip Agner Trindade Andrade.....	131-151
NAVEGAÇÕES, NEGAÇÕES, VIAGENS E REPRESENTAÇÃO DE MULHER NA LITERATURA NA PERSPECTIVA DE ANA CRISTINA CESAR Josiclei de Souza Santos, Tatiana Cavalcante Fabem.....	152-171
REMINISCÊNCIAS DO PASSADO E PROJEÇÕES DE FUTURO: O INCERTO COMO CHAMARIZ EM NARRATIVAS JUVENIS DISTÓPICAS Valdinei José Arboleya.....	172-192
TEORIAS DE ASL NO ENSINO DE LÍNGUAS ADICIONAIS: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DOCENTES Mayara Luiza Migliorini, Melissa Andres Freitas, Luis Antonio Machado, Elaine Ferreira do Vale Borges.....	193-210
PUBLICIDADE E PROPAGANDA	
ORGANIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE EVENTOS: ANÁLISE DO CASE IFÉRIAS Arthur Raposo Gomes, Ana Marta dos Santos Ladeira.....	211-240

CONTEMPORANEIDADES

Um dos maiores desafios para a pesquisa, nas mais diversas áreas do conhecimento, é configurar-se contemporânea em um contexto como o atual, no qual as informações tornam-se obsoletas com grande facilidade. No entanto, a intensa circulação de informações aliada à praticidade dos meios de comunicação atuais, não vem sendo acompanhada de uma igualmente intensa reflexão crítica a respeito dos assuntos veiculados.

O **volume 32, n.1 da CES Revista, edição jan/jul de 2018**, apresenta um conjunto de pesquisas atentas à necessidade de uma reflexão séria a respeito do que acontece na contemporaneidade, no esforço por conciliar vozes antigas e novas. Os doze artigos aqui publicados permitem perceber o contemporâneo como um entre-lugar no qual se encontra aquele que não consegue ser indiferente a seu tempo, na valorização única das reflexões já prontas, mas também não se percebe capaz de desconsiderar a tradição que ainda pode iluminar a atualidade.

A seção dedicada à **Administração** conta com a contribuição do artigo **o intraempreendedorismo como ferramenta para o desenvolvimento organizacional: um estudo de caso com as Empresas Juniores brasileiras**. Nele, os autores analisam a contribuição da consciência intraempreendedora para a formação de novos profissionais, especialmente a partir da sua atuação nas chamadas Empresas Juniores.

Ciências Biológicas apresentam duas contribuições de grande relevância

para o cenário atual: **Efeito alelopático de extratos de *Tetradenia riparia* (Hochst.) Codd e *Rosmarinus officinalis* L. sobre a germinação e o crescimento inicial de plântulas de rúcula e Importância do diagnóstico precoce de HIV para a eficácia terapêutica e o bem-estar do paciente.** Ambas as pesquisas oferecem resultados e alternativas que visam a melhoria da qualidade de vida atual, seja pela alimentação saudável, seja pelo mais eficaz tratamento de pacientes que sofrem com os efeitos do HIV.

Na seção **Design de Moda**, o autor do artigo **A idealização corporal contemporânea: moda, corpo, beleza e identidade em realities shows de transformação** procura analisar o impacto que os programas televisivos que se ocupam da imagem corporal realizam sobre os espectadores.

Jornalismo também apresenta uma contribuição a este número. O artigo **Jornalismo literário: um estudo de caso na contemporaneidade** investiga o alcance e a recepção de um diferente modo para a veiculação de notícias, especialmente nas mídias digitais.

A seção dedicada ao **Mestrado em Letras** traz seis artigos. **Leituras em rede, autores conectados: o autor na globalização e na era digital** e **Reminiscências do passado e projeções de futuro: o incerto como chamariz em narrativas juvenis distópicas** discutem, cada um a seu modo, importantes conceitos literários a partir de obras juvenis atuais, que ainda não integram o cânone da Literatura mundial. Fragmentação identitária em **A asa esquerda do anjo, de Lya Luft, Interlocuções entre a Literatura e a História nas escritas de Alexandre Herculano e José Saramago sobre a Inquisição e Navegações, negações, viagens e representação de mulher na literatura na perspectiva de Ana Cristina Cesar**, por sua vez, apresentam temas e autores já conhecidos e amplamente discutidos pela crítica. A novidade de suas pesquisas, no entanto, é indiscutível na articulação de tradicionais conceitos sob uma diferente perspectiva. Ainda nesta seção, em **Teorias de ASL no ensino de línguas adicionais: reflexões sobre práticas docentes**, os autores discutem diferentes práticas no ensino de inglês e espanhol.

Por fim, a **Publicidade e Propaganda** apresenta o artigo **Organização e classificação de eventos: análise do case IFérias**, com a análise do evento promovido pelo IF Sudeste de Barbacena.

Atestando mais uma vez a contemporaneidade de vozes interdisciplinares, apresentamos a primeira publicação da **CES Revista** em 2018.

Boa leitura!

Profª. Drª. Juliana Gervason

Professora do Programa de Mestrado em Letras

Editora-Gerente CES Revista

Mariana Aparecida Venâncio

Mestranda do Programa de Mestrado em Letras

Estagiária do Setor de Periódicos

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

O INTRAEMPREENDEDORISMO COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL: UM ESTUDO DE CASO COM AS EMPRESAS JUNIORES BRASILEIRAS ✓

7

Rogério Lino do Carmo FREITAS¹
Débora MARQUES²

✓ Artigo recebido em 30/03/2018 e aprovado em 25/06/2018.

¹ Possui graduação em Administração pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2017). Atualmente atua como Aprendiz na Coordenação de Equipes - CCO da MRS Logística. Tem experiência na área de Administração como Gerente de Gestão de Pessoas e Gerente de Treinamento e Desenvolvimento na Ampla Consultoria Jr (2017). E-mail: <rogeriolc.freitas@gmail.com>.

² É Doutora em Estudos da Linguagem, com ênfase em Linguística Aplicada, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RIO. É especialista em Negócios e Empreendimentos pela Escola de Negócios da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. É Professora no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. É professora da Pós-graduação em Negócios da PUC-Minas. É gestora da Inovação, da Propriedade Intelectual, do Empreendedorismo e da Transferência de Tecnologia na UFJF, na qual é Gerente de Inovação e Transferência de Tecnologia do Centro Regional de Inovação e Transferência de Tecnologia - CRITT/UFJF. E-mail: <debora.marquesjf@gmail.com>.

O INTRAEMPREENDEDORISMO COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL:

UM ESTUDO DE CASO COM AS EMPRESAS JUNIORES BRASILEIRAS

RESUMO

Este artigo teve como objetivo analisar os conceitos do intraempreendedorismo e suas ferramentas, demonstrando sua relevância no contexto organizacional atual. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e um estudo de casos junto a Empresas Juniores brasileiras. O estudo de caso buscou identificar se os conceitos ligados ao intraempreendedorismo são utilizados pelas empresas juniores, caracterizando as relações dos membros com seus pares e superiores, sua receptividade e quais ferramentas são usadas para a manutenção desse mecanismo, bem como os resultados obtidos. Após a análise dos dados, é apresentada a relevância dessa ferramenta para as empresas juniores e também para o contexto organizacional atual. Com isso, destaca-se a importância dos fatores pessoais como a criatividade, alinhados a fatores organizacionais, como a autonomia, que promovem uma cultura organizacional favorável, criam processos e pessoas mais inovadoras em suas atividades, que têm, assim, mais facilidade para sugerir novas ideias, promovendo a gestão colaborativa na qual se cria o espírito de donos em todos os membros, o que facilita a implementação da gestão do conhecimento e garante a manutenção do intraempreendedorismo e suas práticas.

Palavras-Chave: Empreendedorismo corporativo. Gestão colaborativa. Gestão do conhecimento. Empoderamento.

EL INTRAEMPREENDEDORISMO COMO HERRAMIENTA PARA EL DESARROLLO ORGANIZACIONAL:

UN ESTUDIO DE CASO CON LAS EMPRESAS JUNIORES BRASILEÑAS

RESUMEN

Este artículo tuvo como objetivo analizar los conceptos del intraempreendedorismo y sus herramientas, demostrando su relevancia en el contexto organizacional actual. Para ello, se realizó una investigación bibliográfica y un estudio de casos junto a Empresas Juniores brasileñas. El estudio de caso buscó identificar si los conceptos ligados al intraempreendedorismo son utilizados por las empresas junior, caracterizando las relaciones de los miembros con sus pares y superiores, su receptividad y qué herramientas se utilizan para el mantenimiento de ese mecanismo, así como los resultados obtenidos. Después del análisis de los datos, se presenta la relevancia de esta herramienta para las empresas juveniles y también para el contexto organizacional actual. Con ello, se destaca la importancia de los factores personales como la creatividad, alineados a factores organizacionales, como la autonomía, que promueven una cultura organizacional favorable, crean procesos y personas más innovadoras en sus actividades, que tienen, así, más facilidad para sugerir nuevas ideas, promoviendo la gestión colaborativa en la que se crea el espíritu "de dueños" en todos los miembros, lo que facilita la implementación de la gestión del conocimiento y garantiza el mantenimiento del intraempreendedorismo y sus prácticas.

Palabras-clave: Emprendimiento corporativo, gestión de colaboración, gestión del conocimiento, empoderamiento

1 INTRODUÇÃO

As organizações passam por diversas transformações. Isso é proveniente do dinamismo e da velocidade trazidos pela era do conhecimento e pelo acesso mais facilitado de informações. Esse dinamismo vem junto com as novas tecnologias, que proporcionaram maior interatividade e compartilhamento de dados, o que culminou no surgimento de novas tendências e de novos hábitos de vida. Nesse contexto, gerir pessoas no ambiente organizacional tem se mostrado uma tarefa difícil, tendo em vista que muitos profissionais se sentem deslocados em seus locais de trabalho, devido, sobretudo, ao fato de suas organizações seguirem modelos mais tradicionais de relação entre empregador e empregado.

O não compartilhamento de informações estratégicas, aliada à falta de visão de gestores podem fazer com que colaboradores empreendedores saiam de seus postos de trabalho. Isso pode ser muito prejudicial para a organização, à medida que os colaboradores que estão diretamente envolvidos nas atividades e que conhecem os procedimentos não são considerados ou consultados nos processos decisórios, na implementação de alguma inovação ou no momento em que novas oportunidades surgem. Nesse ponto, Montenegro (2015) ressalta que a chave para o sucesso através do intraempreendedorismo é promover a descentralização da empresa, dando mais destaque ao colaborador para que este empregue o comportamento empreendedor a favor da organização. Fomentar a ação desses colaboradores, tornando-os mais engajados e envolvidos com as estratégias de crescimento da empresa tem sido um processo discutido na perspectiva do intraempreendedorismo³.

Dessa forma, a fim de problematizar a relevância do intraempreendedorismo no ambiente organizacional, este artigo busca, partindo de uma perspectiva indutiva e qualitativa de pesquisa, entender, olhando mais focalmente para a realidade de

³ Intraempreendedorismo é uma modalidade de empreendedorismo que consiste na prática dos funcionários possuírem a capacidade de atuar como donos do negócio, ajudando sobretudo a movimentar a criação de ideias dentro das organizações, mesmo que indiretamente. Fonte: Disponível em: <<https://www.significados.com.br/intraempreendedorismo/>>. Acesso em 29 junho 2018

Empresas Juniores (EJs) brasileiras, como o intraempreendedorismo pode ser analisado no âmbito das gestões estratégicas e de pessoas como forma de empoderar colaboradores e de promover o crescimento da organização. Para isso, foi aplicado um questionário estruturado para EJs, no qual se buscou entender se as empresas aplicam ferramentas de gestão colaborativa e se fomentam o intraempreendedorismo.

Para isso, o questionário (cf. Apêndice 1) buscou gerar dados para entender como as EJs trabalham os conceitos de intraempreendedorismo (PINCHOT; PELLMAN, 2004) e de *empowerment* (RODRIGUES; SANTOS, 2001). Analiticamente, buscou-se ver se as EJs lançam mão (ou não) de ferramentas de relacionamento dos colaboradores com seus pares e superiores, o empoderamento, a receptividade quanto às novas ideias, sugestões e afins; quais metodologias são utilizadas para a manutenção desse mecanismo e os resultados obtidos.

Nas seções a seguir, serão apresentados os fatores organizacionais relacionados ao intraempreendedorismo, demonstrando os principais construtos teóricos que norteiam o trabalho assim como os resultados obtidos do estudo de caso com as EJs brasileiras. Com isso, se demonstra a importância de se promover o desenvolvimento de agentes intraempreendedores nas organizações.

2 METODOLOGIA DO TRABALHO

Para este trabalho, foi utilizado o método indutivo, que segundo Zanella (2009), parte de constatações particulares que, após análise, podem ser generalizadas para o todo. Para a aplicação desse método, foi utilizada como técnica de coleta de dados mediante a aplicação de um questionário (cf. Apêndice 1), com perguntas abertas e fechadas, respondidas por EJs nacionais.

As análises foram feitas por meio de uma perspectiva quantitativa, que, para Zanella (2009), se caracteriza pelo uso de ferramentas estatísticas para a coleta e tratamento dos dados, e também qualitativa para a análise e interpretação dos dados gerados. Ainda foram feitas pesquisas bibliográficas.

O questionário online criado utilizando *Google Forms* (cf. Apêndice 1) apresenta diversas perguntas que buscam compreender melhor como se dá o

intraempreendedorismo nas EJs, assim como os fatores que influenciam no processo intraempreendedor. Além disso, foram levantados também dados sobre a participação das instituições de ensino na disseminação do conhecimento sobre essa ferramenta. Os participantes foram convidados através do aplicativo de mensagens *WhatsApp* por meio do qual eram direcionados para o questionário, o qual responderam de forma anônima. Através da pesquisa foram obtidas 259 respostas, no período de 05 de novembro a 21 novembro de 2017.

3 EMPREENDEDORISMO

O termo empreendedorismo foi criado pelo economista irlandês Richard Cantillon, em 1725. Quase 100 anos depois, em 1814, o também economista francês Jean-Baptist usou o termo para descrever um indivíduo que move os recursos de uma área de pouca produtividade para um setor de produtividade mais elevada. Em 1871, o economista australiano Carl Menger conceituou o empreendedor como alguém que tem a capacidade de antecipar as necessidades do futuro (CHIAVENATO, 2012). No início do século XX, surge um dos primeiros autores sobre o tema, o economista australiano Joseph Schumpeter. Em seu livro, ele aborda o empreendedorismo como uma tendência da economia e posiciona o indivíduo empreendedor como um agente que promove mudanças na economia através de ações baseadas na criatividade e na inovação. Em 1934, lança seu livro *The Theory of Economic Development*, que permanece sendo, ainda hoje, um dos livros mais influentes da economia e insere, na literatura, o conceito que conhecemos hoje de empreendedorismo como um processo de mudança de produtos ou processo produtivo na busca por novas oportunidades de mercado, além do emprego de novas práticas que otimizam os processos através do emprego de novas fontes de materiais (BARBOSA, 2015).

Pessoa (2005) ressalta que nos dias de hoje todo empreendedor tem que ser um bom administrador, mas suas habilidades vão muito além da administração. Os empreendedores possuem uma percepção diferente sobre o meio onde estão inseridos, buscando fazer mais que atividades pedidas, não se contentando em

fazer apenas o que tem que ser feito, o que acarreta que se tornem mais suscetíveis a novas oportunidades.

Com a evolução do conceito, o empreendedorismo tornou-se muito abrangente, se fazendo presente em diversos segmentos. Pessoa (2005) trabalha o empreendedorismo em três vertentes, o Empreendedorismo de Negócios ou empresarial, o Empreendedorismo Social e o Intraempreendedorismo. Os três abordam algumas características similares, mas cada um com sua especificidade.

Segundo Paz (2016), o empreendedorismo de negócio (também conhecido como empreendedorismo empresarial), é a forma mais conhecida de empreendedorismo, pois trata-se da busca pelo próprio negócio, objetivando não somente a realização pessoal, mas também busca por outras características, como a obtenção de lucros.

O empreendedorismo de negócio ocorre por diversos fatores, dentre eles destaca-se a percepção de uma nova oportunidade por parte dos empreendedores, que acabam abrindo seu próprio negócio de maneira formal ou informal (MARIANO; MAYER, 2014).

O empreendedorismo é muito associado às pessoas que buscam abrir suas empresas ou até mesmo em pessoas que inovam dentro do seu local de trabalho. Mas diferente dessa perspectiva, o empreendedorismo social não tem seu foco voltado para o lucro, seu principal objetivo é o de gerar benefícios em algum parâmetro social.

Esse conceito é relativamente novo e suas atribuições são voltadas para ações no campo social. Esse tipo de empreendedorismo possui características próprias, tais como a constante busca por solução de problemas sociais ou até mesmo a criação de produtos e serviços que gerem valor para a sociedade. Por não ter fins lucrativos, suas ações são medidas com base no impacto social das ações promovidas, nas quais o governo não consegue atuar efetivamente (MARIANO; MAYER, 2014)

O intraempreendedorismo ou empreendedorismo corporativo é uma importante ferramenta que começa a se destacar dentre as práticas de gestão. Ela está diretamente associada à capacidade de inovar dentro das organizações, o que vem chamando a atenção de gestores e acadêmicos (CARNEIRO, 2013). Segundo

Lana (2010), o conceito de intraempreendedorismo surgiu na década de 80 e duas décadas mais tarde, essa palavra foi incorporada ao dicionário como *intrapreneur*, que é aquele que assume a responsabilidade de converter uma ideia em um resultado positivo para organização.

Para Carneiro (2013), a prática do intraempreendedorismo é muito mais antiga do que os conceitos formulados na década de 80, a exemplo do que a empresa 3M⁴ já vinha realizando antes dessa data. Desde sua fundação, a 3M sempre se apresentou como uma empresa inovadora. Em 1923, ela permitiu, por exemplo, que sua equipe técnica pudesse dedicar 15% do seu tempo laboral em projetos de sua livre escolha e essa prática trouxe resultados muito positivos: um deles ocorreu 2 anos após o início do projeto, com a criação da fita crepe, desenvolvido por um funcionário que projetava lixas, mas que resolveu dedicar-se a esse projeto. Além de se tornar um case de sucesso e de virar referência para outras empresas, é considerada como uma das primeiras empresas a apresentar práticas de intraempreendedorismo.

Essa ferramenta surge, assim, como uma forma de a empresa buscar novas oportunidades ou soluções criativas e inovadoras para problemas existentes na organização ou até mesmo na reconstrução dos procedimentos da empresa, sendo essas ideias e ações idealizadas e executadas por colaboradores (LANA, 2010).

Para Mariano e Mayer (2014), o intraempreendedor é um indivíduo com alta criatividade, que, associado a um ambiente favorável, é capaz de promover grandes mudanças na organização. Seu principal papel é o de agir pela organização, assumindo a responsabilidade pelas inovações necessárias.

Nesse contexto, a cultura organizacional também é um ponto muito importante: as organizações tendem a perder oportunidades de melhorias simplesmente devido ao fato de seus colaboradores estarem preocupados em trabalhar em seus projetos já definidos e não possuírem a capacidade de assumir riscos e de promover mudanças em seu ambiente organizacional.

⁴ A 3M é uma empresa fundada em 1902 para explorar minas de minério, mas que mudou sua estratégia e passou a investir na fabricação de abrasivos. Atualmente, possui uma gama variada de produtos.

Por parte dos colaboradores, a busca por organizações que praticam essa ferramenta é crescente. Há, atualmente, uma busca crescente por empresas que permitam que os colaboradores trilhem seus caminhos: são aquelas que acreditam em seus próprios talentos. Esses indivíduos procuram pela autorrealização através da liberdade dentro do ambiente organizacional, sendo este, em contraponto, um importante fator desmotivacional (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2009).

O *empowerment* se baseia no princípio da descentralização do poder, na cessão de mais autonomia aos colaboradores. O conceito evoluiu muito ao longo dos anos: até a década de 70, as escolas da administração eram muito focadas na centralização para a obtenção e manutenção do poder, isso se devia ao fato de se ter grande rigor dentro das organizações, o que gerava a sensação de maior controle organizacional. Na década de 80, surge um novo conceito baseado nos princípios de igualdade, que chama a atenção para a participação coletiva e não somente o poder centralizado.

Na década de 90, o conceito começou a ser abordado no contexto organizacional, mas apenas no cenário das grandes empresas, e a literatura ainda começava a se desenvolver. Já nos anos 2000, a aplicação desse conceito se torna mais presente e começam a surgir novos estudos que atribuem ao líder o papel fundamental no processo de delegação e de engajamento mais autônomos (FERRARI; LOPES, 2014).

Sevegnani, Hoeltgebaum e Loesch (2017) trabalham diversos fatores relacionados ao intraempreendedorismo, entre eles, destacam que o *empowerment* estabelece um ambiente de maior liberdade e que essas medidas podem ser diretamente relacionadas a novos modelos de gestão e de promoção de um ambiente organizacional mais inovador.

No contexto atual, o mercado se faz muito competitivo e as empresas têm dificuldades em desenvolver ofertas de valor que as coloquem em vantagem competitiva. Isso porque o desenvolvimento de um produto, por mais inovador que seja, não garante, por si só, o sucesso.

Segundo Pinchot e Pellman (2004), o sucesso da implementação dessa ferramenta depende tanto dos colaboradores quanto da organização. Os colaboradores intraempreendedores têm mais facilidade de inovar e promover um

processo criativo, no qual tendem a assumir maiores riscos na organização em prol de suas ideias, pois realmente acreditam no potencial de suas colaborações. A organização, por sua vez, deve observar esses fatores e permitir que o processo ocorra de maneira mais natural, flexibilizando seus processos e permitindo maior interação entre o colaborador e a empresa.

Nesse cenário, é fortemente aceito que o capital intelectual é um dos maiores bens de uma organização: é por meio dele que novos produtos, novas práticas de produção, de *marketing*, organizacionais e afins podem surgir. Por esse motivo, fazer a gestão de pessoas de modo adequado, fomentando ferramentas e metodologias empreendedoras deve ser estimulado. Com isso, o colaborador se torna parceiro da gestão (SOARES, 2015).

Para que se implemente o intraempreendedorismo, é preciso que a organização tenha a compreensão de que não basta apenas desenvolver e fomentar essa ferramenta para obter sucesso. Antes de mais nada, é preciso observar o perfil dos colaboradores, porque, caso não possuam esse perfil, essas medidas não somente não funcionam, como também poderiam gerar resultados negativos para organização, como a desmotivação. Para maximizar a probabilidade de sucesso, a empresa deve buscar envolver os colaboradores junto a seus alinhamentos estratégicos, para que conheçam melhor tanto o negócio, assim como seus objetivos, de modo que se engajem na busca por melhores resultados (SOARES, 2015).

Na tentativa de implementar a cultura intraempreendedora, muitas empresas acabam caindo em uma cilada, pois, para que obtenham sucesso, é importante desenvolver a consciência da necessidade da descentralização. Contudo, muitas acabam caindo em contradição, uma vez que não trabalham a ferramenta, mas sim a impõe aos colaboradores como uma nova prática, sem desenvolver neles uma cultura empreendedora e inovadora de fato (SOARES, 2015). Ainda a esse respeito, são ressaltadas a atenção que os gestores devem ter nesse momento e a importância de treinamentos e criação de grupos de trabalho e núcleos criativos: “Esse tipo de atividade vem reafirmar que a criatividade não deve aparecer apenas nos momentos de crise, mas sim como um elemento constante na gestão empresarial” (CORDEIRO, 2016, p. 159).

Lana (2010) também aponta para essa questão e ressalta que muitas empresas podem recorrer às ferramentas já disponíveis. Para ela, há cinco ações que contribuem para a criação de um ambiente favorável à implementação de uma cultura intraempreendedora: (i) remuneração; (ii) dar poder aos colaboradores para que tenham condições de assumir mais riscos, ou seja, empoderá-los; (iii) dar mais controle às pessoas; (iv) promover a transparência no negócio e (v) fazer com que o aprendizado seja uma parte inerente ao negócio. Ainda, em sua pesquisa, a autora reforça que o intraempreendedorismo pode ocorrer de maneira formal ou informal.

O modo formal é quando a empresa procura promover o intraempreendedorismo por sua conta e busca criar um ambiente propício para que os colaboradores comecem a pensar de modo mais inovador para alcançar novos horizontes ou para resolver problemas. Essas empresas atuam também tentando eliminar ou minimizar, ao máximo, qualquer barreira ou fator que possa dificultar o surgimento de novas ideias. Já o modo informal, ocorre em ambientes mais hostis à criação de novas ideias. Esses ambientes são fruto de gestores pouco focados em resultados. Ela destaca que, mesmo nesses ambientes, surgem pessoas com o pensamento inovador. Contudo, neles, o empreendedor pode acabar por ter suas competências cerceadas, o que pode despertar algumas atitudes rebeldes.

Cordeiro (2016) aponta que há a necessidade de engajamento por parte dos gestores para que a cultura intraempreendedora aconteça, já que é a partir deles que se pode implementar e disseminar práticas que convirjam para a construção de uma organização focada no empreendedorismo corporativo.

Para Periard (2011), o empoderamento trabalha com base na comunicação interna e na autonomia dos colaboradores, ou seja, a organização trabalha para manter um canal de informações ativo, que permita que o funcionário receba a informação certa no tempo certo, e, por sua vez, terá autonomia para decidir quanto à questão. Esse aumento de poder promove maior integração entre os colaboradores e sua relação com a própria organização se intensifica, de modo que, com maior autonomia, passa-se também a uma maior responsabilidade com os resultados e com a organização.

Nesse aspecto, a gestão de pessoas trabalha para desenvolver e para encaminhar os colaboradores da organização para que assumam, de fato, o papel

de donos da empresa. Periard (2011) realça a participação da gestão de pessoas no desenvolvimento da cultura organizacional, pois muitas organizações ainda abordam um modelo mais centralizado e tradicional, e na busca por gerar vantagem competitiva, acabam não obtendo sucesso, pois suas estruturas não estão preparadas para isso. Portanto, é necessário que a gestão de pessoas atue diretamente para desconstruir esse modelo e criar a ideia de se promover equipes de trabalho autogeridas.

No contexto de gestão estratégica no ambiente empresarial, o intraempreendedorismo vem sendo apontado como uma excelente ferramenta que beneficia a gestão da inovação dentro do ambiente organizacional. Nesse cenário, bons gerentes são aqueles que sabem fomentar agentes inovadores, os quais têm a motivação intrínseca necessária para modificar padrões e otimizar recursos (usos novos ou significativamente melhorados para antigos materiais e equipamentos) (DAVID, 2004).

O intraempreendedorismo tem se mostrado como uma importante ferramenta para a obtenção do sucesso. Além de aumentar a lucratividade por gerar vantagem competitiva, o intraempreendedorismo é um fator chave quando falamos de ambiente de trabalho, já que ele busca integrar os colaboradores, tornando-os parte fundamental para as organizações. Devido a seus resultados promissores e às vantagens obtidas, muitas empresas vêm adotando práticas relacionadas a essas ferramentas. Por ser amplamente versátil, é comum encontrar diversas empresas que adotam essas práticas, da aviação à indústria de jogos, e é comum encontrarmos casos de sucesso na implementação dessa ferramenta.

Segundo Trindade (2016), temos algumas empresas que obtiveram sucesso com essa ferramenta: Na década de 90, a *Nintendo* fechou uma parceria com a Sony para desenvolver um novo console. Com o passar do tempo, essa parceria se frustrou. A Sony resolveu abandonar o projeto, mas após uma nova parceria, um engenheiro viu o potencial do projeto e resolveu defendê-lo perante a empresa e, com isso, houve o surgimento do projeto *Playstation 1*, que vendeu, aproximadamente, 104,25 milhões de unidades (SCHIMIDT, 2014).

4 MOVIMENTO EMPRESA JÚNIOR

O Movimento Empresa Junior (MEJ) surgiu em 1967, na França, e chegou ao Brasil em 1988 (Brasil Junior, 2016). Seu principal objetivo é o de desenvolver empreendedores ainda no ambiente acadêmico, através de empresas criadas nas instituições de ensino superior, promovendo uma ligação entre escola e mercado de trabalho. As Empresas Juniores (EJs) têm importante impacto na sociedade, pois desenvolvem uma atividade econômica, promovem o aprendizado para criação de membros altamente criativos e inovadores, o que contribui para pessoas mais abertas ao empreendedorismo e ao intraempreendedorismo.

Segundo a Brasil Junior (2016), o Brasil possui aproximadamente 510 EJs federadas, ou seja, vinculadas à Brasil Júnior, que é a instância de representação em âmbito nacional, sendo 24 federações que atuam no âmbito estadual e as Ligas, que atuam em âmbito regional. As EJs contam hoje com, aproximadamente, 16 mil empresários juniores, que entregam mais de 6000 projetos⁵.

O MEJ vem se desenvolvendo muito nos últimos anos, apresentando bons resultados, o que contribui para que cada vez mais jovens ingressem nesse movimento. Após sua formação acadêmica, todos os membros das EJs se tornam pós-juniores (o termo denomina todos os que fizeram parte do MEJ), esses membros, por sua vez, levam seu aprendizado para dentro das organizações, o que aponta que dentro das EJs encontram-se algumas tendências de mercado.

As EJs apresentam uma estrutura similar a uma organização tradicional e, legalmente, são vistas como as demais empresas, contando apenas com algumas diferenciações, como o fato de só poderem ser compostas por acadêmicos da própria instituição de ensino. Esse fator mostra-se como uma vantagem, pois no ambiente acadêmico, os membros têm mais facilidade de se integrar à empresa e mais facilidade em implementar novas ideias, o que contribui para o desenvolvimento do intraempreendedorismo.

⁵ Outras informações podem ser consultadas em: <<https://www.brasiljunior.org.br/conheca-o-mej>>. Acesso em: 24 mai. 2017

Periard (2011) relata que os membros de uma empresa júnior atuam diretamente no mercado de trabalho, fornecendo diversos tipos de projetos, nas diversas áreas de conhecimento. As EJs, ao oferecerem esses serviços, integram seus membros à realidade exigida no mercado. Atualmente, elas representam um movimento único que agrega a economia nacional, gerando não somente valores econômicos, mas também valores sociais e de formação de recursos humanos mais alinhados às práticas de mercado.

Segundo o Relatório do Censo & Identidade da Brasil Junior (2016), foi apontado que o índice de desemprego cresceu 11,8% e a economia teve uma retração de 3,3%. Em contrapartida, o MEJ apresentou resultados surpreendentes: houve um crescimento de projetos de 106%, alcançando seu objetivo de 4.800 projetos. Em 2015, foram desenvolvidos 2015 projetos e, em 2016, esse número chegou a 4865. O Produto Interno Bruto (PIB) do MEJ, em 2016, apresentou um crescimento de R\$ 11.096.620,77, um aumento de 66% em relação ao ano anterior, que foi de R\$ 6.685.738,11.

Dessa forma, levando em conta apenas as EJs federadas, podemos considerar um faturamento médio de R\$25.337,75.

Em 2016, 134 novas EJs se federaram nos 20 estados confederados, o que representa um aumento de 44% em relação a 2015.

Todos esses números destacam a pujança do movimento e a importância dele também nos indicadores econômicos e sociais.

As EJs têm uma participação crescente em todo o Brasil, as instituições de ensino estão se atentando para a grande relevância do MEJ na formação acadêmica.

Com base na expansão do MEJ, ao abordar EJs como foco de pesquisa, podemos observar várias questões, começando pelas práticas abordadas com foco no intraempreendedorismo, levando em consideração que os membros logo estarão em empresas sêniores e levarão consigo todo o conhecimento obtido na sua participação nas EJs. Além disso, podemos observar como o MEJ reflete diretamente na participação das instituições de ensino na transmissão do conhecimento sobre as práticas intraempreendedoras.

O MEJ tem o objetivo de desenvolver o indivíduo quanto ao comprometimento e capacidade, propondo ações que buscam integrar os membros às realidades sociais. Em 2016, foram 15.777 membros com idade média de 20,9 anos, com permanência média de 19 meses. Desses dados, cerca de 44,5% são da região sudeste, 54% cursam engenharia e 52,7% são do sexo masculino.

O MEJ é considerado uma ótima oportunidade de desenvolvimento pessoal e profissional. Socialmente, podemos observar que o número de membros do sexo masculino quase se iguala ao do sexo feminino, isso indica que dentro do MEJ, os preconceitos em função do sexo são baixos. Profissionalmente, os membros têm, em média, 34,9 horas de capacitação. 71,5% dos membros acreditam que a gestão parte do trabalho de capacitação e da motivação para gerar o espírito de equipe, enquanto 20,6% acreditam e desenvolvem equipes de autogestão.

O trabalho no MEJ é totalmente voluntário, portanto, as EJs se preocupam em promover uma experiência prática que resulte na preparação do indivíduo para o desempenho de suas funções e ao mesmo tempo, busca fornecer para o mercado de trabalho uma pessoa com a vivência de atividades em equipe. Para além, após o período no MEJ, o membro passa a ser um pós-júnior e pode trabalhar como membro conselheiro das EJs. Isso contribui para a troca do conhecimento entre os membros mais novos e mais antigos, possibilitando, ainda, que um pós-júnior, já inserido no mercado de trabalho, possa fazer o caminho reverso, trazendo as informações do mercado para a EJ, formando membros cada vez mais preparados.

Oliveira e Ribeiro (2017) identificaram que boa parte dos pós-juniores já estão no mercado de trabalho e, em sua grande maioria, atuam em cargos de assistentes ou auxiliares, fato atribuído à baixa idade dos membros, que, geralmente, ainda estão na faculdade. Nessa pesquisa, também foi identificado que boa parte dos pós-juniores querem se tornar empreendedores e que 82% consideram que as EJs tiveram um papel relevante ou muito relevante para despertar e formar o espírito empreendedor.

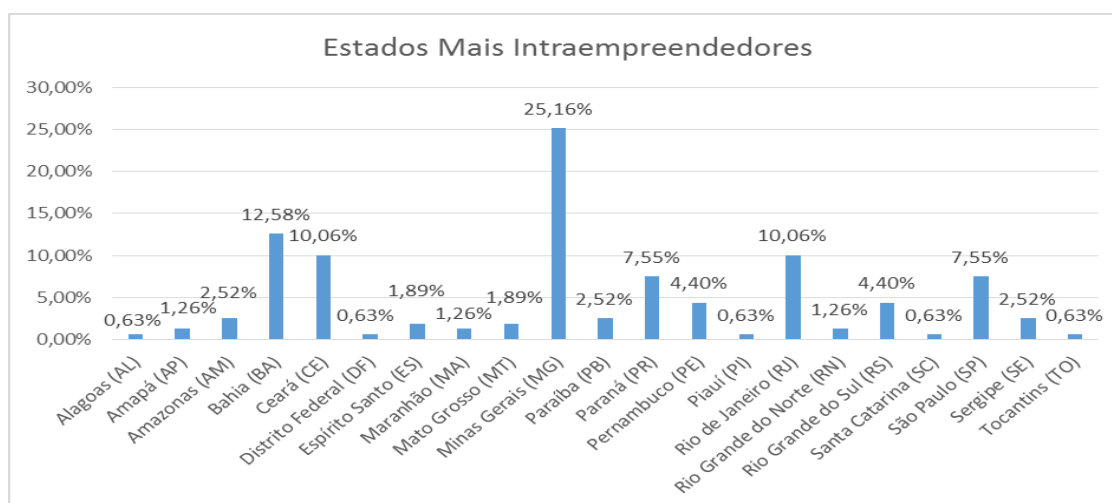
5 RESULTADOS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida com base em perguntas (cf. Apêndice 1) que buscavam identificar as práticas intraempreendedoras dentro das EJs. Essas questões levantaram também pontos que são caracterizados como fatores fundamentais para o uso de ferramentas intraempreendedoras. A geração de dados foi feita com base em um questionário online, respondido apenas por membros ativos no MEJ. A pesquisa foi enviada para 1100 pessoas e apenas 259 participaram, o que representa 23,55% do total. O questionário ficou disponível para respostas por um período de 16 dias e contou com participações em 20 estados brasileiros.

Dentre os participantes, 48,26% deles são da região Sudeste, seguidos de 32,82% da região Nordeste, as regiões Sul, Norte e Centro-Oeste representaram 11,97%, 3,86% e 3,09%, respectivamente.

O Gráfico 1 aponta que o estado mais intraempreendedor foi o de Minas Gerais, que apresentou 25,16% de EJs que praticam essa ferramenta, em segundo lugar, a Bahia, com 12,58% e em terceiro lugar, temos o Ceará e o Rio de Janeiro, ambos com 10,06%. Partindo para as cidades, Fortaleza se destacou como a que mais possui EJs intraempreendedoras, 9,43% dos respondentes, seguidos da cidade de Salvador, com 5,03%.

Gráfico 1- Estados Intraempreendedores

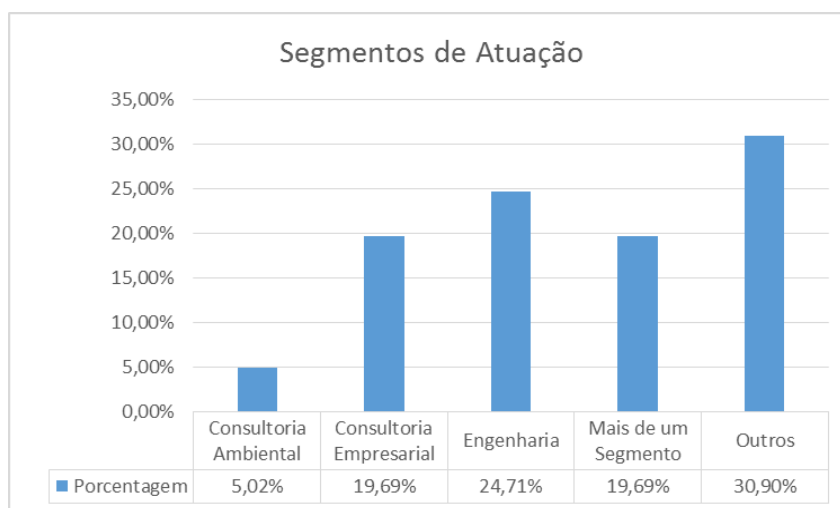


Nas EJs participantes, a maioria, com 24,71% são EJs dos segmentos da engenharia seguido de 19,69% que atuam em mais de um segmento, sendo que as com segmentos específicos, igualado pela Consultoria Empresarial, também com 19,69%, e pela Consultoria Ambiental, com 5,02%.

Nas empresas de Engenharia, o índice de intraempreendedorismo chegou a 57,81% enquanto as que atuam em mais de um segmento chega a 68,63%. Já as EJs que atuam com Consultoria Empresarial chegam a 61,54% e 53,84% nas empresas de Consultoria Ambiental. O fato da Consultoria Empresarial se destacar pode ser reflexo dos cursos presentes dentro dessas EJs que geralmente são voltados para a gestão, então esses cursos acabam tendo uma formação mais voltada para o empreendedorismo.

Com base nesses dados observamos que as EJs que atuam com projetos de engenharia, gestão empresarial ou em mais de um segmento representam a maioria dentro do MEJ com 64,09% em relação a área de atuação, conforme dados do Gráfico 2, abaixo:

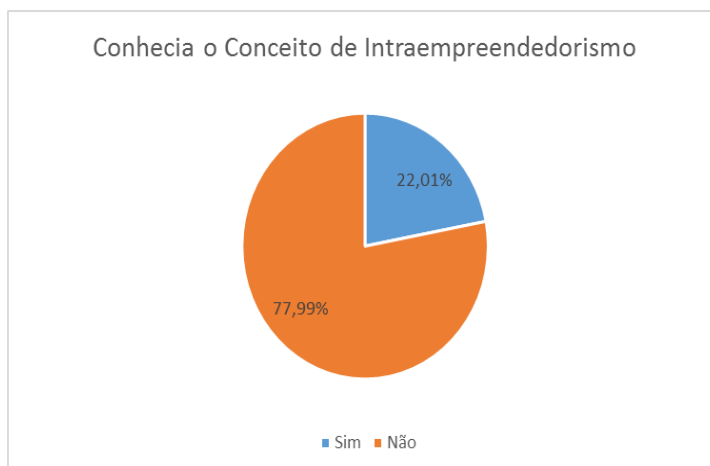
Gráfico 2- Segmentos de Atuação



De todos os participantes, 61,39% das EJs acreditam praticar o intraempreendedorismo em suas atividades, já 27,41% julgam não praticar o conceito. A pesquisa contou também com 11,20% de abstenção.

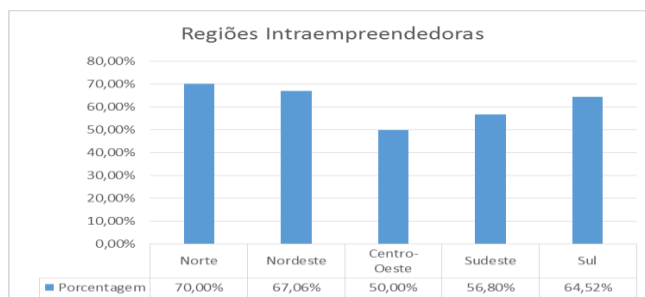
O Gráfico 3, abaixo, aponta que a maior parte das EJs implementa ferramentas de intraempreendedorismo, mas não tem conhecimento acerca do tema:

Gráfico 3- Conhecimento sobre o Conceito



Partindo para uma análise regional, respeitando as devidas proporções, em todo o Brasil, a região Norte apresentou a maior concentração de intraempreendedores, 70% das EJs praticam o intraempreendedorismo, ou seja, possuem uma estrutura voltada para essa prática, contra 20% de EJs que não praticam esse conceito diretamente, 10% dos participantes dessa região não quiseram ou não souberam responder. Seguido da região Nordeste que, embora possua alguns dos estados mais intraempreendedores, aparece em segundo lugar, com 67,06% de EJs usando essa ferramenta, contra 23,53% que não usam, e 9,41% que não quiseram ou não souberam responder.

Gráfico 4- Intraempreendedorismo por Região



Na região sudeste, onde há os maiores centros econômicos, 56,80% das EJs fazem uso formal dessa ferramenta. Essa região apresentou 31,20% das EJs que disseram não fazer dessa ferramenta uma prática dentro das suas organizações. 12% não quiseram ou não souberam responder. Já nas regiões sul e centro-oeste, 64,52% e 50% respectivamente fazem uso dessa ferramenta contra 22,58% e 37,50% respectivamente não fazem uso dessa ferramenta. 12,90% e 12,50% respectivamente não quiseram ou não souberam responder.

Dentro da pesquisa, buscou-se entender como os fatores pessoais impactam no processo de implementação e manutenção do intraempreendedorismo. Dentre os fatores pessoais que contribuem para o desenvolvimento do intraempreendedorismo e dentre as EJs que praticam essa ferramenta, 74,94% dos participantes disseram possuir alta ou muito alta proatividade dos membros. Segundo os respondentes, o índice de autonomia alta ou muito alta é de 77,91% e foi destacado que os times possuem capacidade alta ou muito alta de assumirem riscos (82,26%), ou seja, investem recursos (tempo, esforço) em atividades inovadoras, que podem implicar riscos consideráveis para a EJ.

A pesquisa buscou entender também os fatores organizacionais que interferem no processo intraempreendedor. A gestão do conhecimento surgiu como um fator importante para o intraempreendedorismo: 64,15% das EJs que praticam o intraempreendedorismo possuem um sistema formal de gerenciamento das informações.

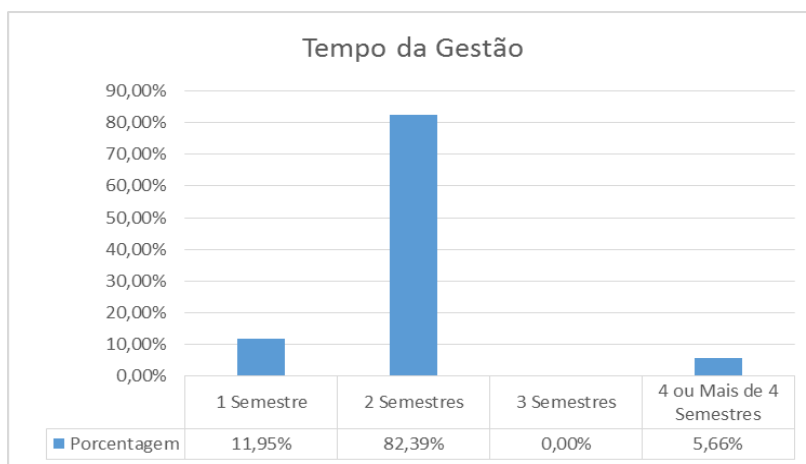
A gestão do conhecimento é um ponto muito importante em uma EJ, haja vista que uma das dificuldades encontradas é a transmissão do conhecimento entre os membros. Isso porque, geralmente, ao fim de cada gestão, existe uma rotatividade considerável entre os membros, o que enseja que a EJ precise adotar ferramentas para passar para os novos membros todo o conhecimento relevante sobre a empresa. Esse fato está diretamente relacionado às práticas intraempreendedoras, já que acarretam que as EJs precisem desenvolver a cultura intraempreendedora ao fim de cada gestão.

Na pesquisa, foi levantado que das EJs que praticam o intraempreendedorismo, apenas 11,95% possuem gestão de 1 semestre, a grande

maioria, com 82,39%, possui gestão de 2 semestres, ou seja, os membros ficam na empresa durante dois períodos. Já 5,66% tem a gestão de 4 ou mais semestres.

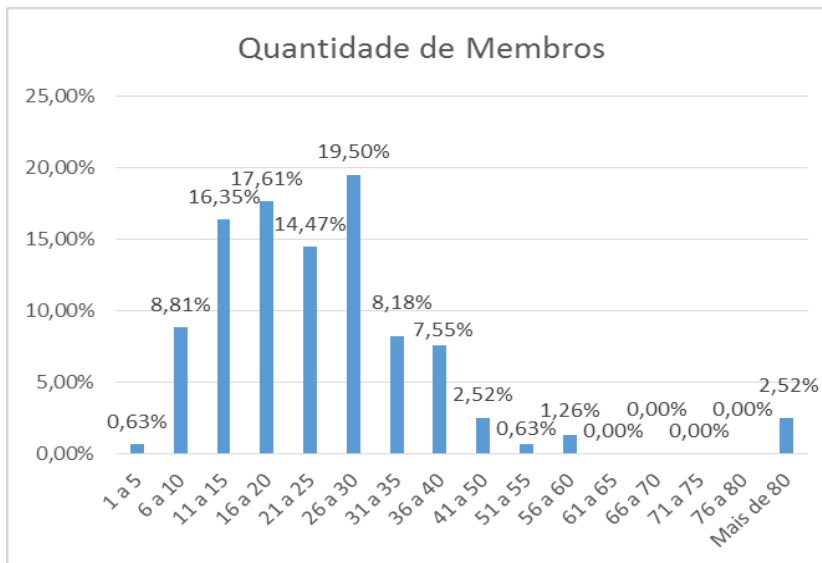
O índice aponta que 2 semestres é o tempo mais adequado para cada gestão, esse tempo favorece tanto a transmissão do conhecimento quanto o desenvolvimento de cada membro, promovendo assim uma cultura organizacional favorável à prática dessa ferramenta.

Gráfico 5- Tempo de cada Gestão



Por meio da análise dos dados, foi possível correlacionar a prática de uma gestão mais prolongada – com 2 ou mais semestres – e o desenvolvimento de atividades intraempreendedoras, formalmente disseminadas dentro da cultura organizacional. A quantidade de membros também interfere para a gestão do conhecimento, sendo a maior parte das EJs praticantes, 19,50% apresentam de 26 a 30 membros. O Gráfico 6 apresenta a variação de membros nas EJs e é possível observar que a maior flutuação está entre 6 a 30 membros. A quantidade de membros interfere na estrutura da EJ e isso possibilita atuar mais focalmente em cada setor e isso facilita o desenvolvimento de cada membro para a disseminação do intraempreendedorismo.

Gráfico 6- Quantidade de Membros



Os fatores ambientais são apontados como muito importantes, pois são facilitadores do intraempreendedorismo, dentro desta pesquisa houve uma seção que buscou identificar os fatores relevantes e ambientais que impactam no intraempreendedorismo nas EJs.

A criatividade é um fator muito importante: ao oferecer autonomia ao colaborador, os índices de criatividade aumentam. Na pesquisa, foi visto que há uma correlação entre as EJs que praticam o intraempreendedorismo, nelas, 64,15% dos membros possuem altos índices de criatividade, contra 33,96% que apresentam índices baixos ou muito baixos de criatividade e que não têm, por conseguinte, ações intraempreendedoras formalmente estabelecidas: esse fato é tão relevante, que das empresas que não praticam o intraempreendedorismo, 64,79% dos participantes apresentam índices baixos ou muito baixos de criatividade.

Um ponto muito importante e ao mesmo tempo preocupante é a atuação das universidades na formação dos intraempreendedores: de todos os participantes, apenas 6,18% viram algo sobre essa ferramenta durante sua formação acadêmica e dentre os 91,89% dos que não viram o conceito na universidade, apenas 17,23% conhecem o conceito, tendo aprendido sobre por meio de outras formas.

Esse dado mostra a importância de se problematizar, no ambiente acadêmico e juntamente ao corpo docente, especificamente, a questão de tratar o

intraempreendedorismo como uma ferramenta de gestão e de planejamento estratégico, haja vista que talvez as próprias universidades não utilizem essa ferramenta em seu cotidiano.

Também houve uma seção para entender os impactos dos fatores motivacionais e como eles interferem no processo intraempreendedor.

Um dos pontos mais importantes quando falamos de descentralização e da autonomia é a sugestão de novas ideias e a receptividade por parte da empresa, além de coletar novas ideias, essa metodologia gera o espírito de integração entre os membros e, com o bom gerenciamento, esse ciclo se auto alimenta, ou seja, quanto mais as ideias são trabalhadas, mais os membros se sentem à vontade para sugerir novas ideias.

Em 97,48% das EJs que praticam o intraempreendedorismo, os índices de liberdade para sugerir novas ideias são altos ou muito altos, isso aponta que para que se possa implementar e manter o intraempreendedorismo, é muito importante trabalhar as novas ideias. Entretanto, o simples fato de se ter liberdade para sugerir novas ideias não é suficiente para garantir o sucesso do intraempreendedorismo. Isso porque, segundo dados da pesquisa, 91,55% das EJs que não praticam o intraempreendedorismo também possuem índices altos ou muito altos de liberdade. Contudo, o que se ressalta aqui é que, mais importante do que incentivar novas ideias, é ter um gerenciamento claro do que fazer com as novas ideias, ou seja, o que se fará com elas em termos de políticas claras de gestão do intraempreendedorismo, que levem ideias à sua concretização.

Dentre as EJs que praticam o conceito e possuem liberdade alta ou altíssima, 44,52% das EJs reúnem a diretoria e analisam as sugestões dos membros, mas deixam a decisão para os próprios membros, em reuniões gerais nas quais todas as sugestões viáveis são apresentadas e votadas entre todos, e, aquelas aprovadas, são implementadas. Já 31,61% das EJs também reúnem a diretoria, mas a própria diretoria decide se é viável aplicar ou não a ideia. 18,06% utilizam de outras metodologias para análise e implementação das novas ideias.

Um outro ponto levantado na pesquisa foi a gestão colaborativa, ou seja, uma cooperação de ideias que originam o envolvimento dos membros no processo de tomada de decisão, gerando um resultado mais assertivo e agregador, dando

espaço para a participação de diferentes níveis hierárquicos e de funções. Entre as EJs que praticam o intraempreendedorismo, o grau de adoção da gestão colaborativa alta ou muito alta foi de 83,02%, o que aponta grande relevância dessa prática para a adoção do intraempreendedorismo.

Independente do uso dessa ferramenta, 91,89% dos participantes consideram que a prática do intraempreendedorismo é muito importante para o desenvolvimento das EJs. Já entre os que praticam o intraempreendedorismo, o índice sobe para 93,71%.

Com o uso dessa ferramenta, as EJs passam a trabalhar melhor o relacionamento entre a empresa e o colaborador e com isso, os membros se sentem mais envolvidos no processo de tomada de decisão e se sentem mais motivados a sugerir novas ideias. O processo intraempreendedor torna-se um ciclo no qual ideias inovadoras passam a acontecer com mais frequência e a empresa passa a se tornar cada vez mais inovadora em seus produtos e serviços, gerando maior vantagem competitiva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intraempreendedorismo é uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional, além de apresentar bons resultados para a EJ, ele acaba se tornando também uma ferramenta motivacional na qual os membros se sentem mais alinhados à organização. Essa integração desenvolve o espírito de dono em todos os membros, tornando-os mais felizes ao desenvolver suas atividades.

Ao cogitar implementar essa ferramenta, é muito vital se trabalhar o ambiente e a cultura organizacionais, já que uma das falhas ao se implementar o intraempreendedorismo é promover ações vazias que não atendem às necessidades diretas da organização, não estando alinhadas nem ao planejamento estratégico da empresa e nem à mentalidade/cultura da equipe que gerencia os recursos humanos.

É importante visualizar o perfil dos membros, destacando, dentro dele, características pessoais importantes para o intraempreendedorismo, como a proatividade, a presença desse fator já é um ponto muito positivo, tendo em vista

que pessoas mais proativas têm maior possibilidade de buscar novas oportunidades, investindo seu tempo em atividades inovadoras que acreditam ser vantajosas para a EJ. Essas pessoas tendem, assim, a ter uma motivação intrínseca e a assumir maiores riscos. A criatividade também está relacionada a esse fator, pessoas mais criativas pensam de maneira diferenciada dos outros membros e sua mente é, geralmente, voltada para novas ideias, o que as possibilita captar novas oportunidades mais facilmente.

O envolvimento dos membros é tão relevante que, ao promover essa ação, temos por consequência o aumento nos índices de gestão colaborativa: os membros passam a interagir mais entre si e passam a compartilhar ideias e projetos, o que promove um processo de amadurecimento das ideias. Esse amadurecimento, alinhado à liberdade para sugerir novas ideias, é muito importante, isso porque, instintivamente, alguns membros podem até pensar em novas ideias, mas algumas vezes não têm a possibilidade de expô-las, o que acaba se tornando um fator desmotivacional. Ao se possibilitar a sugestão de novas ideias, o membro sente que suas contribuições constroem um ambiente novo e que sua participação é realmente importante.

Ao se amadurecer a cultura organizacional voltada para o intraempreendedorismo, é possível promover a gestão do conhecimento. Esse conceito busca transmitir e perpetuar as ideias e práticas da organização para todos os membros atuais e futuros. Além disso, a pesquisa apontou que o tempo envolvido com a gestão é extremamente importante para o desenvolvimento da prática intraempreendedora, ou seja, quanto maior o tempo de duração de cada gestão, mais fácil para se promover essa ação. Dentre as EJs, o tempo ideal para gestão é de um ano, isso acarreta em uma menor rotatividade dos membros, promovendo uma maior sinergia entre eles, além de facilitar a transmissão da informação dentro da organização.

O intraempreendedorismo é uma ferramenta importante, e embora ainda não seja muito adotada (apenas 22,01% das EJs adotam de modo formal), sua prática pode trazer ótimos resultados. Na pesquisa, vimos que muitas EJs possuem o clima organizacional tão favorável que acabam praticando o intraempreendedorismo informalmente, o que se mostra como um fator positivo para a empresa. Contudo, é

importante ressaltar que, ao formalizar essa prática, os colaboradores passam a compreender melhor o sistema em que estão inseridos.

O intraempreendedorismo, uma vez implementado, funciona como um ciclo que se retroalimenta, ou seja, quanto mais os membros sugerem novas práticas, mais ideias são geradas, mais os membros têm liberdade para tomar decisões. Ademais, passam a pensar de maneira diferente e buscam novas oportunidades por conta própria, pois sabem que contam com o apoio da organização.

Um dos pontos mais críticos é que essa ferramenta ainda é pouco abordada, sobretudo de modo formal, dentro do contexto das EJs. Ainda, a ausência do ensino formal de ferramentas ligadas ao intraempreendedorismo nas universidades é muito preocupante, por se tratar de uma tendência, os jovens acadêmicos vão para o mercado de trabalho despreparados para lidar com essa ferramenta e acabam tendo que buscar por conta própria, nesse caso, o intraempreendedorismo acaba acontecendo de forma informal, pois os gestores não sabem que existem metodologias específicas para a correta gestão dessa ferramenta, pois durante sua formação, não tiveram a possibilidade de aprender mais sobre ela.

Como impactos positivos desta pesquisa, destacamos que, ao longo do processo de aplicação dos questionários, o tema teve grande aceitação por parte dos participantes, dentre eles, 72,97% manifestaram interesse neste artigo como forma de se implementar ou aprimorar as práticas intraempreendedoras. Além disso, este artigo problematiza o fato de as universidades, algumas vezes, não abordarem o tema de modo direto, tratando-a como uma ferramenta importante de gestão estratégica, de conhecimento e de portfólio de produtos.

O intraempreendedorismo, além de trazer bons resultados, é uma ferramenta muito interessante no cenário de ferramentas administrativas. Para futuras pesquisas, seria importante abordar o uso dessa ferramenta nas EJs, acompanhando os resultados obtidos por elas, concentrando em uma determinada região. Isso possibilitaria o desenvolvimento de novas técnicas para a implementação do intraempreendedorismo no contexto das EJs, especificamente.

Outra janela de oportunidades que surge é o acompanhamento da implementação do intraempreendedorismo em uma Empresa Sênior, observando direto na fonte os pontos positivos e negativos, além de identificar pontos

conflitantes ao longo da implementação, formulando novas metodologias para o processo de implementação.

REFERÊNCIAS

3M. Disponível em: <http://solutions.3m.com.br/wps/portal/3M/pt_BR/about-3M/information/about/us/>. Acesso em: 24 mai. 2017.

BARBOSA, Carissa. **Os fatores influenciadores do intraempreendedorismo no profissional de secretariado**. 2015. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Porto, 2015. Disponível em: <http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/7792/1/Carissa_Barbosa_AA_2015.pdf>. Acesso em: 30 set. 2017.

BRASIL JUNIOR. Disponível em: <https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/19855/1495737112Censo__Identidade_-_Relatrio_2016.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2017.

BUENO, Ana Carolina; ARARIPE, Bianca da Silva; SANTOS, Rita de Cassia. **Empreendedorismo e inovação**. 2016. Disponível em: <http://www.etc-novohorizonte.com.br/docs/Biblioteca/TCC_2016/comercio-inovacao.pdf>. Acesso em: 30 set. 2017.

CARNEIRO, José Guilherme Said Pierre. **Intraempreendedorismo: Conceitos e práticas para construção de organizações inovadoras**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2013. 131 p.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: Dando asas ao espírito empreendedor**. 4. ed. Barueri: Manole, 2012. 123 p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=ONs9CQAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 30 set. 2017.

CORDEIRO, Luana Bettu. **Intraempreendedorismo: Estratégia para a Inovação das Organizações**. 2016. 28 f. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwifpLHg3e3TAhUJGJAKHRyJANMQFggpMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.relise.eco.br%2Findex.php%2Frelise%2Farticle%2Fdownload%2F43%2F33&usg=AFQjCNHxp7FdHLQRIDVK43LsOn34uMA6Aw&sig2=IISIA62A5fFP-lvJ8FXGnw>>. Acesso em: 7 mar. 2017.

CUSTÓDIO, Telma Padilha. **A importância do empreendedorismo como estratégia de negócio**. 2012. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Guaçara, 2012. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/53972.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2017.

DAVID, Denise Elizabeth Hey. **Intraempreendedorismo Social: Perspectivas para o desenvolvimento social nas organizações**. 2004. 206 f. Tese - Curso de Engenharia de Produção, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/86712/204302.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

EXAME. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/pme/71-dos-jovens-gostariam-de-empreender-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 24 mai. 2017.

FERRARI, Maiara Constante; LOPES, Gisele Silveira Coelho. **Empowerment como prática de gestão de pessoas**: uma investigação com estudantes de uma IES que atuam em cargos de chefia. 2014. 18 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração. Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2014. Disponível em: <[http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/2363/1/Maiara Constante Ferrari.pdf](http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/2363/1/Maiara%20Constante%20Ferrari.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2017.

G1. **72% das pessoas estão insatisfeitas com o trabalho, aponta pesquisa** Disponível em: <<http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2015/04/72-das-pessoas-estao-insatisfeitas-com-o-trabalho-aponta-pesquisa.html>>. Acesso em: 24 mai. 2017.

GRECO, Simara Maria de Souza Silveira et al. **Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil**: 2016. 9. ed. Curitiba: IBQP, 2017. 208 p.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P., SHEPHERD, D. A. Empreendedorismo. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009. 662p.

LANA, Bruno Maia Henringer. **Intraempreendedorismo**: Uma análise das percepções do gestor sobre o perfil de seus funcionários. 2010. 101 f. Dissertação - Curso de Administração, Faculdade de Ciências Empresariais, Universidade FUMEC, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.fumec.br/anexos/cursos/mestrado/dissertacoes/completa/bruno_maia_hringer.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2017.

LEANDRO, Wankes. **Você tem perfil Empreendedor?** 2017. Disponível em: <<http://www.wankesleandro.com/single-post/empreendedor-teste/empreendedor-teste>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

OLIVEIRA, Janaina Mendes de; RIBEIRO, Fabio de Simoni. **A empresa júnior e a formação de empreendedores**. Disponível em: <[http://anprotec.org.br/anprotec2014/files/artigos/artigo \(49\).pdf](http://anprotec.org.br/anprotec2014/files/artigos/artigo%20(49).pdf)>. Acesso em: 04 nov. 2017.

PAZ, Anderson Soares da. **Análise do crescimento do empreendedorismo no Brasil com suas características**. 2016. Disponível em: <http://www.inovarse.org/sites/default/files/T16_M_03.pdf>. Acesso em: 30 set. 2017.

MARIANO, Sandra; MAYER, Verônica Feder. **Empreendedorismo**: fundamentos e técnicas para criatividade. São Paulo: LTC, 2014. 197 p.

MONTENEGRO, Martinho C. **EMPREENDEDORISMO E**

INTRAEMPREENDEDORISMO: A BOLA DA VEZ. 2015. Disponível em:

<[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/3055B130E0BFDA0D8325767700400E87/\\$File/NT00042DAA.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/3055B130E0BFDA0D8325767700400E87/$File/NT00042DAA.pdf)>. Acesso em: 23 maio 2017.

PERIARD, Gustavo. **Empowerment: o que é e como funciona.** 2011. Disponível em:

<<http://www.sobreadministracao.com/empowerment-o-que-e-e-como-funciona/>>. Acesso em: 24 mai. 2017.

PESSOA Eliana. **Tipos de empreendedorismo: semelhanças e diferenças.** 2005.

Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/tipos-de-empendedorismo-semelhancas-e-diferencas/10993/>>. Acesso em: 30 set. 2017.

RODRIGUES, C. H. R.; SANTOS, F. C. A. Empowerment: ciclo de implementação, dimensões e tipologia. **Gestão & Produção**, São Carlos, v. 8, n. 3, p.237-249, dez.

2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gp/v8n3/v8n3a03.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

SCHIMIDT, Emanuel. **PlayStation 1 completa 20 anos: veja as maiores**

curiosidades do console. 2014. Disponível em:

<<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/12/playstation-1-completa-20-anos-veja-maiores-curiosidades-do-console.html>>. Acesso em: 01 out. 2017.

SEVEGNANI, Jaison Ademir; HOELTGEBAUM, Marianne; LOESCH, Claudio.

Análise do Empreendedorismo Corporativo em uma Cooperativa de Crédito de Sucesso da Região Sul do Brasil. Disponível em:

<<http://sistema.semead.com.br/11semead/resultado/trabalhosPDF/468.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2017.

SIGNIFICADOS. Disponível em:

<<https://www.significados.com.br/intraempreendedorismo/>>. Acesso em 29 junho 2018

SOARES, Thiago Cunha. **Intraempreendedorismo e o novo modelo econômico:**

novos tempos, novos desafios. 2015. 24 f. Disponível em:

<[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/DA94F7A76B3FAAD9832576F20046FD42/\\$File/NT00043D12.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/DA94F7A76B3FAAD9832576F20046FD42/$File/NT00043D12.pdf)>. Acesso em: 10 mai. 2017.

TRINDADE. Hugo Alexandre. **6 exemplos de Intra-Empreendedorismo.** Disponível

em: <<https://www.hugoalexandretrindade.com/6-exemplos-de-intra-empendedorismo/>>. Acesso em: 01 out. 2017.

PERIARD, Gustavo. **Empresa júnior: o que é e como funciona.** 2011. Disponível

em: <<http://www.sobreadministracao.com/empresa-junior-o-que-e-e-como-funciona/>>. Acesso em: 01 out. 2017.

PINCHOT, G.; PELLMAN, R. **Intraempreendedorismo na Prática**. 3. ed. Tradução Marcia Nascentes. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 199 p.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Estudo e de Pesquisa em Administração**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC; CAPES; UAB, 2009.

APÊNDICE 1 – Questionário Aplicado

- 1) Nome da sua Empresa Júnior
- 2) Estado
- 3) Cidade
- 4) Quantos membros ela tem?
- 5) Qual é o segmento de atuação da sua Empresa Júnior?
- 6) Quanto tempo dura cada gestão em semestres?
 – 1 Semestre – 2 Semestres – 3 Semestres – 4 Semestres
 – Mais de 4 Semestres
- 7) Os membros podem ser proativos? (ou seja, os membros geralmente se engajam em novas atividades e de modo autônomo)? Numa escala de 1 a 4, em que "1" aponta baixa proatividade e "4" alta proatividade.
 – 1 – 2 – 3 – 4 – NA/NS/NQ
- 8) Em geral, qual é a possibilidade de os membros assumirem riscos? Por exemplo: o investimento de recursos (tempo, esforço) em atividades inovadoras, que podem implicar riscos consideráveis para a EJ. De 1 a 4, sendo "1" baixa capacidade e "4" alta capacidade.
 – 1 – 2 – 3 – 4 – NA/NS/NQ
- 9) Os membros têm liberdade para sugerir a adoção de novas ideias, de mudanças nos processos ou de buscar por novas oportunidades? De 1 a 4, sendo "1" pouca liberdade e "4" muita liberdade.
 – 1 – 2 – 3 – 4 – NA/NS/NQ
- 10) Como ocorre o gerenciamento das sugestões, ou seja, como as novas ideias são tratadas?
- 11) Sua Empresa Júnior possui um Sistema de Gestão do Conhecimento (processo para criação, captura, armazenamento, disseminação, uso e proteção do conhecimento importante para a empresa, por meio de suas práticas que têm como objetivo organizar, de forma estratégica, os conhecimentos dos colaboradores e os conhecimentos externos)?
 – Sim – Não – NA/NS/NQ

12) Os membros têm autonomia para investir seu tempo livre em projetos inovadores para a Empresa Júnior? De 1 a 4, sendo "1" pouca autonomia e "4" muita autonomia.

– 1 – 2 – 3 – 4 – NA/NS/NQ

13) Sua Empresa Júnior adota uma gestão colaborativa (ou seja, uma cooperação de ideias que originam do envolvimento dos membros no processo de tomada de decisão, gerando um resultado mais assertivo e agregador, dando espaço para a participação de diferentes níveis hierárquicos e de funções)? Responda de 1 a 4, sendo "1" adota pouco e "4" adota muito.

– 1 – 2 – 3 – 4 – NA/NS/NQ

14) Quanto os membros da sua Empresa Júnior são criativos? Ou seja, têm a capacidade de liberar-se dos antigos hábitos para poder rever, questionar, descobrir, utilizar a imaginação, a intuição, a criação, o sentimento, assim como a lógica, razão, sistematização, planejamento de atividades cotidianas. De 1 a 4, sendo "1" pouco criativos e "4" muito criativos.

– 1 – 2 – 3 – 4 – NA/NS/NQ

15) Você já conhecia o conceito de Intraempreendedorismo?

– Sim – Não – NA/NS/NQ

16) Você considera que sua Empresa Júnior pratica esse conceito?

– Sim – Não – NA/NS/NQ

17) Você considera importante se trabalhar o conceito e as ferramentas do Intraempreendedorismo nas Empresas Juniores?

– Sim – Não – NA/NS/NQ

18) Se respondeu "sim" à questão acima, indique por que:

19) Você viu algo sobre o Intraempreendedorismo na faculdade?

– Sim – Não – NA/NS/NQ

20) Gostaria de destacar algo a respeito do intraempreendedorismo em sua EJ?

21) Caso queira receber o artigo pronto, deixe seu e-mail, assim que estiver concluído, eu lhe encaminharei.

EFEITO ALELOPÁTICO DE EXTRATOS
DE *Tetradenia riparia* (Hochst.) Codd E
Rosmarinus officinalis L. SOBRE A
GERMINAÇÃO E O CRESCIMENTO
INICIAL DE PLÂNTULAS DE RÚCULA ✓

38

Clarissa Loures LANZONI¹
Antônio Marcos Oliveira TOLEDO²
Fernando Teixeira GOMES³

✓ Artigo recebido em 22/12/2018 e aprovado em 18/05/2018.

¹ Graduada em Ciências Biológicas pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <clarissalanzoni@hotmail.com>

² Graduado em Ciências Biológicas pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), Pós-Graduando lato sensu em Ensino de Biologia e Mestrando em Comportamento e Biologia Animal pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: <antoniomarcosbio@live.com>.

³ Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Mestre em Microbiologia Agrícola e Doutor em Fisiologia Vegetal pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Atualmente é professor adjunto da Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC) e do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <ftgomes2002@yahoo.com.br>.

EFEITO ALELOPÁTICO DE EXTRATOS DE *Tetradenia riparia* (Hochst.) Codd E *Rosmarinus officinalis* L. SOBRE A GERMINAÇÃO E O CRESCIMENTO INICIAL DE PLÂNTULAS DE RÚCULA

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar os efeitos alelopáticos de extratos de folhas frescas de *Rosmarinus officinalis* (alecrim) e *Tetradenia riparia* (incenso) sobre a germinação e crescimento inicial de plântulas de rúcula (*Eruca sativa* L.). Para a obtenção dos extratos, foram utilizadas folhas frescas na concentração de 25 g 250 mL⁻¹ (p/v) e posteriormente realizadas diluições para se obter as seguintes concentrações 0; 2,5; 5,0; 7,5 e 10,0%. Para o controle foi utilizado apenas água destilada. Foi realizada análise qualitativa para determinar presença de saponinas, taninos e flavonoides. Os testes foram constituídos de cinco repetições de 20 sementes de rúcula distribuídas em placas de Petri contendo duas folhas de papel filtro e 5 mL de extrato. Os parâmetros avaliados foram: a porcentagem de germinação (PG), o índice de velocidade de germinação (IVG) e o comprimento radicular (CR). O crescimento inicial foi avaliado pelo comprimento radicular. Os extratos de folhas frescas alteraram todos os parâmetros analisados para a germinação (PG, IVG e CR). A infusão de alecrim causou maiores efeitos no comprimento radicular da rúcula. Foram detectadas presença de saponinas e taninos nos extratos de incenso e de alecrim. No entanto, os efeitos não podem ser relacionados à presença de saponinas e taninos encontrados nas folhas frescas do alecrim e do incenso, pois foram realizados apenas testes qualitativos de identificação.

Palavras-chave: Aleloquímicos. Inibição de crescimento. Incenso. Alecrim

EXTRACT ALELOPATHY OF *Tetradenia riparia* (Hochst.) Codd AND *Rosmarinus officinalis* L. ON GERMINATION AND INITIAL GROWTH OF ARUGULA

ABSTRACT

The goal of this study was to investigate the allelopathic effects of *Rosmarinus officinalis* (Rosemary) and *Tetradenia riparia* (Incense) fresh leaves extracts on the germination and initial growth of *Eruca sativa* L. (Arugula). In order to obtain the infusions, fresh leaves were used with the concentration of 25g.250 mL⁻¹ (p/v), dilution was applied to achieve concentration levels of 0; 2.5; 5.0; 7.5 and 10.0%. Distilled water was used for control (0%). Qualitative analysis was used to determine the presence of saponin, tannin, and flavonoids. Tests consisted of five repetitions of 20 arugula seeds distributed on Petri dishes containing filter paper and 5 mL of extract. The evaluated parameters were: germination percentage (GP), germination speed index (GSI), and the radicular length (RL). The initial growth was assessed by the radicular length. The fresh leaves extracts altered all the germination parameters (GP, GSI, and RL). The infusion of rosemary negatively affected the arugula's radicular length. Tannin and saponin were detected on incense and rosemary extracts. However, such effects cannot be related to the presence of saponin and tannin found in the extracts of rosemary's and incense's fresh, because only qualitative tests for identification were carried out.

Keywords: Allelochemicals. Growth Inhibition. Incense. Rosemary.

1 INTRODUÇÃO

A alelopatia é definida como o conjunto de relações químicas entre os organismos que podem influenciar direta ou indiretamente no seu crescimento e desenvolvimento, seja de forma positiva ou negativa (RICE 1984; WEIR; PARK; VIVANCO, 2004; CHOU, 2006; CARMO; BORGES; TAKAKI, 2007).

As substâncias alelopáticas ou aleloquímicas são produzidas no metabolismo secundário e podem estar presentes nos diversos órgãos das plantas, tais como: folha, caule, raiz, flor ou fruto (WEIR; PARK; VIVANCO, 2004; REIGOSA et al., 2013). Esses compostos químicos podem ser disponibilizados no ambiente por meio de lixiviação, decomposição, exsudação ou volatilização direta (REIGOSA; SÁNCHEZ-MOREIRAS; GONZALEZ, 1999, GUREVITCH; SCHEINER; FOX, 2009).

Espécies mais sensíveis como a rúcula (*Eruca sativa* L.) são consideradas plantas teste por apresentarem germinação rápida e uniforme, elevado grau de sensibilidade que permite expressar os resultados sob baixas concentrações de substâncias alelopáticas (GABOR; VEATCH, 1981; FERREIRA; AQUILA, 2000).

A espécie *Rosmarinus officinalis* L. pertence à família Lamiaceae, popularmente conhecida como alecrim, é originária da região mediterrânea da Europa, sendo cultivada em quase todos os países de clima tropical, incluindo o Brasil (MALAQUIAS et al., 2014). É utilizada na culinária como aromatizante e na indústria como conservante (BORRÁS-LINARES et al., 2014).

Na sua composição fitoquímica são encontrados o carnosol, ácido carnósico, ácido rosmarínico, cânfora e eucaliptol (TEIXEIRA et al., 2013; ARRANZ et al., 2015; RIBEIRO-SANTOS et al., 2015). Além disso, o alecrim apresenta atividade antibacteriana, citotóxica, antitumoral, alelopática, antifúngica, larvicida e pulguicida (TAKARADA et al., 2004; SILVA et al., 2008; YESIL-CELIKTAS et al., 2010; ARAÚJO et al., 2013, BATISTA et al., 2013, CARDOSO et al., 2014; DORNELES et al., 2015).

A espécie *Tetradenia riparia* (Hochst.) Codd, pertence à família Lamiaceae, sendo popularmente conhecida como incenso ou falsa mirra. É originária da África, principalmente da Ruanda e é utilizada na medicina popular para tratar febre, tosse, dor de garganta, cefaléia, diarreia e dor de dente (CAMPBELL et al., 1997).

Compostos obtidos a partir de extratos de *T. riparia* possuem propriedades antimicrobianas, imunomoduladoras, antimaláricas, antiplasmodiais, além de apresentar atividade antifúngica, citotóxica, antioxidante, inseticida, larvicida, e acaricida para *Rhipicephalus (Boophilus) microplus* (WEAVER et al., 1992; WEAVER et al., 1994; CAMPBELL et al., 1997; GAZIM et al., 2010; GAZIM et al., 2011; FERNANDEZ et al., 2014; GAZIM et al., 2014; CARDOSO et al., 2015; ENDO et al., 2015; DEMARCHI et al., 2016; KUMARI et al., 2016).

Segundo dados do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA, 2015) o consumo de agrotóxicos no Brasil aumentou em proporções elevadas na última década e em 2012 alcançou a soma de 478 mil toneladas comercializadas, volume que colocou o país na liderança mundial no uso desses insumos agrícolas (MARTINI et al., 2016).

Devido ao crescente consumo de herbicidas no mundo, os cientistas têm pesquisado produtos de origem vegetal com propriedades fitotóxicas ou alelopáticas que podem ser utilizados no combate às plantas daninhas (JAMIL et al., 2009; MAHMOOD et al., 2015). Desta forma, a utilização dos aleloquímicos visa reduzir a dependência do controle químico e minimizar os impactos negativos desses compostos no meio ambiente (TREZZI et al., 2016).

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi verificar a atividade alelopática da infusão de folhas frescas de alecrim e incenso sobre a germinação e desenvolvimento inicial de plântulas de rúcula.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O experimento foi conduzido no Laboratório de Fisiologia Vegetal do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), Campus Arnaldo Janssen no município de Juiz de Fora - MG, no período de três a seis de abril de 2017.

As folhas frescas de alecrim e de incenso foram coletadas no Horto de Plantas Medicinais do CES/JF, acondicionadas em sacos de papel e transportadas para o Laboratório de Fisiologia Vegetal.

2.1 PREPARO DAS INFUSÕES

Foram fragmentadas e pesadas 25 g de folhas frescas em um *becker* e em seguida transferidas para um *erlenmeyer*, contendo 250 mL de água destilada fervida a 100 °C, (adaptado de GUSMAN; BITTENCOURT; VESTENA, 2008). Em seguida o recipiente foi vedado com plástico filme PVC (TOLEDO et al., 2016) e mantido por 10 minutos em repouso, à temperatura ambiente. A infusão foi filtrada em funil forrado com papel filtro para obtenção da concentração equivalente a 10,0%. A partir desta concentração foram realizadas diluições em água destilada para obter as seguintes concentrações (v/v): 2,5%; 5,0% e 7,5%. Como controle (0%) foi utilizada água destilada.

2.2 BIOENSAIO DE GERMINAÇÃO

Para a condução do experimento foram utilizadas 1.000 sementes comerciais da cultivar rúcula apreciatta folha larga (Feltrin Sementes), obtidas no mercado local. O delineamento experimental foi inteiramente casualizado, organizado em esquema fatorial 2 (diferentes extratos vegetais) x 5 (concentrações de extrato) x 5 (repetições).

A germinação foi realizada em placas de Petri autoclavadas contendo duas folhas de papel filtro estéril.

Cada tratamento foi composto por 100 sementes, sendo que, cada placa recebeu 20 sementes distribuídas em fileiras e posteriormente foram umedecidas com 5 mL da infusão correspondente aos diferentes tratamentos.

As placas permaneceram em uma bancada com lâmpadas fluorescentes mantidas acesas durante o período de 72 horas à temperatura ambiente com fotoperíodo de 24 horas (TOLEDO et al., 2016). A temperatura média durante o experimento foi de $23,54 \pm 2,72$ °C e a umidade relativa do ar $59,17 \pm 6,01\%$, ambas aferidas diariamente às 14 horas com o auxílio de um termo higrômetro.

Os testes de germinação e vigor seguiram as recomendações e os critérios estabelecidos pelo Ministério da Agricultura (BRASIL, 2009). Para o cálculo do índice de velocidade de germinação, utilizou-se a fórmula: $IVG = [N1/1 + N2/2 + N3/3$

+ ... $Nn/n] \times 100$, em que “N” é o número de sementes germinadas e “n” o número de dias da sementeira, sugerido por Wardle; Ahmed; Nicholson (1991).

As variáveis utilizadas para analisar o efeito alelopático foram: Porcentagem de Germinação (PG), Índice de Velocidade de Germinação (IVG) e Comprimento da Radícula (CR). A PG e o IVG foram obtidos por meio de contagens diárias do número de sementes germinadas, sendo estas consideradas quando as plântulas apresentavam 2mm de protrusão de radícula (FERREIRA; AQUILA, 2000). O CR foi mensurado com o auxílio de um paquímetro manual no último dia de avaliação do experimento (72 horas).

Os dados foram submetidos ao teste ANOVA e comparados pelo teste *Tukey-kramer* ($p < 0,05$), usando o programa computacional software estatístico BioEstat 5.0 (AYRES et al., 2007).

2.3 CARACTERIZAÇÃO FITOQUÍMICA

Na análise qualitativa, os extratos foram preparados separadamente seguindo a metodologia descrita anteriormente. Foram selecionados apenas três grupos de metabólitos secundários, as saponinas, os taninos e os flavonoides, por serem solúveis em água. A caracterização fitoquímica foi realizada segundo o protocolo modificado de Matos (1997).

Para detectar a presença de saponinas, foi empregado o teste de formação e persistência de espuma. Em tubos de ensaio foram adicionados 1 mL dos extratos e 2 mL de água destilada, logo após foi realizada agitação manual vigorosa por 30 segundos e deixado em repouso por 2 minutos depois da agitação. A presença de espuma persistente com aproximadamente 1 cm de altura indica a presença de saponinas.

Na avaliação de taninos foi utilizada a reação de precipitação com gelatina sem sabor para a detecção destes compostos. Contudo, não foram realizadas diferenciações entre os taninos condensados e os hidrolisáveis. Em tubos de ensaio foram adicionados 1 mL dos extratos e 3 gotas de uma solução de gelatina incolor 2,5%. O aparecimento de precipitado branco indica a presença de taninos.

Os flavonoides foram avaliados utilizando 2 mL dos extratos e alguns pedaços de magnésio metálico em tubos de ensaio. Em seguida, foi acrescentado 1 mL de ácido clorídrico concentrado (37%). O aparecimento de coloração vermelha indica presença destes compostos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos nos bioensaios utilizando as infusões de incenso e alecrim demonstraram reduções na porcentagem de germinação das sementes de rúcula. A porcentagem de germinação não apresentou diferença significativa no tratamento de incenso 2,5% em relação ao tratamento controle, enquanto as demais concentrações apresentaram valores significativos quando comparados à testemunha (0%) (Tabela 1). Quando comparados entre si, os tratamentos de incenso 2,5 e 5,0% e as diluições 7,5 e 10,0% não apresentaram valores significativos. No entanto, houve diferença significativa entre a concentração 2,5% quando comparada com 7,5 e 10,0% (Tabela 1).

A porcentagem de germinação de sementes de rúcula apresentou diferença significativa em todos os tratamentos com extrato aquoso de folhas de alecrim quando comparados ao controle. Quando se analisa os tratamentos entre si, as diluições 2,5 e 5,0% apresentaram valores significativos. Porém o mesmo não foi observado para alecrim a 7,5 e 10,0% (Tabela 1).

Extratos aquosos de folhas de alecrim-do-campo (*Baccharis dracunculifolia* DC.), jaborandi (*Pilocarpus pennatifolius* Lem.), amora (*Morus rubra* L.), guaçatonga (*Casearia sylvestris* Sw.) e falso-boldo (*Plectranthus barbatus* Andr.), nas concentrações de 1, 3, 5, 7, 9 e 10% reduziram e/ou inibiram a porcentagem de germinação das sementes das hortaliças *Lactuca sativa* L., *Brassica oleracea* L. cv. capitata, *B. oleracea* L. cv. italica, *B. pekinenses* L., *B. campestris* L., *Lycopersicon esculentum* Miller e *Eruca sativa* L., sendo essa redução proporcional ao aumento das diluições dos extratos aquosos utilizados (GUSMAN; VIEIRA; VESTENA, 2012).

Tabela 1: Porcentagem de germinação de sementes de rúcula submetidas a diferentes concentrações do extrato de folhas frescas de incenso e alecrim

Porcentagem de Germinação		
Tratamento (Extrato vegetal)	Incenso	Alecrim
0%	95 a	95 a
2,5%	87 ab	63 b
5,0%	78 bc	31 c
7,5%	74 cd	06 d
10,0%	71 cd	06 d

Médias acompanhadas de letras diferentes na mesma coluna diferem entre si pelo teste Tukey-kramer ($p < 0,05$).

Avaliando a germinação de sementes de alface, Lustosa; Oliveira; Romeiro (2007), observaram que tanto o extrato aquoso de *Piper aduncum* quanto o de *Piper tectoniifolium* apresentaram efeito alelopático significativo, sendo que, quanto maior a concentração do extrato, menor o número de sementes germinadas. Comparando as duas espécies, os autores concluíram que a *Piper aduncum* mantém alta taxa de inibição, a partir da concentração 3%. No entanto, a *Piper tectoniifolium* potencializa seu efeito inibitório em concentrações maiores, no caso, 5%.

Teixeira; Araujo; Carvalho (2004) verificaram redução significativa da germinação do picão-preto pelo extrato aquoso de *Crotalaria juncea* L. a 12 %, quando comparada com o tratamento controle. Resultados semelhantes foram observados por Meinerz et al. (2015) avaliando os extratos de avenca (*Adiantum capillus-veneris* L.), espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia* R.) e guaco (*Mikania glomerata* S.) nas concentrações de 10 e 15% na porcentagem de germinação de sementes de alface e tomate, em relação à testemunha.

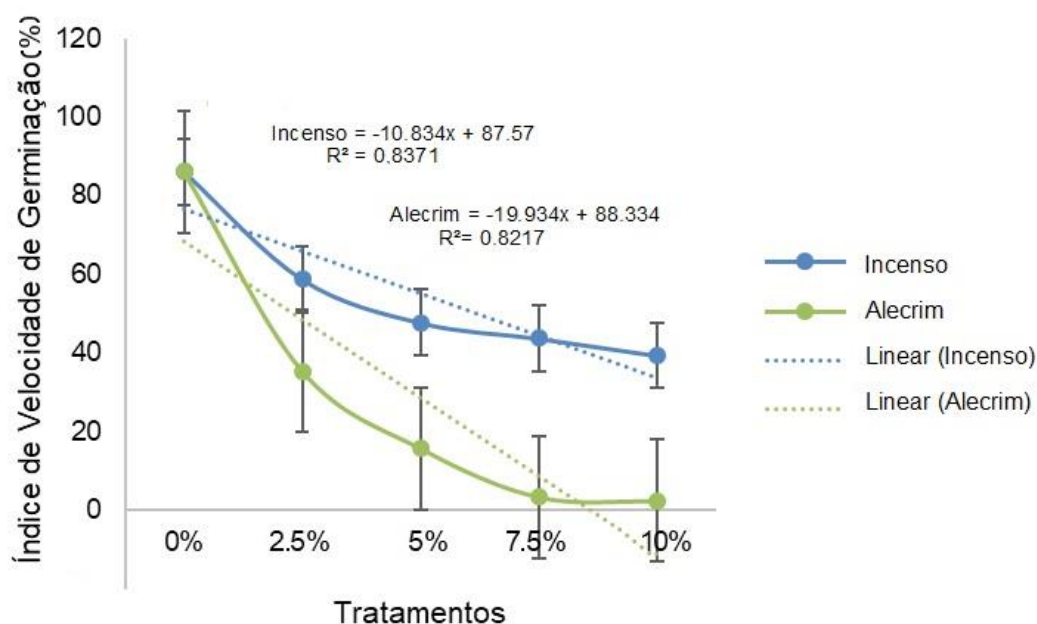
Para a porcentagem de germinação, Nicolini; Bido; Zonetti (2012) verificaram que os extratos aquosos de folhas e frutos de maracujá (*Passiflora edulis* Sims) influenciaram de forma negativa a protrusão da radícula de sementes de alface. Os mesmos autores observaram que o decréscimo na germinação foi intensificando de acordo com o aumento das concentrações. Ribeiro et al. (2009), ao avaliarem o efeito do extrato aquoso de folhas de crino americano (*Crinum americanum* L.) sobre sementes de plantas cultiváveis, registraram redução significativa na germinação de sementes de alface.

Os principais mecanismos de ação dos compostos aleloquímicos na germinação de sementes estão relacionados com divisão celular, alongamento e ultraestruturas celulares, permeabilidade de membranas, absorção de nutrientes, síntese proteica, atividade de enzimas, metabolismo de lipídios e ácidos orgânicos e nas relações hídricas (RICE, 1984).

Estudos mostram que, embora a porcentagem final de germinação possa não ser afetada de forma expressiva pela ação de aleloquímicos, o modelo de germinação pode ser modificado, verificando-se diferenças na velocidade e na sincronia da germinação de sementes submetidas a tais compostos (FERREIRA; ÁQUILA, 2000). De fato, no presente estudo, foram observadas reduções no índice de velocidade de germinação quando as sementes foram expostas às infusões de incenso e alecrim.

Em relação ao IVG das sementes de rúcula submetidas aos extratos de folhas frescas de incenso e alecrim, observaram-se valores acima de 80% no tratamento controle, tendendo a diminuir à medida em que se aumentaram as concentrações dos extratos (Figura 1).

Figura 1: Índice de velocidade de germinação (IVG) de sementes de rúcula submetidas a diferentes concentrações do extrato de folhas frescas de incenso e alecrim



Neste estudo, o menor IVG foi verificado para os tratamentos de alecrim, nas concentrações de 7,5 e 10% corroborando os resultados obtidos por Teixeira; Araujo; Carvalho (2004), que observaram redução significativa do IVG de sementes de picão (*Bidens pilosa* L.) submetidas ao extrato aquoso de mucuna preta (*Stilozobium aterrimum*) a 12%. Segundo Pelegrini; Cruz-Silva (2012), houve decréscimo no índice de velocidade de germinação da alface de acordo com o aumento das concentrações do extrato foliar do falso-boldo. Meinerz et al. (2015) também verificaram redução significativa da velocidade de germinação de sementes de alface e tomate submetidas aos extratos de avenca (*Adiantum capillus-veneris* L.), espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia* R.) e guaco (*Mikania glomerata* S.) nas concentrações de 10 e 15%.

Outros pesquisadores relatam a interferência negativa de extratos botânicos de estévia (SOUZA et al., 2005b), alecrim-do campo (GUSMAN; BITTENCOURT; VESTENA, 2008), tiririca, amora, guaçatonga, falso-boldo (GUSMAN; VIEIRA; VESTENA, 2012) e jaborandi (GUSMAN; YAMAGUSHI; VESTENA, 2015) em concentrações semelhantes às utilizadas no presente estudo, sobre o índice de velocidade de germinação de sementes de rúcula.

De acordo com Azambuja et al. (2010), a diminuição no IVG pode indicar que a presença de aleloquímicos nas infusões inibe a velocidade de desenvolvimento e translocação de componentes nutritivos do endosperma para o embrião. Segundo Souza et al. (2005a), a presença de monoterpenos em algumas espécies vegetais sugere atividade inibitória sobre a germinação e o índice de velocidade de germinação.

Conforme Ferreira; Borghetti (2004), quanto mais alto o IVG, maior é o vigor das sementes, o que foi verificado no tratamento controle desse ensaio. Porém, o aumento nas concentrações dos extratos utilizados tanto para alecrim quanto para incenso promoveram redução no vigor das sementes de rúcula. Para as infusões de alecrim essa redução foi mais acentuada do que para os tratamentos de incenso, evidenciando o maior efeito alelopático do alecrim, devido possivelmente à sua composição fitoquímica.

No presente estudo foi verificada maior interferência no crescimento radicular para os tratamentos de incenso a 5,0 e 7,5% em comparação com o

tratamento controle (0%). A mesma tendência foi observada para os tratamentos 2,5 e 5,0% do extrato aquoso de alecrim. Devido à baixa taxa de germinação das sementes de rúcula submetidas ao extrato de alecrim nas diluições de 7,5 e 10,0%, não foi possível avaliar o comprimento radicular destes tratamentos (Tabela 2).

Tabela 2: Médias e desvios padrões do comprimento radicular (cm) de sementes de rúcula submetidas a diferentes concentrações do extrato de folhas frescas de incenso e alecrim

Tratamento (Extrato vegetal)	Comprimento Radicular (cm)	
	Incenso X ± DP	Alecrim X ± DP
0%	2,20 ± 0,52 a	2,20 ± 0,52 a
2,5%	2,14 ± 0,64 ab	0,80 ± 0,30 b
5,0%	1,95 ± 0,51 b	0,75 ± 0,42 b
7,5%	1,25 ± 0,66 c	-
10,0%	2,06 ± 0,52 ab	-

Médias acompanhadas de letras diferentes na mesma coluna diferem entre si pelo teste Tukey-kramer ($p < 0,05$).

Os comprimentos das radículas das sementes expostas aos tratamentos de incenso a 2,5 e 10,0% não diferiram estatisticamente do controle, sugerindo possibilidade de avaliações posteriores neste sentido. Porém, Pelegrini; Cruz-Silva (2012) ao avaliarem o extrato por infusão de falso boldo coletado no verão sobre sementes de alface verificaram que as concentrações 7,5, 15 e 22,5% não diferiram estatisticamente do controle. No entanto, na concentração de 30% observou-se o aumento no crescimento radicular. Este fato se justificaria pela presença de algum aleloquímico estimulando o crescimento, caracterizando também efeito alelopático (CARVALHO; FONTANÉTTI; CANÇADO, 2002). Abreu (1997) relata a possível presença de princípios ativos no extrato aquoso de angico-vermelho (*Anadenanthera peregrina* (L.) Speg), agindo como fitormônios, ou seja, estimulando o crescimento de plântulas de alface.

Van Puyvelde et al. (1988) avaliaram o efeito do extrato de incenso a 100 mg mL⁻¹ sobre sementes de trigo e verificaram efeito inibitório de 90% no desenvolvimento das radículas.

Segundo Grisi et al. (2013) a redução no crescimento radicular das plântulas submetidas aos extratos aquosos pode estar associada com a diminuição no alongamento das células do metaxilema. Além disso, a ação de aleloquímicos pode inibir as divisões celulares comprometendo o crescimento e desenvolvimento normal das plântulas (HOFFMANN et al., 2007).

A análise qualitativa dos fitoquímicos mostrou que o incenso e o alecrim possuem em suas folhas saponinas e taninos (Tabela 3). Embora nesse ensaio não tenham sido encontrados flavonoides pela metodologia utilizada (luteolina, quercetina e canferol), a literatura apresenta trabalhos em que esses compostos foram identificados em extrato aquoso de *Origanum vulgare* e *Rosmarinus officinalis* (BLANK et al., 2016). A presença de taninos no extrato aquoso de alecrim observada neste ensaio é corroborada por Pansera et al. (2003). No entanto, Van Puyvelde et al. (1988) sugerem que os diterpenos presentes no incenso são os principais responsáveis pela inibição do crescimento das radículas.

Tabela 3: Análise fotoquímica da presença (+) e ausência (-) de compostos secundários nos extratos aquosos de incenso e alecrim

Extratos Vegetais	Saponinas	Taninos	Flavonoides
Incenso	+	+	-
Alecrim	+	+	-

As saponinas são substâncias envolvidas diretamente com efeitos alelopáticos (SILVA, 2004) e os taninos formam precipitados irreversíveis ao se ligarem às proteínas, atuando como inibidores de bactérias nitrificadoras, podendo causar efeitos alelopáticos diretos no solo (RICE, 1984). Portanto, a caracterização físico-química dos extratos vegetais utilizados nesse ensaio é importante para que se possa concluir a respeito dos efeitos biológicos observados, confirmando alelopatia.

Diante dos resultados obtidos no presente estudo, é importante destacar o efeito inibitório de extratos de plantas sobre outras, constatado por meio de ensaios de laboratório. Porém, não tem sido fácil demonstrar que esses compostos estejam presentes no solo em quantidades suficientes para alterar o desenvolvimento de um vegetal. Além disso, as substâncias orgânicas presentes no substrato estão, muitas

vezes, ligadas a partículas do solo e podem ser rapidamente degradadas por microorganismos (BARBOSA; PIVELLO; MEIRELLES, 2008; PEREIRA, SBRISSIA; SERRAT, 2008).

4 CONCLUSÃO

A porcentagem de germinação das sementes de rúcula diminuiu em todos os tratamentos, exceto na concentração de 2,5% para incenso.

O índice de velocidade de germinação foi alterado em todos os tratamentos avaliados.

O comprimento da radícula diminuiu a partir dos tratamentos de 5,0 e 7,5%, porém o aumento observado na concentração de 10,0% sugere a presença de compostos estimuladores do crescimento.

A presença de saponinas e taninos no extrato aquoso das espécies avaliadas, possivelmente, foram os responsáveis pelas alterações nos parâmetros avaliados.

Os resultados encontrados neste estudo indicam que o extrato de incenso e alecrim possuem compostos químicos úteis para o controle de plantas em sistemas de cultivo, devendo, contudo, passar por testes e estudos futuros no controle de plantas daninhas.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. C. de. **Potencial alelopático do angico vermelho (*Anadenanthera peregrina* (L.) Speg): efeito sobre a germinação de sementes e ciclo mitótico de plântulas de alface (*Lactuca sativa* L.) e canafístula (*Peltophorum dubium* (Spreng.) Taub.)**. 1997. 55f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Lavras, Lavras.

ARAÚJO, S. G. et al. Antioxidant and allelopathic activities of extract and fractions from *Rosmarinus officinalis*. **Biochemistry and Biotechnology Reports**, Londrina, v. 2, n. 1, p. 35-43, 2013.

ARRANZ, E. et al. Anti-inflammatory activity of the basolateral fraction of Caco-2 cells exposed to a rosemary supercritical extract. **Journal of Functional Foods**, Oxford, v. 13, p. 384-390, 2015.

AYRES, M. et al. **BioEstat 5.0: aplicações estatísticas nas áreas das ciências biológicas e médicas**. Sociedade Civil Mamirauá, 2007.

AZAMBUJA, N. et al. Potencial alelopático de *Plectranthus barbatus* Andrews na germinação de sementes de *Lactuca sativa* L. e de *Bidens pilosa* L. **Revista de Ciências Agroveterinárias**, Lages, v. 9, n. 1, p. 66-73, 2010.

BARBOSA, E. G.; PIVELLO, V. R.; MEIRELLES, S. T. Allelopathic evidence in *Brachiaria decumbens* and its potential to invade the Brazilian cerrados. **Brazilian Archives of Biology and Technology**, Curitiba, v. 51, n. 4, p. 625-631, 2008.

BATISTA, L. C. S. O. et al. *Rosmarinus officinalis* (Lamiaceae): atividade in vitro frente a ectoparasitos de importância veterinária. **Revista Brasileira de Medicina Veterinária**, Belo Horizonte, v. 35. n. 2, p. 119-125, 2013.

BLANK, D. E. et al. Composição química e citotoxicidade de *Origanum vulgare* L. e *Rosmarinus officinalis* L. **Science and Animal Health**, Pelotas, v. 4, n. 2, p. 117-130, 2016.

BORRÁS-LINARES, I. et al. *Rosmarinus officinalis* leaves as a natural source of bioactive compounds. **International Journal of Molecular Sciences**, Basileia, v. 15, n. 11, p. 20585-20606, 2014.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Regras para análise de sementes**. Brasília, 2009.

CAMPBELL, W. E. et al. Composition and antimalarial activity in vitro of the essential oil of *Tetradenia riparia*. **Planta Médica**, Rockville, v. 63, n. 3, p. 270-272, 1997.

- CARDOSO, B. M. et al. Antileishmanial activity of the essential oil from *Tetradenia riparia* obtained in different seasons. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v. 110, n. 8, p. 1024-1034, 2015.
- CARDOSO, G. H. S. et al. Cytotoxicity of aqueous extracts of *Rosmarinus officinalis* L. (Labiatae) in plant test system. **Brazilian Journal of Biology**, São Carlos, v. 74, n. 4, p. 886-9, 2014.
- CARMO, F. M. D. S.; BORGES, E. E. D. L.; TAKAKI, M. Alelopatia de extratos aquosos de canela-sassafrás (*Ocotea odorifera* (Vell.) Rohwer). **Acta Botânica Brasileira**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 697-705, 2007.
- CARVALHO, G. J.; FONTANÉTTI, A. A.; CANÇADO, C. T. Potencial alelopático do feijão de porco (*Canavalia ensiformes*) e da mucuna preta (*Stilozobium aterrimum*) no controle da tiririca (*Cyperus rotundus*). **Ciência e Agrotecnologia**, Lavras, v. 26, p. 647-651, 2002.
- CHOU, C. H. Introduction to allelopathy. In: REIGOSA, M. J.; PEDROL, N.; GONZÁLEZ, L. (Eds). **Allelopathy: A physiological process with ecological implications**. Springer, Dordrecht, Holanda, 2006. p. 1-9.
- DEMARCHI, I. G. et al. Antileishmanial and immunomodulatory effects of the essential oil from *Tetradenia riparia* (Hochstetter) Codd. **Parasite Immunology**, Rockville, v. 38, n. 1, p. 64-77, 2016.
- DORNELES, K, R. et al. Efeito alelopático de extratos de plantas medicinais e condimentares em meloeiro (*Cucumis melo* L.). **Ciência e Natura**, Santa Maria, v. 37, n. 2, p. 212-17, 2015.
- ENDO, E. H. et al. Antidermatophytic activity of hydroalcoholic extracts from *Rosmarinus officinalis* and *Tetradenia riparia*. **Journal of Medical Mycology**, Oxford, v. 25, n. 4, p. 274-279, 2015.
- FERNANDEZ, C. M. M. et al. Larvicidal activity of essential oil from *Tetradenia riparia* to control of *Aedes aegypti* larvae in function of season variation. **Journal of Essential Oil Bearing Plants**, London, v. 17, n. 5, p. 813-823, 2014.
- FERREIRA, A. G., AQUILA, M. E. Alelopatia: uma área emergente da ecofisiologia. **Revista Brasileira de Fisiologia Vegetal**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 175-204, 2000.
- FERREIRA, A. G.; BORGHETTI, F. **Germinação: do básico ao aplicado**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- GABOR, W. E.; VEATCH, C. Isolation of a phytotoxin from quackgrass (*Agropyron repens*) rhizomes. **Weed Science**, Washington, v. 2, n. 2, p. 155-9, 1981.

GAZIM, Z. C. et al. Acaricidal activity of the essential oil from *Tetradenia riparia* (Lamiaceae) on the cattle tick *Rhipicephalus (Boophilus) microplus* (Acari; Ixodidae). **Experimental Parasitology**, New York, v. 129, n. 2, p. 175-178, 2011.

GAZIM, Z. C. et al. New natural diterpene-type abietane from *Tetradenia riparia* essential oil with cytotoxic and antioxidant activities. **Molecules**, Basileia, v. 19, n. 1, p. 514-524, 2014.

GAZIM, Z. C. et al. Seasonal variation, chemical composition, and analgesic and antimicrobial activities of the essential oil from leaves of *Tetradenia riparia* (Hochst.) Codd in Southern Brazil. **Molecules**, Basileia, v. 15, n. 8, p. 5509-5524, 2010.

GRISI, P. U. et al. Efeito do extrato etanólico de *Serjania lethalis* no controle de plantas daninhas. **Planta Daninha**, Viçosa, v. 31, n. 2, p. 239-248, 2013.

GUREVITCH, J; SCHEINER, S. M.; FOX, G. A. **Ecologia Vegetal**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GUSMAN, G. S.; BITTENCOURT, A. H. C.; VESTENA, S. Alelopatia de *Baccharis dracunculifolia* DC. sobre a germinação e desenvolvimento de espécies cultivadas. **Acta Scientiarum Biological Sciences**, Maringá, v. 30, n. 2, p. 119-126, 2008.

GUSMAN, G. S.; VIEIRA, L. R.; VESTENA, S. Alelopatia de espécies vegetais com importância farmacêutica para espécies cultivadas. **Biotemas**, Florianópolis, v. 25, n. 4, p. 37-48, 2012.

GUSMAN, G. S.; YAMAGUSHI, M. Q.; VESTENA, S. Potencial alelopático de *Pilocarpus pennatifolius* Lemaire sobre a germinação de sementes e crescimento inicial de plântulas de espécies cultivadas. **Revista Acta Ambiental Catarinense**, Chapecó, v. 12, n. 1/2, p. 6-16, 2015.

HOFFMANN, C. E. F. et al. Allelopathic activity of *Nerium Oleander* L. and *Dieffenbachia picta* Schott in seeds of *Lactuca sativa* L. and *Bidens pilosa* L. **Revista de Ciências Agroveterinárias**, Lages, v. 6, n. 1, p. 11-21, 2007.

IBAMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Boletim de Comercialização de Agrotóxicos e Afins: histórico de vendas 2000-2012**. 42p. Disponível em: <<http://ibama.gov.br/areas-tematicas-qa/relatorios-de-comercializacao-de-agrotoxicos/pagina-3>>. Acessado em: 20 abr. 2017.

JAMIL, M. et al. Alternative control of wild oat and canary grass in wheat fields by allelopathic plant aqueous extracts. **Agronomy for Sustainable Development**, Paris, v. 29, n. 3, p. 475-482, 2009.

KUMARI, A. et al. The changes in morphogenesis and bioactivity of *Tetradenia riparia*, *Mondia whitei* and *Cyanoptis speciosa* by an aeroponic system. **Industrial Crops and Products**, Amsterdam, v. 84, p. 199-204, 2016.

LUSTOSA, F. L. F.; OLIVEIRA, S. C. C.; ROMEIRO, L. A. Efeito alelopático de extrato aquoso de *Piper aduncum* L. e *Piper tectoniifolium* Kunth na germinação e crescimento de *Lactuca sativa* L. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 5, supl. 2, p. 849-851, 2007.

MAHMOOD, A. et al. Estimation of weed dry biomass and grain yield as a function of growth and yield traits under allelopathic weed management in maize. **Planta Daninha**, Viçosa, v. 33, n. 1, p. 23-31, 2015.

MALAQUIAS, G. et al. Utilização na medicina popular, potencial terapêutico e toxicidade em nível celular das plantas *Rosmarinus officinalis* L., *Salvia officinalis* L. e *Mentha piperita* L. (Família Lamiaceae). **Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 50-68, 2014.

MARTINI, L. C. P. et al. Uso da prescrição de agrotóxicos no Brasil: um estudo de caso na região de Tubarão-SC. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v. 13, n. 23, p. 71-82, 2016.

MATOS, F. J. **Introdução a fitoquímica experimental**. 2. ed. Fortaleza: Edições da UFC, 1997.

MEINERZ, C. C. et al. Interferência alelopática na germinação de alface e tomate por Derivados de avenca (*Adiantum capillus-veneris* L.), espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia* R.) e guaco (*Mikania glomerata* S.) **SaBios: Rev. Saúde e Biologia**, Campo Mourão, v.10, n.1, p.15-22, 2015.

NICOLINI, J. T.; BIDO, G. S.; ZONETTI, P. C. Efeito do extrato aquoso de *Passiflora edulis* Sims sobre a germinação e crescimento inicial de alface. **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, Maringá, v. 5, n. 1, p.191-203, 2012.

PANSERA, M. R. et al. Análise de taninos totais em plantas aromáticas e medicinais cultivadas no Nordeste do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 17-22, 2003.

PELEGRINI, L. L.; CRUZ-SILVA, C. T. A. Variação sazonal na alelopatia de extratos aquosos de *Coleus barbatus* (A.) Benth. sobre a germinação e o desenvolvimento de *Lactuca sativa* L. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 14, n. 2, p. 376-382, 2012.

PEREIRA, B. F.; SBRISSIA, A. F.; SERRAT, B. M. Alelopatia intra-específica de extratos aquosos de folhas e raízes de alfafa na germinação e no crescimento inicial de plântulas de dois materiais de alfafa: crioulo e melhorado. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 38, n. 2, p. 561-564, 2008.

RICE, E. L. **Allelopathy**. 2. ed. New York: Academic Press, 1984.

REIGOSA, M. et al. Allelopathic research in Brazil. **Acta Botânica Brasílica**, Belo Horizonte, v. 27, n. 4, p. 629-646, 2013.

REIGOSA, M. J.; SÁNCHEZ -MOREIRAS, A. M.; GONZALEZ, L. Ecophysiological approach in allelopathy. **Critical Reviews in Plant Sciences**, Rockville, v. 18, n. 5, p. 577-608, 1999.

RIBEIRO, J. P. N. et al. Efeitos alelopáticos de extratos aquosos de *Crinum americanum* L. **Revista Brasileira de Botânica**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 183-188, 2009.

RIBEIRO-SANTOS, R. et al. A novel insight on an ancient aromatic plant: The rosemary (*Rosmarinus officinalis* L.). **Trends in Food Science & Technology**, Amsterdam, v. 45, n. 2, p. 355-368, 2015.

SILVA, F. M. **Verificação da eficácia dos bioensaios com extratos aquosos no diagnóstico de potencial alelopático: contribuição ao estudo de espécies nativas brasileiras**. 2004. 142 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SILVA, M. D. S. A. et al. Atividade antimicrobiana e antiaderente in vitro do extrato de *Rosmarinus officinalis* Linn. sobre bactérias orais planctônicas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, v.18, n.2, p. 236-240, 2008.

SOUZA, S. A. M. et al. Utilização de sementes de alface e de rúcula como ensaios biológicos para avaliação do efeito citotóxico e alelopático de extratos aquosos de plantas medicinais. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Campina Grande, v. 5, n. 1, p. 3-9, 2005a.

SOUZA, S. A. M. et al. Atividade alelopática e citotóxica do extrato aquoso de espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia* Mart. Ex Reiss.) **UEPG – Ciências Biológicas e da Saúde**, Ponta Grossa, v.11, p.7-14, 2005b.

TAKARADA, K. et al. A comparison of the antibacterial efficacies of essential oils against oral pathogens. **Oral Microbiology Immunology**, Hoboken, v. 19, n. 1, p. 61-4, 2004.

TEIXEIRA, B. et al. Chemical composition and antibacterial and antioxidant properties of commercial essential oils. **Industrial Crops and Products**, Amsterdam, v. 43, p. 587-595, 2013.

TEIXEIRA, C. M.; ARAUJO, J. B. S.; CARVALHO, G. J. de. Potencial alelopático de plantas de cobertura no controle de picão-preto (*Bidens pilosa* L.). **Ciência Agrotecnologia**, Lavras, v. 28, n. 3, p. 691-695, 2004.

TOLEDO, A. M. O. et al. Interferência alelopática do chá de boldo-do-chile (*Peumus boldus* Molina, Monimiaceae) sobre sementes de alface e pepino. **Revista de Ciências Agroveterinárias**, Lages, v. 15, n. 3, p. 180-187, 2016.

TREZZI, M. M. et al. Allelopathy: driving mechanisms governing its activity in agriculture. **Journal of Plant Interactions**, London, v. 11, n. 1, p. 53-60, 2016.

VAN PUYVELDE, L. et al. Wheat rootlet growth inhibition test of Rwandese medicinal plants: active principles of *Tetradenia riparia* and *Diplolophium africanum*. **Journal of Ethnopharmacology**, Lausana, v. 24, n. 2-3, p. 233-246, 1988.

WARDLE, D. A.; AHMED, M.; NICHOLSON, K. S. Allelopathy influence of nodding thistle (*Carduus nutans* L.) seeds on germination and radicle growth of pasture plants. **New Zealand Journal of Agricultural Research**, Wellington, v. 34, p. 185-191. 1991.

WEAVER, D. K. et al. Toxicity and protectant potencial of the essential oil of *Tetradenia riparia* (Lamiales, Lamiaceae) against *Zabrotes subfasciatus* (Col., Bruchidae) infesting dried pinto beans (Fabales, Leguminosae). **Journal of Applied Entomology**, Nara, v. 118, p. 179-196, 1994.

WEAVER, D. K. et al. Oviposition patterns in two species of bruchids (Coleoptera: Bruchidae) as influenced by the dried leaves of *Tetradenia riparia*, a perennial mint (Lamiales: Lamiaceae) that suppresses population size. **Environmental entomology**, Oxford, v. 21, n. 5, p. 1121-1129, 1992.

WEIR, T. L.; PARK, S. W.; VIVANCO, J. M. Biochemical and physiological mechanisms mediated by allelochemicals. **Current Opinion in Plant Biology**, London, v. 7, n. 4, p. 472-9, 2004.

YESIL-CELIK TAS, O. et al. Inhibitory effects of rosemary extracts, carnosic acid and rosmarinic acid on the growth of various human cancer cell lines. **Plant Foods for Human Nutrition**, Berlim, v. 65, n. 2, p. 158-163, 2010.

IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE HIV PARA A EFICÁCIA TERAPÊUTICA E O BEM-ESTAR DO PACIENTE ✓

57

Igor Barbosa LIMA¹

✓ Artigo recebido em 30/01/2018 e aprovado em 14/06/2018.

¹ Graduado em Ciências Biológicas, licenciatura plena e bacharelado, pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) e membro da Sociedade Brasileira de Biologia Celular. Desenvolveu atividades de pesquisa relacionadas ao desenvolvimento e fisiologia do miocárdio de vertebrados basais adquirindo experiência na área de histologia e contractilidade in vitro. Mestre em Bioengenharia pelo Programa de Pós-Graduação em Bioengenharia da UFSJ. Tem experiência na área de Ecotoxicologia, tendo realizado pesquisa na área de impactos do uso do solo sobre ecossistemas lóticos, com ênfase no uso de herbicidas à base de glifosato. Atualmente é doutorando no Programa de Pós-graduação em Biologia Celular da UFMG e desenvolve pesquisa na área de entrega de drogas nanocarreadas. E-mail: <limaigor6@gmail.com>.

IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE DE HIV PARA A EFICÁCIA TERAPÊUTICA E O BEM-ESTAR DO PACIENTE

IMPORTANCE OF EARLY HIV DIAGNOSIS FOR THERAPEUTIC EFFICACY AND WELL- BEING OF THE PATIENT

RESUMO

A transmissão do HIV por via sexual é a forma predominante de contágio. As políticas públicas voltadas para o diagnóstico e tratamento do HIV são um fator que têm contribuído para a redução dos casos de progressão para AIDS e óbitos nos últimos anos. Apesar disso, em 2016 foram registradas 1,8 milhão de novas infecções por HIV no Brasil. O objetivo deste trabalho é elucidar a importância do diagnóstico precoce e preciso para que o paciente soropositivo inicie o tratamento antirretroviral (TARV) no momento adequado, de modo a obter eficácia terapêutica e melhoria em sua qualidade de vida. Em relação à metodologia, para a redação deste artigo foi realizada uma busca bibliográfica nas plataformas PubMed e Scholar Google, bem como a consulta em livros. O HIV infecta as células TCD4+ e utiliza correceptores que favorecem a infecção. A falência do mecanismo de manutenção da homeostase do sistema imunológico provocada pelo vírus faz com que a infecção progrida para o quadro de AIDS. A iniciação da TARV antes que a contagem de células TCD4+ seja menor que 350 células por milímetro cúbico demonstra efeitos positivos para a resposta do organismo à TARV. O diagnóstico precoce é importante para que a TARV seja aplicada antes que o paciente atinja um número muito baixo de células TCD4+ circulantes, permitindo que o indivíduo obtenha bem-estar físico e psicossocial ao conviver com uma infecção crônica.

Palavras-chave: AIDS. TARV. Células TCD4+. Qualidade de vida.

ABSTRACT

Sexually transmitted HIV is the predominant form of contagion by the virus. Public policies aimed at the diagnosis and treatment of HIV are a factor that has contributed to the reduction of cases of progression to AIDS and deaths in recent years. Despite this, in 2016, 1.8 million new HIV infections were registered in Brazil. The objective of this study is to elucidate the importance of early and accurate diagnosis, so that the seropositive patient initiates antiretroviral treatment at the appropriate time, in order to obtain therapeutic efficacy and improvement in their quality of life. For the writing of this work, a bibliographic search was carried out in PubMed and Scholar Google, and books were also consulted. HIV infects CD4+ T cells and uses co-receptors that promote infection. The failure of the mechanism of maintenance of the homeostasis of the immune system, caused by the virus, induces the infection to progress to AIDS. Initiation of ART before the CD4+ T cell count is less than 350 cells per cubic millimeter demonstrates positive effects for the response of the body to ART. Early diagnosis is important for ART to be applied before the patient reaches a very low number of circulating CD4+ cells, allowing one to obtain physical and psychosocial welfare when living with a chronic infection.

Keywords: AIDS. ART. CD4+ T cells. Quality of life.

1 INTRODUÇÃO

Os primeiros casos de síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) foram documentados no Brasil no início da década de 1980 (BASTOS et al., 1995). Um retrovírus associado à AIDS (ARV) foi descrito por Levy et al. (1984), por meio de culturas de células T obtidas em pacientes portadores de AIDS em São Francisco, nos E.U.A. Anos mais tarde, o ARV, em conjunto com outros retrovírus causadores de linfadenopatias, passou a ser denominado vírus da imunodeficiência humana (HIV) pelo Comitê Internacional de Taxonomia Viral (ICTV) (2017).

Ainda não existe consenso sobre a gênese do HIV. Pesquisas sobre a filogenia indicam que este é derivado do Vírus da Imunodeficiência Símia (SIV) (PAPATHANASOPOULOS et al., 2003). O contato com o sangue dos símios durante a caça é indicado como o provável meio pelo qual ocorreu, inicialmente, a infecção em humanos (GAO et al., 1999).

A infecção com HIV pode ocorrer através do contato com sangue e secreções, por via sexual, por transmissão da mãe para o filho na gravidez e por meio de transfusão sanguínea (MANAVI, 2006), sendo que a transmissão por via sexual é a forma predominante (DAVIDSON et al., 2009).

No período entre 2007 e 2016 foram identificadas 136945 ocorrências de contágio por HIV no Brasil (BRASIL, 2017), sendo que a transmissão heterossexual é a principal via de disseminação da doença (SZWARCWALD et al., 2000). As políticas públicas voltadas para o diagnóstico e o tratamento do HIV são um fator que contribui para a redução dos casos de progressão para AIDS, bem como para óbitos, além de diminuir o número de casos de transmissão gestacional nos últimos anos (DE BRITO et al., 2006). Apesar disso, em 2016 foram registradas 1,8 milhão de novas infecções por HIV no Brasil (UNAIDS, 2017).

As estratégias de prevenção adotadas pelo governo brasileiro são pautadas na criação de material educativo, assim como no preparo dos profissionais de saúde que trabalham nos Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA), além da distribuição gratuita de preservativos e de seringas para usuários de drogas injetáveis (PAIVA et al., 2006).

Este trabalho foi redigido com base em um levantamento bibliográfico e tem por objetivo elucidar a importância do diagnóstico precoce e preciso para que o paciente com teste soropositivo para HIV inicie o tratamento antirretroviral no momento adequado, de modo a obter eficácia terapêutica e melhoria em sua qualidade de vida.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Para a redação deste trabalho, inicialmente foi realizada uma busca bibliográfica no *PubMed* e no *Scholar Google* por publicações lançadas a partir de 1º de janeiro de 2010 até a data atual. Além disso, devido à necessidade de abordar o histórico da doença, foram selecionadas também algumas publicações anteriores, desde a década de 1980, que apresentassem alta relevância para a discussão do tema proposto. Foram utilizadas como palavras de busca isoladas "HIV", "AIDS" e, como busca combinada, "HIV *diagnosis*" e "HIV *mechanism of infection*". O principal critério de exclusão se baseou em casos nos quais, após a leitura, constatou-se que os artigos não abordavam o tema central proposto neste trabalho. Também foram consultados livros. Dentre os trabalhos utilizados como referências bibliográficas desta pesquisa, 28 (vinte e oito) foram escritos em língua inglesa e outros 10 (dez) em língua portuguesa.

3 MECANISMO DA INFECÇÃO

O HIV é pertencente ao gênero *Lentivirus* (ICTV, 2017) e sua ultraestrutura é composta por duas moléculas de ácido ribonucleico de fita simples (RNA) envoltas por um capsídeo proteico. É um vírus envelopado, ou seja, apresenta um envelope lipoproteico que possui origem na membrana plasmática da célula infectada. Este envelope tem em sua superfície glicoproteínas que se aderem ao vírus através de glicoproteínas transmembranares (TURNER & SUMMERS, 1999). Existe uma matriz proteica que envolve o capsídeo, no interior do qual se localiza o genoma, além da transcriptase reversa (TR), a protease (P) e a integrase (I) (FREED, 2002).

No HIV existem três genes estruturais, dois regulatórios e quatro acessórios: o gene *env*, responsável pela produção das glicoproteínas presentes no envelope; *pol*, que sintetiza a TR, a P e a I; e o gene *gag* que produz o capsídeo viral (LARDER et al., 2001). Atualmente são conhecidos dois tipos de HIV capazes de infectar humanos, o HIV-1 e o HIV-2. A maioria das infecções registradas em escala global são causadas pelo HIV-1 (TAKEBE et al., 2004).

A multiplicação dos vírus acontece em duas fases. Na fase inicial, as partículas virais fazem ligações com receptores CD4 que se encontram na membrana da célula hospedeira através de glicoproteínas presentes no envelope. Além disso, para que ocorra a fusão entre a membrana da célula e a bicamada lipídica do envelope é necessária a participação de correceptores presentes na membrana da célula que será infectada, denominados CXCR4 e CCR5 (NAZARI & JOSHI, 2008). A glicoproteína 120 (gp120) se liga ao receptor CD4 e em seguida passa por uma modificação estrutural que permite o contato da gp120 com os correceptores CXCR4 e CCR5, provocando mudança na glicoproteína 41 (gp41). Desse modo, uma região lipofílica denominada peptídeo de fusão fica evidente e adentra a membrana da célula, induzindo a fusão da mesma com o envelope. Na sequência, o capsídeo proteico se desfaz e ocorre a penetração do RNA viral em conjunto com as enzimas que iniciarão a multiplicação das partículas virais (FREED, 2002).

A TR inicia a replicação produzindo uma molécula de DNA viral de fita dupla que forma interações com proteínas virais e constitui o chamado complexo de pre-integração (PIC). O PIC se dirige ao núcleo, onde se junta ao DNA da célula hospedeira (TELESNITSKY & GOFF, 1997).

Na fase tardia ocorre a síntese de RNAm de dois tipos. Um RNAm que não passa pelo processo de *splicing* formará o genoma dos novos vírus, enquanto o RNAm que sofre o processo de *splicing* será traduzido para sintetizar as proteínas virais (URNOVITZ & MURPHY, 1996). O RNAm que forma o genoma do vírus é empacotado por proteínas sintetizadas a partir do gene *gag* junto com as enzimas traduzidas a partir do gene *pol*. Em seguida, a partícula viral é envelopada pela membrana plasmática da célula hospedeira e o vírus torna-se apto a infectar uma nova célula (JANEWAY et al., 2002).

A portaria número 204, de 17 de fevereiro de 2016, do Ministério da Saúde, determina que os casos de pacientes infectados com o HIV (HIV+) ou AIDS devem ser obrigatoriamente informados aos órgãos responsáveis para que sejam incluídos na lista nacional de notificação compulsória de doenças. Contudo, mesmo existindo a obrigatoriedade de informar os novos casos, ainda existe subnotificação. Entre os anos de 2007 e 2017 foram registradas 136.945 infecções por HIV/AIDS no Brasil (BRASIL, 2017).

As relações sexuais desprotegidas são a principal via de transmissão do HIV. Em poucas horas o vírus é capaz de transpor a mucosa e começa a se disseminar para as células do tecido linfoide (BRASIL, 2013).

Por um período que dura em média dez dias, conhecido como fase eclipse, o RNA viral é indetectável no plasma. Após a infecção, a replicação viral é reforçada pela resposta imune que envia mais linfócitos para a região onde a infecção teve início. Em seguida, a infecção se alastra para os demais órgãos do tecido linfoide, produzindo um pico de carga viral plasmática por volta do 28º dia. A resposta imune não é suficiente para eliminar a infecção. O recrutamento de linfócitos T CD8 ocorre, geralmente, antes do início da produção de anticorpos.

A produção de anticorpos específicos anti-HIV marca um evento que é denominado soroconversão e, a partir daí, a carga viral tende a diminuir, finalizando a infecção aguda e marcando o início da infecção crônica. A produção inicial de anticorpos ocorre em resposta às glicoproteínas presentes no envelope (gp120 e gp41). Inicialmente, ocorre a produção de imunoglobulina M (IgM) e, posteriormente, de imunoglobulina G (IgG), porém, ao longo do tempo a produção de IgM pode recomeçar intermitentemente, impedindo que se diferencie a fase aguda da fase crônica por meio de ensaios sorológicos (BUTTÒ et al., 2010).

4 DIAGNÓSTICO DO HIV

Os testes laboratoriais visam a garantir que o diagnóstico de infecção por HIV seja feito de forma confiável e precoce. O desenvolvimento dos ensaios de terceira geração representaram um grande avanço, pois permitiram a detecção de imunoglobulinas, porém, o advento dos testes de quarta geração, com capacidade

de detectar tanto o antígeno quanto o anticorpo, possibilitou que a janela de detecção fosse reduzida. Ainda assim, os testes moleculares continuam sendo mais efetivos no diagnóstico de infecções recentes. Em pacientes nos quais a carga viral é mantida em níveis muito baixos, os chamados controladores de elite, apenas ensaios confirmatórios como *Western Blot*, *Imunoblot* ou *Imunoblot Rápido* podem confirmar o diagnóstico. Pacientes recentemente infectados podem ser facilmente diagnosticados por meio de teste de triagem de quarta geração e de um teste molecular confirmatório; controladores de elite podem ser diagnosticados com triagem de terceira ou quarta geração seguido de *Western Blot* confirmatório; enquanto pacientes que se encontram na fase crônica da infecção podem ser facilmente detectados por todas as metodologias supracitadas (BUTTÒ et al., 2010).

O teste de primeira geração é baseado na detecção de IgG de forma indireta. O ensaio imunoenzimático indireto (ELISA) é realizado em uma fase sólida, contendo o antígeno viral sobre o qual é adicionado um anticorpo (IgG) anti-HIV proveniente da amostra biológica. Em seguida, é adicionado ao meio um conjugado de anticorpo anti-IgG mais enzima e um substrato cromogênico. Os testes de segunda geração utilizam peptídeos sintéticos e antígenos recombinantes provenientes de epítomos imunogênicos que permitem aumentar a sensibilidade do ensaio e a diminuição da janela sorológica. O teste de terceira geração é similar ao anterior, porém, utiliza antígenos recombinantes tanto na fase sólida quanto no conjugado. Desse modo, é possível detectar todos os tipos de imunoglobulinas. Por fim, os testes de quarta geração, além da capacidade de detectar todos os tipos de imunoglobulinas, como o anterior, também é capaz de detectar a presença da proteína p24, proveniente do capsídeo viral. Assim, a janela sorológica é reduzida para aproximadamente quinze dias. Os testes rápidos são uma opção para quando se pretende obter o diagnóstico imediato. O resultado sai em trinta minutos e se baseia em uma reação cromogênica resultante da interação entre o reagente cromógeno e o complexo antígeno anticorpo (BRASIL, 2013).

Os testes laboratoriais são aplicáveis na avaliação da segurança na doação de sangue e no transplante de órgãos, bem como no diagnóstico de pacientes HIV⁺ e na vigilância epidemiológica (BRASIL, 2013). Esta última é extremamente

importante por fomentar a tomada de decisões do poder público nas esferas municipal, estadual e federal em relação ao HIV/AIDS (BRASIL, 2017).

Passaram-se três décadas desde a descrição do grupo de retrovírus linfotróficos humanos genericamente chamados de HIV. Esses vírus foram isolados de pacientes que desenvolveram AIDS concomitantemente a diversas doenças oportunistas (DO's) vinculadas à depleção da imunidade celular (SMALL et al., 1983). As primeiras observações laboratoriais indicaram que os pacientes afetados pela síndrome apresentaram redução no número de linfócitos circulantes, assim como redução da taxa de proliferação *in vitro*, ausência de reação cutânea a alérgenos e conversão de células T *helper* em células T citotóxicas (GOTTLIEB et al., 1981).

Posteriormente, novos estudos demonstraram que o vírus atacava especificamente células T CD4⁺ e a redução do número dessas células passou a ser utilizado como um marcador para prever o momento em que um paciente infectado por HIV desenvolveria a AIDS (MASUR et al., 1989). Essas informações fomentaram a ideia de que a destruição das células T CD4⁺ pelo vírus seria a causa da limitação da resposta imune celular causadora da AIDS. Tal pressuposto foi fortalecido por estudos realizados em primatas não humanos, nos quais a diminuição do número de células T CD4⁺ provocada por um vírus híbrido, capaz de infectar tanto humanos quanto outros primatas, levou os animais à imunodeficiência em um curto espaço de tempo (REIMANN et al., 1996).

A princípio, acreditava-se que a redução do número de células T CD4⁺ ocorria de forma progressiva, culminando em AIDS, mas alguns fatos fizeram com que esse conceito fosse questionado. A replicação do vírus acontece de forma constante e intensa durante o ciclo infeccioso, indo de encontro à demorada sucessão de infecção por HIV para AIDS (WEI et al., 1995).

O HIV apresenta mais afinidade por infectar células T CD4⁺ de memória, as quais expressam o co-receptor CCR5. Essas são a maioria das células presentes na circulação e são destruídas logo nos estágios iniciais da infecção (CHUN et al., 1997). Além disso, a forma como o sistema imunológico responde à infecção é um marcador da progressão da doença mais eficiente do que a viremia em si (DEEKS et al., 2004).

Essas considerações preconizam a inviabilidade do modelo que explica a progressão da infecção por HIV para AIDS baseada na morte de células T CD4⁺ causada pelo vírus. Desse modo, o começo da morte das células infectadas estimula os tecidos linfoides a gerar novas células T CD4⁺ da memória efetora, a partir de célula T de memória central. Progressivamente, o balanço homeostático dessas células entra em colapso e não é mais possível a renovação celular, causando a imunodeficiência (OKOYE et al., 2013).

5 O BEM-ESTAR DO PACIENTE

O quadro de imunodeficiência causado pelo HIV é marcado pela drástica redução do número de células T CD4⁺ no plasma (LUNDGREN et al., 2008). Como o número de células T circulantes é critério utilizado para se iniciar a terapia anti-retroviral (TARV), é comum que essa terapia apenas se inicie após o número de células T chegar a níveis extremamente baixos, que variam entre 200 e 250 células por milímetro cúbico (EMERY et al., 2008).

Um estudo realizado com pacientes HIV⁺ que apresentavam contagem de células T maior que 500 células por milímetro cúbico, que não haviam começado a TARV e que não apresentavam sintomas de AIDS, demonstrou que o início da terapia quando o número de células ainda é superior a 500 por milímetro cúbico apresentou respostas favoráveis na prevenção do surgimento de sintomas da AIDS quando comparado com aqueles pacientes em que a TARV foi iniciada após a contagem de células abaixar para 350 por milímetro cúbico. Esse resultado demonstrou que o início da TARV logo após o diagnóstico, independentemente da contagem de células, melhora a eficácia do tratamento (INSIGHT START STUDY GROUP et al., 2015). Além disso, a TARV é um fator preponderante para reduzir os riscos de transmissão do HIV (RODGER et al., 2014).

Há alguns anos o diagnóstico de HIV era associado a um prognóstico extremamente negativo. Atualmente, a TARV é capaz de controlar a infecção e proporcionar relativa qualidade de vida ao paciente (UNAIDS, 2013). Apesar disso, a quantidade de pessoas infectadas aumenta a cada ano, sendo difícil de se estimar o número de casos não diagnosticados (VAN SIGHEM et al., 2015).

Em relação à qualidade de vida e ao bem-estar, tratam-se de conceitos subjetivos e difíceis de serem quantificados. Sentir-se bem e estar saudável são fatores importantes na percepção de qualidade de vida de alguns pacientes HIV⁺. O diagnóstico de HIV é um evento que causa abalo emocional no paciente, porém, com a evolução do quadro clínico, o indivíduo se habitua à nova situação (MEIRELLES et al., 2016).

Os avanços nas terapias antirretrovirais contra o HIV/AIDS é um fator que ao longo dos anos aumentou a sobrevida dos pacientes e afetou positivamente sua qualidade de vida (BUCCIARDINI et al., 2000). Desse modo, a avaliação do bem-estar desses pacientes passa a considerar os fatores psicossociais em conjunto com os aspectos físicos associados à infecção (MOLASSIOTIS et al., 2002).

Como apontado, mensurar o bem-estar e a qualidade de vida de um paciente é algo subjetivo e ligado ao contexto sociocultural (MINAYO, 2000) e, devido a isso, os estudos que envolvem a avaliação desses aspectos em indivíduos infectados geralmente realizam comparações entre as percepções de pacientes sintomáticos e assintomáticos, sendo que os sintomáticos apresentam menores índices daquilo que definem por qualidade de vida e bem-estar (REVICKI, 1998). Considerando a ausência de sintomas como um fator importante para a percepção de qualidade de vida do portador de HIV, ressalta-se a importância do diagnóstico precoce e preciso para que o paciente obtenha o acompanhamento médico e psicológico adequado.

Após o diagnóstico, uma série de fatores devem ser considerados para que o paciente, juntamente ao corpo clínico, tome a decisão de iniciar a TARV. Nesse contexto, a testagem e o aconselhamento tomam posição fundamental na vida do paciente soropositivo. As campanhas de prevenção e de esclarecimento são muito importantes para que o sujeito tenha aceitação e força para enfrentar as adaptações pelas quais passará ao viver com uma infecção crônica. O acesso aos serviços de saúde e à informação são cruciais para que a terapia seja iniciada em tempo adequado a fim de garantir o bem-estar físico e psicossocial da pessoa (MEIRELLES et al., 2016).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das informações apresentadas nesta pesquisa foi possível chegar à conclusão de que existe uma nova perspectiva no entendimento da progressão da infecção por HIV. A falência da homeostase da regeneração das células do sistema imune é o real mecanismo pelo qual a infecção progride para a AIDS. Desconsiderando-se que a diminuição do número de células T circulante seja o fator que leva à imunodeficiência, é recomendável que o paciente inicie a TARV o mais precocemente possível, contribuindo para o prolongamento da homeostase do sistema imune e retardando a progressão para AIDS. Desse modo, o diagnóstico precoce é fundamental para o paciente adaptar-se à convivência com a infecção crônica e aumentar a sua possibilidade de melhoria na qualidade de vida e bem-estar físico e psicossocial.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Francisco Inácio et al. A epidemia de AIDS no Brasil. In: **Saúde em debate**. Hucitec, 1995. p. 245-268.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. DEPARTAMENTO DE DST, AIDS E HEPATITES VIRAIS. **Manual técnico para o diagnóstico da infecção pelo HIV**. 2013.

BUCCIARDINI, Raffaella et al. Quality of life outcomes of combination zidovudine–didanosine–nevirapine and zidovudine–didanosine for antiretroviral-naïve advanced HIV-infected patients. **Aids**, v. 14, n. 16, p. 2567-2574, 2000.

BUTTÒ, Stefano et al. Laboratory diagnostics for HIV infection. **Annali dell'Istituto superiore di sanita**, v. 46, n. 1, p. 24-33, 2010.

CHUN, Tae-Wook et al. Quantification of latent tissue reservoirs and total body viral load in HIV-1 infection. **Nature**, v. 387, n. 6629, p. 183-188, 1997.

DAVIDSON, F. et al. Human immunodeficiency virus 1 subtypes detected in Scottish blood donors. **Vox sanguinis**, v. 96, n. 2, p. 160-162, 2009.

DE BRITO, Ana Maria et al. Tendência da transmissão vertical de Aids após terapia anti-retroviral no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, n. supl., p. 18-22, 2006.

DEEKS, Steven G. et al. Immune activation set point during early HIV infection predicts subsequent CD4+ T-cell changes independent of viral load. **Blood**, v. 104, n. 4, p. 942-947, 2004.

EMERY, Sean et al. Major clinical outcomes in antiretroviral therapy (ART)-naïve participants and in those not receiving ART at baseline in the SMART study. **The Journal of infectious diseases**, v. 197, n. 8, p. 1133-1144, 2008.

FREED, E. O. HIV-1 replication. **Somatic Cell and Molecular Genetics**, n. 26, p. 13-33, 2002.

GAO, Feng et al. Origin of HIV-1 in the chimpanzee *Pan troglodytes*. **Nature**, v. 397, n. 6718, p. 436, 1999.

GOTTLIEB, Michael S. et al. *Pneumocystis carinii* pneumonia and mucosal candidiasis in previously healthy homosexual men: evidence of a new acquired cellular immunodeficiency. **New England Journal of Medicine**, v. 305, n. 24, p. 1425-1431, 1981.

INSIGHT START STUDY GROUP et al. Initiation of antiretroviral therapy in early asymptomatic HIV infection. **N. Engl. J. Med.**, v. 2015, n. 373, p. 795-807, 2015.

INTERNATIONAL COMMITTEE ON TAXONOMY OF VIRUSES – ICTV. **ICTVdB**: the universal virus database: version 4. Disponível em: <<https://talk.ictvonline.org/>>. Acesso em: 22 jul. 2017

JANEWAY, C. A.; et al. O sistema imune na saúde e na doença. In: **Imunobiologia**. 5. ed. Artmed, 2002

LARDER, B. et al. **HIV resistance and implications for therapy**. 2. ed. MEDICOM Inc.: Atlanta, 2001.

LEVY, Jay A. et al. Isolation of lymphocytopathic retroviruses from San Francisco patients with AIDS. **Science**, v. 225, p. 840-843, 1984.

LUNDGREN, Jens D. et al. Inferior clinical outcome of the CD4+ cell count-guided antiretroviral treatment interruption strategy in the SMART study: role of CD4+ Cell counts and HIV RNA levels during follow-up. **The Journal of Infectious Diseases**, v. 197, n. 8, p. 1145-1155, 2008.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim epidemiológico**: Dezembro 2017, Ministério da Saúde, Brasil. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/janeiro/05/2016_034-Aids_publicacao.pdf>. Acesso em: 22 de junho de 2017.

MANAVI, K. A review on infection with human immunodeficiency virus. **Best practice & Research Clinical Obstetrics and Gynaecology**, n. 20, p. 923-940, 2006.

MASUR, Henry et al. CD 4 counts as predictors of opportunistic pneumonias in human immunodeficiency virus (HIV) infection. **Annals of internal medicine**, v. 111, n. 3, p. 223-231, 1989.

MEIRELLES, Betina Horner Schlindwein et al. Percepções da qualidade de vida de pessoas com HIV/Aids. **Northeast Network Nursing Journal**, v. 11, n. 3, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Qualidade de vida e saúde**: um debate necessário. 2000.

MOLASSIOTIS, A. et al. A pilot study of the effects of cognitive-behavioral group therapy and peer support/counseling in decreasing psychological distress and improving quality of life in Chinese patients with symptomatic HIV disease. **AIDS patient care and STDs**, v. 16, n. 2, p. 83-96, 2002.

NAZARI, Reza; JOSHI, Sadhna. CCR5 as target for HIV-1 gene therapy. **Current gene therapy**, v. 8, n. 4, p. 264-272, 2008.

OKOYE, Afam A.; PICKER, Louis J. CD4+ T-cell depletion in HIV infection: mechanisms of immunological failure. **Immunological reviews**, v. 254, n. 1, p. 54-64, 2013.

PAIVA, Vera; PUPO, Ligia Rivero; BARBOZA, Renato. O direito à prevenção e os desafios da redução da vulnerabilidade ao HIV no Brasil. **Revista de saúde pública**, v. 40, p. 109-119, 2006.

PAPATHANASOPOULOS, Maria A.; HUNT, Gillian M.; TIEMESSEN, Caroline T. Evolution and diversity of HIV-1 in Africa—a review. **Virus genes**, v. 26, n. 2, p. 151-163, 2003.

REIMANN, Keith A. et al. A chimeric simian/human immunodeficiency virus expressing a primary patient human immunodeficiency virus type 1 isolate env causes an AIDS-like disease after in vivo passage in rhesus monkeys. **Journal of virology**, v. 70, n. 10, p. 6922-6928, 1996.

REVICKI, Dennis A.; SORENSEN, Sonja; WU, Albert W. Reliability and validity of physical and mental health summary scores from the Medical Outcomes Study HIV Health Survey. **Medical care**, v. 36, n. 2, p. 126-137, 1998.

RODGER, Alison et al. 153LB: HIV transmission risk through condomless sex if HIV+ partner on suppressive ART: PARTNER Study. **21st Conference on Retroviruses and Opportunistic Infections**. 2014. p. 3-6.

SMALL, Catherine Butkus et al. Community-acquired opportunistic infections and defective cellular immunity in heterosexual drug abusers and homosexual men. **The American journal of medicine**, v. 74, n. 3, p. 433-441, 1983.

SZWARCWALD, Celia Landmann et al. **A disseminação da epidemia da AIDS no Brasil, no período de 1987-1996**: uma análise espacial. 2000.

TAKEBE, Yutaka; KUSAGAWA, Shigeru; MOTOMURA, Kazushi. Molecular epidemiology of HIV: tracking AIDS pandemic. **Pediatrics international**, v. 46, n. 2, p. 236-244, 2004.

TELESNITSKY, A.; GOFF, S. P. **Reverse transcriptase and the generation of retroviral DNA**. 1997.

TURNER, B. G.; SUMMERS, M. F. Structural biology of HIV. **Journal of Molecular Biology**, n. 285, p. 1-32, 1999.

UNAIDS. **Resumo Global da Epidemia de AIDS**, Brasil. Disponível em: <<http://unaid.org.br/estatisticas/>>. Acesso em: 23 de jun. 2017.

URNOVITZ, Howard B.; MURPHY, William H. Human endogenous retroviruses: nature, occurrence, and clinical implications in human disease. **Clinical microbiology reviews**, v. 9, n. 1, p. 72-99, 1996.

VAN SIGHEM, Ard et al. Estimating HIV incidence, time to diagnosis, and the undiagnosed HIV epidemic using routine surveillance data. **Epidemiology**, Cambridge, Massachusetts, v. 26, n. 5, p. 653, 2015.

WEI, Xiping et al. Viral dynamics in human immunodeficiency virus type 1 infection. **Nature**, v. 373, n. 6510, p. 117-122, 1995.

A IDEALIZAÇÃO CORPORAL
CONTEMPORÂNEA:
MODA, CORPO, BELEZA E IDENTIDADE EM
REALITIES SHOWS DE TRANSFORMAÇÃO ✓

72

Fabiano Eloy Atílio BATISTA¹

✓ Artigo recebido em 22/02/2018 e aprovado em 25/05/2018.

¹ Mestre em Economia Doméstica (UFV). Especialista em Televisão Cinema e Mídias Digitais (UFJF/FACOM). Especialista em Moda, Cultura de Moda e Arte (UFJF/IAD). Design de Moda (Faculdade Estácio de Sá - Juiz de Fora). E-mail: <fabiano_jfmg@hotmail.com>.

A IDEALIZAÇÃO CORPORAL CONTEMPORÂNEA:

MODA, CORPO, BELEZA E IDENTIDADE EM
REALITIES SHOWS DE TRANSFORMAÇÃO

RESUMO

O presente artigo busca realizar uma breve análise do *reality show* de transformação corporal: "Arruma meu marido", veiculado na mídia brasileira, no programa **Hora do Faro** da Rede Record de Televisão. Busca-se compreender como se dá a (re)construção dos corpos na contemporaneidade, mediante discursos que interferem no modo de ser, estar e agir dos sujeitos. A corporalidade na sociedade contemporânea afeta significativamente a dinâmica social de interação entre os sujeitos. Os padrões de beleza fornecidos pela mídia, pela indústria da moda, da beleza e da boa forma vêm promovendo significativas modificações na (re)construção dos corpos e na interação entre os sujeitos, afetando, por vezes, as relações nos contextos público e privado. Assim sendo, com este artigo, buscou-se realizar uma análise discursiva do programa, a fim de compreender o corpo como uma "construção social", assim como já afirmado por diversos antropólogos (MAUSS, 1974; LE BRETON 2009, 2007), dotado de sentidos e significados presentes em determinada cultura. Na discussão dessas indagações, reafirma-se que o corpo não é natural, mas sim, construído mediante os valores culturais e práticas que o "regulam" e o "disciplinam" (FOUCAULT, 1997, 2000), que habilitam ou desabilitam para as interações sociais e refletem, por conseguinte, valores hegemônicos presentes na sociedade.

Palavras-chave: Moda. Mídia. Corpo. Arruma meu Marido.

CONTEMPORARY BODY IDEALIZATION:

FASHION, BODY, BEAUTY AND IDENTITY
IN *REALITIES SHOWS* OF
TRANSFORMATION

ABSTRACT

This article seeks to make a brief analysis of the reality show of corporal transformation: "Arruma meu marido", published in the Brazilian media, in the hour program of the Record Recorder Television Network. It seeks to understand how the (re) construction of bodies in contemporary times has been given, through discourses that interfere with the subjects' way of being, being and acting. For corporality in contemporary society significantly affects the social dynamics of interaction between subjects. The "standards" of beauty provided by the media, the fashion industry, beauty and good form have promoted significant changes in the (re) construction of bodies and in the interaction between subjects, sometimes affecting relations in the public and private areas. Thus, with this article, we seek to carry out a discursive analysis of the program, in order to understand the body as a "social construction", as already affirmed by several anthropologists (MAUSS, 1974; LE BRETON 2009, 2007), gifted of meanings and meanings present in a particular culture. In the discussion of these questions, it is reaffirmed that the body is not natural but constructed through the cultural values and practices that "regulate" and "discipline" (FOUCAULT, 1997, 2000), which enable or disable social interactions and reflect, therefore, hegemonic values present in our society.

Keywords: Fashion. Media. Body. Fix my Husband

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, os meios de comunicação, em especial a televisão, são extremamente influentes na construção e na contribuição do fantasioso coletivo da cultura (LOPES, 2004). A mídia se constitui, assim, como um âmbito de produção de sentido, na medida em que encena e teatraliza a vida, recria a realidade e acentua sensações.

Contudo, “a ação da mídia não ocorre de forma isolada, mas agrega-se a outras práticas socializadoras. As pesquisas, em geral, destacam o papel da mídia na inculcação de valores culturais e estéticos [...]” (NAZZARI, 2006, p.101).

A Corporalidade na sociedade contemporânea afeta, significativamente, a dinâmica social de interação entre os sujeitos. A idealização corporal divulgada pelo setor midiático e pelo comércio da boa forma e da beleza vem promovendo significativas modificações na (re)construção dos corpos.

Diante da supremacia das imagens idealizadas, aqueles que não se inserem no modelo hegemônico de beleza são “estigmatizados” (GOFFMAN, 1978) e sofrem com a exclusão. Para inserir o sujeito nos valores hegemônicos, a indústria da beleza e a mídia oferecem uma diversidade de mecanismos, sendo um deles o quadro “*Arruma meu marido*”, que tem como pressuposto a “transformação” corporal do participante inscrito.

Nesta lógica, a família entrega a pessoa “estragada” para ser “arrumada” (como diz o próprio nome do quadro), para que, desta forma, possa ser reinserida na sociedade. Após um apelo de seus familiares, os inscritos passam por uma análise de pessoas aleatórias mediante a exibição de uma foto do inscrito nas ruas. Essas pessoas irão inferir aos mesmos as características menos atrativas de acordo com a percepção estética de cada um (aparência física, idade e afins) e que serão de fundamental valia para o processo de mudança.

Após a transformação, a imagem da pessoa transformada é novamente levada às ruas, mostrando-se o antes e o depois, para que a população possa apreciar a diferença na corporalidade, comprovando-se que a estética dos participantes do *reality*, de alguma forma, não estava de acordo com o padrão de beleza “aceitável” pela sociedade, o que contribui para legitimar e popularizar os

ideais de beleza vigentes.

O quadro fornece indícios para compreender como a corporalidade desses sujeitos interfere em suas vidas pessoais e coletivas. Para isso, conta com uma equipe habilitada para fazer a “transformação” do participante, que envolve cabeleireiros, dentistas, estilistas, dentre outros profissionais do ramo da beleza e da boa forma.

Ainda, durante todo o programa, os familiares apontam os motivos que os levaram a fazer a inscrição do participante, sempre com um apelo emotivo, deixando evidente que a corporalidade “inadequada” desses indivíduos, de certa forma, atrapalha a dinâmica familiar e social e é causadora de sofrimentos.

Assim, busca-se com este artigo realizar uma análise discursiva do quadro “*Arruma meu Marido*”, a fim de compreender as dinâmicas que envolvem a corporalidade dos sujeitos na contemporaneidade. Reafirmando que o corpo é uma “construção social” (MAUSS, 1974; LE BRETON 2009,2007), dotada de sentidos e significados presentes em determinada cultura.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa trata da análise dos enunciados e das imagens produzidas pela mídia televisiva, tendo como objeto de estudo o quadro “*Arruma meu Marido*”, atendo-se às imagens e aos discursos inerentes ao corpo, que promovem exclusão e inclusão social dos participantes.

A pesquisa se caracteriza como descritiva, de natureza qualitativa, que trabalha os dados buscando os seus significados (TRIVIÑOS, 1987). A coleta de dados deu-se mediante o método documental, que consiste no trabalho com documentos de diferentes formatos que fornecem subsídios analíticos formados a partir do registro de um determinado grupo (OLIVEIRA, 2007). Na pesquisa em questão, os arquivos foram os vídeos relativos ao quadro “*Arruma meu Marido*”, disponível na plataforma *YouTube* veiculados no ano de 2010.

Os dados foram analisados mediante a perspectiva da análise de discurso fílmico com base na elaboração do artigo de Manuela Penafria (PENAFRIA, 2009) e nos princípios da **Poética** de Wilson Gomes (GOMES, 2004) que propõem

descobrir, compreender e apresentar os sentidos e significados presentes nos discursos, nas imagens, nos sujeitos e afins, propondo, desta forma, uma interpretação minuciosa do fenômeno estético em questão.

3 ANÁLISES E DISCUSSÕES

As análises preliminares dos documentos possibilitam confirmar que o corpo funciona como uma forma de capital, conforme enfatizado pela antropóloga Mirian Goldenberg (2011), pois as relações sociais são instituídas mediante a aparência física.

Dessa maneira, observa-se que alguns signos corpóreos (flacidez, sedentarismo, gordura, falta dos dentes, cabelos grandes e “malcuidados”, dentre outros) simbolizam uma indisciplina ou até mesmo um descaso com o corpo (GOLDENBERG, 2011), sendo os indivíduos culpabilizados pelo “fracasso” de sua própria corporalidade.

Nossa cultura, em grande parte, classifica os indivíduos de acordo com sua forma física. Assim, a aparência torna-se um “valor” imprescindível para o reconhecimento do indivíduo dentro de um contexto social. “O cuidado com o corpo está passando por uma crescente atenção por parte de toda a mídia e da sociedade em geral, é fácil de perceber” (CAETANO, 2005, p.219).

A Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos – ABIHPEC (2015) apresentou um crescimento de 11,4% nos últimos 20 anos, passando de um faturamento de R\$ 4,9 bilhões em 1996 para R\$ 42,6 bilhões em 2015. O Brasil ocupa a 4ª posição no setor, representando 7,1% do consumo mundial, ficando atrás dos Estados Unidos, China e Japão.

Os dados da Associação Brasileira de Academias – ACAD (2014) mostram que existem cerca de 33157 academias em todo território brasileiro, estimando um total de 8 milhões de alunos. Ainda, de acordo com o relatório da ACAD (2014), o setor movimenta cerca de US\$ 2,5 bilhões por ano, apontando ainda o Brasil como o segundo país do mundo em números de academias, ficando atrás somente dos Estados Unidos.

Dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica – SBCP (2009) mostram

que o Brasil continua liderando o *ranking* das cirurgias plásticas no mundo, superando até mesmo os Estados Unidos. Das cirurgias realizadas no país, 73% são estéticas e 27% são reparadoras ou reconstrutoras.

A beleza desta forma é entendida como uma questão moral. As diversas reportagens e anúncios culpabilizam os sujeitos por sua corporalidade “inadequada”, uma vez que a indústria da beleza oferece diversos mecanismos para que os mesmos se adequem aos padrões “aceitáveis” de beleza de nossa sociedade.

Desse modo, as avaliações sociais são realizadas com base nesses símbolos (SOUZA, 2004). O corpo pode ser considerado como um capital, de acordo com suas formas e seus usos, funcionando assim como um “poder” (FOUCAULT, 1997, 2000) que os indivíduos usufruem num determinado espaço para conseguir benefícios.

Nesta lógica, a antropóloga Miriam Goldenberg (2011), aponta que o corpo assume um papel importante dentro da cultura brasileira como forma de “capital”. Ainda segundo a mesma, o corpo é considerado um veículo para ascensão dos indivíduos perpassando por todas as fases etárias, desde seu nascimento, mercado de trabalho, casamento, suas relações sexuais, dentre outras. Capital esse que pode ser transformado em outras formas de capital, como econômico, cultural, social e simbólico (BOURDIEU, 2007; GOLDENBERG, 2011), e que pode ser usado nas “relações de poder” (FOUCAULT, 1997, 2000) e servir de subterfúgio de classificação social “estigmatizando” (GOFFMAN, 1978) uns indivíduos em detrimento a outros.

A juventude é um elemento primordial nos diálogos apresentados no quadro, colocando em lado oposto a velhice, que é vista como algo negativo, como um momento de decadência do corpo, que não é bem visto em nossa sociedade. Dessa forma, o *reality* mostra maneiras de se prolongar a aparência juvenil.

É enfatizado durante o quadro que ser “bonito” funciona como mecanismo de atratividade nas relações diárias, sendo que as pessoas que detêm melhores atributos físicos possuem maiores chances de ser bem-sucedidas, e que pessoas que não se enquadram nos padrões estéticos estabelecidos em nossa sociedade não usufruem das mesmas oportunidades. Nesse sentido, beleza e atratividade andam lado a lado, mas não se trata de qualquer beleza, mas da beleza exposta

pela mídia através das celebridades veiculadas em novelas, programas, revistas e afins. Um padrão muitas vezes alcançado somente mediante intervenções da tecnologia fotográfica e computadorizada, como, por exemplo, *Photoshop*².

Os participantes inscritos no quadro são tratados como uma mercadoria, como uma máquina com defeitos, os quais necessitam, incessantemente, ser “reparados”, “consertados”, “reformulados”. Sem poderem expor suas vontades, são tratados como “fantoques” humanos, dispostos a se adequarem ao que os outros acreditam que ampliaria sua beleza e atratividade. O corpo durante o quadro é fragmentado para ser arrumado em suas partes: cabelos, dentes, unhas, face.

A principal insatisfação apontada pelos familiares dos inscritos são os dentes, que encontram-se danificados, estragados e, muitas vezes, em falta. Os cabelos são o segundo ponto de insatisfação na aparência dos participantes, sendo malcuidados, compridos, grandes e despontados, estando frequentemente na cor branca, devido ao branqueamento natural. A pele é o terceiro ponto de insatisfação que recebe investimentos; geralmente possui manchas provocadas pelo tempo ou pela exposição ao sol. Esses aspectos que “necessitam” de intervenção demonstram que alguns signos corpóreos não são aceitos em nossa sociedade, como apontado por Mirian Goldenberg (2011), e que alguns sinais relativos ao processo de envelhecimento (cabelos brancos, manchas provocadas pelo tempo) devem ser “removidos”, para que se possa, cada vez mais, possuir uma aparência mais jovem. Além disso, a imagem dos inscritos é modificada pela mudança na forma de vestir.

O quadro demonstra que os vínculos de sociabilidade dos participantes inscritos encontram-se fragilizados em decorrência de sua aparência física. Suas esposas, filhos e amigos enfatizam, a todo o momento, que não se sentem confortáveis em estar com uma pessoa que se encontra privada, em muitos casos, do convívio social.

Além desse convívio, as esposas dizem que não têm mais atração física e sexual por seus maridos em decorrência de sua aparência física. Mencionam o desconforto de beijar uma boca sem dentes, alisar uma pele áspera ou passar a mão sobre cabelos malcuidados, demonstrando nojo em suas falas.

² Software utilizado para edição de imagens.

Após um forte apelo emotivo dos familiares e o participante sofrer diversos tipos de intervenções em sua aparência para sua mudança, é chegada a hora de revelar para a família a “nova pessoa” após o processo de transformação. Um grande mistério envolve esse momento de revelação, um verdadeiro espetáculo, colocando em prova tudo que foi dito no decorrer do programa. Depois de muito suspense, abre-se o telão e eis que surge o “novo” marido, quase irreconhecível. A todo o momento o apresentador coloca em destaque o antes e o depois, destacando que tudo será diferente após a mudança. Somente assim, após toda a transformação, o participante alcança a tão sonhada e almejada inclusão social.

A família enfatiza nesta hora que tudo será melhor dali por diante, a esposa beija seu marido como uma verdadeira cena de cinema, os filhos e amigos o abraçam e todos choram, o que demonstra que a aparência era o grande problema dentro da dinâmica social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste artigo foi propor reflexões sobre as ações da mídia televisiva na constituição da corporalidade dos sujeitos na contemporaneidade. Focalizando-se os artifícios utilizados pela televisão, considerada, ainda hoje, uns dos meios de comunicação mais influentes na cultura brasileira, para propor modelos de condutas e normatizações, em especial os ditames relativos ao corpo em nossa cultura.

A mídia, em especial a televisiva, é, em grande parte, a responsável pela informação passada para a sociedade brasileira, de modo que esta torna-se modeladora de condutas e pensamentos. Suas programações são, estrategicamente, formuladas para este fim. Verificamos que os *reality shows* de transformação corporal difundem ideias massificadas e modos de lidar com o corpo. São mecanismos que legitimam os conceitos de beleza, padrões relativos ao corpo e à atratividade corporal, dentre outros, e contribuem para a criação de um fantasioso imaginário, no qual a felicidade só será alcançada mediante a adequação aos ditames fornecidos pela mídia, reiterados pelo comércio da boa forma e da beleza.

O Brasil classifica-se como um dos países onde se consome

desenfreadamente inúmeros produtos e serviços referentes à beleza e às modificações corporais e lidera as pesquisas referentes às cirurgias plásticas. Esses números revelam que os brasileiros encontram-se insatisfeitos com sua corporalidade, buscando, assim, meios para adequarem-se aos padrões “aceitáveis” de beleza que são impostos e expostos pela mídia. Pois serão esses padrões que, em muitos casos, irão estabelecer a inclusão e/ou exclusão dos sujeitos na trama social. Para isso, os sujeitos moldam suas identidades corporais num passo a passo ao encontro do caminho da felicidade.

REFERÊNCIAS

ABIHPEC. **Associação Brasileira das Indústrias de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos**, 2015. Disponível em:

<https://abihpec.org.br/institucional/publicacoes/anuario-abihpec/>. Acesso em: 02/01/2017

ACAD. **Associação Brasileira de Academias**, 2014. Disponível em:

<http://www.acadbrasil.com.br/mercado.html>. Acesso em: 02/01/2017

BOURDIEU, P. **A Distinção: a crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CAETANO, G. J. . Influência da Mídia sobre o Corpo do Adolescente. In: **SEED. (Org.). Livro Didático Público de Educação Física**. Curitiba: Positivo, 2005, v. 1, p. 215-232.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **Vigiar e punir**. Tradução Raquel Ramallete. 23. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1978.

GOLDENBERG, M. Gênero, "o Corpo" e "Imitação Prestigiosa" na Cultura Brasileira. In: **Saude soc.** [online]. 2011, vol.20, n.3, pp.543-553. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000300002. Acesso em: 08/08/2016

GOMES, W. S. Princípios de poética (com ênfase na poética do cinema). In: PEREIRA, M.; GOMES, R.; FIGUEIREDO, V.. (Org.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2004.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **Adeus ao corpo**. Papyrus. São Paulo. 2007.

LOPES, L. C. **Oculto às mídias: interpretação, cultura e contratos**. São Carlos: EdUFSCar. 2004.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

NAZZARI, R. K. **Empoderamento da juventude no Brasil: capital social, família, escola e mídia**. Cascavel: Ed. Coluna do Saber, 2006.

OLIVEIRA, A. A. P. de. **Análise documental do processo de capacitação dos multiplicadores do projeto “Nossas crianças: Janelas de oportunidades”** no município de São Paulo à luz da Promoção da Saúde. 2007. 210 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem em Saúde Coletiva) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PENAFRIA, M. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: **VI Congresso SOPCOM**, Abril, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 30/01/2017.

SBCP. **Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica**, 2009. Disponível em: <http://www2.cirurgioplastica.org.br/wpcontent/uploads/2012/11/pesquisa2009.pdf>. Acesso em: 02/01/2017

SOUZA, J. C. A. de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

JORNALISMO LITERÁRIO: UM ESTUDO DE CASO NA CONTEMPORANEIDADE ✓

83

Lucas Soboleswki FLORES¹
Salete Rosa Pezzi dos SANTOS²

✓ Artigo recebido em 20/01/2018 e aprovado em 06/06/2018.

¹ Mestrando em Letras e Cultura pela Universidade de Caxias do Sul (2016-2018), Especialista em Comunicação Digital pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e pela Universidade de Caxias do Sul (2017). É graduado em Comunicação Social - Relações Públicas pela Universidade de Caxias do Sul (2014). Atua como Relações Públicas e tem experiência em assessoria de comunicação, comunicação digital e produção de conteúdo para web. E-mail: <l.s.flores@outlook.com>.

² Possui graduação em Letras Português-Francês pela Universidade de Caxias do Sul (1971), Mestrado em Letras (2001) e Doutorado em Letras - Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007). Atualmente é professor Doutor Adjunto III, tempo integral, da Universidade de Caxias do Sul. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Língua e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: Leitura, Literatura, Estudos Culturais de Gênero, História da Literatura, Ensino de Literatura.

JORNALISMO LITERÁRIO: UM ESTUDO DE CASO NA CONTEMPORANEIDADE

PERIODISMO LITERARIO: UN ESTUDIO DE CASO EN LA CONTEMPORANEIDAD

RESUMO

Este artigo apresenta uma experiência feita em um portal de notícias online, a partir da publicação de uma narrativa em formato de jornalismo literário que envolve a crença de uma comunidade local na santa protetora dos caminhoneiros, Nossa Senhora Aparecida, do município de São Marcos/RS. A orientação para elaboração do texto serviu-se do modelo de narrativas produzido pelo escritor e jornalista colombiano Gabriel García Márquez, em sua obra **Crônica de uma morte anunciada**. O estudo permitiu ver que um texto com a perspectiva subjetiva pode obter uma minuciosa observação da realidade, além de promover uma interligação entre os leitores, uma vez que sua característica é atemporal e por isso não tem uma validade definida, como ocorre normalmente com as publicações no estilo hard news, comumente tidas como principais nos portais de notícias. A ideia é que o trabalho possa fomentar em veículos de comunicação a publicação desse tipo de material, que demonstrou ser relevante para os leitores.

Palavras-chave: Jornalismo literário. Gabriel García Márquez. **Crônica de uma morte anunciada**.

RESUMEN

Este artículo presenta una experiencia hecha en un portal de noticias online, a partir de la publicación de una narrativa en formato de periodismo literario que involucra la creencia de una comunidad local en la santa protectora de los camioneros, Nuestra Señora Aparecida, del municipio de São Marcos / RS. La orientación para la elaboración del texto se sirvió del modelo de narrativas producido por el escritor y periodista colombiano Gabriel García Márquez, en su obra **Crónica de una muerte anunciada**. El estudio permitió ver que un texto con la perspectiva subjetiva puede obtener una minuciosa observación de la realidad, además de promover una interconexión entre los lectores, una vez que su característica es atemporal y por eso no tiene una validez definida, como ocurre normalmente con las publicaciones en el estilo hard news, comúnmente tenidas como principales en los portales de noticias.

Palabras-clave: Periodismo literario. Gabriel García Márquez. **Crónica de una muerte anunciada**.

1 INTRODUÇÃO

Escrito pelo famoso autor colombiano Gabriel García Márquez, ou Gabo, como também é conhecido, ***Crónica de una muerte anunciada*** é um exemplo do que se conhece por jornalismo literário, técnica de escrita que mescla elementos do jornalismo com elementos da literatura.

O estilo narrativo adotado pelo autor produziu um texto fragmentado, repleto de fatos e situações que narram a vida das personagens. Dada a importância alcançada durante a leitura de Gabo, este artigo assume, de certa forma, o desafio de analisar a técnica trabalhada pelo escritor. Entende-se que é uma literatura que permite analisar os textos que são publicados nos meios virtuais, quando se vive a era de convergência midiática, na qual a internet predomina sobre demais veículos de comunicação.

Dessa forma, realiza-se uma análise sobre o que é jornalismo literário e um estudo comparativo entre um texto desse estilo e o tradicional estilo *hard news*³ utilizado pelos portais de notícias. O comparativo foi realizado entre publicações feitas no portal **São Marcos Online**, no dia 11 de janeiro de 2017, tendo como parâmetro o estudo realizado sobre a obra ***Crónica de una muerte anunciada***. Utilizaram-se os relatórios de visitas do site e a quantidade de visualizações e comentários no *Facebook* como critérios de mensuração. Para isso, foi criado um texto com formato literário, publicado no portal de notícias, que não tem como hábito publicar esse tipo de conteúdo.

2 JORNALISMO LITERÁRIO: CONCEITOS E TÉCNICAS

O surgimento do jornalismo é algo que não encontra consenso entre os estudiosos da área e os historiadores. Nas palavras de Pena:

¹ Termo em inglês que designa as notícias cotidianas que envolvem o dia a dia de uma comunidade, bem como os cenários político, econômico e social que a cercam. O modelo *Hard News* também se caracteriza por ter atualização constante, mantendo o leitor/espectador sempre informado sobre os últimos acontecimentos.

Não há consenso sobre as origens do Jornalismo. Para muitos pesquisadores, ele começa junto com a primeira comunicação humana, ainda na Pré-história, [...]. Outros localizam o início muito mais tarde, entre os séculos XVIII e XIX, quando suas características modernas já podem ser identificadas. Ou seja, quando os jornais já possuem periodicidade, atualidade, universalidade e publicidade (PENA, 2006, p. 25).

Apesar das divergências entre estudiosos sobre a origem do jornalismo, foi somente após o surgimento da imprensa que ele se tornou popular e também foi nessa época que as primeiras mesclas das notícias com conteúdos literários começaram a surgir. Nesse sentido, disserta Montoro:

[...] la prensa era campo fundamental para los escritores. Desde su origen los periódicos abrían sus páginas a novelistas y ensayistas, a todas las gentes de letras que podían escribir un artículo, un comentario, una crítica con toda rapidez y cobrarlo con la misma celeridad (MONTORO, 1973, p. 51).

Desse modo, após a editoração e distribuição dos jornais em forma massiva, os escritores encontraram, nesse veículo informacional, uma nova forma de publicação para seus textos, uma vez que antes só era possível fazê-lo por meio de livros. Ao abordar esse período, Montoro (1973, p. 51) ressalta que “*el artículo no es como el libro, que requiere ser elaborado pausadamente*”. Nesse sentido, os escritores puderam aproveitar o novo espaço para também desenvolver novos estilos de literatura e, entre eles, destaca-se o jornalismo literário.

Na literatura hispano-americana, um autor que julgamos ter explorado muito bem o jornalismo literário em suas obras foi o colombiano Gabriel García Márquez, sobretudo na novela ***Crónica de una muerte anunciada***, em que narra a fatídica morte do protagonista Santiago Nasar.

Jornalista de formação, Gabo trabalhou como repórter em diversos jornais colombianos, sendo, inclusive, correspondente internacional do país na Europa. Essa trajetória no meio jornalístico, certamente, contribuiu para constituir o estilo do escritor ao produzir suas obras literárias.

Para caracterizar o jornalismo literário, Pena (2006) criou um modelo chamado estrela de sete pontas. Para o autor, os itens que compõem a estrela de sete pontas são “[...] todos imprescindíveis, formando um conjunto harmônico e retoricamente místico, como a famosa estrela.” (PENA, 2006, p. 13). Seguindo o

modelo proposto por Pena, analisaremos como cada característica do jornalismo literário pode ser encontrada na obra de Gabo.

A primeira ponta da estrela, segundo Pena (2006, p. 13-14), demonstra que, no jornalismo literário, “[...] os princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas.” Tais características podem ser observadas logo no primeiro parágrafo da novela de Gabriel García Márquez, que apresenta elementos, de praxe, utilizados no jornalismo tradicional, trazendo para o leitor o horário, o local e as pessoas envolvidas em um acontecimento:

El día en que lo iban a matar, Santiago Nasar se levantó a las 5.30 de la mañana para esperar el buque en que llegaba el obispo. Había soñado que atravesaba un bosque de higuerones donde caía una llovizna tierna, y por un instante fue feliz en el sueño, pero al despertar se sintió por completo salpicado de cagada de pájaros (MÁRQUEZ, 1981, p. 9).

No esquema de estrela proposto por Pena (2006), a segunda ponta do desenho “[...] recomenda ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano. Em outras palavras, quer dizer que o jornalista rompe com duas características básicas do Jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade” (PENA, 2006, p. 14). Já a terceira ponta da estrela diz que esse tipo de jornalismo não “[...] se preocupa com a novidade, ou seja, com o desejo do leitor em consumir os fatos que acontecem no espaço de tempo mais imediato possível” (PENA, 2006, p. 14).

Em ***Crónica de una muerte anunciada***, essa ruptura pode ser observada no decorrer de toda a obra, uma vez que o texto de Gabo não é datado e pode ser lido e relido por qualquer pessoa e em qualquer momento, sem perder o sentido, ao contrário do que acontece com o jornalismo factual, no qual as notícias ficam “velhas” de um dia para o outro. Desse modo, a obra de Gabo condiz com a segunda e a terceira pontas do esquema de Pena (2006).

A quarta ponta da estrela do jornalismo literário, de acordo com Pena (2006), refere-se ao exercício da cidadania. No entender do autor, um escritor desse estilo, ao “[...] escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade” (PENA, 2006, p.

14).

A obra de Márquez narra o fatídico dia da morte de Santiago Nasar, que foi assassinado por Pedro e Pablo, irmãos de Angela Vicário, moça que foi devolvida pelo marido Bayardo San Róman, após o casamento, por não ser mais virgem. A jovem disse a sua família que quem tirara sua virgindade fora Santiago e, por isso, seus irmãos saíram à caça do rapaz para honrar o sobrenome da família.

Talvez, a contribuição que ***Crónica de una muerte anunciada*** traz para o leitor, no que se refere à formação do cidadão e à solidariedade, esteja relacionada ao fato de que, praticamente, todos os moradores da localidade onde a história se passa tinham conhecimento de que os irmãos Vicário tinham a intenção de matar Santiago, e, mesmo assim, não fizeram nada para impedir o crime. Além disso, em nenhum momento da obra é dito com clareza que o protagonista realmente tirou a virgindade de Angela, pelo contrário, fica subentendido que Santiago é inocente e perdeu a vida por causa de uma mentira. Esses acontecimentos nos fazem pensar sobre a brevidade da vida e a eternidade dos sentimentos.

No que se refere à quinta ponta da estrela, no esquema organizado por Pena (2006), o “[...] Jornalismo Literário rompe com as correntes do *lead*² (PENA, 2006, p. 14), e, no decorrer da obra de Gabo, essa desconstrução do *lead* pode ser observada em vários momentos, uma vez que a narrativa não ocorre de forma linear e sim como um *puzzle*³, cujas peças vão se encaixando no decorrer da história, oportunizando ao leitor ligar os fatos. Um exemplo dessa desconstrução pode ser visto quando a narrativa é interrompida para apresentar a personagem Bayardo San Róman, noivo de Angela Vicário e causador indireto da morte de Santiago Nasar:

Bayardo San Róman, el hombre que devolvió a la esposa, había venido por primera vez en agosto del año anterior: seis meses antes de la boda. Llegó en el buque semanal con unas alforjas guarnecidas de plata que hacían juego con las hebillas de la correa y tenía una cintura angosta de novillero, los ojos dorados, y la piel cocinada a fuego lento por el salitre. Llegó con una chaqueta corta y un pantalón muy estrecho, ambos de becerro natural, y unos guantes de cabritilla del mismo color (MÁRQUEZ, 1981, p. 36).

² Esquema utilizado no jornalismo que busca responder no decorrer do texto seis perguntas básicas: Quem?, O quê?, Como?, Onde?, Quando? e Por quê?.

³ Jogo similar a um quebra-cabeça, em que o jogador necessita entender cada parte de um elemento para, somente depois, ter um entendimento do todo.

No modelo de jornalismo literário criado por Pena (2006), a sexta característica predominante desse gênero está relacionada às fontes entrevistadas para a construção de uma matéria:

A sexta ponta da estrela evita os definidores primários, os famosos entrevistados de plantão. Aqueles sujeitos que ocupam um cargo público ou função específica e sempre aparecem na imprensa. São as fontes oficiais: governadores, ministros, advogados, psicólogos, etc. Como não há tempo no Jornalismo diário, os repórteres sempre procuram os personagens que já estão legitimados neste círculo vicioso. Mas é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados (PENA, 2006, p. 15).

Isso pode facilmente ser encontrado em ***Crônica de una muerte anunciada***, uma vez que as pessoas que discutem os acontecimentos, embora sejam personagens fictícias, não são políticos ou personalidades que aparecem com frequência na mídia, mas pessoas comuns, moradoras do vilarejo que serve como pano de fundo da história, como Clotilde Armenta, dona da tenda de leite do local.

Finalmente, a última ponta da estrela ilustrada na analogia de Pena (2006) está relacionada com a perenidade:

Uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada. Fruto de infinitas relações, articuladas em teias de complexidade e indeterminação (PENA, 2006, p. 15).

Crônica de una muerte anunciada foi publicada pela primeira vez em 1981, no entanto, quando lida nos dias atuais, a obra ainda impacta e gera as mesmas reflexões, possivelmente as sensações que teria causado nos leitores da época de sua publicação original, não sendo, assim, um texto que se torna obsoleto com o passar dos anos.

Concluiu-se, então, que a obra de Gabriel García Marquez se enquadra nos requisitos propostos por Pena (2006) em relação à teoria da estrela de sete pontas do jornalismo literário. Seguindo essa mesma proposta, foi realizada uma pesquisa comparativa com a finalidade de mensurar a aceitação de um conteúdo com viés

literário em um portal de notícias contemporâneo. Os resultados poderão ser vistos detalhadamente na seção a seguir.

3 O DESEMPENHO DE UM TEXTO LITERÁRIO EM UM PORTAL DE NOTÍCIAS DA ATUALIDADE

Vivemos em um contexto no qual grande parte das experiências acontece por meio de processos midiáticos. O surgimento de uma sociedade em rede traz novas formas comunicacionais, realidade que leva ao surgimento de novos processos discursivos de produção e de construção de redes de relacionamentos e que induz a novas formas de construção social, principalmente, no que diz respeito à socialização. Por isso, cada vez mais, as pessoas estão deixando de assinar e ler jornais publicados em papel para acompanhar os portais de notícias, que levam vantagem sobre seu antecessor pelo fato de noticiarem os acontecimentos sempre em primeira mão, sem ter a necessidade de esperar o fechamento editorial e a impressão do periódico. Essa nova realidade faz com que muitos veículos impressos deixem de existir e migrem para o meio *online*, criando portais de notícias que servem como ponto de acesso direto a um conjunto de serviços e informações. Martha Gabriel (2010, p. 122) classifica como portais os “[...] sites que têm foco completamente voltado aos seus públicos e apresentam conteúdos verticais, específicos a eles”. A autora mostra que as organizações de hoje, independentemente do segmento, precisam marcar presença no mundo digital, pois é nesse espaço que os pontos de contato entre o público e as marcas se solidificam e se posicionam por meio de informações, na mente das pessoas.

Nesse sentido, o texto literário – que não tem compromisso com a realidade exterior, pois ele se alicerça em motivações subjetivas de seu produtor - tem um papel importante no veículo que leva informações e promove a comunicação, por ter como objetivo o de explorar recursos expressivos da língua para emocionar e sensibilizar o leitor.

Além da função emotiva, essa modalidade de texto, em portais *online*, costuma sobreviver à passagem do tempo, diferentemente do texto noticioso, classificado como texto não literário, que encerra seu ciclo logo após cumprir o objetivo

específico para o qual foi elaborado.

A característica plurissignificativa da linguagem literária permite a atribuição de novas interpretações por parte de diferentes leitores e, por ter uma função estética, provoca diferentes emoções no leitor.

4 METODOLOGIA E RESULTADOS APURADOS

O estudo de campo, exposto a seguir, foi realizado no portal **São Marcos Online**, que, há mais de sete anos, atua no município de São Marcos/RS, levando informações para os moradores da localidade e arredores.

As publicações realizadas no **São Marcos Online**, tradicionalmente, seguem o modelo de jornalismo factual e *hard news*, texto noticioso, havendo raramente exceções para a publicação de outros tipos de texto. A proposta, neste estudo, é a de verificar o desempenho da audiência e aceitação de um texto literário no portal de notícias. Para tanto, foi feito um acompanhamento de forma a mensurar o número de acessos, comparando-o com o de matérias que já são comuns aos leitores.

Sabe-se que boa parte da audiência do portal é derivada do *Facebook*, pois o jornal utiliza esse meio social para compartilhar os *links* das notícias e também se relacionar com os leitores. Em relação às interações na *internet*, Recuero (2009, p.37) diz que, “o conteúdo de uma ou várias interações auxilia a definir o tipo de relação social que existe entre dois integrantes”.

Desse modo, as matérias publicadas por um portal de notícias, além de informar, devem gerar engajamento de propagação⁶ entre os leitores, permitindo o compartilhamento de conteúdos com seus amigos e, assim, aumentar a quantidade de visualizações. Essa iniciativa, além de disseminar os assuntos abordados para que mais pessoas tenham acesso, também colabora para o aumento da receita financeira dos portais, uma vez que o modelo de rentabilização desse tipo de negócio ocorre,

⁴ “Em linhas gerais, o Engajamento de Propagação diz respeito a ações que geram a replicação das mensagens postadas por uma página, ou seja, quando um fã curte, comenta ou compartilha, promove a propagação da mensagem aos seus contatos. Ao receber o conteúdo vindo de amigos, outros usuários podem compartilhá-lo, mesmo não sendo fãs da página. Dessa maneira temos um exemplo de viralização, em que uma mensagem é repassada de fãs para amigos de fãs e assim sucessivamente” (PORTO, 2014, p.92).

geralmente, pela quantidade de cliques ou visualizações de anúncios publicitários.

Para medir a aceitação do texto - estilo de jornalismo literário - no portal **São Marcos Online**, foi publicada, no dia 11 de janeiro de 2017, uma narrativa com o título “A chegada de Nossa Senhora Aparecida em São Marcos: uma visão literária”. O texto possui características do jornalismo literário e narra a chegada da imagem de Nossa Senhora Aparecida, santa padroeira do município, na localidade, em 1971. Tal narrativa foi desenvolvida pelo autor do presente artigo, porém, para que não houvesse influências nos leitores da página, sua identidade não foi revelada. A publicação, na íntegra, pode ser lida a seguir:

Há mais de 45 anos, em São Marcos – RS, mais precisamente no dia 14 de novembro de 1971, acontecia a Festa dos Motoristas de São Marcos, tendo como padroeira Nossa Senhora da Conceição, mas o que ninguém sabia ainda era que esse seria o último ano da santa ocupando esse posto.

ALGUNS DIAS ANTES...

Joana, esposa dedicada ao marido e com um casal de filhos pequenos conversava com a vizinha Marieta. Ambas eram casadas com motoristas, profissão muito comum para os homens da cidade na época.

Joana: Espero que Carlos consiga voltar de viagem a tempo de participar da Festa.

Marieta: O João telefonou para a casa da dona Gioconda de um posto. Ele disse que fará o possível para estar presente.

Joana: Eu fico tão preocupada com eles na estrada. Tudo está tão perigoso nos dias de hoje. Tenho medo que lhes aconteça algo, como aconteceu com o seu Santiago.

Marieta: Vira essa boca para lá, Joana. Nada vai acontecer a eles e com certeza os dois chegarão a tempo para a festa.

Joana: Vizinha, a conversa está boa, mas preciso entrar porque as crianças devem chegar logo da escola e ainda nem comecei o almoço. Nos falamos mais tarde!

O que Joana e Marieta não sabiam é que seus maridos não retornariam para a Festa dos Motoristas. Na noite daquele mesmo dia, dona Gioconda, a única da vizinhança que possuía uma linha telefônica em casa, bateu na porta de Marieta.

Dona Gioconda: Vizinha, abre a porta! Trago notícias não muito boas.

Joana: O que aconteceu?

Dona Gioconda: Seu marido, o João.

Joana: O que tem ele?

Dona Gioconda: Um acidente terrível. Ligaram de São Paulo. O caminhão dele capotou e parece que ele faleceu.

Joana ficou sem chão. Ela não sabia o que fazer após a morte do marido. Não sabia que rumo dar à sua vida e nem como contar para as crianças que elas haviam perdido o pai.

Dias se passaram, a Festa dos Motoristas chegou e em seu discurso numa das novenas, o Pe. Osmar, que celebrava a missa disse:

– Nestes últimos três anos, tivemos muitos acidentes, com mortes de atropelamento de crianças e idosos e de caminhoneiros. Precisamos fazer algo, para conscientizar nossos motoristas, de evitarem os acidentes, criarem serenidade e evitarem as violências provocadas pela pressa, cansaço e sono.

Assim, um dos festeiros daquele ano, sugeriu que a paróquia entrasse em contato com os padres do Santuário de Aparecida do Norte para que uma réplica da imagem fosse trazida para o município.

– Sou caminhoneiro, e sempre que passo pelo Santuário, peço a proteção para Nossa Senhora Aparecida. Muitos colegas também são devotos, ela poderia ser a nossa padroeira; disse o festeiro.

Desse modo, os padres de São Marcos entraram em contato com a administração do Santuário de Aparecida e conseguiram que uma imagem fac-smile fosse trazida para o município.

A imagem chegou à cidade no ano seguinte, em um dia muito chuvoso e desde então se comemora anualmente a Festa de Nossa Senhora Aparecida e dos Motoristas. (SÃO MARCOS ONLINE, 2017, p. 1).

Na mesma data, foram publicadas outras duas matérias no portal, sendo uma relacionada a um acidente de trânsito, ocorrido na cidade, e outra que aborda os trabalhos realizados pelas secretarias municipais de Obras e Serviços Públicos do município, nos primeiros dias de mandato do novo governo. Os resultados mensurados são os apresentados a seguir.

O portal de notícias **São Marcos Online**, em suas próprias publicações, divulga a quantidade de acessos que alcançou a cada página. Sendo assim, no dia 18 de janeiro de 2017, uma semana após a publicação do texto literário, os resultados mensurados foram:

Figura 1 – Manchetes do **São Marcos Online** no dia 11 de janeiro de 2017



Fonte: Elaborada pelo autor a partir das publicações no **São Marcos Online** (2017).

Observa-se que a publicação mais acessada do dia foi a matéria falando sobre as ações das secretarias municipais de Obras e Serviços Públicos, que obteve uma audiência de 2.321 visualizações. Em segundo lugar ficou a notícia que trazia informações sobre um acidente de trânsito, com 1.273 visualizações. O texto em forma de jornalismo literário, que narra a chegada da santa padroeira ao município, ficou com 1.049 visualizações.

Apesar de ser a publicação menos visualizada, pode-se considerar que o texto obteve boa aceitação do público, principalmente, por se tratar de um gênero até então não explorado pelo veículo.

Já, quando compartilhadas na página do portal de notícias no *Facebook*, os resultados alcançados foram diferentes:

Figura 2 – Publicação na página do **São Marcos Online** no *Facebook*



Fonte: Página do *Facebook* do **São Marcos Online** (2017).

Figura 3 – Publicações na página do **São Marcos Online** no *Facebook*



Fonte: Página do *Facebook* do **São Marcos Online** (2017).

Conforme apontam os dados das figuras, retiradas da página do portal **São Marcos Online** no *Facebook*, as três publicações tiveram resultados diferentes. A matéria que fala sobre o trabalho das secretarias municipais obteve um alcance de 6.355 pessoas, das quais 90 reagiram⁷ à publicação e 16 a compartilharam em seus perfis pessoais. Já o texto em formato literário, alcançou 2.734 visualizações, sendo que 72 pessoas reagiram à publicação e uma compartilhou em seu perfil pessoal. Em última colocação, ficou a notícia sobre o acidente de trânsito, com 2.552 pessoas alcançadas, 18 reações e um compartilhamento.

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO

Nos textos literários, a linguagem apresenta um sentido plurissignificativo. Empregadas em alguns contextos, como em contos e narrativas poéticas, as palavras ganham novos sentidos, figurados, carregados de valores afetivos ou sociais. A linguagem subjetiva, usada na literatura, também é empregada em letras de música,

⁵O *Facebook* disponibiliza seis opções de reação para quem visualiza uma publicação: Curtir, Amei, Haha, Uau, Triste e Grr. Tais reações denotam o sentimento que o usuário tem ao visualizar uma publicação na mídia social.

anúncios publicitários, conversas do dia-a-dia e em espaços específicos que os veículos de comunicação e informação destinam para estabelecer relações com seus leitores, ouvintes ou telespectadores.

No portal de notícias **São Marcos Online**, até o final do ano de 2016, não havia um espaço específico para textos de cunho literário. Porém, ao se propor uma nova “roupagem” ao espaço, percebemos que se poderiam flexibilizar os gêneros textuais existentes, incluindo os literários para compor os demais gêneros usados nas comunicações cotidianas. Constatou-se que a proposta ganhou força ao analisarmos o número de pessoas que curtiram a matéria pertencente a esse gênero.

Dessa forma, podemos concluir que a abertura de espaços para textos literários pode ampliar o número de seguidores do portal, pois o jornalismo literário, apesar de construir cenários e personagens ficcionais, também pode seguir pela vertente do romance-reportagem, tipo de narrativa em que, de acordo com Pena, o autor não cria um enredo ou narra um fato sem estar veiculado a uma situação real:

Ele se concentra nos fatos e na maneira literária de apresentá-los ao leitor. Trata-se do cruzamento da narrativa romanesca com a narrativa jornalística. O que significa manter o foco na realidade factual, apesar das estratégias ficcionais (PENA, 2006, p. 103).

Logo, o jornalismo literário, por se caracterizar pela convergência de realidade e ficção, cumpre a missão de informar, preservando a essência jornalística, porém com ganho em vocabulário, estrutura narrativa e aprofundamento de conteúdo. Esse trinômio, que alicerça e ornamenta o texto levado ao leitor, foi percebido na pesquisa realizada, mesmo que tenha sido feita somente com uma única publicação. Ainda foi possível verificar que existe audiência para conteúdo literário, em portais de notícias. Essa constatação foi possível a partir da postagem do texto na plataforma do *Facebook*, local em que ocorreu mais interações de usuários do que a matéria que noticiava um acidente automobilístico, tipo de assunto que rotineiramente é o mais acessado no portal.

Consideramos que o estudo foi de grande importância, pois ficou evidente que o jornalismo literário é fonte inesgotável de informação, pois nele está subjacente a versão mais completa do que se considera notícia, e o ganho ao leitor não fica reduzido ao conteúdo básico de matérias que costuma receber. Na verdade, é

oferecida ao destinatário uma carga generosa de elementos para uso intelectual e emocional.

Soma-se a esses fatos, a carência que grande parte da população tem de consumo da literatura e por isso a disseminação de conteúdo desse tipo, em um portal de notícias, pode contribuir para que mais pessoas tomem gosto pela leitura literária e despertem a curiosidade para conhecer autores e obras.

E, por fim, cabe dizer que a literatura pode contribuir para que o jornalismo cumpra as quatro principais razões de sua existência, que são: “[...] informar, interpretar, orientar y entretener” (MONTORO, 1973, p. 57). Ao se trabalhar paralelamente o jornalismo e a literatura, acreditamos que muitos serão os ganhos, tanto para quem produz o conteúdo, como para o leitor que tem acesso a uma maior diversidade de formatos para se informar, entreter e construir conhecimento.

REFERÊNCIAS

A CHEGADA DE NOSSA SENHORA APARECIDA EM SÃO MARCOS: UMA VISÃO LITERÁRIA. **São Marcos Online**, São Marcos/RS, 11 jan. 2017. Disponível em: <<http://www.saomarcosonline.com/a-chegada-de-nossa-senhora-aparecida-em-sao-marcos-uma-visao-literaria/>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

BIOGRAFIA DE GABRIEL GARCÍA MARQUEZ. **Ebiografia**. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/gabriel_marquez/>. Acesso em: 13 jan. 2017.

BRIGADA MILITAR REGISTROU UM ACIDENTE DE TRÂNSITO NESTA TERÇA-FEIRA. **São Marcos Online**, São Marcos/RS, 11 jan. 2017. Disponível em: <<http://www.saomarcosonline.com/brigada-militar-registrou-um-acidente-de-transito-nesta-terca-feira/>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

GABRIEL, Martha. **Marketing na era digital**: conceitos, plataformas e estratégias. São Paulo: Novatec, 2010.

MARQUEZ, Gabriel García. **Crónica de una muerte anunciada**. Bogotá: Editorial la Oveja Negra, 1981.

MONTORO, Jose Acosta. **Periodismo y literatura**. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1973.

MUTIRÃO ENTRE SECRETARIAS DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS TENTA COLOCAR A CASA EM ORDEM. **São Marcos Online**, São Marcos/RS, 11 jan. 2017. Disponível em: <<http://www.saomarcosonline.com/mutirao-entre-secretarias-de-obras-e-servicos-publicos-tenta-colocar-a-casa-em-ordem/>>. Acesso em :18 jan. 2017.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PORTO, Camila. **Facebook marketing**: tudo o que você precisa saber para gerar negócios na maior rede social do mundo. São Paulo: Novatec, 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA EM A ASA ESQUERDA DO ANJO, DE LYA LUFT ✓

99

Maria Aparecida Nogueira SCHMITT¹
Francine Nogueira SCHMITT²

✓ Artigo recebido em 15/02/2018 e aprovado em 21/05/2018.

¹ Pós-Doutorado em Letras Neo-Latinas pela UFRJ. E-mail: <mariaschmitt@pucminas.cesjf.br>.

² Especialização em Tradução Português-Inglês e Inglês-Português pelo CES/JF e Especialização em Estatística pela UFJF. E-mail: <frannsguerra@hotmail.com>.

FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA EM A ASA ESQUERDA DO ANJO, DE LYA LUFT

RESUMO

Elaborar um estudo sobre a dor do não pertencimento do indivíduo, decorrente da experiência do exílio e do alcance dos efeitos da cultura hegemônica do colonizador, situações simbolicamente apresentadas na trama de A asa esquerda do anjo, romance de Lya Luft, constitui o escopo deste trabalho. Nessa obra, a narradora-protagonista, Gisela, e sua avó, a matriarca Frau Wolf, caracterizam-se como polos opostos da violência simbólica. Se por um lado Gisela é marcada pela imposição hegemônica de uma cultura alheia à sua, por outro lado a avó representa o papel do opressor, ancorando-se nas suas origens alemãs e procurando fazer de seu núcleo familiar uma Alemanha no território brasileiro. O vigor da tradição que nutre o sentimento de nacionalismo da avó o transforma em uma força opressora. Em Frau Wolf fica estabelecida a dialética colonizador/colonizado que acaba por causar o aniquilamento sociocultural do colonizado e, por conseguinte, a sua descivilização. À luz dos estudos de Aimé Césaire, Édouard Glissant, Stuart Hall, Edward Said e Jacques Derrida são abordados temas norteadores para a análise desse processo de aniquilamento de uma cultura por outra e de suas consequências.

Palavras-chave: Exílio. Colonizador. Colonizado. Identidade. Descivilização.

IDENTITY FRAGMENTATION IN A ASA ESQUERDA DO ANJO, BY LYA LUFT

ABSTRACT

The present work aims at studying the pain originated from one's feeling of unbelonging, due to the experience of the exile, as well as the colonizer's cultural hegemony, situations symbolically presented in the plot of A asa esquerda do anjo, novel by Lya Luft. In this work Gisela, who is the narrator-protagonist, and her grandmother, matriarch Frau Wolf, are characterized as opposing poles of symbolic violence. If on the one hand Gisela is marked by the hegemonic imposition of an extrinsic culture, on the other hand her grandmother represents the oppressor, since she anchors herself to her German origins and tries to turn her family nucleus into a Germany in Brazilian territory. The traditional strength nourishing the grandmother's feeling of nationalism turns such a feeling into an oppressive force. The colonizer/colonized dialectics is established through the character of Frau Wolf, ultimately leading to the socio-cultural annihilation of the colonized and therefore its decivilization. Under the light of the studies by Aimé Césaire, Édouard Glissant, Stuart Hall, Edward Said and Jacques Derrida, some guiding themes are used for the analysis of this annihilation process which is suffered by forcibly superimposing one culture upon another and its consequences.

Key-words: Exile. Colonizer. Colonized. Decivilization.

1 INTRODUÇÃO

Em **A asa Esquerda do Anjo**, segundo romance de Lya Luft, duas personagens marcadas pelas dores do exílio atuam em perspectivas distintas: a narradora-protagonista Gisela, que vive um exílio às avessas, e sua avó, Frau Wolf. Gisela, sentindo-se expatriada no próprio país pelo fato de se ver obrigada a abdicar de sua cultura, vive uma existência marcada pelo sentimento de insegurança e inferioridade, enquanto Frau Wolf desempenha o papel hegemônico da matriarca que, por sua vez, busca aplacar a dor do não pertencimento por meio da imposição de sua cultura de origem aos membros da família, valendo-se de seu caráter rígido e imponente.

Por meio de uma leitura simbólica das posturas e reações das personagens, questões existenciais são discutidas no que diz respeito ao sentimento de pertença, à associação entre nacionalismo e exílio e aos processos de aquisição e transformação cultural. Os estudos de Édouard Glissant (1996) embasam, neste trabalho, as considerações sobre identidade cultural e percepção dos meios pelos quais essa identidade toma forma, à medida em que tais relações se consolidam dentro da sua concepção de **pensamento raiz** e **pensamento rizoma**. Para se pensar em como o conceito de nacionalidade é retratado e como o sentimento de pertença é trabalhado na trama romanesca de **A asa esquerda do anjo**, recorre-se ao aporte teórico de Edward Said (2003). As considerações do **nós** e do **outro** de Stuart Hall (2008) constituem fundamentação teórica no que se refere ao sentimento do nacionalismo exacerbado decorrente do processo de desterritorialização que Gisela e Frau Wolf vivenciam. Relevante se faz aqui recorrer à divisão binária do que é **o mesmo** e do que é **o outro** de Jacques Derrida (2003) ao propor o conceito de *différance* para que se considerem as distintas nuances de similaridades e de contrastes inerentes ao processo de absorção cultural.

Gisela, a personagem central do romance, revela a crise identitária levada às últimas consequências, que se torna evidente na atitude da personagem de se fechar para sentimentos e sensações, ao tratar o amor com extrema frieza, autointitulando-se Rainha das Neves. Como recurso poético, a autora recorre ao insólito na quebra dos parâmetros racionalizados das formas tradicionais, sobretudo

ao final da narrativa, quando um parto simbólico apresenta ao leitor um ser gerado disforme, totalmente afastado dos padrões humanos.

A subversão dos princípios modelares das instituições humanas é retratada no episódio em que Stephan, casado com a filha de Frau Wolf, e Anemarie, sobrinha de Stephan, assumem o relacionamento amoroso e fogem juntos, deixando o núcleo familiar. A atuação desses personagens configura o que Hall, em **Da diáspora: identidades e mediações culturais** (2008), considera como **metáforas de transformação** a quebrarem as velhas hierarquias e a substituí-las por novos valores e significados. Segundo Hall, as **metáforas de transformação** fornecem meios para se pensar de modo não reducionista sobre as relações estabelecidas entre o domínio social e o simbólico no processo de transformação cultural.

2 DESENVOLVIMENTO

O romance em questão revela como as duas personagens centrais e conflitantes, Gisela e sua avó Frau Wolf, assumem padrões de comportamento e emoções condizentes com as diferentes formas de exílio experimentadas por cada uma. O enredo de **A asa esquerda do anjo** gira em torno da vida de uma família de descendência germânica do sul do Brasil. O relato corre por conta de Gisela, narradora-protagonista, cuja mãe passa por situações constrangedoras, decorrentes de sua origem genuinamente brasileira e de seu deslocamento espacial, com a carga de acarretar o choque cultural entre nacionalidades distintas. A matriarca da família, Frau Wolf, constitui-se como símbolo de despatriamento diaspórico e, portanto, impõe-se em território alheio ao criar para si um país construído por lembranças fortes de sua terra Natal. No romance, Gisela e a mãe, Maria da Graça, sofrem com a rejeição, nem sempre velada, da avó e sogra, respectivamente. Ambas incomodam Frau Wolf, tanto pelo sotaque baiano de Maria da Graça quanto pela semelhança física de Gisela com a mãe. A narradora-personagem, deslocada do contexto em que vive, perde a identidade que se fragmenta em decorrência da subordinação imposta pela avó. Frau Wolf, exilada de sua terra natal, assume a rígida postura social, na tentativa de transformar sua casa em uma Alemanha no território brasileiro. Como reação ao sentimento de estar simbolicamente exilada,

apresenta uma tendência repressora e anacrônica. Nessa postura da matriarca está configurado o que Édouard Glissant denomina de **pensamento raiz** ao tratar do afastamento do indivíduo de seu país de origem conforme assevera:

A raiz é única, é uma origem que de tudo se apodera e que mata o que está à sua volta; opõem-lhe o rizoma, que é uma raiz desmultiplicada, que se estende em rede pela terra ou no ar, sem que nenhuma origem intervenha como predador irremediável. O conceito de rizoma mantém, assim, a noção de enraizamento, mas recusa a idéia de uma raiz totalitária. O pensamento do rizoma estaria na base daquilo a que chamo uma poética da Relação, segundo a qual toda a identidade se prolonga numa relação com o Outro (GLISSANT, 2011, p. 21).

Em **A asa esquerda do anjo**, o **pensamento raiz** pode ser identificado na postura da avó, que tem seus sentimentos e atitudes norteados pelo nacionalismo. O episódio que descreve as festas natalinas na trama revela esse patriotismo exacerbado em detalhes, nas preocupações de Frau Wolf em presentificar no Brasil lembranças de sua terra de origem. A caixa de música trazida da Alemanha, os cantos germânicos, as comidas típicas, tudo é usado para festejar o Natal brasileiro, como registrado nas palavras de Gisela:

Os adultos me pareciam melancólicos. Minha avó recordava os Natais da sua infância com neve. Acabávamos por festejar como exilados: nossos cantos, nosso idioma, nossas comidas, nada tinham a ver com o Brasil de Maria da Graça Moreira Wolf, que cantava com sotaque, e eu naquela hora não achava graça nenhuma (LUFT, 1992, p. 50).

A forma saudosista de preparar as festividades natalinas remete aos estudos de Edward Said, ao tratar da associação entre nacionalidade e exílio. O crítico palestino entende o nacionalismo como “[...] uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. Ele afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes e, ao fazê-lo, rechaça o exílio, luta para evitar seus estragos” (SAID, 2003, p. 49). Desse modo, avó e neta atuam na tessitura narrativa no desconcertante território do não pertencimento, que, segundo Said, fica situado “[...] logo adiante da fronteira entre ‘nós’ e os ‘outros’” (SAID, 2003, p. 50, grifo do autor).

O sentimento de desagregação é também experimentado pelas duas personagens: enquanto Frau Wolf se agarra à tradição como manancial de resgate e

consolidação cultural, Gisela vive a exclusão no estabelecimento da dualidade conflitante dentro/fora. Configura-se, assim, o conceito fechado de diáspora defendido por Stuart Hall:

O conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora (HALL, 2008, p.32, grifo do autor).

Ao se constituir, portanto, um agente do modelo diaspórico fechado de Hall, a avó pode ser vista como um microcosmo do movimento cultural hegemônico. Vive em função de garantir que essa hegemonia seja preservada no núcleo familiar e seu cérebro funciona de modo a filtrar o que julga ser oportuno ao memorialismo recrudescido que alimenta.

Ressalte-se que o poder hegemônico não atua da mesma forma sobre todos os membros da família: as tias não o questionam, a mãe parece ser mais consciente sobre suas atitudes de subserviência à avó, embora o faça mais para agradar ao esposo. Subversor da ordem hierárquica de Frau Wolf, Stephan, tio de Gisela, diferentemente dos demais homens da família, chega a ironizar a prepotência da matriarca. Gisela, sente-se totalmente desconfortável e desajustada nesse contexto, e, embora tenha sua autoestima corroída pelo domínio da avó, tenta se adequar. As diferentes nuances com que cada membro da família absorve a cultura imposta por Frau Wolf no romance remete ao conceito de *différance* de Derrida (2003), segundo o qual há uma quebra dessa divisão binária do que é **o mesmo** e do que é **o outro** em ondas de similaridades e diferenças. Para Derrida, todas as pessoas “[...] negociam culturalmente em algum ponto do espectro da *différance*, onde as disjunções de tempo, geração, espacialização e disseminação se recusam a ser nitidamente alinhadas” (DERRIDA, 1972 apud HALL, 2008, p.73).

Pode-se observar na condição de Gisela e da avó uma representação simbólica da dialética **colonizador** e **colonizado**, já que, segundo Said, o significado de ser **colonizado** se expande daquilo que se entende por um povo oprimido e vitimizado, passando a designar quaisquer classes subjugadas e oprimidas, quer sejam mulheres, minorias nacionais, enfim, vozes silenciadas. Para Said, “[...] ser um dos colonizados é potencialmente ser muitas coisas diferentes, mas inferiores,

em muitos lugares diferentes, em muitos momentos diferentes” (SAID, 2003, p.116). Esse ser inferior mencionado por Said é simbolicamente representado no romance pelo desconforto de Gisela, ao se sentir inferior por não se adequar aos padrões determinados pela avó e, principalmente, por se entender como mestiça. Isso fica registrado na passagem em que Gisela narra o descontentamento de Frau Wolf em relação ao casamento do filho com a nordestina Maria das Graças:

Mais tarde fiquei sabendo que o casamento de meu pai com ela trouxera grande desgosto para a família, especialmente Frau Wolf. Otto, o filho querido, primeiro membro da família a se casar com alguém que não era de origem alemã: quando minha avó me fitava com desagrado, eu me envergonhava como se fosse mestiça (LUFT, 1992, p. 46).

A narradora-personagem representa a quebra do equilíbrio, como fruto de uma união entre a cultura germânica, considerada pela matriarca como hierarquicamente superior, e a nordestina, simbolizando o elemento intruso no gueto familiar. A relevância dessa percepção de desequilíbrio em decorrência da perda da pureza racial é bem exemplificada nas palavras de Aimé Césaire (1978) ao mencionar a resistência da França por entender a mistura racial como sendo o real motivo da crise no país: “Em suma, a mestiçagem, eis o inimigo. Não mais a crise social! Não mais a crise econômica! Já não há senão crises raciais!” (CÉSAIRE, 1978, p. 50). Em **A asa esquerda do anjo**, a matriarca atribui à mãe e à filha a responsabilidade pelo fato de a família Wolf não mais conservar os elementos originais da cultura alemã. São tratadas com hostilidade e desprezo, o que Gisela responde de forma sutil, conforme está registrado na seguinte passagem da obra:

Puxava de propósito o fio até enrugar o tecido; metal que eu usasse, exceto ouro e prata, enferrujava depois de algumas semanas, era preciso trocar seguidamente minhas agulhas e tesouras. Ninguém sabia ao certo porque era assim. “Sangue ruim”, ouvi comentarem um dia. Nunca mais esqueci (LUFT, 1992, p. 75, grifo da autora).

Gisela tem consciência de constituir a causa do desequilíbrio da zona de conforto que Frau Wolf busca nas tentativas de resgate de suas raízes culturais e étnicas. Essa percepção na autocrítica da personagem está evidenciada na passagem que segue:

Dela herdei os olhos pretos, que em mim ficavam deslocados, não combinavam com o cabelo desbotado, a pele branca. Não me transmitiu o que eu mais desejava ter: a alegria, a capacidade de adaptação. Mas era possível que partilhássemos, sem comentar, a sensação de estarmos no lugar errado. Maria da Graça, numa família de Helgas e Heidis. E eu, Guísela ou Gisela? Minha mãe pronunciava Gisela; o resto da família dizia Guísela, à maneira alemã, que eu achava horrenda (LUFT, 1992, p. 20).

Transpondo esse preconceito da avó para a análise da questão multicultural, interessante se faz ponderar sobre o significado da categorização em raça e etnia, temas pertinentes à questão da exclusão. A primeira, a raça, não é científica e, segundo Stuart Hall (2008), trata-se de uma construção política e social, em torno da qual se estrutura um poder socioeconômico de exploração e exclusão, o racismo. Para o teórico jamaicano, o racismo biológico “[...] privilegia marcadores como a cor da pele. Esses significantes têm sido utilizados também, por extensão discursiva, para conotar diferenças sociais e culturais” (HALL, 2008, p. 67). A lógica racista justifica em termos de distinções genéticas e biológicas as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial. Nesse sentido, como o nível genético não é perceptível de modo imediato, acaba sendo materializado em padrões reconhecíveis, tais como a cor dos olhos ou dos cabelos, o que, no romance, torna-se visível ao serem mencionadas as feições de Gisela e da mãe em comparação com as da prima Anemarie, esta última alemã legítima. A etnia, por sua vez, busca a justificativa das diferenças com base nas características culturais e religiosas, sendo que ambas nunca operam de modo exclusivo. Para Hall (2008, p. 68), a diferença justificada pela cor da pele e as diferenças socioculturais acabam por se articular, ocorrendo simultaneamente, de modo que podemos entender racismo biológico e discriminação cultural não como dois sistemas distintos, mas, sim, como dois registros ou duas lógicas do racismo. No romance, essas duas formas diferentes de racismo são claramente praticadas de modo simultâneo pela matriarca, ao privilegiar tanto as feições que deixassem clara a pureza da raça alemã quanto aqueles elementos culturais típicos dessa raça, como a culinária, a erudição trazida pela musicalidade e a prevalência do idioma germânico na família.

A brutalidade da avó para neutralizar Gisela no que diz respeito aos seus sentimentos e às suas reações podem ser entendidos como o que Aimé Césaire (1978) entende por um processo de **descivilização** tanto do colonizador quanto do

colonizado, a partir de uma catarse coletiva. Cite-se como exemplo o episódio em que a menina, em um dos raros momentos de demonstração afetiva, cuida de uma pomba ferida, pelo que é repreendida pela avó, que considera o animal sujo. Gisela acaba por matar acidentalmente a ave, ao retê-la forte de encontro ao corpo para que não lhe tomassem aquela que elegeu como amiga, o que está registrado na confiança que faz ao leitor: “Matei o que amava, porque o quis reter comigo e não deixaram. Então eu não sabia que pássaros tem piolhos?” (LUFT, 1992, p. 65). Decorre dessa passagem um momento epifânico, quando a personagem conclui que “Não era limpo amar” (LUFT, 1992, p. 65). Assim, a narradora-protagonista passa a se fechar a tudo aquilo que pode ser considerado impróprio, ou sujo, ou indecente, na concepção da avó.

Decorrente do processo de **descivilização**, Gisela assume uma postura fria e arredia quanto a seus sentimentos, modo que encontrou para lidar com as constantes censuras e exigências da avó. Assim, a questão do que era considerado aceitável, ou não, para os padrões da matriarca, permeia o romance em vários momentos, desencadeando na protagonista preocupações constantes e intenso pudor com relação a tudo aquilo que, segundo a opinião de Frau Wolf, era inadequado. Essa repressão se instaura e se revela, por exemplo, nas passagens em que Gisela é proibida de se sentar diretamente na areia ou no banco de pedra que, no romance, indiciam lugares contrastantes com os ideais de higiene da avó. Os sentimentos e desejos contidos no âmago de Gisela são ceifados, cedendo espaço para seu rancor e sua amargura. Instaura-se a **negação do direito à personalidade**, termo usado por Mário de Andrade ao prefaciá-la obra de Césaire, **Discurso sobre o colonialismo** (1978). O exagero de Frau Wolf, ao estabelecer tantas regras quanto ao que seria anti-higiênico ou inadequado, bem como o sadismo com que reage às possíveis transgressões dessas regras, espelham a habilidade das civilizações europeias em seus discursos colonialistas, conforme as palavras de Césaire:

Colonização e civilização?

A maldição mais comum nesta matéria é deixarmos-nos iludir, de boa fé, por uma hipocrisia colectiva, hábil em enunciar mal os problemas para melhor legitimar as soluções que se lhes aplicam (CÉSAIRE, 1978, p. 14).

Há, portanto, os que fazem com que sua cultura se sobreponha a outra sob a justificativa do progresso e falam da cura de doenças, de condutas adequadas, de higiene impecável. E enquanto o racista que se nega como tal, ou o moralista de generosas intenções colonizantes mantém esse discurso, Césaire assim rebate:

Eu, eu falo de sociedades esvaziadas de si próprias, de culturas espezinhadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas.

(...) Falo de milhões de homens arrancados aos seus deuses, à sua terra, aos seus hábitos, à sua vida, à vida, à dança, à sabedoria.

Falo de milhões de homens a quem inculcaram sabiamente o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, a genuflexão, o desespero, o servilismo (CÉSAIRE, 1978, p. 27).

Desenrola-se o tempo narrativo e Gisela, já crescida, continua a falar alemão com a avó, porém com indícios do sotaque brasileiro da mãe. Os exercícios de letra gótica terminam e as lições de piano acontecem com menos frequência, pois já é muito crescida para que a avó continue lhe batendo nos dedos e nas costas com a bengala ao errar as lições. A narradora-protagonista passa a perceber o fingimento, a hipocrisia que permeia por entre os integrantes da família que colaboram para a perpetuação do debate elitista da avó no que tange a uma cultura ideal. Passa a questionar até mesmo a autoridade de Frau Wolf, que passa a ser vista como uma farsa para que seu antigo mundo se mantenha de pé. Percebe que inclusive Anemarie, a preferida pela avó como um modelo de perfeição, também havia mudado de alguma forma. A própria avó havia mudado, embora ainda conservasse a postura imponente daqueles que se recusam a demonstrar qualquer fraqueza:

[...] a velha Wolf, rosto já cortado de infinitas rugas, mantém a postura de sempre. Se o calor a abate, não demonstra; as decepções lhe vincaram mais a testa, os cantos da boca baixaram-se, manifestando o desprezo por um mundo que não correspondeu às suas expectativas. Como me considero uma dessas decepções, vê-la me deprime. O apego às tradições do seu país também vai se frustrando, meus primos já não falam alemão; agora rapazes, não comparecem aos almoços. Em pouco tempo talvez não venhamos mais a festejar o Natal com as velhas canções alemãs; depois de tia Marta, quem executará suas receitas? (Luft, 1992, p. 77).

Nessa passagem do romance, observa-se um enfraquecimento hegemônico de Frau Wolf, e um movimento de resistência começa a tomar forma. A princípio incípida, essa resistência se agiganta até culminar na transgressão máxima, ao estilhaçar a família: Anemarie, o peixinho dourado, o *Goldenfisher*, como Frau Wolf denomina em alemão a neta, foge com o tio Stephan, anulando a figura da avó e simbolicamente negando toda uma cultura. Esse momento de transgressão, observado no romance, remete à questão das **metáforas de transformação** no debate sobre cultura dominante e mudança cultural. Segundo Hall (2008), tais metáforas levam a imaginar as consequências do questionamento das velhas hierarquias e dos padrões sociais e sua substituição por novos significados, valores e configurações socioculturais. Para ele, essas metáforas devem conter um valor analítico que forneça meios de reflexão acerca das relações entre o social e o simbólico de modo não reducionista. A concepção marxista de que as ideias da classe dominante em todas as épocas são as ideias que prevalecem, que a força material dominante é também a força intelectual que se sobrepõe, é uma simplificação dramática já superada pela teoria cultural moderna. Vê-se a representação disso no fato de Anemarie, que constituía o ícone da perfeição para a avó, ter sido a grande transgressora dessa força dominante.

A punição pela transgressão de Anemarie e Stephan se deu na forma de silêncio. Frau Wolf proibiu que se falasse no assunto e determinou que ambos fossem esquecidos, tal como se nunca houvessem existido. Duas redomas foram quebradas, tanto a de Anemarie, no rompimento de sua imagem de pureza imaculada, quanto a da avó que via seu símbolo de perfeição e utopia cultural alemã se desfazer. Percebem-se sinais de abalo da matriarca em pequenos detalhes simbólicos, tal como o deixar de dar corda nos relógios, ou o passar a realmente se apoiar na bengala.

Há na obra a reiteração de um signo, o de um anjo sobre a lápide do túmulo familiar de Frau Wolf, que na trama aponta para situações diversas e para diferentes desfechos. Em tais recorrências, o anjo se apresenta como leitmotiv a sinalizar para o enigmático e a realçar polaridades como o sagrado e o profano, a santidade e o erótico. Mais uma vez, epifanicamente, clareiam para o leitor nas obscuridades intuídas por Gisela, sensações, frustrações, idas e vindas de uma consciência em

crise e de sentimentos antagônicos entre amar e desprezar. Assim sendo, o mesmo anjo de bronze, apresentado ao leitor nas primeiras linhas do romance, a guardar o jazigo da família Wolf e a indicar o caminho difícil do céu, sobrevoa o enredo e alcança as palavras finais em um encerramento magistral de toda a trama: “No cemitério, na entrada do Jazigo, a asa esquerda do Anjo se fende um pouco mais” (LUFT, 1992, p. 141, grifo do autor).

Relevante consideração tece Micea Eliade sobre a dualidade sagrado/profano:

O leitor não tardará a dar-se conta de que o *sagrado* e o *profano* constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história. Esses modos de ser no Mundo não interessam unicamente à história das religiões ou à sociologia, não constituem apenas o objeto de estudos históricos, sociológicos, etnológicos. Em última instância, os modos de ser *sagrado* e *profano* dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos e, conseqüentemente, interessam não só ao filósofo mas também a todo investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis à existência humana (ELIADE, 2012, p. 20, grifo do autor).

Para Gisela, em suas crises existenciais, o anjo sobre a lápide tumular inspira percepções que oscilam entre bem e mal; vida e morte; masculino e feminino; desejo e repulsa. Considere-se a passagem em que a narradora-protagonista apresenta a escultura do anjo que, na trama, assume o papel de personagem transgressor do celestial em uma incursão autoral pelas alamedas da desconstrução pós-modernista.

De longe podia-se ler, por cima da porta do jazigo, a inscrição: FAMILIE WOLF. À direita da entrada, o Anjo de bronze, maior do que um homem, sentado, a mão direita erguida para o céu, a esquerda pendendo cansada no regaço. Minha avó explicava que era um dos arcanjos que guardam o Paraíso, mas como não sabia se era Miguel, Gabriel ou Rafael, para mim ficou sendo apenas o Anjo, e pertencia à nossa família. Moça ou rapaz? O rosto era de um belo adolescente, mas os cabelos desciam até os ombros, e debaixo dos panejamentos de bronze entreviam-se seios redondos. Eu tinha vergonha de olhar, mas eram seios. Um Anjo misterioso, concentrando na pesada matéria em que se mobilizava a eternidade de seu gesto e expressão, os enigmas da vida e da morte (LUFT, 1992, p. 41).

O anjo, a velar realidade e ficção, perpassa a trama norteando impulsos que se originam dos domínios de Eros e Tanatos. Preside situações decorrentes da vida em movimento, e as conexões paixão-morte, no tema do amor fatal, atravessam o enredo cujos personagens se vestem de diferentes roupagens de acordo com o momento em que atuam. Como na morte barroca, culposa, torturada, entre pecado e perdão, o relacionamento de Anemarie e Stephan recebe a punição pela transgressão em que incorrem, quando Anemarie é dizimada por um câncer uterino e, nesse episódio, o Anjo representa o anunciador da morte.

Lúcia Castello Branco (2004) refere-se à expressão artística como atendendo ao impulso para a totalidade do ser em sua união com o universo e entende a comunicação que se estabelece entre a obra de arte e o leitor como nitidamente erótica.

O prazer diante de uma obra de arte não é, em primeira instância, intelectual, racional, embora a razão possa interferir através de julgamentos de valor, apreciações críticas que todo leitor/expectador termina por fazer. O primeiro contato entre o expectador e o objeto artístico é sempre sensual: aquela obra nos agrada ou nos desagrada, nos “toca” e nos “conecta” ou nos é indiferente. Nesse sentido, a arte corresponde a uma modalidade perversa de erotismo (BRANCO, 2004, p. 12, grifo da autora).

A punição pela transgressão torna-se mais contundente com a simbologia da morte roendo o útero, raiz da vida, de Anemarie. Em seu velório, a matriarca cospe no pé do caixão, como um gesto marcante de desprezo pela desconstrução de seu autoritarismo. O sentimento de controladora da vida e da morte antagonicamente a induz ao desdém por Anemarie, perante a sociedade, ao mesmo tempo em que se fecha em seu quarto para lamentar entre lágrimas a morte da neta querida. Mesmo sofrendo em seu íntimo, não chora perante os demais, mantendo a postura inabalável de sempre. Aos poucos, porém, por mais que lute por hegemonia, seu mundo vai se corroendo. Gisela, ao ver a matriarca reinando em uma casa quase vazia, uma vez que tantos membros da família já haviam sido tocados pela asa do anjo de bronze, questiona o porquê de por tantos anos todos terem obedecido Frau Wolf como animais domesticados, já que na realidade tudo se tratava de uma fragilidade trajada de arrogância. Essa percepção, a identificação da hipocrisia que leva a velha dama a encobrir sua fragilidade e assim garantir sua hegemonia

inabalada, evoca a reflexão de Césaire (1978), ao falar do momento em que o ser colonizado percebe a hipocrisia do agente colonizador, do qual depende para sustentar sua primazia: “Os colonizados sabem, a partir de agora, que têm uma vantagem sobre os colonialistas. Sabem que seus ‘amos’ provisórios mentem. Logo, que seus amos são fracos” (CÉSAIRE, 1978, p. 14, grifo do autor)³.

O insólito se instala quando a narradora-protagonista inicia e finaliza o romance mencionando um ser que a habita e que precisa expulsar de dentro de si. Um violador de que ela deve se livrar com urgência a fim de reaver sua identidade. Esse ser repugnante e grotesco deve sair por inteiro, pois, sobrando um pedaço, voltará a crescer. Para isso, ela deve estar determinada, porém, sem precipitação e, nesse movimento de expulsão, Gisela declara a necessidade de que o ódio seja maior do que seu nojo por aquele ser (LUFT, 1992, p. 108). Entende-se o tal ser como agente violador da identidade da protagonista, como aquele que deve ser extirpado totalmente para que o ser oprimido reintegre a posse de seu eu, a fim de que o trabalho de descolonização seja concluído. Embora Gisela admita ter acatado os desígnios da avó e internalizado sua cultura, sem que o percebesse, ter se tornado uma exímia dona de casa, a ponto de ser merecedora de seus elogios, sente a necessidade urgente de não mais fugir do derradeiro momento de expulsão daquilo ou daquele que a violou. É possível reconhecer no parto de Gisela uma tentativa de retomada identitária, ao expulsar o ser violador que pode ser transposto para a figura do colonizador. O processo de descolonização é assim entendido por Glissant ao citar a necessidade da retomada identitária:

[...] a identidade, pelo menos no que toca a esses viajantes ocidentais que forneceram a massa dos descobridores e dos conquistadores, reforça-se antes de mais de modo implícito (“a minha raiz é a mais forte”), e em seguida é exportada explicitamente como valor (“o ser vale pela sua raiz”), obrigando os povos visitados ou conquistados à longa e dolorosa busca de uma identidade que deverá sobretudo opor-se às desnaturações provocadas pelo conquistador. Variante trágica da procura de identidade. Durante um período histórico de mais de dois séculos, a identidade afirmada dos povos terá de ser conquistada contra os processos de

³ Em **Discurso sobre o Colonialismo**, Césaire assim se refere ao mencionar a indefensabilidade das nações europeias pelo fato de as mesmas se valerem de embustes, a fim de justificar suas barbáries praticadas às comunidades colonizadas, sobre o pretexto de serem agentes civilizadores para nações bárbaras. Sendo assim, para Césaire, o fato de agirem como bárbaros para implantarem uma civilização constitui uma mentira, portanto, uma fraqueza.

identificação ou de aniquilamento desencadeado por esses invasores. Se no Ocidente a nação é antes de mais um “contrário”, para os povos colonizados a identidade será, em primeiro lugar, um “oposto a”, isto é, em princípio, uma limitação. O verdadeiro trabalho da descolonização terá sido superar este limite (GLISSANT, 2011, p. 26, grifo do autor).

No parto, Gisela trava uma luta contra o tal ser, ou o contra o oposto que nela habita, e que, por fim, é expelido num espasmo de vômito. Gisela se questiona: “Como coube em mim essa coisa imensa? Que comunhão foi a nossa? Estou livre” (LUFT, 1992, p. 139). Nesse processo simbólico de desconstrução/descolonização, ao expulsar de si aquele ser disforme e intruso, Gisela, já ao final do romance, acaba por perceber que, nem ela nem aquele habitante sem feições, enrodilhado a um canto do quarto, possuem uma identidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise do comportamento social das personagens de **A asa esquerda do anjo**, observou-se que a narradora-protagonista Gisela passa por um processo de despertencimento decorrente das imposições socioculturais ditadas pela avó, a matriarca Frau Wolf, que se mantém fortemente atrelada às tradições alemãs que compõem sua origem. Constatou-se, a partir daí, o vínculo entre o exílio e o fortalecimento do sentimento de nacionalidade que o mesmo acarreta. No romance, ao oprimir Gisela, quando cria situações em que a neta não consegue atender às suas expectativas, atreladas aos padrões culturais da origem alemã, a matriarca reproduz os abusos hegemônicos que solapam culturas visando à preservação de sua própria autenticidade, ao usar o progresso como subterfúgio. Percebeu-se no conceito derridiano de *différance* que a reação do agente colonizado não ocorre de maneira uniforme, o que, no romance, é simbolizado pelo modo como cada membro da família reage de forma diferente às imposições da matriarca. Maria da Graça, mãe de Gisela, nunca foi capaz de aprender o alemão corretamente, as tias se submetem à hegemonia da avó de tal modo que parecem ter sido neutralizadas em suas individualidades, o pai de Gisela e seus tios permanecem indiferentes, já acostumados ao sistema. A prima Anemarie, o ícone de perfeição para a avó, acaba por subverter tal hegemonia ao fugir com o tio, também

transgressor da ordem imposta, embora retorne no final da trama, consumida pela punição de uma doença terminal. Gisela, por sua vez, embora inconformada, não teve outro meio senão tentar se adequar à situação, apesar das angústias que sofre. Quanto a Frau Wolf, viu-se o gradual enfraquecimento da matriarca em termos de seu poder hegemônico perante a família, o que teve início com a fuga de Anemarie com Stephan. Pode-se depreender desse episódio a prova de transgressão ao sistema opressivo em retomadas de decisões e condução de ações. Finalmente, o doloroso movimento de expulsão do ser que habita Gisela acena para o refazimento identitário da personagem por meio do árduo processo de reintegração de posse de sua individualidade. Verificou-se no estudo que a força do **pensamento raiz**, em seu aspecto de nacionalismo extremado, defendido por Glissant, levou à constatação do alcance da força do sentimento de resgate da cultura de origem, em níveis de extremada possessão e autoritarismo do indivíduo desterritorializado, na obra identificado na postura despótica da matriarca. No romance, o modelo de Hall sobre comportamento **diaspórico fechado** constituiu o manancial de abordagem crítica, por meio do que o **nós** e o **outro** definem a postura dos personagens dicotômicos, Frau Wolf e Gisela. A primeira se protege atrás das trincheiras culturais de onde dispara dardos, ao diferente, na trama configurado pela personagem Gisela. Por sua vez, o pensamento de Derrida sobre a *différance* complementa a análise crítica de **A asa esquerda do anjo**, quando quebra a divisão binária entre o **mesmo** e o **outro**, no que diz respeito às diferentes formas de conduta perante os desmandos da matriarca. A contribuição de Hall, no que trata das **metáforas de transformação**, solidificou a análise do poder decisório de Anemarie, ao se revelar como transgressora da atuação hierarquizante matriarcal. No momento em que tio e sobrinha fogem do domínio de Frau Wolf e passam a vivenciar seu mundo, anulam com sua atitude subversiva qualquer rechaço ao diferente, em ondas de similaridades entre os dois personagens e em ondas de diferença em relação ao conjunto familiar.

REFERÊNCIAS

- BRANCO, Lucia Castello. **O que é erotismo**: 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. 1. ed. Portugal: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- DERRIDA, Jacques. **Da hospitalidade**. São Paulo: Editora Escuta Ltda., 2003.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**: a essência das religiões. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução Adelaine La Guardia Resende; Ana Carolina Escosteguy; Cláudia Álvares et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- GLISSANT, Édouard: **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução Enilce Albergaria Rocha. França: Éditions Gallimard, 1996.
- _____. **A poética da relação**. Lisboa: Sextante Editora, 2011.
- _____. **O pensamento do tremor**. Tradução Enilce Albergaria; Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2014.
- LUFT, Lya. **A asa esquerda do anjo**. São Paulo: Editora Siciliano, 1992.
- SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SAID, Edward: **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. 11º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 489 p.

INTERLOCUÇÕES ENTRE A
LITERATURA E A HISTÓRIA NAS
ESCRITAS DE ALEXANDRE
HERCULANO E JOSÉ SARAMAGO
SOBRE A INQUISIÇÃO ✓

116

Felipe dos Santos MATIAS¹

✓ Artigo recebido em 17/01/2018 e aprovado em 22/05/2018.

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora, com período sanduíche (PDSE/CAPES) na Universidade de Coimbra, Portugal. Professor Adjunto da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: <felipe.matias@unila.edu.br>.

INTERLOCUÇÕES ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA NAS ESCRITAS DE ALEXANDRE HERCULANO E JOSÉ SARAMAGO SOBRE A INQUISIÇÃO

RESUMO

Este artigo estuda os diálogos entre a Literatura e a História e as representações da Inquisição a partir da escrita historiográfica de Alexandre Herculano (1810-1877) e da escrita literária de José Saramago (1922-2010). No que concerne ao texto historiográfico, é analisada a obra História da Origem e do Estabelecimento da Inquisição em Portugal, de Alexandre Herculano, publicada em três volumes, entre os anos de 1854-1859, e que focaliza a primeira metade do século XVI, período do surgimento e consolidação do Santo Ofício no reino português. Em relação ao texto literário, estuda-se a obra Memorial do Convento, de José Saramago, publicada em 1982 e que enfoca o governo de Dom João V, na primeira metade do século XVIII, com todo o fausto do seu reinado, em tempos inquisitoriais. O presente estudo evidencia que ambos os autores portugueses investiram na discussão relacionada à escrita da Literatura e da História, vislumbrando a questão da tarefa crítica do intelectual em geral, seja no âmbito da historiografia, seja no da produção literária.

Palavras-chave: Literatura; História; Inquisição; Herculano; Saramago.

INTERLOCUTIONS BETWEEN LITERATURE AND HISTORY IN THE TEXTS OF ALEXANDRE HERCULANO AND JOSÉ SARAMAGO ABOUT THE INQUISITION

ABSTRACT

This article studies the dialogues between Literature and History and the representations of the Inquisition from the historiographical writing of Alexandre Herculano (1810-1877) and the literary writings of José Saramago (1922-2010). With regard to the historiographical text, an analysis was performed on the literary work History of the Origin and Establishment of the Inquisition in Portugal, by Alexandre Herculano, published in three volumes between the years of 1854 and 1859, which focuses on the first half of the Sixteenth century, the period of the emergence and consolidation of the Holy Office in the Portuguese kingdom. Regarding the literary text, a study was carried out on the literary work Baltasar and Blimunda, by José Saramago, published in 1982, which focuses on the government of Dom João V, in the Eighteenth century, with all the pomp of his reign, during the inquisitorial times. The present study demonstrates that both Portuguese authors invested in the discussion related to the writing of Literature and History, glimpsing the issue of the critical task of the intellectual in general, either in the historiographical scope, or in that of literary production.

Keywords: Literature; History; Inquisition; Herculano; Saramago.

1 INTRODUÇÃO

É a partir da subjetivação, da autorreflexividade e da transcendência da História que José Saramago (1922-2010), por meio do seu narrador, indaga o passado. O questionamento, a subversão do histórico, a rasura de acontecimentos, a intencional desconstrução e dessacralização de registros historiográficos oficiais fazem parte dos seus romances. É de interrogação e de aproximação com o labor literário que se constitui a obra saramaguiana no que diz respeito à História². No excerto a seguir, extraído do artigo **História e ficção**, Saramago expressa suas opiniões acerca da parcialidade do discurso do historiador e sua simpatia pelas ideias de Georges Duby, um dos principais representantes da **Nova História**³:

Parece indiscutível que o historiador tem de ser, em todos os casos, um escolhedor de fatos. Mas cremos ser igualmente pacífico que, ao escolher, abandona deliberadamente um número indeterminado de dados, em nome de razões de classe ou de Estado, ou de natureza política conjuntural, ou ainda em função e por causa das conveniências de uma estratégia ideológica que necessite para justificar-se, não da História, mas **duma** História. Esse historiador, na realidade, não se limita a escrever História: **faz** a História. [...] Não estava muito longe deste sentimento, suponho eu, o grande Georges Duby, quando escreveu: **Imaginemos que...**, na primeira linha de um de seus livros. Precisamente aquele imaginar que antes fora considerado o pecado mortal dos historiadores científicos e seus continuadores de diferentes tendências (SARAMAGO, 1990, p. 19, grifos do autor).

Guardadas as devidas proporções temporais, pode-se dizer que Saramago realiza em sua atividade escritural o mesmo processo de indagação e crítica em

² Nessa direção, Saramago afirmou em entrevista ao crítico-literário Carlos Reis que “foi isso que me levou a esse sentido da História, que para mim era confuso, mas que depois vim a entender, em termos mais científicos, a partir do momento em que descobri uns quantos autores (os homens dos *Annales*, os da **Nova História**, como o Georges Duby ou o Jacques Le Goff), cujo olhar histórico ia por esse mesmo caminho” (REIS, 1998, p. 81).

³ De acordo com Peter Burke, essa corrente historiográfica (inicialmente denominada *Annales*) revolucionou o discurso da História, pois proporcionou “em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas história política” (BURKE, 1997, p. 11). A **Nova História** possui um papel muito específico dentro da historiografia contemporânea: refutar o irracionalismo e a redução do trabalho do historiador a uma atividade puramente retórica que interprete os textos e não os próprios acontecimentos. Esse paradigma historiográfico reconhece que a História, enquanto disciplina, é uma indagação sobre a verdade dos fatos humanos. No entanto, o resultado dessa atividade reflexiva é sempre parcial, comprometido com o sujeito enunciativo, com o tempo do discurso, com o público leitor.

relação à História que o seu compatriota Alexandre Herculano (1810-1877), que já no século XIX demonstrava em seus escritos a consciência de que se devem interrogar os registros históricos caso seja necessário problematizar o discurso historiográfico, pois tinha a convicção de que o relato do historiador está comprometido com a sua ideologia, que todo discurso implica uma representação subjetiva⁴, que a imaginação do historiador está presente no processo de escrita da História. Nos fragmentos a seguir, extraídos da **História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal** (1854-1859), a utilização dos termos **imaginar**, **provável** e **imaginação**, além de evidenciar um distanciamento de Herculano em relação à historiografia rankeana⁵ de seu tempo, permite uma aproximação com a ideia da **Nova História** de valorização da imaginação na escrita historiográfica:

Fácil é de **imaginar** por que preço a maior parte deles, obrigados a despojar-se de tudo dentro de tão curto prazo, alienaria os seus bens: dava-se uma casa a troco de uma cavalgada, uma vinha por alguns covados de pano. Oitocentos mil judeus saíram assim, nesse ano, dos estados de Fernando e Isabel. [...] É **provável**, que os foragidos imaginaram mil invenções para levar consigo ouro e prata. Uns embarcaram para África; outros, como veremos no seguinte livro, obtiveram licença para entrar em Portugal (HERCULANO, 2002, p. 50).

[...]

Qual devia ser o terror desta gente, que tantas provas tinha ultimamente recebido da malevolência popular, vendo-se encerrada subitamente no país como numa vasta prisão, fácil é de **imaginar** (HERCULANO, 2002, p. 132).

[...]

A **imaginação** poderá assim suprir a descrição de muitas outras que ficaram esquecidas debaixo das abóbadas do castelo de Coimbra, e a cujos atores a pedra do sepulcro ou as chamas das fogueiras selaram para sempre os lábios (HERCULANO, 2002, p. 358-359).

[...]

Pode **imaginar-se** qual seria o terror dos indivíduos da raça proscrita quando ouviam da boca de um familiar do Santo Ofício a ordem para o acompanharem aos cárceres do tribunal (HERCULANO, 2002, p. 376, grifos meus).

⁴ De acordo com Georges Duby, expoente da **Nova História**, “todo discurso sobre o passado é obra de um homem que vive num presente e que interpreta os vestígios do passado em função desse presente” (DUBY, 1989, p. 93).

⁵ Também conhecida como **História Científica**, é uma metodologia historiográfica fundada pelo alemão Leopold von Ranke (1795-1886), pautada na escrita da História a partir de documentos que revelem os feitos dos homens ilustres, estadistas, gerais e eclesiásticos. Neste paradigma, os historiadores defendem a neutralidade e a objetividade na elaboração do texto historiográfico.

No que concerne ao aspecto metodológico de se escrever a História, Herculano defendia a impossibilidade de se confeccionar o discurso historiográfico sem um estudo problematizador dos documentos nos quais ele se baseia. A produção historiográfica herculaniana não está marcada pela ideia de neutralidade ou objetividade, mas, pelo contrário, é uma produção claramente identificada com a defesa do seu ideário político liberal. Um exemplo disso pode ser observado na carta que ele escreveu, em fevereiro de 1875, ao historiador Salustiano Rodriguez Bermejo, o qual traduziu para a língua espanhola a **História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal**:

Quanto à **História da Inquisição**, é verdade que foi escrita com intenção política, confessada na advertência preliminar, e que a introdução até ao reinado de D. Manuel é superficial, porque tudo isso era apenas o prego em que eu queria pendurar o meu quadro. Daí por diante posso afirmar a V. S.^a que tudo foi escrito com o maior escrúpulo e com a mão sobre a consciência. Aquela lliada de atrocidades e torpezas seria inacreditável se não existissem os documentos em que estribei a narrativa, e que, felizmente, foram em grande parte impressos, depois, no **Corpo Diplomático**, publicado debaixo da inspeção de Rebelo da Silva, por ordem da Academia de Lisboa. [...] V. S.^a é um liberal, porque só um liberal traduziria a **História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal**, que tão profundamente afligiu e escandalizou os reacionários daqui (HERCULANO, s/d, p. 30).

No excerto acima, Herculano confessa a Salustiano Rodriguez Bermejo que escreveu a obra historiográfica **História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal** com intenção política, como uma resposta aos absolutistas portugueses e também ao clero reacionário, os quais criticavam fervorosamente a ideologia liberal do autor da **História de Portugal**. Para atingir tal intento, ele utilizou-se de um procedimento alegórico. Desse modo, nota-se que Herculano não se guiava pelos pontos norteadores da **História Científica**: a neutralidade e a objetividade. Percebe-se também que há na produção historiográfica de Herculano a veiculação explícita da ideologia liberal, aspecto que confirma a afirmação de Linda Hutcheon de que “tanto a Ficção como a História são sistemas culturais de signos, construções ideológicas” (HUTCHEON, 1991, p. 60). A ideologia liberal do intelectual português do século XIX talvez explique o fato de ele não ter se influenciado, no seu trabalho de historiador, pela tradição da historiografia

portuguesa de omitir a importância da cultura árabe na formação cultural de Portugal. Segundo os estudiosos Cândido Beirante e Jorge Custódio, Herculano

“fez uso, frequentemente, de fontes muçulmanas coevas, muito mais fidedignas do que certos cronicões cristãos, usando-os na crítica e na exposição do material investigado” (BEIRANTE e CUSTÓDIO, 1978, p. 212).

Neste aspecto, Herculano também se aproxima dos historiadores da **Nova História**, os quais veiculam a importância de se selecionar e de se realizar a crítica às fontes historiográficas. Além disso, demonstra que o autor de **Eurico, o presbítero** tinha consciência de que, no discurso historiográfico, existiam diferentes versões a respeito de um mesmo acontecimento histórico, outro aspecto que o aproxima do pensamento da **Nova História**. Isso pode ser percebido após a leitura do fragmento seguinte, extraído de uma carta de Herculano ao historiador Oliveira Martins, escrita em 1872: “a questão está em que as faculdades mentais de cada um fazem considerar de diversos modos a História” (OLIVEIRA MARTINS, s/d, p. 125). Assim como Herculano no século XIX, Saramago demonstrou, no final do século XX, essa mesma consciência a respeito do envolvimento político-ideológico do historiador e da seleção consciente das fontes na escrita do texto historiográfico, conforme se verifica no excerto abaixo:

O historiador perfeitamente consciente das consequências político-ideológicas do seu trabalho, sabe que o tempo que assim esteve organizando se produzirá como uma lição magistral a quantos o vierem a ler. Essa lição é porventura a mais magistral de todas lições, já que o historiador surge como criador de um mundo outro, ele é aquele que vai decidir o que do passado é importante e o que do passado não merece atenção (SARAMAGO, 1990, 19).

A apropriação que Saramago realiza, no que tange à matéria histórica, é efetuada a partir do que Hayden White conceitua como “imaginação construtiva” (WHITE, 1994, p. 100). Com a utilização de tal método, o autor, de modo ficcional, preenche e reutiliza, na confecção de seus romances, os silêncios deixados pelo discurso historiográfico. Tal apropriação permite ao romancista exercer a função de artífice do espaço social do qual ele objetiva criar uma representação subjetiva e alegórica. Assim como Saramago, Herculano também tinha plena consciência das

interloquções entre a História e a Literatura, verificáveis tanto nos seus romances históricos, quanto nas obras historiográficas. Na **História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal**, ele admite as suas propensões literárias para os estudos históricos: “Levado pelas nossas propensões literárias para os estudos históricos era, sobretudo, por esse lado que podíamos ser úteis a uma causa a que estamos ligados” (HERCULANO, 2002, p. 11).

Tanto Herculano quanto Saramago tinham a ideia de que a escrita da História é uma forma de interpretação – entendida como mecanismo seletivo que, através de inclusões e exclusões, propõe uma ordenação, uma coerência e um sentido para as informações veiculadas. Nessa direção, estão em consonância com o pensamento de White:

O historiador deve **interpretar** os seus dados, excluindo de seu relato certos fatos que sejam irrelevantes ao seu propósito narrativo. [...] No empenho de reconstruir “o que aconteceu” num dado período da história, o historiador deve inevitavelmente incluir na sua narrativa um relato de algum acontecimento ou conjunto de acontecimentos que carecem dos fatos que poderiam permitir uma explicação plausível de sua ocorrência. E isto significa que o historiador precisa **interpretar** o seu material, preenchendo as lacunas das informações a partir de inferências ou de especulações (WHITE, 1994, p. 65, grifos meus).

Herculano mostra em sua obra que a origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal representaram a consolidação da aliança, que considerava nefasta, entre os poderes político e religioso. Segundo ele, “nos atos do poder faltavam a cada passo a lealdade, o são juízo, a justiça e a probidade” (HERCULANO, 2002, p. 12). Essa aliança também é denunciada e criticada por Saramago, através do romance **Memorial do Convento** (1982), pois o autor, ao focalizar o reinado de Dom João V na primeira metade do século XVIII, expõe as consequências negativas dessa união entre os poderes absolutista e inquisitorial. Ambos os autores entendiam que a Inquisição foi uma instituição funesta, que serviu de mote a interesses particulares e aos desmandos da Coroa e do clero em Portugal. Os dois intelectuais julgavam o Santo Ofício como uma das grandes causas da decadência de Portugal, a partir do século XVI.

Por meio da leitura de **Memorial do Convento**, percebe-se que a edificação do Convento de Mafra representa uma alegoria da aliança entre a Igreja e o Estado

Absolutista, com o subsequente triunfo do fanatismo religioso, da ignorância e da corrupção por parte da Coroa e do clero. Desse modo, pode-se dizer que há na obra uma rejeição de Saramago ao Absolutismo. Esse aspecto também o aproxima de Herculano, pois o historiador e romancista histórico português do século XIX também mantinha uma postura antiabsolutista. Joaquim Veríssimo Serrão sintetiza a visão crítica herculaniana em relação ao surgimento do Absolutismo português:

O apego à Monarquia, como instituição suprema para o bom governo dos povos, nunca foi posto em causa pelo historiador, que via na figura régia o garante do equilíbrio político e social. Mas com a condição de os monarcas guardarem as liberdades que asseguravam a grandeza e a virtude dos cidadãos, não os transformando em súditos e escravos. A baliza temporal de D. João II para distinguir as duas fases históricas da Nação, constitui um dos axiomas de Herculano, que, sendo um medieval de formação, via nos fins do século XV, com a expansão em curso e a tendência para o Absolutismo, a grande viragem que alterou gravemente o equilíbrio português. Daí que assacassem os maiores defeitos aos reis posteriores (...), como se a história moderna do país se houvesse reduzido a um acervo de misérias e desgraças. Tal foi a influência de Herculano neste pensamento, que levou autores capazes, como Oliveira Martins, a situarem a decadência nacional no processo de descobrimentos e conquistas, reduzindo a figuras pobres os monarcas posteriores ao Príncipe Perfeito (SERRÃO, 1977, p. 47-48).

Se na obra historiográfica **História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal** Herculano critica de forma direta o rei Dom João III, ao descrevê-lo com atributos depreciativos como “inepto” e “déspota”, Saramago utiliza-se da ironia para representar o rei Dom João V como um monarca egocêntrico, pouco dedicado à administração do Reino, pueril, obtuso e influenciável, conforme ilustram os fragmentos a seguir:

Perguntou el-rei, É verdade o que acaba de dizer-me sua eminência, que se eu prometer levantar um convento em Maфра terei filhos, e o frade respondeu, Verdade é, senhor, porém só se o convento for franciscano, e tornou el-rei, Como sabeis, e frei António disse, Sei, não sei como vim a saber, eu sou apenas a boca de que a verdade se serve para falar, a fé não tem mais que responder, construa vossa majestade o convento e terá brevemente sucessão, não o construa e Deus decidirá. Com um gesto mandou el-rei ao arrábido que se retirasse, e depois perguntou a D. Nuno da Cunha, É virtuoso este frade, e o bispo respondeu, Não há outro que mais o seja na sua ordem. Então D. João, o quinto de seu nome, assim assegurado sobre o mérito do empenho, levantou a voz para que claramente o ouvisse quem estava e o soubessem amanhã cidade e reino, Prometo, pela minha palavra real, que farei construir um convento de franciscanos na vila de Maфра se a rainha me der um filho no prazo de um

ano a contar deste dia em que estamos, e todos disseram, Deus ouça vossa majestade (SARAMAGO, 1989, p. 14).

[...]

Agora não se vá dizer que, por segredos de confissão divulgados, souberam os arrábidos que a rainha estava grávida antes mesmo que ela o participasse ao rei. Agora não se vá dizer que D. Maria Ana, por ser tão piedosa senhora, concordou calar-se o tempo bastante para aparecer com o chamariz da promessa o escolhido e virtuoso frei António (SARAMAGO, 1989, p. 26).

Percebe-se nos excertos acima o caráter tolo que a narrativa saramaguiana atribui ao rei Dom João V, visto que caracteriza-o como um monarca débil, que foi manipulado pelo clero de sua época, deixando-se enganar por um falso milagre. Da mesma forma que Herculano em seu discurso historiográfico, Saramago também problematiza o Absolutismo em seu romance **Memorial do Convento**, na medida em que retrata o excesso de influência que a Igreja Católica tinha sobre o poder real em Portugal durante os séculos de Inquisição.

2 A REPRESENTAÇÃO DA INQUISIÇÃO NOS TEXTOS DE HERCULANO E SARAMAGO

O romance saramaguiano **Memorial do Convento** evidencia a arcaica mentalidade de raízes medievais da sociedade portuguesa do início do século XVIII, a qual vivia imersa numa época onde imperavam a teocracia política e o dogmatismo religioso exacerbado, cujo instrumento de controle sócio-moral fora a instituição da Inquisição, durante a primeira metade do século XVI, conforme expressa a obra historiográfica herculaniana **História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal**. Para Herculano, a Inquisição foi um acontecimento célebre na história portuguesa, “época em que a tirania, o fanatismo, a hipocrisia e a corrupção nos aparecem na sua natural hediondez” (HERCULANO, 2002, p. 11). Assim como Herculano em seu texto historiográfico, Saramago também expressa em sua obra literária todas as mazelas e ignomínias que caracterizaram a Inquisição em Portugal. Ambos os autores representaram o Santo Ofício luso, expressando o caráter opressor e repressor desta instituição. Segundo Herculano, a Inquisição cobriu de terror, sangue e luto diversos países do mundo:

Instituição terrível que, ajuntando ao monstruoso da origem e natureza a demência das suas manifestações e atrocidades das suas fórmulas, surgiu no seio do catolicismo durante o século XIII, e que veio com o nome de Inquisição ou Santo Ofício, a cobrir de terror, de sangue e de luto quase todos os países da Europa meridional e, ainda, transpondo os mares, a oprimir extensas províncias da América e do Oriente (HERCULANO, 2002, p. 15).

Para Herculano, o Santo Ofício foi “um tecido de atrocidades praticadas pelos católicos contra os hereges” (HERCULANO, 2002, p. 21). Essas atrocidades eram cometidas, principalmente, nos autos de fé, eventos que humilhavam, sentenciavam e puniam os “hereges”, muitas vezes condenando-os à morte. Na sua obra historiográfica, Herculano relata e problematiza esses eventos, assim como ironiza os responsáveis, conforme ilustra o fragmento que se segue:

Tinham sido queimadas, de uma só vez, perante um grande concurso dos povos da Champagne, perto de duzentas pessoas tidas por heréticas. Em frei Roberto o zelo pela fé era ilimitado, e insaciável a sede de sangue. Protegido por Luiz IX, o seu nome tinha-se tornado o terror das províncias de Flandres, onde a cada passo, ardiam as fogueiras acendidas por ele. Para que o terror não diminuísse, onde não podia achar culpados queimava inocentes. A força, porém, do seu ardor veio a perdê-lo. Os gemidos de tantas vítimas geraram suspeitas. Inquiriu-se do inquisidor e achou-se que era um malvado. Os seus crimes foram tais que o beneditino Matheus Paris, historiador coevo, diz que o melhor era guardar silêncio acerca deles. Tiraram-lhe o cargo e condenaram-no à prisão perpétua. Com mais alguma prudência, quem sabe se hoje o seu nome figuraria no amplo catálogo dos santos da ordem de S. Domingos? (HERCULANO, 2002, p. 27)

Assim como Herculano, Saramago também retrata em seu texto os abusos, as violências e as execuções cometidas pela Inquisição. O auto de fé, momento primordial da “justiça” inquisitorial determinada pelo Santo Ofício, com as suas procissões, a leitura das sentenças e a incineração das vítimas, foi recriado algumas vezes na obra **Memorial do Convento**, conforme exemplifica o seguinte fragmento:

Apesar de já ir no quinto mês, ainda sofre de enjôos naturais, que, no entanto, não bastariam a desviar-lhe devoção e os sentidos de vista, ouvido e cheiro da solene cerimônia, tão levantadeira das almas, ato tão de fé, a procissão compassada, a descansada leitura das sentenças, as descaídas figuras dos condenados, as lastimosas vozes, o cheiro da carne estalando quando lhe chegam as labaredas e vai pingando para as brasas a pouca gordura que sobejou dos cárceres (SARAMAGO, 1989, p. 49).

Por meio da leitura do excerto acima, observa-se que o narrador saramaguiano descreve sarcástica e morbidamente a desesperadora condição do ser humano em face do processo penalizador instaurado pela Inquisição, evidenciando ao leitor a crueldade desse ato. Por resgatar e discutir questões como a polêmica existência da Inquisição em Portugal, a qual foi responsável pela morte de milhares de pessoas, António Moniz afirma acerca do romance **Memorial do Convento**:

Debatendo as grandes questões da condição humana (a vida e a morte, a dignidade da pessoa e a escravidão, o trabalho e o lazer, o sonho e a realidade, a justiça e a religião, etc.), o romance de José Saramago interpela o leitor contemporâneo e estimula-o a problematizar a cultura e a história (MONIZ, 1995, p. 101).

Memorial do Convento problematiza, principalmente através da ironia, as estratégias de efeito adotadas pela Igreja na organização das práticas religiosas, isto é, a exploração da sua riqueza, esplendor e funcionamento como meio de impressionar o fiel e conduzi-lo a um hipnótico delírio, a uma apreciada entrega e submissão à suposta proteção divina, a um fanatismo desenfreado que chegou, inclusive, a fazer com que muitos “cristãos” desejassem e apoiassem o tribunal inquisitorial. Assim como a narrativa saramaguiana, Herculano também criticou, em sua representação discursiva sobre o Santo Ofício luso, o fanatismo religioso, afirmando, inclusive, que esse foi um dos motivos para o surgimento da Inquisição:

Inventada [a Inquisição] para satisfazer os ímpetos do fanatismo, tendo, por isso, origem num sentimento ímpio, embora velado com o manto do entusiasmo, as paixões ruins, que igualmente se disfarçavam com as exterioridades do zelo cristão (HERCULANO, 2002, p. 26).

[...]

O fanatismo disputou com a hipocrisia e a corrupção moral o primeiro plano [...] O fanatismo tem a nobreza de todas as paixões ardentes: ergue os olhos para Deus, que calunia, mas a quem crê servir e honrar (HERCULANO, 2002, p. 144).

Relacionada à estrutura de especulação e de excessiva centralização religiosa e política do poder, a crítica saramaguiana dentro da obra **Memorial do Convento** está explícita nas descrições da ostentação, grandiloquência e opulência da Igreja. Para Teresa Cristina Cerdeira da Silva, “esta verdadeira ditadura cultural prolifera monstruosas criações – como o Convento de Mafra – cuja excrecência opulenta

forma uma aberrante situação contrastante com a pobre realidade comezinha da população” (CERDEIRA DA SILVA, 1989, p. 73). E tal discrepância é representativa da própria visão da Igreja, que se acoitava no colo do esplendor e da luxuosidade, enquanto a maioria da sociedade vivia no limiar ou mesmo adentrada na fome e na miséria, conforme retrata a obra saramaguiana. Além da prática excessivamente materialista por parte do clero português durante o reinado de Dom João V, o narrador de Saramago faz outra denúncia da opressão social realizada por essa instituição, a Inquisição, no que concerne ao seu terror psicológico e aos excessos cometidos contra a população, principalmente em relação à parte mais pobre e miserável dela. Os abusos, a corrupção e os crimes cometidos pelo clero durante o tempo em que vigorou o Santo Ofício em Portugal também são denunciados por Herculano em sua narrativa historiográfica. Assim como Saramago, ele confecciona um discurso problematizador que expõe as contradições da Igreja e as mazelas do tribunal inquisitorial:

A verdade é que esses espíritos absolutos, irascíveis, impetuosos, achavam mais fácil fazer passar a espada ou conduzir à fogueira os seus adversários, do que reprimir com incansável severidade as demasias do sacerdócio. Os apologistas cegos do clero, os que supõem vinculada à causa da religião a dos seus ministros têm querido obscurecer estas considerações, que atenuam a culpa dos dissidentes e tornam mais odiosas as perseguições contrárias ao espírito do evangelho, atribuindo à bruteza e devassidão daquelas épocas a corrupção e os crimes do corpo eclesiástico, que, dizem eles, não podia elevar-se acima da sociedade em que vivia. É uma dessas evasivas deploráveis a que, na falta de boas razões, os espíritos prevenidos costumam socorrer-se. Nós perguntaríamos a esses apologistas imprudentes se a sociedade romana na época do império era ou não um charco das mais hediondas paixões, dos vícios mais abjetos, e se, apesar disso, o sacerdócio dos primitivos séculos se deixou corromper pelo ambiente pestífero em que respirava; se não foi pelo contraste de suas virtudes austeras, do seu respeito às doutrinas evangélicas, que lhe fez triunfar do paganismo a religião de Jesus e esmagou heresias muito mais importantes do que as do século XIII, sem recorrer às ímpias catequeses do soldado ou do algoz. Perguntar-lhes, por fim, se para as regenerar, quando corruptas, ou se, por ventura, são elas que podem atuar no cristianismo para o corromper, e se não é justamente no meio da perversão geral que o sacerdócio **deve** e **pode** representar melhor a sublimidade das doutrinas morais de uma religião divina na sua origem e, por isso, incorruptível e imutável na sua essência (HERCULANO, 2002, p. 24, grifos do autor).

Da mesma forma que Herculano na **História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal**, Saramago explora em sua narrativa literária as

consequências da união política da Igreja com o Estado Absolutista, instituições movidas por uma convivência de interesses conjuntos, unidas no seu objetivo comum de subjugar a população e manter as suas respectivas hegemonias. Nos textos dos dois autores, a Inquisição é apresentada como o principal mecanismo de dominação e controle por parte dos dois poderes, visto que atemorizava o povo português e, desse modo, mantinha-o na passividade e na aceitação da ideologia dominante. Com isso, o romance saramaguiano veicula o quanto o Santo Ofício foi fundamental para manter a predominância da Igreja e do despotismo absolutista sobre a população, a qual era manipulada pelo fanatismo e devoção à fé católica e continuava, desse modo, sendo oprimida pelos poderes instituídos, sofrendo múltiplas violências e inúmeras privações materiais e socioculturais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as análises da obra historiográfica herculaniana **História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal** e do texto literário saramaguiano **Memorial do Convento**, pode-se dizer que há uma aproximação entre o discurso dos dois autores, na medida em que eles imprimem de forma evidente em suas respectivas representações a marca da subjetividade, expressando uma postura de rejeição em relação à Inquisição portuguesa, de defesa clara da necessidade de um ponto de vista crítico sobre este acontecimento histórico.

Em suas respectivas construções discursivas, Herculano e Saramago expressam a ideia de que a Inquisição foi um hábil, intolerante e cruel mecanismo de perseguição repressiva e ideológica. Com o apoio da corte portuguesa, esse instrumento de opressão demonstrou ser uma representação do poder hegemônico, uma vez que consistia em vigiar, perseguir, julgar e condenar pessoas à morte, principalmente aquelas que não se enquadravam no padrão comportamental imposto e não se subordinavam aos dogmas do catolicismo e às ordens da Coroa de Portugal.

Existe uma afinidade de convicções entre Herculano e Saramago, que se estabelece além da ideologia política antiabsolutista e da religiosa anticlerical, e que

se deve à semelhança das ideias do historiador Herculano com as do ficcionista Saramago frente à importância das interlocuções entre Literatura e História.

REFERÊNCIAS

- BEIRANTE, Cândido; CUSTÓDIO, Jorge. **Alexandre Herculano**: um homem e uma ideologia na construção de Portugal. Amadora: Livraria Bertrand, 1978.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- CERDEIRA DA SILVA, Teresa Cristina. **José Saramago entre a história e a ficção**: uma saga de portugueses. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.
- DUBY, Georges. **Ideias contemporâneas**: entrevistas do Le Monde. São Paulo: Ática, 1989.
- HERCULANO, Alexandre. **Cartas de Vale de Lobos**. Amadora: Bertrand, s/d.
- HERCULANO, Alexandre. **História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal**. Porto Alegre: Editora Pradense, 2002.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MONIZ, António. **Para uma leitura de Memorial do Convento de José Saramago**: uma proposta de leitura crítico-didática. Lisboa: Presença, 1995.
- OLIVEIRA MARTINS, Joaquim Pedro de. **Alexandre Herculano**. Lisboa: Livros Horizonte, s/d.
- REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.
- SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. São Paulo: Difel, 1989.
- SARAMAGO, José. História e ficção. **Jornal de Letras, Artes e Idéias (JL)**, Lisboa, n. 400, março de 1990.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **Herculano e a consciência do liberalismo português**. Lisboa, Bertrand, 1977.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: Ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994.

LEITURAS EM REDE, AUTORES
CONECTADOS:
O AUTOR NA GLOBALIZAÇÃO E NA ERA
DIGITAL ✓

131

Fellip Agner Trindade ANDRADE¹

✓ Artigo recebido em 04/02/2018 e aprovado em 21/05/2018.

¹ Mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela UFSJ, Doutorando em Teorias da Literatura e Representações Culturais pela UFJF. E-mail: <fellipagner@hotmail.com>.

LEITURAS EM REDE, AUTORES CONECTADOS:

O AUTOR NA GLOBALIZAÇÃO E NA ERA
DIGITAL

RESUMO

Este artigo tem o intuito de discutir os novos contornos da figura do autor inserida nas novas tecnologias de comunicação e na ação do mercado editorial globalizado. Influenciado pela conectividade da era digital e as facilidades tecnológicas das quais os mercados e os leitores hoje dispõem, autores são constantemente expostos em rádio, TV, sites de notícias e em suas próprias redes sociais. Essa exposição do autor, bem como sua ação nessas mídias acabam por influenciar a produção e a recepção literária de suas obras. Para essa discussão, tomaremos como exemplo mais específico a relação da escritora britânica J. K. Rowling e sua obra literária (a série de livros Harry Potter), apresentando uma breve explicitação das influências da era digital e da globalização na relação da autora com a série e com seu público por meio das redes sociais, mantendo sua obra inacabada no mundo virtual e influenciando suas leituras com suas declarações a respeito da história e seus personagens. Para tal, tomaremos as contribuições teóricas de Roland Barthes, Roger Chartier, Néstor García Canclini, Suman Gupta, dentre outros

Palavras-chave: Autor. Globalização. Era digital. Redes sociais. Harry Potter.

NETWORKING READINGS, AUTHORS CONNECTED:

THE AUTHOR IN GLOBALIZATION AND IN
THE DIGITAL AGE

ABSTRACT

This article aims to discuss the new contours of the author figure inserted in the new communication technologies and in the action of the globalized publishing market. Influenced by the connectivity of the digital age and the technological facilities that markets and readers have today, authors are constantly exposed on radio, TV, news sites and on their own social networks. This exposure of the authors, as well as their action in those media end up influencing the literary production and reception of their works. For this discussion, we will take as a more specific example the relationship of the British writer JK Rowling and her literary work (the Harry Potter series), presenting a brief explication of the influences of the digital age and globalization in the author's relation with the series and with its audience through social networks, keeping its work unfinished in the virtual world and influencing her readings with her statements about the story and its characters. For this, we will take the theoretical contributions of Roland Barthes, Roger Chartier, Néstor García Canclini, Suman Gupta, and others.

Keywords: Author. Globalization. Digital age. Networks. Harry Potter.

1 INTRODUÇÃO

Na primavera de 2013, na Grã-Bretanha, um romance policial escrito por um autor estreante, com um modesto histórico nas forças armadas e na indústria de segurança civil, foi publicado pela editora *Sphere Books*, rendendo pouquíssimas críticas em modestos jornais e sites, vendendo 1.500 exemplares durante os três primeiros meses que se seguiram à sua publicação. No entanto, no verão do mesmo ano, o número de cópias vendidas (bem como o número de críticas em jornais e revistas) saltou de forma espetacular, crescendo mais de 150.000% apenas no site da gigante do comércio eletrônico, a americana *Amazon* (COX, 2013).

Os modos de produção e recepção literária hoje não são mais os mesmos da primeira metade do século XX, para não voltar tão longe na história. Esse pequeno regresso no tempo evidencia as rápidas mudanças operadas na literatura em um curto espaço de tempo. A consolidação do capitalismo e os desdobramentos pelos quais ele passou e ainda hoje passa são alguns dos fatores que impulsionaram essas rápidas mudanças, além, é claro, das implicações tecnológicas de um mundo cada vez mais globalizado, ou, pelo menos, percebido como tal.

Essas mudanças operadas sobre a literatura fazem com que lancemos um novo olhar, ou, certamente, um olhar mais cuidadoso para os processos de produção e recepção dos trabalhos literários na globalização e na era digital. É inegável que as mudanças culturais e comunicativas pelas quais passamos nos últimos anos influenciaram nossa posição em relação à obra literária e seu entorno, estejamos nós frente a ela como autores, críticos ou leitores comuns. Uma das consequências dessas mudanças causadas pelo capitalismo e pela globalização na literatura e nos estudos literários diz respeito à **morte do autor** (BARTHES, 2004) e seus novos desdobramentos.

Abordando a figura do autor inserida nos meios de produção cultural e literária, sobretudo no mercado editorial e nas mídias digitais, este artigo pretende discutir as mudanças pelas quais a figura do autor tem passado e as influências da globalização e da era digital nas relações entre autor/obra e autor/público. Tomando como objeto de estudo um dos maiores e mais recentes exemplos desses movimentos na literatura (sobretudo no que diz respeito à figura do autor na era

digital), este artigo discutirá as questões teóricas acerca da autoria e, especificamente, a relação da autora britânica J. K. Rowling (1965-) com sua obra literária (a série **Harry Potter**), bem como com seu público.

2 LEITURAS EM REDE

Com as facilidades tecnológicas da era digital e as influências da globalização em nossa visão de mundo, nossas relações sociais, das mais diversas, acabam por sofrer as ações de tais processos. Cada vez mais, de forma gradual (ainda que em uma velocidade espantosa de novidades digitais e comunicativas), nos vemos inseridos na era digital, e essa inserção acaba por influenciar nossas ações fora desse espaço virtual, o qual se encontra em constante expansão e consolidação.

Seja dentro ou fora desse universo digital e tecnológico, nossas relações com o mundo mudaram de forma significativa a partir da virada do segundo milênio e a partir do surgimento e consolidação das redes sociais e da internet como meio eficaz de comunicação e informação em escala global (CASTELLS, 2003). “As redes virtuais alteram os modos de ver e ler, as formas de reunir-se, falar e escrever, de amar e saber-se amado à distância, ou talvez, imaginá-lo” (CANCLINI, 2008, p. 54).

Não apenas nossas relações sociais se modificaram ou se adaptaram à era digital, mas, também, nossas relações com a arte e com o bem cultural sofreram e ainda sofrem as influências de toda essa conectividade. Em seu livro, **Leitores, espectadores e internautas**, Néstor García Canclini (2008) atenta para essa influência em nossa relação com a literatura e as formas de se ler.

Você está dirigindo o carro enquanto ouve um áudio livro e é interrompido por uma ligação no celular. Ou você está em casa, sentado numa poltrona, com o romance que acabou de comprar, enquanto na televisão ligada à espera do noticiário passam um anúncio sobre as novas funções do iPod. Você se levanta e vai até o computador para ver se compreende essas novidades que não estão mais nas enciclopédias de papel e, de repente, percebe quantas vezes, mesmo para procurar dados sobre outros séculos, recorre a esses novos patrimônios da humanidade que se chamam Google e Yahoo (CANCLINI, 2008, p. 11).

Essas revoluções digitais em nossa relação com a literatura (seja como

leitores, autores, críticos, agentes do mercado editorial, pesquisadores...) e com a própria experiência de leitura em si abrem novos caminhos teóricos para que se compreendam tais revoluções nas maneiras de se escrever e se ler na era digital (CHARTIER, 1999; CANCLINI, 2008; GUPTA, 2009a; JENKINS, 2009). Um dos temas teóricos a serem levantados a partir das influências do mundo virtual na literatura é o papel do autor inserido hoje no mercado e nas redes sociais, as quais aproximam o autor de seu público e ampliam sua influência sobre a obra literária, e, até mesmo, sobre suas leituras.

Um dos pontos mais controversos da teoria literária é, de fato, a figura do autor. A discussão a respeito de seu papel, de sua importância na produção, recepção e significação do texto literário tem tomado grande parte dos estudos teóricos nas últimas décadas, e, ainda hoje, ocupa um espaço conflituoso de ideias. No entanto, como se não bastasse sua figura já controversa nos estudos literários, o autor é hoje exposto e exibido pelo mercado nas redes sociais, nos sites de notícia, em respeitadas jornais e revistas, em *talk shows* na TV e em *podcasts* de estações de rádio. Ou seja, o autor é hoje inserido em mecanismos do mercado e de sua própria vida cotidiana no mundo virtual que acabam por influenciar seu papel como autor e, até mesmo, para além desse papel (mecanismos os quais eram desconhecidos da crítica e da teoria literária no século passado). O autor hoje ganha status de celebridade, de influenciador e, por sua exposição e facilidade de contato com seu público, passa a ser requisitado por seus leitores em questões e informações extratexto que acabam por influenciar suas leituras.

É inegável, no entanto, que a escrita seja capaz de destruir toda voz e toda origem, como bem afirma Roland Barthes (2004, p. 57) em seu célebre artigo, **A morte do autor**, de 1968:

Sem dúvida sempre foi assim: desde que um fato é contado, para fins intransitivos, e não para agir diretamente sobre o real, isto é, finalmente, fora de qualquer função que não seja o exercício do símbolo, produz-se esse desligamento, a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escritura começa (BARTHES, 2004, p. 58).

No entanto, frequentemente nos vemos influenciados por fatores extratexto que modificam nossa percepção do autoral, bem como o próprio papel

desempenhado pelo autor como escritor e sujeito. Como parte da cultura, a literatura é formada de interações, e não poderia ser de outra forma, uma vez que todo produto cultural nasce de inter-relações e interações sociais. A própria **morte do autor** de Barthes nasce de uma negação da figura burguesa conferida à autoria. Ou seja, um dos exemplos da influência extraliterária não apenas na literatura como arte e produto, mas, também, em seus estudos teóricos.

O autor é uma personagem moderna, produzida sem dúvida por nossa sociedade na medida que, ao sair da Idade Média, com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma, ela descobriu o prestígio do indivíduo, como se diz mais nobremente, da “pessoa humana” (BARTHES, 2004, p. 58).

Cada vez mais, seja em nossas leituras de livros (muitas vezes acompanhadas pelas telas dos computadores, *smartphones* e *tablets*), ou até mesmo em nossos ensaios críticos, estamos tentados a **exumar** a imagem do autor. Isso ocorre, principalmente, se levarmos em conta as facilidades tecnológicas e comunicativas dos dias atuais (em que se é possível estabelecer de forma mais cômoda e imediata contato com as editoras, com os tradutores e com os próprios autores), além da variedade de obras dos mais diferentes contextos ao redor do mundo, com as quais a globalização nos possibilita entrar em contato como nunca antes na história da literatura. Em seu livro *Literature and Globalization*, Suman Gupta (2009a), professor da *The Open University*, na Inglaterra, afirma que:

[...] Não é só o fato de que a literatura representa os efeitos de tal conectividade global, mas ela própria é afetada por essa conectividade em seus modos expressivos, suas formas textuais, suas recepções como literatura. Tais conceitos como autoria literária, leitores e textualidade em si são tensionados e testados em novas formas, de modo que, provavelmente, a literatura, por assim dizer, cresce em alcance (GUPTA, 2009a, p.53, tradução nossa)².

Nesses casos nos quais o leitor busca a figura do autor ou seu contexto para subsidiar sua leitura, o autor e/ou o seu contexto de escrita vêm à tona não para

² “[...] it is not merely that literature represents the effects of such global connectedness, but that it is itself affected by that connectedness in its expressive modes, its textual forms, its receptions as literature. Such concepts as literary authorship, readership and textuality themselves are stretched and tested in new ways, so that arguably literature, so to speak, grows in scope.”

uma **complementação** do texto, mas, como **suplemento** a ele, uma vez que a obra literária se encontra vulnerável a influências sociais mais amplas (das quais algumas justificam este artigo). Esse suplemento, no entanto, não é imperativo à leitura, mas, sim, uma **escolha do leitor**, uma vez que a leitura pode ser perfeitamente empreendida sem as informações extratexto, pois, como já visto, o texto diz de si mesmo por si mesmo, sem a necessidade de se recorrer à figura do autor ou seu contexto de produção literária. Contudo, a partir das escolhas do leitor, caso este opte pelas informações extratexto, sua leitura certamente será influenciada, uma vez que se trata de um suplemento ao texto e à própria experiência de leitura.

Complemento é parte de um todo, o todo estará incompleto se faltar o complemento. *Suplemento* é algo que se acrescenta a um todo. Portanto, sem o suplemento o todo continua completo. Ele apenas ficou privado de algo a mais (SANTIAGO, 2008, p. 161-162, grifo do autor).

Os traços sociopolíticos que hoje estão desenhados sobre o globo e que têm fortes implicações culturais fazem com que a história biográfica de um autor seja levada em conta em determinados contextos interpretativos. A proliferação de obras heterogêneas, cada vez mais voltadas para espaços sociais e culturais específicos, faz com que, cada vez mais, leitores e críticos voltem seus olhares para os mapas e deem maior atenção às orelhas dos livros, as quais trazem informações extratexto relacionadas ao número de vendas da obra, à data de publicação e a seu contexto. Além, é claro, de uma breve biografia do autor.

Ainda que o texto diga **de si** mesmo **por si** mesmo, sem que se tome a voz do autor e assim mantenha sua autoridade (pois a pesquisa biográfica não tira isso do texto, ainda que influencie em sua recepção), essa **exumação** do autor faz com que os processos de produção e de recepção das obras sejam repensados de forma singular, até mesmo pela busca de uma suposta autonomia de um discurso: quem pode dizer de determinado assunto estando ou não em determinado local de fala.

Como nos atenta o professor Maurício Pedro da Silva (2003), pesquisador do Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa:

A primeira questão a ser explorada é aquela que vincula a literatura a uma

série de circunstâncias sociais mais amplas, isto é, que prescreve a necessidade de se avaliarem obras e autores determinados não como meras categorias estruturais do texto literário, fato que aponta para a problemática mais dilatada do “contexto” literário (SILVA, 2003, p.74).

São muitos os críticos e pesquisadores que se debruçam cada vez mais sobre as biografias de seus autores, ou melhor, dos autores de seus objetos. Eles partem em busca, por exemplo, de uma suposta legitimação do discurso político (para nos determos em apenas um fator), ou ainda em busca de uma suposta **propriedade** para escrever a respeito de algo (como os conflitos no Oriente Médio ou as literaturas de gênero, por exemplo). Com a proliferação e circulação crescente de trabalhos literários de diferentes partes do mundo e dos mais diversos contextos sociais, os críticos e pesquisadores insistem em exumar os autores de seus objetos de crítica (basta ler os cadernos de cultura dos jornais, os blogs e sites de literatura e, claro, as dissertações das universidades).

Não apenas os críticos, mas o leitor comum também é levado por essa ânsia em conhecer a pessoa por detrás do texto, por detrás da história, bem como o mundo no qual ela está inserida. Isso faz com que novas interpretações possam ser colocadas sobre o texto, o que, para muitos, seria um crime contra este. Mas a verdade é que, sendo crime ou não, esse é um ato cada vez mais cometido, de forma deliberada ou não.

Assim, parece-nos necessário, atualmente, adotar uma metodologia analítica que [...] estabeleça novos parâmetros epistemológicos para a relação entre literatura e sociedade. Tal metodologia pode ser encontrada em teorias que possuem, tanto em sua origem quanto em sua práxis hermenêutica, uma “natureza pragmática” (CALDERÓN, 1996; HOLMAN, 1992; REIS, 1994; SHAW, 1982), isto é, aquelas tendências que lograram realizar – dentro da própria Sociologia da Literatura – uma apreciação da obra literária a partir de uma série de fenômenos contextuais, indo da Estética da Recepção até a Ciência Empírica da Literatura, com incursões diversas pela Análise do Discurso ou pela Sociocrítica (NEWTON, 1993; TADIÉ, 1987) (SILVA, 2003, p. 73).

Percebe-se, pois, que, na busca pelo autor, também se esconde a procura pelo contexto de produção de uma obra literária. Muitas vezes, o que se busca não é exatamente a figura do autor, mas, sim, o contexto da obra, principalmente se pensarmos nos exemplos já citados, em que a compreensão do texto, em boa parte,

se baseia em questões de contextos políticos e sociais nem sempre claros nos textos literários (o que, muitas vezes, rende um número considerável de notas de rodapé ou notas do tradutor, por exemplo).

Com efeito, uma análise que busca contemplar não apenas as particularidades mais estruturalmente intrínsecas de um determinado conjunto estético, mas também como tais particularidades puderam ser forjadas no bojo de uma série de condicionantes extraliterários, não pode prescindir de uma fundamentação metodológica que, de certo modo, privilegie aspectos circunstanciais e contextuais da produção artística, particularmente aqueles que – a partir da clivagem sofrida pelo atual quadro teórico-literário – acabaram ganhando estatuto de fatores condicionantes na conformação e consolidação das tendências estéticas (SILVA, 2003, p. 74).

Ou seja, ainda que o texto não precise do autor para dizer ou deixar de dizer algo, o leitor comum, o pesquisador e a crítica ainda se encontram, até certo ponto, agarrados à imagem do autor e seu entorno. E, nos últimos tempos, agarrados também à própria imagem do leitor: o público de uma obra ou de um autor diz muito a seu respeito nas críticas literárias e nas discussões acadêmicas (basta tomarmos como exemplo os leitores de best-seller e seus estereótipos). Não se trata apenas do texto, mas, também, de sua recepção, do grau de abertura ou não que o leitor, o pesquisador e o crítico dão à obra e à sua autoria, bem como os preconceitos e pressupostos que antecedem a leitura.

3 AUTORES CONECTADOS

A respeito do nosso crescente anseio, como leitores, críticos e pesquisadores, de irmos além do texto (tentados, hoje, em grande parte, pelas facilidades tecnológicas e comunicativas que exercem sua influência tanto na produção como na recepção literária), Suman Gupta (2009a), tomando os exemplos ficcionais de dois romances, comenta a respeito da **morte do autor** e seu espaço na produção e recepção literária na pós-modernidade.

Tomando como exemplos os romances do escritor escocês Gilbert Aidar (1990), *Love and Death in Long Island*, e do escritor turco Orhan Pamuk (2006), *Neve*, Gupta trata da morte do autor frente às mudanças sofridas na recepção e na produção literária, sobretudo a última, a qual diz respeito em grande parte ao autor.

Em ambos os romances, seus protagonistas são escritores que sofrem as influências dos novos mecanismos comunicativos e mercadológicos operados pelo capitalismo e pelo sempre crescente processo de globalização.

No primeiro dos dois romances, o protagonista é um romancista residente em Londres, de nome Giles, que se descobre fortemente atraído por um jovem ator chamado Ronnie Benstock, criando em si uma obsessão por revistas de adolescentes nas quais Benstock é figura garantida:

O protagonista de Aidar encontra o objeto de seus desejos primeiro dentro da vida conservadora de Londres, não de fato, mas provavelmente refletida em imagens da mídia do 'novo mundo', naquilo que são, para ele, os insípidos produtos da cultura de consumo adolescente (GUPTA, 2009a, p. 153, tradução nossa)³.

Como o próprio título sugere, o aguardado encontro com Benstock acaba por se desenrolar de forma trágica, mas a metaforização da morte do autor não se resume à sua morte física. Primeiro, o personagem autor perde sua capacidade produtiva e artística, sofrendo grandes influências dos textos consumidos por ele em função de seu desejo pelo jovem ator; influências essas que se tornam **visíveis** em seus trabalhos.

A morte do autor aqui, portanto, não gira em torno apenas da tragédia humana, mas, antes, da agonia artística. O "novo mundo" encontrado pelo protagonista de Aidar na mídia e nos produtos de consumo adolescentes acaba por transcender sua vida sentimental e erótica e se estabelece também em seus trabalhos literários. É o autor que sai da sua posição habitual e encontra esse novo mundo discursivo, estético, e, porque não dizer, altamente sedutor.

Já no romance de Pamuk, o escritor protagonista é um pseudopoeta chamado Ka, que visita a cidade turca de Kars a fim de escrever um artigo jornalístico a respeito de jovens mulheres que cometeram suicídio em protesto contra a proibição do uso do véu. Imerso no universo islâmico e desligado do resto do mundo, o protagonista se descobre no contexto apropriado para a produção de

³ "Aidar's protagonist finds the object of his desires first within the conservative London life, not in the flash but improbably shadowed in media images from the 'new world', in what is for him the tasteless products of teenage consumer culture."

sua literatura.

Também de fim trágico, o romance de Orhan Pamuk trata justamente do inverso retratado no romance de Gilbert Aida. Aqui, o autor se encontra finalmente em plena produção artística, finalmente capaz de fazer um bom trabalho literário. Porém, frente às mudanças operadas na produção e recepção literária (como a ação do mercado, por exemplo), o autor de Pamuk se encontra fora do contexto adequado para o novo cenário editorial/literário, e seus poemas acabam esquecidos e desconhecidos (até mesmo para o leitor do romance): “A ironia é que os inspirados poemas de Ka nunca veem a luz do dia. Eles são perdidos. Eles são descritos em detalhes prosaicos no romance, mas não podem ser reproduzidos” (GUPTA, 2009a, p. 154, tradução nossa)⁴.

No primeiro romance, a morte ficcional do autor é consequência de seu encontro equivocado e despreparado com esse “novo mundo”. Já no segundo, a morte do autor é resultado de uma fuga equivocada e precipitada. O que fica de ensinamento desses dois exemplos metafóricos é que tanto a fuga precipitada quanto a procura desmedida por esse novo contexto em que a literatura se encontra inserida pode ter resultados trágicos, tanto para os autores (que supostamente perdem a capacidade artística, como no primeiro romance) como para os leitores (que perdem o contato com novos trabalhos, como no segundo). Como discorre Gupta (2009a):

A ansiedade de autoria que esses autores fictícios expressam [...] e o tipo literário de “morte do autor” que é realizada nessas ficções tem algo a ver com o lugar da literatura no *mercado* sociocultural do final do século XX e início do século XXI. [...] A derrota do autor acima descrita está impregnada da opressão particular de uma cultura consumidora historicamente contingente, com modos de produção, venda e compra de cultura, com o tipo de consciência que é ao mesmo tempo moldada e atendida pelas indústrias culturais, no capitalismo global do final do século XX. Ficcionalmente, os ideais de literatura e autoria dão lugar ao impulso das tecnologias culturais e comodificações que marcam a teoria e a prática da globalização do final do século XX. Não de forma irrelevante, a morte dos autores acima citados ocorre literalmente além de suas fronteiras, longe do confinamento e dos confortos de “casa” (GUPTA, 2009a, p. 155-156,

⁴ “The irony is that Ka’s inspired poems never see the light of day. They are lost. They are described in prosaic detail in the novel but cannot be reproduced.”

tradução nossa, grifo do autor)⁵.

Nesses novos contextos de globalização dos mercados e com as facilidades tecnológicas das quais os leitores dispõem durante suas leituras, o público se interessa cada vez mais pela vida do autor, sobretudo os autores de best-seller (os quais se tornam celebridades do mundo do entretenimento, exemplos de sucesso e referências para seu público em relação às suas próprias obras literárias). Diferentemente de anos passados, nos quais o contato entre autor e leitor era dificultado pelas limitações de um mundo analógico, hoje, em um mundo cada vez mais conectado virtualmente, esse contato entre autor e público, ou, até mesmo, entre autor e leitor individual, alcançou interatividades e influências inéditas na literatura até então. Hoje, o leitor se interessa cada vez mais pelas atividades e pelos gostos pessoais dos autores, sobretudo pelo fato de que estes se encontram muito próximos de seu público nas mídias digitais.

O avanço da sociedade do espetáculo e da cultura de massa possibilitou o reconhecimento de diferentes modelos de valorização estética, da inserção do cotidiano como sendo o pequeno mundo íntimo das pessoas comuns. Trata-se de experiências da comunidade multicultural que se forma atualmente diante das telas do computador ou da TV (SOUZA, 2011, p. 32-33).

Um desses exemplos do interesse do público pela vida pessoal do autor (se não o maior exemplo da atualidade) é a escritora britânica J. K. Rowling, autora da série **Harry Potter**. Tendo se tornado um fenômeno sociocultural (GUPTA, 2009a), a série se manteve relevante mesmo após seu encerramento, graças à sua narrativa transmídia (que possibilitou uma sobrevida à história nas telas de cinema e dos

⁵ “The anxiety of authorship that these fictional authors express [...] and the kind of literary ‘death of the author’ that is performed in these fictions, has something to do with the place of literature in the late twentieth- and early twenty-first-century socio-cultural *marketplace*. [...] The defeat of the author described above is redolent with the oppression of a particular historically contingent consuming culture, with modes of production and selling and buying of culture, with the kind of consciousness that is both moulded and catered for by cultural industries, in late twentieth-century global capitalism. Fictionally here the ideals of literature and authorship give way to the thrust of cultural technologies and commodifications that marks the theory and practice of late twentieth-century globalization. Not irrelevantly, the death of authors in the above occurs literally across boundaries, away from the confines and comforts of ‘home’.”

computadores e, até mesmo, no teatro), além do papel central da autora em manter sua história inacabada na internet por meio do site **Pottermore** e de suas próprias redes sociais, sobretudo o *Twitter* (ANDRADE, 2017).

Além de toda a articulação da indústria do entretenimento e dos detentores da marca **Harry Potter**, a autora se apresenta como a figura central desse fenômeno cultural que sua história se tornou. Por meio da plataforma de leitura digital **Pottermore** e suas declarações em entrevistas e nas redes sociais, Rowling modificou a forma de sua produção literária e conseguiu manter sua obra inacabada no mundo virtual. Seu nome é, ainda hoje, sinônimo de prestígio e atrai a atenção de parte expressiva da imprensa mundial e, claro, de seus leitores e fãs. Aliás, o próprio nome da autora, que estampa as capas dos livros de **Harry Potter** mundo afora, levou em conta sua figura como autor-a:

Em junho de 1997, o primeiro livro com as aventuras de Harry Potter foi lançado na Inglaterra. A Bloomsbury sugeriu que a escritora usasse as iniciais em vez do primeiro nome, por achar que leitores meninos poderiam ter preconceito em relação a um livro escrito por uma mulher. Como só tem um nome próprio, Joanne resolveu acrescentar a letra “K”, tirada do nome de sua avó favorita, Kathleen. Nasceu, assim, J. K. Rowling (MONTELEONE, 2004).

Para o lançamento do filme **Animais fantásticos e onde habitam**, em 2016, a promoção do filme se baseou no nome da autora para aumentar a expectativa do público e conferir à produção a ideia de qualidade. Os *trailers* e pôsteres do filme traziam os dizeres: “*Writer J. K. Rowling invites you to return to the wizarding world*”, ou “J. K. Rowling, criadora de Harry Potter, convida você a explorar uma nova era no mundo bruxo”, enfatizando a participação da autora na equipe de produção e no fato de Rowling assinar o roteiro cinematográfico.

Ainda em 2016, uma cadeira de carvalho usada por J. K. Rowling para escrever os dois primeiros livros da série **Harry Potter** foi leiloada em Nova Iorque por US\$ 394 mil, cerca de R\$ 1.4 milhão na época (O GLOBO, 2016). Um manuscrito de **Os contos de Beedle, O Bardo** (2007), escrito pela autora, foi leiloado em Londres pelo valor de £1.95 milhão, cerca de US\$ 3,98 milhões, ou exorbitantes R\$ 7 milhões na época (ESTADÃO, 2007). E, por falar em números fora da órbita, em 2006, o asteroide 43844 (NASA, s.d.) foi batizado de Rowling em

homenagem à autora de **Harry Potter**. Como bem afirma Suman Gupta (2009a):

O autor que é comercializável, em outras palavras, é uma superfície pura, uma imagem, uma construção fictícia para satisfazer as demandas existentes do mercado e os gostos do consumidor, e tudo isso a indústria do livro poderia capitalizar e os meios de comunicação de massa poderiam acompanhar (GUPTA, 2009a, p. 158, tradução nossa)⁶.

A figura do autor em uma comunidade global de leitores e fãs tão extensa e plural, como no caso de **Harry Potter**, torna-se, também, se não um personagem dos livros, certamente um personagem do fenômeno: a figura humana por trás do texto, da história, da marca. Uma vez que os personagens e a história em si não podem ser atingidos, a não ser virtualmente, e ao passo que o livro deixa de ser a única necessidade de posse ou de consumo, ter uma figura na qual o leitor possa recorrer de forma mais concreta (em sua lista de seguidores no *Twitter*, por exemplo) é altamente tentador.

A autor(idade) de Rowling [...] encara os leitores na capa de cada um dos livros de *Harry Potter*, em todas as resenhas, entrevistas, todos os meios de cobertura da mídia. É perverso não levar em conta o autor. Compreensivelmente, o fenômeno *Harry Potter* inclui uma tempestade perfeita de interesse no autor: biografias admiráveis de Rowling estão crescendo constantemente em livrarias, entrevistas são publicadas em quantidade, ela é homenageada por várias instituições, o seu estatuto autoral é quantificado não apenas pelo prestígio, mas por seu valor financeiro, dificilmente uma resenha não mencionou as circunstâncias em que os primeiros livros de *Harry Potter* foram publicados (mãe solteira no auxílio-desemprego resume a imagem ainda que não inteiramente exata). Suas declarações sobre os livros de *Harry Potter* são tomadas como evangelho; ela é homenageada por crianças bem como por adultos. O autor foi incorporado ao fenômeno *Harry Potter*. Assim como os leitores, sem saber, se tornam participantes do fenômeno de *Harry Potter*, eles estão dentro do fenômeno mais do que em qualquer distância analítica, e Rowling também está, como autora (GUPTA, 2009b, p. 33-34, tradução nossa)⁷.

⁶ “The author that is marketable, in other words, is a pure surface, an image, a fictional construct to fulfil existing market demands and consumer tastes, which the book industry could capitalize on and the mass media could play to.”

⁷ “Rowling’s author-ity [...] stares readers in the face on the cover of every one of the *Harry Potter* books, in every review, interview, every bit of media coverage. It is perverse not to take the author in account. Understandably, the *Harry Potter* phenomenon includes a perfect storm of interest in the author: admiring biographies of Rowling are cropping up steadily in book shops, interviews are published in quantity, she is honoured by several institutions, her authorial status is quantified not just by prestige but by her financial worth, hardly a review has failed to mention the circumstances in which the first *Harry Potter* books were published (single mother on the dole, sums up the apparently not

As palavras de Suman Gupta servem, pois, para a justificativa deste artigo, destinado à figura do autor e, mais especificamente, ao objeto de estudo: a figura de J. K. Rowling em relação à sua obra e seu público. O fenômeno **Harry Potter** e sua comunidade global de leitores e fãs, bem como suas características como referência de bem cultural e de consumo (ANDRADE, 2017) fazem com que não apenas a literatura e o livro sejam colocados em novas perspectivas, mas, também, as figuras do autor e do leitor, assim como todos os outros envolvidos na criação e manutenção do fenômeno; ou seja: “aqueles outros criadores invisíveis que moldaram os livros juntamente com Rowling (os designers/ilustradores, editores, anunciantes/publicitários, etc.)” (GUPTA, 2009b, p. 33, tradução nossa)⁸.

É inegável o fato de que a obra sobrevive à intenção do autor, mas, se, por escolha ou não, o leitor deixar se influenciar pelo autor ou pelo contexto no qual ele produziu o texto literário, sua leitura certamente sofrerá a **intervenção** do contexto ou, até mesmo, do próprio autor diretamente. J. K. Rowling é, certamente, um dos maiores exemplos dessa intervenção, sobretudo por sua ação deliberada nas redes sociais. Seja respondendo a questões de seus seguidores no *Twitter* ou por meio da plataforma de leitura digital **Pottermore**, a autora frequentemente revela segredos de seus livros, influenciando os desdobramentos da história e suas interpretações, bem como mantendo o interesse do público em sua criação.

Por meio de sua conta oficial no *Twitter*, Rowling responde diretamente aos comentários dos fãs e às perguntas dos leitores a respeito da série. Com esse contato direto e recorrente com os fãs e leitores de **Harry Potter**, J. K. Rowling é sempre notícia por revelar segredos e curiosidades da série e de seus personagens que não tenham sido contemplados pelos livros (VINCENT, 2016). Um dos vários exemplos e de grande repercussão foi a declaração da autora a respeito da

entirely accurate picture). Her statements on the *Harry Potter* books are taken as gospel; she is honoured by children and adults alike. The author has been incorporated into the *Harry Potter* phenomenon. Just as unthinking readers become participant in the Harry Potter phenomenon, are within the phenomenon rather than at any analytical distance, so too is Rowling as the author.”

⁸ “[...] those other invisible creators who shape those books with Rowling (the cover designers, publishers, advertisers, etc.)”

sexualidade de um dos personagens da série (para nos determos em apenas um exemplo).

Rowling havia declarado que Dumbledore, o bruxo mais poderoso de sua história e um dos personagens mais queridos pelo público, era gay. Esse foi um fato, é preciso destacar, noticiado pelos maiores e mais respeitados jornais e sites de notícia ao redor do mundo, como se esse fosse um fato relacionado a uma personalidade de grande prestígio internacional (BBC, 2007; REUTERS, 2007; SMITH, 2007; G1, 2007).

É preciso ainda ressaltar que essa comoção acerca da sexualidade do diretor de Hogwarts permanece ainda hoje nas redes sociais, com a apropriação da imagem de Dumbledore por comunidades LGBTQ+, sobretudo pelos fãs da série. Mas, nem todos comemoraram a atitude da autora. Algumas pessoas nas redes sociais e alguns ativistas gays criticaram o fato de Rowling ter revelado a sexualidade de um personagem que poderia cair no estereótipo dos personagens gays na cultura popular (CLOUD, 2007; FRANCE, 2018).

Ao mesmo tempo que Rowling deu enorme destaque em sua história a um personagem do qual sua sexualidade não fazia a mínima diferença (pois isso não é revelado nos livros, apenas após a declaração de Rowling é possível estabelecer essa conexão no último livro da série), ela também correu o risco de reduzir tal personagem tão importante para o desenrolar da história ao simples fato de ele ser gay.

É preciso destacar que a autora fez tal revelação ao ser indagada por um fã a respeito da vida amorosa do personagem, e não por meio da própria série. Ainda que haja um curto trecho em **Harry Potter e as Relíquias da Morte** (2007) no qual é tratada a relação de Dumbledore com seu amor da adolescência (Gerardo Grindelwald⁹), essa relação entre os personagens não é exposta no texto como uma relação amorosa. Apenas após a revelação de Rowling é possível estabelecer uma relação com a orientação sexual do personagem. Ou seja, um fato **suplementar** ao texto, o qual influencia diretamente na interpretação dos leitores e nos desdobramentos da história por influência da ação direta da autora.

⁹ Poderoso bruxo das trevas derrotado por Dumbledore em uma batalha épica.

Sempre que questionada diretamente por seus leitores e fãs a respeito de personagens e passagens de seus livros, ou simplesmente por vontade própria, Rowling fornece informações da história e dos personagens que não são contempladas nos sete volumes da série de livros impressos. Seja por meio da plataforma de leitura digital **Pottermore**¹⁰ ou por meio de sua conta no *Twitter*¹¹ (com mais de 14,5 milhões de seguidores até a escrita deste artigo), a autora mantém sua história viva para além das páginas dos livros, isso sem contar ainda a nova franquia de filmes escrita por Rowling, a qual é ambientada em seu mundo mágico e narra histórias anteriores à série de livros de **Harry Potter**.

Percebe-se, pois, no exemplo de Rowling, assim como em outros exemplos, sobretudo com autores de best-seller, que o autor é hoje peça imprescindível ao mercado editorial e ao próprio público literário, o qual se vê cada vez mais atraído pela imagem daquele que escreve suas histórias favoritas, quanto mais o público jovem. Hoje, somos tentados como leitores a não apenas conhecermos o rosto por trás do texto, mas, também, segui-lo em nossas redes sociais, conhecer seus gostos, curtir e compartilhar seus *posts* e suas declarações na internet, bem como assistir às suas palestras e entrevistas no *YouTube* (as quais, muitas vezes, servem de subsídio para nossas pesquisas e nossos trabalhos acadêmicos), fazendo com que continuemos, cada vez mais, a exumar a figura do autor, o qual não se encontra completamente morto, sobretudo na era digital e na dinâmica do mercado editorial globalizado e da indústria do entretenimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, para encerrarmos este texto dedicado aos novos espaços ocupados pelo autor na produção e recepção literária (tomando como objeto de estudo a autora J. K. Rowling e a série **Harry Potter**), retornemos à introdução deste artigo, na qual tivemos a oportunidade de contar a pequena história do repentino sucesso editorial de um romance policial inglês.

¹⁰ <https://www.pottermore.com>

¹¹ https://twitter.com/jk_rowling

Essa curta passagem que abre este artigo dedicado à controversa e polêmica discussão a respeito do autor evidencia muito bem sua exumação, se não para os formalistas, certamente para o público e, até mesmo, para a crítica literária. No despretensioso e aparentemente deslocado trecho a introduzir este artigo, podemos evidenciar um dos maiores exemplos da exumação daquele que escreve pelo poder (ou influência) de um nome, sem sequer levarmos em conta a qualidade do texto ou, até mesmo, a história que é contada no livro.

O relato breve e sem muitos detalhes do romance policial de sucesso repentino diz respeito ao livro de Robert Galbraith, intitulado *The Cuckoo's Calling* (2013), traduzido para o Brasil como *O Chamado do Cuco* (2013), pela editora Rocco. O livro publicado na Inglaterra em abril de 2013 havia vendido, até meados de julho do mesmo ano, 1500 cópias, debutando em críticas satisfatórias, porém, modestas em jornais britânicos.

No entanto, em menos de um mês, o livro saltou da 4709ª posição para o primeiro lugar da lista de best-sellers da gigante do comércio eletrônico, a *Amazon.com*. Isso depois da revelação, em 13 de julho de 2013, de que Robert Galbraith era, na verdade, o pseudônimo de J. K. Rowling (COX, 2013), o que rendeu críticas em grandes jornais, sites e revistas ao redor do mundo, exemplificando o argumento de que, **quanto à performance literária**, sobretudo quando se pensa em uma comunidade de leitores virtualmente conectados e de alcance global, o autor não está completamente morto. Ele é capaz, por si só, no exemplo de Rowling, de causar comoção em uma parcela significativa de leitores e fãs, movimentando parte da indústria cultural, da imprensa e do público, além, é claro, da própria crítica.

Negar essas revoluções causadas na literatura pelo avanço da era digital é negar aos estudos literários sua inserção no mundo que se modifica e expande além dos muros das universidades. É preciso se ter em mente que negar tais revoluções, sem que se abra um caminho teórico a esses movimentos, é isolar a teoria da prática, ou, pelo menos, das **novas práticas** de escrita e leitura na era digital. Se tais revoluções já são fortes o bastante para influenciar as gerações que nasceram em um mundo analógico e que agora vivenciam essa fase de transição, quão mais fortes ainda elas serão para as novas gerações, as quais já nascem conectadas no

mundo digital e que, portanto, dificilmente resistirão a essas influências tecnológicas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fellip Agner Trindade. Literatura e multimeios: o fenômeno *Harry Potter*. **Travessias**, v. 11, n. 3, 2017. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/18072/11968>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BBC. **JK Rowling outs Dumbledore as gay**, 2007. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/7053982.stm>>. Acesso em: 31 maio 2017.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1999.

CLOUD, John. **Outing Dumbledore**, 2007. Disponível em: <<http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,1675622,00.html>> . Acesso em: 22 maio 2018.

COX, Laura. **JK Rowling's crime novel written under male pseudonym was REJECTED by publisher before sales soared when she was revealed as the author**, 2013. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2362812/Harry-Potter-author-JK-Rowlings-crime-thriller-A-Cuckoos-Calling-rejected-publisher-sales-soared-revealed-writer.html>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

ESTADÃO. **Manuscrito de J.K. Rowling é vendido por 1,98 milhão de libras**, 2007. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,manuscrito-de-jk-rowling-e-vendido-por-198-milhao-de-libras,95456>>. Acesso em: 12 set. 2017.

FRANCE, Lisa Respers. **J. K. Rowling responds to gay Dumbledore controversy**, 2018. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2018/02/01/entertainment/jk-rowling-dumbledore-gay/index.html>>. Acesso em: 22 maio 2018.

G1. **Autora de Harry Potter revela que Dumbledore é gay**, 2007. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL153485-7084,00-AUTORA+DE+HARRY+POTTER+REVELA+QUE+DUMBLEDORE+E+GAY.html>>. Acesso em: 22 maio 2018.

GUPTA, Suman. **Globalization and Literature**. Cambridge: Polity Press, 2009a.

_____. *Re-reading Harry Potter*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009b.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MONTELEONE, Joana. **A bruxa que criou Harry Potter**, 2004. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/a-bruxa-que-criou-harry-potter/>>. Acesso em: 31 maio 2017.

NASA, s.d. Disponível em: <<https://ssd.jpl.nasa.gov/sbdb.cgi?sstr=43844>>. Acesso em: 31 maio 2017.

O GLOBO. **Cadeira na qual J. K. Rowling escreveu 'Harry Potter' é leiloadada por R\$ 1,4 milhão**, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/cadeira-na-qual-k-rowling-escreveu-harry-potter-leiloadada-por-14-milhao-19030737>>. Acesso em: 31 maio 2017.

REUTERS. **JK Rowling says Dumbledore is gay**, 2007. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-rowling/jk-rowling-says-dumbledore-is-gay-idUSN2052004020071021>>. Acesso em: 22 maio 2018.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

SILVA, Maurício Pedro da. Literatura e pragmatismo: pressupostos teóricos contemporâneos da crítica literária. **Dialogia**, v.2, Out/2003. Disponível em: <http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/dialogia/dialogia_v2/dialogv2_mauriciosilva.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2018.

SMITH, David. **Dumbledore was gay, JK tells amazed fans**, 2007. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/uk/2007/oct/21/film.books>>. Acesso em: 22 maio 2018.

SOUZA, Eneida Maria de. **Janelas indiscretas**: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

VINCENT, Alice. **17 times JK Rowling shocked Harry Potter fans**, 2016. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/culture/harry-potter/11496100/harry-potter-revelations.html>>. Acesso em: 31 de maio de 2017.

NAVEGAÇÕES, NEGAÇÕES, VIAGENS E REPRESENTAÇÃO DE MULHER NA LITERATURA NA PERSPECTIVA DE ANA CRISTINA CESAR ✓

152

Josiclei de Souza SANTOS¹
Tatiana Cavalcante FABEM²

✓ Artigo recebido em 29/01/2018 e aprovado em 22/05/2018.

¹ Professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), mestre em Estudos Literários, discente do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. E-mail: <josicleisouza@yahoo.com.br>.

² Graduada em Letras, professora de educação básica na Sociedade Civil Madre Celeste.

NAVEGAÇÕES, NEGAÇÕES, VIAGENS E REPRESENTAÇÃO DE MULHER NA LITERATURA NA PERSPECTIVA DE ANA CRISTINA CESAR

RESUMO

Na história da Literatura ocidental, no que diz respeito à viagem, há duas representações de mulher. A mesma ou significa a impossibilidade da viagem, território masculino, sendo reservado à mulher o papel da espera, protegida no refúgio do lar, contra os perigos do mundo, demasiado grandes para uma suposta fragilidade feminina, ou a mesma se inscreve entre os signos de mistério, perigo e/ou conquista a espera do domínio fálico, servindo, então, tais signos femininos como meios de autoafirmação da potência masculina na aventura da viagem. Usando as ferramentas dos Estudos Culturais, o presente estudo mostra como essa representação feminina construída por homens desde a antiguidade até a Literatura mais recente vai ser objeto de desconstrução por parte da poeta Ana Cristina Cesar, que vai estabelecer uma relação intertextual de réplica com importantes textos que de alguma maneira tratam da viagem, mas agora a partir da exposição da negação à viagem a que foi relegada a mulher. Veremos como a autora dialoga com textos clássicos, como Odisseia, de Homero e On the Road de Jack Kerouak.

Palavras-chave: Representação de mulher. Viagem. Literatura.

NAVIGATION, DENIALS, TRAVEL AND REPRESENTATION OF FEMALE IN LITERATURE IN THE PERSPECTIVE OF THE WRITER ANA CRISTINA CESAR

ABSTRACT

In the history of the Literature of the West, as far as travel is concerned, there are two representations of the female. Either it means the impossibility of traveling which is male territory, so it is reserved for women the role of waiting, protected in the shelter of the home, against the dangers of the world, too great for a supposed feminine fragility. Or it is inscribed among the signs of mystery, danger and/or conquest of the phallic domain, thus serving such feminine signs as a means of self-assertion of the masculine potency in the adventure of travel. Using the tools of Cultural Studies, the present study shows how this feminine representation constructed by men from antiquity to the most recent Literature will be object of deconstruction by the poet Ana Cristina Cesar, who will establish an intertextual replica relation with important texts which somehow treat the journey, but now from the exposure of the negation to the journey to which the woman was relegated. We will see how the author dialogues with classic texts such as Homer's "Odyssey" and Jack Kerouak's On the road.

Keywords: Representations of women. Travel. Literature.

1 INTRODUÇÃO

A Literatura ocidental tem na Odisseia, de Homero, um de seus textos fundadores. Na referida narrativa, temos a luta do guerreiro solerte Ulisses contra as forças da natureza e das divindades. Muitos estudos já aproximaram esse conflito da luta entre o mundo racional e o mundo pré-lógico, configurando-se o retorno do herói a Ítaca uma vitória daquele mundo sobre este. Conflito semelhante está em outro texto clássico, Édipo rei, de Sófocles, em que este, pela inteligência, venceria o mistério representado pela esfinge, conseguindo, assim, o poder de tirano. O que há em comum nesses dois textos fundadores da Literatura ocidental é que neles a mulher, ou o que está simbolicamente associado ao feminino, alegoriza o mistério a ser, na viagem de autorreconhecimento do homem, desvendado e dominado.

Outro elemento importante a ser observado, no que diz respeito à mulher nos dois textos, mas principalmente na **Odisseia**, é que a mesma assume uma condição sedentária, sendo-lhe a viagem uma impossibilidade ou interdição, o que se comprova na narrativa homérica por meio da personagem Penélope, ou seja, nesses dois importantes textos, a mulher ou está excluída da possibilidade da viagem, ou, durante a viagem que representa a ascensão do protagonista à condição heroica, o feminino se apresenta como obstáculo que deve ser vencido/dominado falicamente sob pena de fazer o homem regredir à condição natural ou fracassar rumo à sua ascensão heroico-civilizatória. Percebemos que é possível fazer uma aproximação entre risco que essa mulher sensual/fatal/natural representa nas duas obras, e em muitas outras, e a teoria freudiana da passagem da natureza à cultura (FREUD, 1981, p. 2509).

Durante a idade média os papéis não mudaram. A mulher era a princesa confinada em um castelo e o homem era o cavaleiro andante, que viajava em busca de aventuras. Na idade moderna o texto mais emblemático da língua portuguesa é a epopeia camoniana *Os Lusíadas* (1572), e nela, mais uma vez, temos a mulher exercendo a função de espera sofrida pelos homens que partem para as perigosas viagens, como é exemplo a descrição do embarque dos marinheiros de Vasco da Gama, ou simbolizando as recompensas míticas a serem desfrutadas ao fim da

aventura, como bem nos mostra a passagem da Ilha dos Amores, metáfora erótica dos violentos processos de colonização.

Uma autora que começou a mostrar em sua produção literária e ensaística a condição a que estava relegada a mulher foi Virgínia Woolf (1882-1941). Em um de seus romances, *Orlando*, lançado em 1928, em que as simbologias do masculino e do feminino são expostas e rasuradas, temos o protagonista, ao se transformar em mulher, casando-se com um homem com signos atribuídos ao feminino, que se entrega a aventuras marítimas.

— És uma mulher, Shel! — gritou ela.
— És um homem, Orlando! — gritou ele.
(...) Quando acabaram, e estando outra vez sentados, ela perguntou-lhe que conversa era essa de uma ventania sudoeste? Para onde ele zarpava?
— Para o cabo Horn — disse ele rapidamente, e corou. (...) Foi apenas à força de muita pressão da parte dela, e pelo uso de muita intuição, que conseguiu saber que a vida dele era esbanjada na mais desesperada e esplêndida das aventuras — que é dar a volta ao cabo Horn a despeito da ventania (WOOLF, 356, 1972).

Nesta passagem, vemos que Woolf problematiza o universo da viagem e seus riscos como ligados ao masculino, ao mesmo tempo em que mostra estar tal universo vedado à mulher. A poeta Ana Cristina Cesar (1952-1983), assim como Woolf, também consciente do universo da viagem negado à mulher, elaborou em diferentes obras intertextos com diferentes autores que tratam da dimensão épica da viagem, mas desconstruindo-os enquanto textos universais, mostrando que essa pretensa representatividade universal humana limita o lugar da mulher nessa representação pretendida como universal. Neste estudo, nosso objetivo é perceber como a autora trabalha essa desconstrução a partir do diálogo intertextual.

Para este trabalho, escolhemos duas obras representativas da Literatura com as quais percebemos o diálogo desconstrutor da autora: *Odisseia*, de Homero, texto representativo da antiguidade clássica ocidental, e o livro *On the Road* (1957), de Jack Kerouac (1922-1969), tido como narrativa fundadora da geração *beatnick*, e que teve uma influência que extrapola até mesmo o próprio campo literário. O primeiro texto foi escolhido pela recorrência com que a poeta evoca o tema da navegação, se utilizando de elementos presentes na narrativa homérica, da qual é conhecedora enquanto estudiosa e escritora. O segundo texto foi escolhido pelo

diálogo que autora estabelece com o mesmo, mas também com outras narrativas de Jack Kerouac, como **Dr. Sax** (1959), que tratam da viagem ligada à transgressão, elemento que trabalharemos mais amiúde para mostrar como a autora estabelece uma relação de aproximação e distanciamento com o autor *beat*. Sobre este último, particularmente nos impressionou a manutenção, em muitos casos, dos papéis da casa para a mulher e da rua para o homem, mesmo em um texto *beat*, pois este movimento ficou conhecido mundialmente como símbolo transgressor que questionava os valores conservadores da sociedade estadunidense.

Neste estudo nos interessa como a poeta brasileira Ana Cristina César se apropriou de forma desconstrutora de toda essa tradição literária de experiências de viagem, que está ligada ao masculino, em detrimento feminino. A proposta desconstrutora da poeta e crítica literária já se insere naquilo que será conhecido no meio literário como crítica feminista, sobre a qual faremos um breve histórico, juntamente com uma contextualização do momento em que a autora escreveu. Mas inicialmente vejamos como foi inventado historicamente que o espaço feminino é a casa, sendo a rua o espaço permitido somente aos homens.

2 A MULHER PARA CASA(R) E A MULHER DEMONÍACA

A crítica feminista contemporânea possui entre suas finalidades perceber como “as mulheres são representadas nas normas sociais e culturais predominantes” (SILVA, 2009, 33). Tais estudos foram importantes para perceber que a representação de mulher possui uma construção histórico-social. A partir dos estudos feministas foi possível perceber que as invenções da representação de mulher que hoje conhecemos no ocidente teve sua origem basicamente nos séculos XVII, XVIII e XIX, a partir da sistematização pelos dispositivos ideológicos do Estado de discursos construídos desde a antiguidade.

Segundo a autora Sílvia Alexei Nunes (2000), a representação da mulher que se consolidou na modernidade começou a ser desenhada no século XVII. Um fato determinante ocorrido naquele século foi o alto índice de mortalidade infantil em meio à nobreza. As mães daquela classe não exerciam tal função como a conhecemos hoje. Toda responsabilidade era atribuída às amas-de-leite, à

criadagem, às instituições pedagógicas e religiosas. Isso foi até quando surgiram os problemas de mortalidade que passaram a ser uma situação crítica para o Estado. Segundo ainda a autora, um personagem importante naquele contexto foi o filósofo Jean Jacques Rousseau. Para este, seria uma função masculina o cuidado com as coisas públicas, enquanto a função da mulher seria a relacionada ao lar.

A diferença sexual foi decisiva pra determinar a ideia de mulher doméstica. O pensador acreditava que a mulher não era inferior, nem imperfeita, porém, afirmava que as mesmas eram condizentes com a função materna e de vida doméstica (NUNES, 2000, p.38).

Desse modo, Rousseau afirmava que a natureza humana, em sua perfeição, estava sendo corrompida por uma civilização desvirtuadora, e que, para remediar tal equívoco, as mulheres precisavam assumir sua real função natural, ou seja, exercer seu papel materno, que por sua vez se liga à casa. Assim, as mulheres passam a assumir o papel de mãe e de esposa. Nessa nova conjuntura social, mãe e filho passam a ter uma relação fundamental para a identidade familiar. No entanto, um empecilho para a concretização da função doméstico-maternal da mulher era a imagem da mulher construída pela igreja desde a idade média.

Essa imagem ameaçadora da mulher sobrevive a toda Idade Média, ganhando contornos mais nítidos. Uma das crenças universalmente aceitas era da inferioridade inerente e insuperável das mulheres [...]. Era a um só tempo inferior (uma vez que fora criada da costela de Adão) e diabólica (por ter sucumbido à serpente). Os padres da igreja medieval acreditavam que as mulheres seriam mais inclinadas à luxúria e aos excessos sexuais (NUNES, 2000, p.22-23).

Desse modo, a igreja católica enxergava a mulher como a perdição do homem, herdeira da culpa original de Eva, causadora de todo o sofrimento para o mundo, ao ter comido do fruto proibido e influenciado Adão a cometer o mesmo pecado. O interessante é que, apesar de a ciência muitas vezes se opor à religião, o discurso de fraqueza e luxúria feminina, disseminado pela igreja católica, mais tarde vai ter reverberação no discurso científico.

O Trabalho ideológico elaborado no século XVII foi o de transformar a mulher de demoníaca em exemplo ser de sacrificial, como Maria, mãe de Jesus. Isto pela necessidade de se formar sujeitos com saúde, e, principalmente, uma burguesia

fortalecida, à época em ascensão. A Reforma de Lutero também deu sua contribuição. Segundo este, a mulher deveria se submeter ao marido, mas havia necessidade de se educar a mulher, com a finalidade de instrução da mesma para sua função de mãe e senhora do lar. É quando aparecem livros e manuais que versam sobre a criação, a educação e a saúde. A partir do instante em que a imagem maternal começa a se consolidar, a mulher passa a assumir uma representação de edulcorada, associada à função de mãe e esposa.

No século XVIII a mulher passa a ser representada como sendo a guardiã da infância, pela necessidade de mudar a visão negativa, herança da igreja, que existia sobre aquela. Como haver crianças bem educadas se a pessoa que iria passar o dia com elas era má ou não tinha uma boa instrução para passar às mesmas? A reversão da mulher diabólica fez surgir a sua imagem frágil, sensível, dependente, doce e sensata, e, acima de tudo, preparada para exercer seu papel de mãe.

Segundo Nunes, o discurso da fragilidade feminina foi recuperado do discurso aristotélico, que propunha a teoria dos humores, segundo a qual tudo que fosse quente representaria o sexo masculino, sendo que aquilo que fosse frio representaria o sexo feminino. Outro discurso recuperado foi o do médico clássico Galeno. Para este, as mulheres eram seres inacabados, devido ao calor não ter chegado suficientemente ao ventre para completar a mulher. Mas paralelamente a essa fragilidade, como vestígio da antiga representação diabólica religiosa, a mulher também passou a ser vista no campo científico como portadora de uma organização física e moral facilmente degenerável, dotada de um excesso sexual que deveria ser controlado a todo o momento.

Tudo isso levou a uma infantilização da mulher, chegando mesmo a serem encontradas semelhanças entre a mulher e um feto, pela sua formação óssea. A única diferença entre os dois estaria no esqueleto, visto que o da mulher seria mais largo. Oposta à mulher frágil e infantil, que deveria permanecer em casa, criou-se outra mulher, dotada de desejos sexuais brutos, relacionados ao útero, ou ao ovário, ou ao sistema nervoso. Nesta versão feminina, os instintos agiriam à revelia da vontade da mulher, como manifestação animal primitiva. Essa associação da mulher com um estágio não completado de passagem da natureza a cultura é observada por Hélène Cixous,

Como si, separada del exterior donde se realizan los intercambios culturales, al margen de la escena social donde se libra la Historia, estuviera destinada a ser, en el reparto instituido por los hombres, la mitad no-social, no-política, no-humana de la estructura viviente, siempre la facción naturaleza por supuesto, a la escucha incansable de lo que ocurre en el interior, de su vientre, de su «casa». En relación inmediata con sus apetitos, sus afectos (CIXOUS, 1995, p. 18).

Percebe-se nessa construção histórica da representação da mulher a mesma como incapaz de representar a figura heroica civilizadora contra a natureza, posto estar ainda muito próxima desta. Essa imagem dupla e dicotômica de mulher para casa(r) e da mulher sedutora e perigosa que coloca o homem a perder vai estar na já referida Odisseia, a primeira representada pela esposa dedicada, que permanece fiel ao seu esposo, mesmo ele passando dez anos no mar, vivendo várias aventuras, inclusive amorosas, a segunda está representada nas figuras das sereias, metade ser humano, metade animal, ameaçando o humano de um risco de retorno à natureza; além de feiticeiras e outras entidades míticas femininas, obstáculos a serem vencidos, e que fazem parte da escalada heroica ulissiana. Mas no fim da narrativa homérica, quando do retorno do herói, percebe-se o medo masculino de que a mulher da casa se torne a mulher da rua. Desse modo, a mulher, mesmo a que está subjugada, segundo os homens, para o seu próprio bem em casa, não deixa de representar um risco à civilização, não deixa de ser este outro ameaçador que nas viagens do herói se manifesta. E qual seria a dinâmica desse outro?

Qué es el «Otro»? Si realmente es «el otro» no hay nada que decir, no es teorizable. El otro escapa a mi entendimiento. Está en otra parte, fuera: otro absolutamente. No se afirma. Pero, por supuesto, en la Historia, eso que llamamos «otro» es una alteridad que se afirma, que entra en el círculo dialéctico, que es el otro en la relación jerarquizada en la que es el mismo que reina, nombra, define, atribuye, «su» otro (CIXOUS, 1995, p. 25).

A autora chama a atenção para o fato de que o Outro faz parte de um jogo dialético hierarquizado em que há um Mesmo que “reina, nomeia, define, atribui ‘seu’ Outro” (CIXOUS, 1995, p. 25). No caso da mulher, este Mesmo que cria seu Outro é o homem, aquele que está apto para a navegação, para o perigo, para a aventura civilizadora, moldando a mulher ao seu signo contrário.

3 ANA CRISTINA CESAR: A CRÍTICA E A ESCRITA

Ao situarmos a poesia de Ana Cristina Cesar nos estudos feministas, percebemos a importância de sua obra pelo fato de a mesma abarcar as três perspectivas que serão momentos importantes dos estudos feministas: pesquisar os textos de autores sobre a representação de mulheres na literatura acidental; afirmar uma voz assumidamente de mulher; desconstruir a perspectiva masculina sobre a representação feminina.

160

Costuma-se situar a crítica feminista em três grandes momentos. O início da primeira fase corresponderia à década de 1960, em que se procurou verificar a representação feminina em obras de autores masculinos. Já o segundo período foi marcado pela relação entre a escrita de autoria feminina e o posicionamento de suas respectivas autoras, mais precisamente, o que Showalter (1979 apud Macedo & Amaral, 2005, p.88) denominou de ginocrítica, e o terceiro momento (no início dos anos 1980) enfatizou as questões referentes ao gênero, bem como as relações de poder e repressão (SILVA, 2009, p. 23).

É sob esses três momentos que buscaremos ler a poesia de Ana Cristina Cesar, em seu diálogo desconstrutor com duas grandes obras de dois momentos diferentes da Literatura do ocidente.

3.1 UMA CLANDESTINA NO BARCO DE ODISSEU

Em *A dialética do esclarecimento* (1985), Adorno e Horkheimer mostram que no mito de Ulisses encontramos os elementos fundadores do ocidente, com sua racionalidade técnica, em que a cultura enquanto civilização, sob a justificativa de separar-se da natureza, assume uma dinâmica fálica. O retorno à natureza, ou desvio da missão civilizadora, não por acaso tem na Odisseia passagens relacionadas à figura feminina, como é o caso do canto das sereias, em que a humanidade de Ulisses corre o risco de sucumbir. Tal risco também está tanto em Calipso quanto Circe, que representam a face feminina do encantamento, enquanto Cila e Caribdes representam um retorno a uma natureza monstruosa.

O encantamento seria o contato com o que estaria para além do humano, enquanto que o monstruoso representa o medo do humano em retornar ao estágio

de natureza ou ao não-ser. O medo da passagem do ser alicerçado no Eu, para o não-ser representado pela morte ou pelo retorno ao estágio natural está presente no livro XII da Odisseia, em que Circe alerta Ulisses sobre o perigo de encontrar suas irmãs, as sereias.

Meu conselho te imprima. Hás de as sereias
Primeiro deparar, cuja harmonia
Adormenta e fascina os que as escutam:
Quem se apropinqua estulto, esposa e filhos
Não regozijará nos doces lares;
Que a vocal melodia o atraí às veigas,
Onde em cúmulo assentam-se de humanos
Ossos e podres carnes. Surde avante (HOMERO, 2009, p.412).

É possível perceber como o ser feminino mortal das sedutoras sereias, ligadas ao mistério da natureza, se opõe ao feminino doméstico da esposa geradora do filho. Ana Cristina Cesar, enquanto leitora e crítica literária, conhece a importância da obra Odisseia, e estabelece com a mesma um diálogo desconstrutor em que tanto a representação feminina presente no texto quanto a representação masculina são deslocadas de seus lugares comuns. Exemplo desse diálogo desconstrutor se relaciona ao desejo reprimido de Ulisses de ouvir o canto das sereias, por conta do medo da morte enquanto perda de sua identidade.

nada, esta espuma

Por afrontamento do desejo
insisto na maldade de escrever
mas não sei se a deusa sobe à superfície
ou apenas me castiga com seus uivos.
Da amurada deste barco
quero tanto os seios da sereia (CESAR, 2013, p. 27).

Enquanto Ulisses se contenta em fazer estratégias para ouvir o canto das sereias, deixando-se amarrar ao mastro, duplo do falo que garante o poder ante o risco de dissolução, o eu lírico da poeta se põe na amurada do barco, ou seja no limiar, mas parece só divisar a espuma das águas, desejando que o mito sedutor das sereias venha à tona ao seu encontro. O eu lírico, em um tom erótico mais acentuado, deseja ir além de Ulisses, deseja os seios das sereias, o que implica uma maior proximidade em relação ao mito, sem temer a dissolução que esse

contato erótico possa significar para o Eu. Uma outra leitura possível é de que o seio possa significar o alimento, a vida. Assim, a dicotomia entre a mulher demoníaca, representada pelas sereias, e a mulher materna, é desconstruída. Nessa atitude de busca dos seios das sereias há uma rasura da lógica dos heróis civilizacionais do ocidente, como Édipo, que opõe Jocasta à esfinge, ou o próprio Ulisses, que contrapõe Penélope às outras mulheres e seres ligados ao feminino encontrados em sua longa viagem.

Outro processo desconstrutor presente na poeta está no próprio espaço da navegação e da aventura presente em toda narrativa épica. Ana mostra que a divisão binária opositiva homem/mulher, que se desdobra em outras divisões simbólicas opositivas, como rua/casa, força/fragilidade, razão/sensibilidade, dentre outras, retirou das mulheres a possibilidade de experimentar o épico no que ele tem de enfrentamento ao perigo. Ao menor sinal deste, em um navio, logo se grita, “mulheres e crianças primeiro!”. Por ter essa consciência a poeta replica,

cartilha da cura

As mulheres e as crianças são as primeiras que desistem de afundar navios (CESAR, 2013, p. 87).

O título possui uma leitura aberta que pode nos remeter ao ato de curar-se. Essa cura seria a de desejar experimentar o épico, cujo privilégio é dado apenas ao homem. Cura também pode remeter a uma sacerdotisa, e a cartilha poderia ser, assim, uma espécie de ritual de adaptação da mulher ao seu lugar infantilizado, determinado pelo homem, longe do perigo. Tal visão está na leitura que Luiza Lobo fez da obra da autora.

Ao mesmo tempo em que denuncia o fato de as mulheres (e as crianças) serem incapazes de ocupar o *espaço* épico, Ana Cristina C. apreende a metáfora da navegação do Simbolismo já como corrosão, desconstrução, naufrágio, morte. Ser Homem, portanto, é ser capaz de afundar navios. (LOBO, 1993, p. 75)

Outro poema selecionado para este estudo, chamado Enciclopédia, como afirma Bittencourt (2012), retoma o uso do *ready-made* dadaísta Duchampiano,

deslocando, assim, um texto de um contexto comum para outro, gerando, assim, novas significações.

enciclopédia

Hécate ou Hécata, em gr. Hekáté. Mit. gr. Divindade lunar e marinha, de tríplice forma (muitas vezes com três cabeças e três corpos). Era uma deusa órfica, parece que originária da Trácia. Enviava aos homens os terrores noturnos, os fantasmas e os espectros. Os romanos a veneravam como deusa da magia infernal (CESAR, 2013, p. 25).

Cristina Cesar retoma uma experiência já feita por modernistas como Oswald de Andrade e Manuel Bandeira. Mas no referido texto a poeta insere pequenas alterações, que geram um efeito interessante e que se ligam à questão da representação da mulher.

Apenas no verso 5, com a presença de *parece*, tem-se um falseamento, ou dois: por um lado, a expressão é uma marca de oscilação (o que “parece” pode ser e não ser...), por outro, é uma veladura de origem (a deusa Hécate “parece” ser da Trácia, mas é impossível comprovar essa informação) (BITTENCOURT, 2012, p. 136, grifo do autor).

A palavra para a qual a pesquisadora nos chama a atenção, de fato, vai de encontro ao sentido de enciclopédia, que é o de conhecimento geral, criando um efeito dissonante no texto. As enciclopédias foram criadas no século XVI, em plena ascensão do racionalismo que buscava pelo conhecimento dominar o universo. Desse modo, podemos relacionar o conhecimento enciclopédico ao herói ulissiano, representante da civilização racionalista ocidental. O objeto do texto enciclopédico, por seu turno, trata mais uma vez de uma representação feminina. No caso, temos a figura divina de Hécate ou Hécata como mãe de Circe, feiticeira que tentou encantar Odisseu e que transformou seus marinheiros em porcos, ou seja, a mesma representa o risco do retorno à animalidade, do qual o herói precisa se defender.

Assim como sua filha, a deusa se liga à magia infernal, e, sendo órfica, se liga ao mistério e ao desconhecido ligado à noite, aos espectros e fantasmas, em contraposição ao dia solar e à razão, tidos como simbolicamente masculinos. O

termo “parece” faz a explicação sobre a deusa escapar ao fechamento, desconstruindo assim a tentativa enciclopédica de revelar o mito feminino em sua totalidade.

Outro poema que escolhemos para análise neste trabalho tem em seu título o próprio nome do herói da Odisseia, deixando aos leitores e leitoras uma pista intertextual.

Ulysses

E ele e os outros me veem.
Quem escolheu este rosto para mim?

Empate outra vez. Ele teme o pontiagudo
estilete da minha arte tanto quanto
eu temo o dele.

Segredos cansados de sua tirania
tiranos que desejam ser destronados

Segredos, silenciosos, de pedra,
sentados nos palácios escuros
de nossos dois corações:
segredos cansados de sua tirania:
tiranos que desejam ser destronados.

o mesmo quarto e a mesma hora

toca um tango
uma formiga na pele
da barriga,

rápida e ruiva,
Uma sentinela: ilha de terrível sede.
Conchas humanas (CESAR, 2013, p. 232).

Neste poema percebemos o segredo em forma de confissão relacionado a uma característica que fez com que Ana Cristina Cesar se diferenciasse dos poetas seus contemporâneos, pertencentes à poesia marginal, o hermetismo.

De braço dado com ela (sua geração) em alguns costumes, mas escrevendo com mão diferente um texto cuja mancha gráfica incorporava sem cerimônia a prosa, Ana Cristina apareceu-esfinge clara e singular- sem temer a rejeição, procurando outro leitor e propondo uma nova leitura em nada complacente, muito pelo contrário, uma leitura desafiada (FREITAS FILHO, in CESAR, 2013, p. 8).

Essa leitura desafiada já foi apontada por muitos críticos. Temos a incorporação da prosa a partir de gêneros textuais confessionais como a carta e o diário íntimo. Ana Cristina trabalha com fragmentos biográficos recriados poeticamente, ora em prosa ora em verso, ou seja, redirecionando aqueles gêneros pessoais para um espaço de leitura pública, rasurando a divisão entre o público masculino e o privado feminino. A rasura poética de Ana Cristina Cesar segue a rasura política das feministas. Assim temos pessoas das quais o eu lírico fala que seriam de um conhecimento já partilhado pelo interlocutor, mas que ficam ambíguos, sendo o “ele e os outros” tanto sugeridos como sujeitos biográficos, como também sujeitos genéricos, possivelmente relacionados ao título Ulysses, o herói navegante e seus comandados. Nos dois primeiros versos retornamos à temática da n(av)egação: “e ele e os outros me veem/ Quem escolheu este rosto para mim?”.

Um elemento que permeia a poética de Ana Cristina Cesar e para o qual o último verso acima chama a atenção é a não oposição absoluta entre realidade e ficção. O eu lírico mostra que toda pessoa é uma persona, não autoidentidade em si, mas uma representação em que o outro interfere. No caso da mulher, temos um rosto que foi moldado pela sociedade patriarcal no ocidente. Mas uma diferenciação é que neste poema nós temos uma relação amorosa agonística, marcada pela tensão entre poder e prazer, “empate outra vez. Ele teme o pontiagudo/estilete da minha arte tanto quanto/eu temo o dele” (CESAR, 2013, p. 232).

No restante do poema, temos essa dupla leitura do político e do erótico constantemente se atravessando. Na dimensão intertextual com o texto homérico, temos símbolos do poder desconstruídos pelo prazer: tirania, palácio, sentinela. Na dimensão confessional temos a questão do risco que é abrir seus segredos para o outro. Trata-se do mesmo ser poético que deseja os seios da sereia. Este busca estabelecer uma economia baseada não mais na tirania repressora, e auto-repressora, e sim no erotismo, como a querer libertar Ulysses do mastro em que o mesmo, em nome da civilização, se amarrou, colocando o poder acima do prazer, “segredos cansados de sua tirania/tiranos que desejam ser destronados” (CESAR, 2013, p. 232).

Sua luta amorosa com esse homem dialoga com o lirismo sáfico gerador do poema Para Anactória, em que se lê que para uma mulher mais vale amar que

conquistar impérios. Porém, mais que ratificar territórios fixos, esse ser poético busca operar rasuras e desconstruções. Isto fica patente no poema que, apesar de parecer se aproximar de seus contemporâneos marginais, remete ao romance wolffiano citado no início deste trabalho, cuja profundidade questiona o lugar da mulher e do homem,

haikai

hem? hem? quital
ser Orlando
na vida *real*? (CESAR, 2013, p. 422).

3.2 UMA CLANDESTINA NA ESTRADA

Ana Cristina Cesar, como leitora anglófona e consumidora da produção contracultural juvenil, conheceu a Literatura *beat*. Esse movimento produziu uma Literatura transgressora, que questionou o *American way of life* consumista e o macarthismo estadunidense. Esses escritores radicalizaram a proposta Whitmaniana de uma Literatura que se confundia com a vida (BROCA, 1998, p. 32). Em seus textos estão aventuras e diferentes tipos de transgressão: experiências com entorpecentes, alusões a relações homoafetivas, delinquência, orgias sexuais, dentre outras. Tudo isso aliado a radicais experimentações não menos transgressoras na linguagem literária.

A importância dos *beats* para a contracultura ocidental pode ser ilustrada pela expressão comum em seus textos: *hipster*, que significaria marginal absoluto (WILLER, 2009 p.8). O diminutivo de *hipster* gerou o termo *hippie*, que designava quem buscava na década seguinte um modo de vida alternativo ao modo de vida capitalista. Isso mostra que a importância dos *beats* transcendeu o campo literário, influenciando na criação de um novo modo de existência contracultural juvenil.

No Brasil também tivemos uma reverberação dos *beats*, a chamada poesia marginal, nos anos 70. Mesmo que alguns poetas não tenham tomado contato direto com a literatura *beat*, estes se alimentaram da contracultura que é devedora daquela. No entanto, na chamada geração do mimeógrafo, há uma forte presença de mulheres protagonistas, já sobre a influência do feminismo. Dentre as poetas que

tiveram maior visibilidade estava Ana Cristina César, que foi influenciada pela escrita *bebop* e fluente de Kerouak, mas aplicada a uma poesia que implodia a divisão entre verso e prosa, além de expor as limitações impostas à mulher pela sociedade patriarcal.

Ana C. se apropria de elementos dos símbolos e da linguagem kerouakeana e de outras experimentações modernistas, mas acrescentando aí diferencialmente questões da voz da mulher. O poema *Na outra noite no meio-fio* é uma réplica ao texto kerouakeano. Ele traz ao mesmo um suplemento que desvela o limite da transgressão em relação à mulher.

3.3 ESTRADA, LUGAR DE HOMENS

A obra narrativa considerada fundamental na geração beat foi o romance *On the Road*, de Jack Kerouac, lançado em 1957, feito a partir das viagens de seu autor pelas estradas dos Estados Unidos. A obra possui uma escrita automática, uma fluência que se aproxima do improviso musical do *bebop*, e busca transgredir uma linguagem trabalhada e pensada, como se, desse modo, desamarrasse a linguagem de seu vínculo com uma arte instituída em um racionalismo técnico. Fugir desse racionalismo técnico seria a negação do ocidente decadente. Daí a fuga ao transcendental, ao místico, a um oriente imaginário, a um arcaico encantado perdido com a modernidade.

No referido romance, vários dos *beats* acabaram virando personagens com nomes diferentes. Além dos mesmos, uma profusão de personagens daqueles lugares aparece, e de dentre eles há muitas mulheres. Este é o ponto de diferença entre o universo kerouakeano e o ser poético transgressor de Ana Cristina Cesar. Apesar dessa aura *outsider* presente na obra, e que virou um mito contracultural para muitos jovens, a mulher muitas vezes estava ausente das aventuras ocorridas de cidade em cidade, e quando a mesma aparecia, tinha uma representação de acompanhante. Na maioria das vezes ela aparece na velha condição de esposa e/ou mãe estraga-prazeres, cobrando do marido a presença e a ajuda com as despesas da família e com os filhos, e criticando os amigos por tirarem o homem do núcleo familiar. Vejamos na obra *On the road*, obra mais conhecida de Jack Kerouac a

descrição que o narrador Sal Paradise faz de Dean Moriarty e sua esposa e acompanhante Marylou,

A primeira impressão que tive de Dean foi a de um Gene Autry mais moço — maneiro, esguio, olhos azuis, com um sotaque típico de Oklahoma —, um herói de suíças do lado nevado do oeste. (...) Marylou era uma loira linda, com imensos cabelos encaracolados num mar de tranças douradas. E ela ficava ali sentada, na beira do sofá, com as mãos apoiadas sobre as coxas e seus olhos caipiras azul esfumados fixos numa expressão assustada porque, no fim das contas, ali estava ela, num cinzento e diabólico apartamento de Nova York, justamente como ouvira falar lá no oeste, e apenas aguardava, longilínea e magricela como uma daquelas mulheres surrealistas das pinturas de Modigliani num quarto sem graça. Só que, além de gostosa, era profundamente estúpida, e capaz de fazer coisas horríveis (KEROUAC, 2012, p.18).

Percebe-se que, enquanto Dean é comparado a um herói dos filmes de cowboy, sua esposa tem uma descrição assentada na beleza, mas é tida como assustada e estúpida, além de outros adjetivos mais depreciativos ao longo da obra. Ana Cristina Cesar estabelece com o texto kerouakeano uma relação de identificação e diferença, de identificação porque a viagem e os espaços da rua enquanto possibilidade de travessia transgressora é comum aos dois, mas também de diferença porque o ser poético cesariano tem consciência do confinamento na casa a que a mulher foi historicamente relegada. Essa perspectiva suplementar, para se usar um termo derridiano, que percebe o limite da transgressão beat está na experiência antropofágica do texto cesariano Na outra noite no meio fio, em que a poeta se apropria do início de uma obra de Kerouac, Dr. Sax, para reescrevê-la no início do seu texto, mas sob a perspectiva feminina.

Na outra noite sonhei que estava sentada no meio-fio com papel, lápis e assobios vazios me dizendo: “Você não é Jack Kerouac apesar das assombrações insistirem em passar nas bordas da cama exatamente como naquele tempo”. Eu era menina e já escrevia memórias, envelhecida (CESAR, 2013, p. 41).

Kerouac em suas narrativas usa o recurso de inserir personagens baseados e em pessoas do meio *beat*, modificando-lhes o nome. Como vemos na passagem acima, Ana radicaliza mais a proposta withmaniana intensificada pelos *beats* de confundir arte e vida ao usar em seu texto o próprio nome do autor Jack Kerouac,

mostrando que a experiencição masculina da estrada e da rua, apesar do desejo da leitora dos *beats*, é embargada a ela.

A divisão espacial em que a rua é destinada ao masculino e a casa é destinada ao feminino fica mais clara na passagem “o tempo se fazia ao contrário. De noite não dormia enquanto meus olhos viam as luzes dos automóveis velozes no teto” (CESAR, 2013, p. 41). A imagem pode nos remeter ao mito da caverna, invertida, pois não se trata de sombras projetadas no teto, e sim de luzes que o ser poético divisa quando adentram no seu quarto, o espaço mais reservado da casa. As luzes são dos carros velozes, meios utilizados para se atravessar o país pelas estradas, o que proporcionou revelações e experiências aos viajantes *beats*.

Uma outra diferença percebida entre o ser poético cesariano e o texto kerouakeano e de outros textos masculinos é que a viagem heroica para o homem implica abandonar a mulher, deixá-la em casa ou pelos caminhos. Isso desde a Odisseia, como mostra Hélène Cixous, ao refletir sobre a trajetória de Teseu, “*Teseo no tiembla, no adora, no desea, pasa por los cuerpos (femininos) ni siquiera magnificados en dirección a su propio destino. Toda mujer es un medio*” (CIXOUS, 1995, p. 32). É possível completar dizendo que se trata de um meio para se conseguir o poder e glória. Diferentemente da lógica masculina da viagem, que exclui e/ou instrumentaliza as mulheres, o ser poético cesariano não coloca o ser amado como empecilho ou apenas meio no autoconhecimento que a viagem transgressora proporciona; ele pode assumir a condição de motor principal.

Mocidade independente

Pela primeira vez infringi a regra de ouro e voei pra cima sem medir mais as consequências. Por que recusamos ser proféticas? E que dialeto é esse para a pequena audiência de serão? Voei para cima: é agora, coração, no carro em fogo pelos ares, sem uma graça atravessando o Estado de São Paulo, de madrugada, por você, e furiosa: é agora, nesta contramão (CESAR, 2013, p.85).

A incosequência juvenil, muitas vezes permitida somente aos homens, é reivindicada pelo ser poético. Notemos que a pergunta sobre o ser profética é feita no plural, se dirigindo às mulheres. A questão do cerceamento comportamental feminino chega até mesmo à linguagem: “E que dialeto é esse para a pequena

audiência de serão?”. A independência presente no título do texto não exclui o ser amado, ao contrário, ele faz parte desse processo. Cixous mostra essa diferença na atitude entre homens e mulheres desde os gregos, com suas economias diferenciadas.

Inmensa, cortejo de maltratadas, engañadas, desoladas, rechazadas, pacientes, muñecas, rebaño, moneda. Despojadas. Tan explotadas, desnudadas. Lo dan todo. ¿Es ese, sin duda, su defecto? Ejemplar Ariana: sin calcular, sin dudar, creer, ir hasta el final de todo, dar todo lo que uno tiene, renunciar a todo lo que da seguridad -gastar sin retorno -el anti-Ulises-sin una mirada atrás, saber cortar, abandonar, avanzar en el vacío, en lo desconocido. Teseo se une al hilo que la mujer sostiene firmemente para sujetarlo. Pero ella se lanza sin hilo (CIXOUS, 1995, p. 31).

Ana Cristina Cesar em seus poemas praticou essa economia amorosa do dispêndio que não mede cálculos. Sua própria vida fugaz, numa prova da intersecção entre poesia e vida, foi exemplo dessa economia. Sua obra não se limitou a ser uma voz feminina, mas interpelou as vozes masculinas desnudando-as como tal, e questionando os lugares naturalizados para o masculino e o feminino.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se percebe nessa linha histórica que vai da antiguidade clássica, com Odisseia, até a década de 50 do século passado, com *On the Road*, é a interdição feminina para a possibilidade do viajar como realização heroica, sendo a aventura da viagem, portanto, muitas vezes um território masculino, ficando a mulher restrita ao lugar da casa, ou simbolizando algum obstáculo para a escalada heroica. Ana Cristina Cesar dialoga intertextualmente com essa tradição literária da viagem, mas estabelecendo uma dinâmica desconstrutora que questiona a dinâmica masculina que exclui a mulher, seja em um texto fundador da civilização ocidental, seja naquele que representa um questionamento transgressor a essa mesma civilização.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. (1985), **Dialética do Esclarecimento, fragmentos filosóficos. Trad.** Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985. 224 p.
- BITTENCOURT , R. L. F. Hibridismo e autoria: a subversão dos limites em Ana Cristina Cesar. **Organon**, Porto Alegre, v. 27, n. 53, p. 129-143, julho-dezembro, 2012. Disponível em :
<<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/35861/23311>>. Acesso em: 27 mai. 2018.
- BROCA, Brito. **Americanos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. 102 p.
- CESAR, Ana Cristina. **Poética**. 1ª ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2013. 504 p.
- CIXOUS, Helene. **La risa de la medusa. Ensayos sobre la escritura**. Barcelona: Antropos; Madri: Comunidad de Madrid. Consejería de Educación General de la Mujer; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1995. 201 p.
- FREUD, Sigmund. **El malestar de la cultura**. In Obras completas. 4. ed. Tomo III. Trad. Luiz Lopes- Belleteros y De Torres. Madrid: Biblioteca nueva, 1981.
- HOMERO. **Odisseia**. São Paulo: Atena, 2009.
Disponível em:
<<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/odisseiap.html>>. Acesso em 28 de janeiro de 2018.
- KEROUAC, Jack . **On the road**. Tradução Eduardo Bueno. Porto Alegre. L&PM, 2012. 296 p.
- LOBO, Luiza. A (de)rota na metáfora da navegação. In:_____. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p. 74-83.
- NUNES, Silva Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**. Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 256 p.
- SILVA, Jacicarla Souza da. **Vozes femininas da poesia latino-americana : Cecília e as poetisas uruguaias**. São Paulo : Cultura Acadêmica, 2009. 221 p.
- WILLER, Cláudio. **Geração Beat**. Porto Alegre: L&PM, 2009. 120 p.
- WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway/Orlando**. Trad. Mário Quintana e Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Editora Abril, 1972. 412 p.

REMINISCÊNCIAS DO PASSADO E PROJEÇÕES DE FUTURO: O INCERTO COMO CHAMARIZ EM NARRATIVAS JUVENIS DISTÓPICAS ✓

172

Valdinei José ARBOLEYA¹

✓ Artigo recebido em 23/12/2017 e aprovado em 21/05/2018.

¹ Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Unioeste-PR e licenciado em Letras também pela Unioeste-PR; especialista em Arte-educação e em História e Cultura Afro-brasileira e Africana; Mestre em Letras pela Unioeste-PR. Professor de língua portuguesa, literatura e arte da Faculdade Assis Gurgacz, campus de Toledo-PR. E-mail: <vjarboleya@hotmail.com>.

REMINISCÊNCIAS DO PASSADO E PROJEÇÕES DE FUTURO:

O INCERTO COMO CHAMARIZ EM
NARRATIVAS JUVENIS DISTÓPICAS

RESUMO

Pretende-se, neste estudo, abrir um canal de reflexão acerca do conceito de distopia como elemento ficcional que desperta a curiosidade e o interesse do público juvenil. De forma mais pontual, busca-se abordar a trilogia Jogos Vorazes, de Suzanne Collins e Divergente, de Verônica Roth, a partir do que articulam de maneira mais emblemática: sua capacidade de instigar a reflexão e a especulação acerca dos destinos políticos e econômicos do mundo num futuro incerto. Pretende-se com a presente reflexão analisar de que modo o literário inclui ou se alimenta do real e do histórico nessas trilogias e de que maneira tais obras articulam a habilidade narrativa de englobar contexto social e projeção de futuro num molde completamente diverso daquele dos romances históricos, mesclando o misterioso e conflitivo e utilizando personagens jovens como trunfo para contestar e transformar a realidade. Propõe-se uma leitura intertextual das obras em estudo, margeando, a partir da análise, aspectos que possam permitir uma aproximação com o jovem leitor, haja vista que ambas são ficções com traços do real que predizem um futuro intangível no qual os heróis e heroínas são jovens contestadores que vislumbram a possibilidade de reverter o sistema.

Palavras-chave: Distopia. Juventude. Formação do leitor. Literatura.

MEMORIES AND FUTURE PROJECTIONS:

THE UNCERTAIN AS A DECOY IN YOUNG
ADULT DYSTOPIAN NOVELS

ABSTRACT

This study aims at analyzing the concept of dystopia as a fictional element that arouses the curiosity and interest of the juvenile public and young adults. Specifically, we seek to study the following trilogies: Divergent, written by Veronica Roth and The Hunger Games written by Suzanne Collins, considering them as works capable of instigating reflection and speculation about the political and economic destinies of the world in an uncertain future. This study intends to analyze how the literary includes or feeds on the real and the historical in these trilogies and in which way such works encompassed the social context and the future projection in a completely different mold from historical romances, mixing the mysterious and conflicting and using young characters as trump to challenge and transform reality. That is a proposed intertextual reading of the works under study, in which observations and analyses are elaborated observations and analyzes on the aspects that may allow an approach for the young reader, to these narratives are These narratives are fictions with real traces that predict an intangible future in which heroes and heroines are young contestants who want to reverse the system.

Keywords: Dystopia. Youth. Reader training. Literature.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre literatura e sociedade é matéria amplamente discutida nos tratados de teoria literária. Tal verdade – se é que o termo serviria ao propósito de uma obra literária – é assegurada não apenas pela busca da verossimilhança de personagens e conflitos que entretecem narrativas, aproximando-se de fatos e sujeitos sociais, mas, sobretudo, porque a própria literatura é um fenômeno social.

Sob essa ótica, literatura e realidade social se ligam como um constructo orgânico no qual, como define Candido (2000), imbricam-se autor, enquanto ser histórico que plasma o real em forma literária, obra, enquanto criação socialmente situada e leitor, sujeito que ressignifica a obra fazendo-a circular em novos tempos e espaços sociais, particularizando-a e universalizando-a ao mesmo tempo. Partindo dessa perspectiva, seria possível perguntar de que modo o literário inclui ou se alimenta do real e do histórico em obras como **Jogos Vorazes**, de Suzanne Collins e **Divergente** de Veronica Roth.

Qualquer tentativa de resposta a tal pergunta, aparentemente ingênua, põe em evidência uma sofisticada relação entre literatura, realidade e distopia e, na medida em que o faz, descortina o papel da literatura juvenil nesse processo como um gênero que utiliza o insólito e o distópico como instrumentos para representar, refletir e até mesmo denunciar formas de vida e de organização social. Nesse sentido, é coerente afirmar que narrativas deste filão são singulares no que se refere à habilidade de englobar contexto social e projeção de futuro num molde completamente diverso daquele dos romances históricos e que, por esta mesma razão, configuram-se como chamarizes para o público jovem, pelo perfil simultaneamente misterioso e conflitivo que possuem. Além disso, são preditivas de um futuro distópico baseado em guerras, armamento nuclear, exploração inadequada de recursos naturais e dominação de um grupo ideológico sobre outro e utilizam personagens jovens como trunfo para contestar e transformar a realidade. Vale lembrar, corroborando a íntima relação entre literatura (juvenil) e sociedade, que os aspectos que desencadeariam um futuro pós-apocalíptico em romances

distópicos são facilmente notados no cenário político-ideológico e socioeconômico contemporâneo, além de ecoarem na história da humanidade.

As obras em estudo são trilogias que ganharam grande destaque após sua reprodução cinematográfica, no entanto, constituem-se como produções literárias bastante conhecidas entre os jovens leitores. A trilogia de **Jogos Vorazes** apresenta uma narrativa distópica que se passa numa América do Norte redimensionada geográfica e politicamente e denominada Panem. Nessa região, há doze distritos controlados pela Capital que, anualmente, determina a cada um a **escolha** de um menino e uma menina para uma competição mortal, televisionada para toda a nação como um evento em comemoração à supremacia da Capital sobre o Distrito 13, **vencido** em combate. Numa das escolhas, uma jovem do Distrito 12, um dos mais pobres, assume o centro de ação da narrativa num jogo de enfrentamento contra a Capital, tornando a nação a própria arena dos jogos.

No caso de **Divergente**, a devastação das fontes naturais também redefine a América do Norte, mas o aparato tecnológico – também disponível em Panem – permite a criação de cidade futurística, Chicago, na qual os cidadãos não são divididos em distritos, mas organizados em facções às quais devem escolher e seguir doutrinariamente. Nesse contexto, uma jovem pertencente à facção denominada Abnegação se descobre especial ao escolher a facção da Audácia e conhece toda uma artimanha de controle e manipulação que marca a história de sua cidade e a realidade de uma nação.

Pretende-se analisar essas duas trilogias buscando entrelaçar as categorias analíticas de distopia e juventude, insólito e realidade numa abordagem sociocrítica da literatura. Sabe-se do peso e da importância dos estudos da estética da recepção e do fantástico no que toca à fundamentação teórica de tal proposta, no entanto, sem desmerecer nenhuma dessas possibilidades de enquadramento teórico e considerando o conceito de insólito como caminho seguro de análise, este estudo pretende aludir às obras citadas a partir de entrelaçamento desse conceito à crítica sociológica e a algumas questões relativas à formação do leitor.

2 INTERFACES DA TRANSGRESSÃO: CONFLITOS E EMBATES SOCIAIS NAS TRAMAS EM ESTUDO

Atualmente, uma série de obras de literatura juvenil bebe no manancial da distopia e vem aquecendo o mercado editorial com narrativas que envolvem política, cultura e sociedade de forma recorrentemente insólita e hábil no que se refere à capacidade de capturar o interesse do leitor e de projetá-lo num universo de reflexões acerca do futuro. Este aspecto parece culminar num ponto referencial da cultura juvenil: uma ficção com traços do real que prediz um futuro intangível no qual os heróis e heroínas não são dotados de superpoderes, nem são entidades de luz oriundas de um outro mundo; antes, são jovens contestadores que vislumbram a possibilidade de reverter o sistema sócio-político, aspecto que por si só, seria o bastante para significar a identificação imediata com o público jovem, ávido por mudanças, quebra de paradigmas e aventuras (CARDOSO; SAMPAIO, 1995). A bem dizer, as tramas que compartilham desse ideal ou mote narrativo, dentre elas, as trilologias **Jogos Vorazes** e **Divergente**, parecem retomar o paradigma da juventude contestadora, tão evidenciado no entreguerras e nas revoluções político-culturais do século XX e que, como ponderam Cardoso e Sampaio (1995), pareciam estar adormecidos desde o início da década de 1990. Tal impressão se deve, em parte, ao fato de que diante da ausência de grandes movimentações juvenis inovadoras, “somos muitas vezes levados a pensar que a juventude como protagonista real ou virtual de amplas transformações políticas, sociais e culturais saiu definitivamente de cena” (CARDOSO; SAMPAIO, 1995, p. 25-26).

Discutir as novas formas de politização e de manifestação juvenil não constitui o escopo deste estudo, contudo, compete esclarecer, com base em Cardoso e Sampaio (1995), que acreditar na ideia de que os jovens contemporâneos sejam apáticos e desinteressados pode ser uma leitura precipitada e, muitas vezes, referenciada na grande efervescência política do que foi a juventude dos anos 1960 a 1980. O jovem não perdeu o interesse por desafiar, tampouco, sua prática contestadora; pode-se dizer que, dadas as garantias constitucionais, a luta por direitos sociais e pela liberdade de expressão ganhou novos contornos e agregou distintas formas de manifestação. No campo das artes, sobressaíram-se linguagens

artísticas como o grafite e o rap, e na literatura, obras de ficção que evidenciam o protagonismo juvenil frente a uma sociedade marcadamente opressora, como é o caso das trilogias **Jogos Vorazes** e **Divergente**. Ambas, narrativas referenciais no que se refere à presença de atitudes juvenis desafiadoras encabeçadas ou fortemente marcadas por protagonistas do sexo feminino. Esse diferencial merece atenção quando considerado à luz da ideia de que as atitudes contestadoras, desafiadoras e, no caso das protagonistas das obras em estudo, batalhadoras, no sentido literal do termo, não seriam moralmente aceitas para mulheres. Sob essa ótica, compreender o papel simbólico dessas protagonistas num momento histórico em que as lutas pelo crescimento e pela valorização do papel da mulher na sociedade ganham novos contornos em detrimento da ação de movimentos sociais e da própria atuação feminina na sociedade, personagens com tal poder no centro de atuação da narrativa acabam por se tornar elementos de identificação de adolescentes, jovens e adultos/as. Não obstante, tornam-se, também, referenciais para insuflar a resistência ao discurso dominante da cultura patriarcal que, como observa Sevcenko (1998, p. 373), constituía-se como um

preciso e vigoroso discurso ideológico que reunia conservadores e diferentes matizes reformistas e que acabou por desumanizá-las como sujeitos históricos, ao mesmo tempo que cristalizavam determinados tipos de comportamento convertendo-os em rígidos papéis sociais. “A mulher que é, em tudo, o contrário do homem”, foi o bordão que sintetizou o pensamento de uma época intranquilha e por isso ágil na construção e difusão das representações do comportamento feminino ideal, que limitaram seu horizonte ao “recôndito do lar” e reduziram ao máximo suas atividades e aspirações, até encaixá-la no papel de “rainha do lar”, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa.

O autor descortina nesta passagem o fundamento da cultura patriarcal, segundo a qual, as mulheres deveriam formar o tripé mãe-esposa-dona de casa. No caso das obras em análise, ambas as protagonistas são icônicas no que se refere a uma postura inconformista diante de tal contexto, ainda que circunscritas, em muitas passagens, à forma clássica do par romântico. A ideia de que, embora vivam uma espécie de romance, as heroínas das obras em estudo e as próprias obras em si não possam ser encaixadas na categoria de romance romântico, pode ser analisada à luz das contribuições teóricas de Lukács (2000), para quem o romance romântico, ou em suas palavras, o romance no rumo da epopeia, volta-se à perda da imanência

do sentido da vida e à busca pela recriação de uma totalidade perdida. Pode-se dizer que o romance que se desencadeia nestas trilologias beira à proposição do que Lukács (2000) considerava como a possibilidade de uma nova configuração de sentido junto ao mundo, aspecto que se aproxima dos ideais que comumente marcam os arroubos da juventude.

As características elementares do romance romântico presentes nas trilologias em análise acabam diluídas em meio a todas as intempéries da vida social dos personagens e não como um ponto de fuga em relação a isso, aspecto que parece bem articulado com toda a dimensão distópica que perpassa o romance. Nesse ponto, é mister considerar que tal feito não é exclusividade destas trilologias, pois semelhantes aspectos podem ser encontrados em romances de realismo social como **Admirável Mundo Novo** (2007), de Aldous Huxley e **1984** (1978), de George Orwell que fundam uma cadeia de relações pautadas basicamente na distopia. No caso de Orwell (1978), a busca incansável do protagonista Winston Smith poderia ser lida, dentro do romance, como uma tentativa utópica de vencer e suplantar o sistema, o que Szachi (1972) classificaria como utopia heroica ou escapista, mas mesmo ela, enquanto plano de ação concreto para transformar o espaço sufocante da sociedade distópica, transmuta-se num pesadelo que evidencia a impotência da ação individual diante de um sistema totalitário que controla cada indivíduo física e ideologicamente.

A tentativa individual frustrada parece ser, em partes, resolvida em **Divergente** e **Jogos Vorazes**, que se valem das figuras juvenis como base para alavancar transformações por meio da revolução. Parece seguro afirmar que, em termos de organização coletiva, **Jogos Vorazes** apresenta um projeto melhor estruturado, utilizando uma figura icônica como heroína, mas sendo premeditado por um complexo grupo ideológico que urde uma reestruturação profunda dos padrões políticos, econômicos, morais e ideológicos que regiam a sociedade de Panem. Em outras palavras, o grupo de ação estruturado por trás da figura do tordo personificado na protagonista Katniss Everdeen, prescreve um projeto de luta contra a realidade que os sufoca, evidenciando o perfil contestador como esteio para modificar o que parece inalterável em **1984** e **Admirável Mundo Novo**, ou seja, a superação do devaneio individual no qual

o presente pode ser condenado, neste caso, com a maior dramaticidade e radicalismo, mas ao invés de enfrentá-lo, foge-se dele no sonho. Diz-se o que é o bem, mas não se diz como alcançá-lo. Diz-se em que consiste o mal, mas não se diz como substituí-lo pelo bem (SZACHI, 1972, p. 23).

O distópico, neste caso, está invariavelmente oposto ao utópico; enquanto este se refere a um mundo acolhedor de plena confiança no futuro, aquele se pauta no assombro e no medo, acentuando um futuro ameaçador no que tange à liberdade (JACOBY, 2007). Sob essa ótica, distopia é a criação ficcional de um mundo fantasioso no qual o futuro é revelador de desesperança, tanto no que se refere à literatura juvenil quanto à adulta (CAMPBELL, 2010, p. 94).

No tocante a esse aspecto, o fluxo diegético de ambas as trilogias apresenta um mundo pós-apocalíptico, permeado por conjunturas sociais e políticas marcadamente antidemocráticas. Em **Jogos Vorazes** esse cenário se cristaliza na subjugação dos distritos à Panem e em **Divergente**, a aparente harmonia entre as facções cai por terra quando se descobre que toda a cidade de Chicago é, na verdade, um constructo manipulado por um grupo externo. Tanto uma quanto outra perfazem o processo criativo de narrativas distópicas de recriar uma nova ordem geopolítica do espaço após o desterro ecológico e político que abala o mundo. Semelhante processo já pode ser encontrado em Orwell (1978) que apresenta uma nova representação espacial do mapa mundial, realocando os territórios em três poderosos superestados: Oceania, Eurásia e Lestásia.

A possibilidade de exercer a manipulação no espaço geográfico num nível como o que se apresenta nas narrativas em estudo se deve ao avanço da tecnologia cibernética – que também foi causa da intensa devastação natural. No entanto, este alto nível tecnológico de que dispõe Panem e Chicago beira a um ideal ainda ilusório, porém possível, e esta possibilidade é justamente um dos aspectos que exerce fascínio sobre o jovem leitor, pois acaba revestindo a ficção científica em nova roupagem. Tem-se então, a marca do insólito perpassando toda a narrativa e ressignificando estas trilogias com uma nova fantasia. A ideia do insólito, dessa forma, permeia ambas as tramas no sentido de retomar aspectos políticos, catástrofes naturais e estruturas sociais numa outra ordem de significação. Nos termos de Colomer (2003, p. 223), a fantasia, neste caso, se torna um “instrumento

para denunciar formas de vida da sociedade pós-industrial”. Os mundos ficcionais de Panem e Chicago permitem a reflexão crítica da situação do mundo real, tanto do ponto de vista das relações sociais e políticas vigentes, quanto dos fatos que marcam a história da humanidade e que se relacionam com a ficção no que se refere a governos cruéis e à usurpação da liberdade de escolha e da autonomia de ser o que quiser ou, pelo menos, sonhar com o que quiser ser.

Sob essa ótica, tanto uma trilogia quanto a outra são reveladoras de tensões sociais que parecem ganhar espaço crescente entre os jovens, quer pela postura contestadora que desvelam ao longo de toda a trama, quer pelo nível de protagonismo juvenil e feminino que apresentam. Tais elementos, quando somados ao infinito espaço criativo que o insólito propicia, terminam por se constituir como iscas para o público juvenil. Além disso, as tramas em estudo trazem um elemento fortemente receptivo para o leitor: a habilidade narrativa de evocar a temática social da liberdade, do respeito e da tolerância como valores fragilizados numa sociedade globalizada e caros ao público jovem.

Parece válido considerar, neste ponto, que tais obras acabam por captar um aspecto muito peculiar à cultura juvenil: o apreço pela transgressão das normas sociais. Não obstante, o ato de transgredir parece ser uma marca da própria literatura juvenil distópica que mescla transgressão social e literária na medida em que subverte as possibilidades tradicionais da enunciação ou, nos termos de Colomer (2003), quando evidencia incidências temático-formais como problemas sociais, por exemplo, revestidos de certo “enfoque nos conflitos psicológicos” (COLOMER, 2003, p. 263). Retomando Lukács (2000), são narrativas que admitem indivíduos tipicamente humanos e, portanto, problemáticos, como heróis que buscam se encontrar em meio ao caos, indivíduos cuja “vida própria da interioridade só é possível e necessária, então, quando a disparidade entre os homens tornou-se um abismo intransponível” (LUKÁCS, 2000, p. 34).

Os heróis romanescos, para Lukács (2000), estão na contramão dos heróis épicos, que são arquetípicos, modelares e buscam o bem comum:

O herói da epopéia nunca é, a rigor, um indivíduo. Desde sempre considerou-se traço essencial da epopéia que seu objeto não é um destino pessoal, mas o de uma comunidade. E com razão, pois a perfeição e completude do sistema de valores que determina o cosmos épico cria um

todo demasiado orgânico para que uma de suas partes possa tornar-se tão isolada em si mesma, tão fortemente voltada a si mesma, a ponto de descobrir-se como interioridade, a ponto de tornar-se individualidade (LUKÁCS, 2000, p. 67).

No tocante a este ponto, as protagonistas Katniss Everdeen de **Jogos Vorazes** e Beatrice Prior, de **Divergente**, poderiam ser concebidas como heroínas épicas na medida em que sua saga visa à busca de um bem comum, o todo orgânico ou, na perspectiva de Szach (1972), na medida em que se constituem como ícones da esperança de transformação calcadas na ideia da utopia heroica. No entanto, tal enquadramento retiraria de ambas o que de mais romanesco possuem, a individualidade fragmentada desenhada com perspicácia no desenvolvimento de seus fluxos narrativos, ou seja, sua intensidade introspectiva e seus conflitos psicológicos. Partindo do princípio de que este tema carrega em si, o nó da argumentação ora pretendida, bem como, o ponto alto da intertextualidade entre as narrativas em estudo, passa-se, deste ponto em diante, a abordá-lo em tópico separado, retomando os elos necessários com as questões de ordem social e política para que se entendam ambas as protagonistas dentro de sua cadeia de relações sociais.

3 ÍCONES DA TRANSGRESSÃO: UM OLHAR SOBRE AS PROTAGONISTAS

Divergente e **Jogos Vorazes** se constituem como narrativas marcadamente distópicas que possuem vários pontos de articulação em comum, tanto no que se refere à intertextualidade quanto à interface da relação ordem e dominação *versus* transgressão da ordem. Há, no entanto, um ponto em comum entre ambas, que reside justamente na representação da transgressão da ordem na figura feminina das protagonistas.

Beatrice é marcada pela difícil decisão de optar pela facção que a representaria verdadeiramente, ou de se anular para ficar com a família, além disso, é refém de uma característica orgânica, psicológica e social que ela mesma desconhecia e que não garantiria sua felicidade na Audácia, facção pela qual opta com o desejo de conhecer-se a si mesma, mas, para além disso, passa a descobrir, entender e contestar o sistema em que está inserida. Katniss é marcada por

escolhas que não pode fazer, já que não desejava ser um tributo dos jogos e, na mesma medida, alimenta desejos de ruptura que não sabia que poderiam ser realizados. De certa forma, conhece a si mesma – ainda que viva conflitos – e ao sistema que contesta, desconhecendo apenas as formas de destruí-lo. Ambas permitem uma associação imediata com Benjamin (1994), no que se refere ao narrador enquanto figura primordial para que se estabeleça a distinção entre o romance moderno e as narrativas épicas tradicionais.

Enquanto personagens narradoras, Katniss e Beatrice são, simultaneamente, heroínas e narradoras. Como heroínas, vivem uma saga, uma peregrinação e um combate e deixam o leitor acompanhar esse processo que está calcado na rememoração” (BENJAMIN, 1994, p. 211); como narradoras, se atém à “memória de muitos fatos difusos” (BENJAMIN, 1994, p. 211). A rememoração se reporta à perpetuação da memória e é consagrada ao herói de maneira verticalizada. Já os muitos fatos difusos se constituem, segundo o autor, como “breve memória” do narrador, e se apresentam de maneira horizontal, sem que sejam aprofundados, entretanto, capazes de dar andamento à narrativa romanesca. Neste particular, é válido ressaltar como Katniss se constitui enquanto narradora: sua narração evoca o tempo presente, expondo o momento em que os acontecimentos se desenrolam. Com isso, acaba inserindo o leitor na ação, envolvendo-o na sensação de revolta e necessidade de transgressão que possa advir dela, como se percebe no trecho a seguir, em que seu fluxo de consciência evidencia a crueldade desnecessária dos jogos:

Para fazer com que a coisa seja humilhante, além de torturante, a Capital nos obriga a tratar os Jogos Vorazes como uma festividade, um evento esportivo que coloca todos os distritos como inimigos uns dos outros. O último tributo vivo recebe uma enxurrada de prêmios, principalmente comida (COLLINS, 2010, p. 137).

Nota-se aí, como o sentimento de indignação é externado pela narradora e captado pelo leitor que vai utilizando essas pequenas memórias da narradora para rememorar aspectos que ela mesma já enunciara acerca da perversidade dos jogos. Retomando Lukács (2000) e pensando com Benjamin (1994), o devir do romance, a narrativa, seria o lugar em que o leitor encontra o personagem e passa a conhecer sua vida corriqueira, suas indagações, sua fragmentação e sua falta de orientação

no mundo, isto é, o herói moderno desorientado. No processo de conhecimento da trajetória desse herói, o próprio leitor cria condições para refletir sobre suas indagações pessoais e sua própria fragmentação enquanto sujeito, ou seja, sua relação com o tempo, com a vida e com a história. Dito de outra forma, o leitor pode entretecer suas lembranças em meio às lembranças da narradora e da heroína.

Partindo desse ponto de referência para refletir sobre o processo de identificação do leitor com as heroínas das trilógicas em análise, e daí para o que existe de confluente entre ambas, tem-se, como eixo comum, o desejo de mudança dos valores sociais, de garantia de direitos iguais e de respeito à condição humana. Este desejo é o mote narrativo que alimenta a narrativa distópica, marcadamente “antiautoritária, insubmissa e radicalmente crítica” (JACOBY, 2001, p. 141).

As narradoras protagonistas em questão lançam um grito de liberdade e autonomia estimulando laços de identificação com o leitor jovem que em sua rede de experiências reais, recorrentemente, se indis põe com as organizações sociais e com a estrutura política. Vale observar que ainda que na contemporaneidade, como observa Szapiro e Resende (2010, p. 48), muitos jovens tenham passado a “compreender a liberdade e a autonomia como propriedades intrínsecas dadas desde o início, um estado quase que natural à vida em sociedade” e, em decorrência disso, tendam a diminuir os ideais de luta, a autonomia não se apresenta como direito acessível a todos. É nesse particular que reside o cerne da contestação juvenil, pois os que conseguem alcançar a autonomia tiveram que lutar para atingir tal *status*, libertarem-se e não permanecer alienados (SZAPIRO; RESENDE, 2010).

No caso de **Jogos Vorazes**, a contestação das estruturas social e política enfrenta, ainda, o agravante de um governo despótico e tirano e em **Divergente**, um sistema classificador e delimitador que retira qualquer chance de experimentação, excluindo aqueles que não se enquadram, os sem facção.

O Estado, em ambas as trilógicas, pode ser lido à luz da teoria foucaultiana do princípio regulador da conduta humana: revelam estruturas sociopolíticas que buscam o adestramento do comportamento e a disciplina absoluta de cada habitante em cada um dos distritos ou facção a que pertencem. Para Foucault (2012), as formas de dominação visam à automatização do homem como indivíduo que não interponha e não transgrida a ordem, um homem que “se manipula, modela-se,

treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 2012, p. 132). Tal comportamento evidencia o interesse pela obediência e pela subserviência como características desejadas por Panem e pelos comandantes do projeto Chicago que governam as facções de modo que nem mesmo estas saibam que são governadas e oriundas de experimento social que igualmente manipula e espera sujeitos apáticos e limitados aos moldes pré-definidos por suas facções.

Embora os caminhos que levam o jovem à leitura sejam oblíquos e o público juvenil não forme em si uma categoria homogênea, é essencial, de acordo com Todorov (2009), que a motivação do jovem leitor tenha como base a ideia de que toda leitura é válida e é necessário não polarizar o interesse e as motivações de leitura do jovem e a motivação do que a escola apresenta como textos literários, pois a imposição pode gerar interpretações equivocadas de obras a simples “ilustrações de uma visão formal, niilista ou solipsista da literatura” (TODOROV, 2009, p. 92).

O processo de assimilação do texto literário e de identificação com ele ou com personagens dele requer, no caso do público jovem, que elementos essenciais da narrativa como tempo e espaço sejam bem delimitados, assim como a identificação leitor-personagem, pois, de acordo com Costa (2006, p. 82-83):

O leitor busca com freqüência na literatura as perguntas e possíveis soluções para os acontecimentos, sentimentos e pensamentos que o acometem pelo simples fato de estar vivo. Por isso, a primeira e mais rápida das qualidades que esse leitor atribui a um texto significativo é o poder que a linguagem literária tem de aproximar-se, minimamente, do que acredita ser sua identidade.

Essa identificação a que se refere a autora opera em dois polos distintos: por um lado, baseada na fantasia de viver e ser como o personagem da obra, por outro lado, na verificação imediata do papel contestador e desafiador que aquele personagem representa. Nesse sentido, parece válido afirmar que os jovens de ambas as trilogias desempenham o papel de contestadores e o fazem a partir de uma lógica racional e operacional contra todo um sistema rígido e não somente por mera trivialidade orgânico-psicológica da idade.

Tanto uma trilogia quanto a outra apresenta uma espécie de segmentação social como base para manutenção do controle social, ou seja, uma clara

delimitação do papel social de cada um que deve ser vivenciado sem contestações, aspecto que pode ser lido à luz de Foucault (2012). Essa definição de papéis rígidos e a ausência de liberdade de experimentação e de escolha é, nos termos de Szapiro e Resende (2010), recorrentemente, alvo de profunda crítica dos jovens e transparece nas falas de ambas as narradoras protagonistas. Vale recordar que, do ponto de vista histórico, a segmentação criada no livro não é um elemento novo, mas uma recriação simbólica de fatos já vivenciados historicamente, como por exemplo, a diáspora dos negros africanos trazidos ao Brasil no período da escravidão e a estratificação social. No Império Romano, como observa Rostovtzeff (1977), essa forma de organização visava subjugar uma classe a outra em nome da manutenção da ordem, dividindo-as e classificando-as em classes mais e menos privilegiadas, como os plebeus, os clientes, os escravos e os libertos. Nas tramas em estudo, isto aparece de forma notória na delimitação dos distritos e das facções e na distribuição da riqueza entre eles.

Ainda em relação a essa divisão, ambas as narradoras deixam entrever – Katniss desde o início, pois já conhece o sistema e Beatrice à medida que vai descobrindo o sistema de manipulação e descobre a farsa que sustenta Chicago – a ausência de justiça social e liberdade individual, no entanto, a tirania e a opressão se intensificam, em **Jogos Vorazes**, a partir da vitória sobre o Distrito 13, quando de sua insurreição e em **Divergente**, a partir do momento em que a Erudição assume o poder, passando por uma reviravolta quando todos descobrem que o equilíbrio de poder entre as facções era, na verdade, um simulacro de um grupo externo à cidade de Chicago.

Em **Jogos Vorazes**, os jogos se constituem como uma **lembrança** da desobediência dos distritos à capital. Trata-se de uma espécie de *reality show* anual, televisionado para todo um público alienado que vislumbra muito mais a morte que a vida. É acerca dessa condição inquestionável que se sustenta o sentimento de insurreição do Tordo incorporado por Katniss:

Levar as crianças de nossos distritos, forçá-las a se matar umas às outras enquanto todos nós assistimos pela televisão. Essa é a maneira encontrada pela Capital de nos lembrar que somos todos subjugados a ela (COLLINS, 2010, p. 25).

Essa mesma persuasão e controle que Panem exerce sobre os distritos é apresentada de forma singularmente original em **Divergente**: as facções não assistem a nenhum jogo como forma de punição, porque elas mesmas, sem que o saibam, são as peças do jogo comandado por um grupo específico do qual praticamente ninguém conhece a existência. No entanto, estas mesmas peças alimentam o desejo de mudança e desenham uma revolta que foge ao comando de seus idealizadores.

Em ambas, no entanto, os jogos assumem uma forma de ocultação da realidade: no caso de **Jogos Vorazes**, uma estratégia de manutenção da ordem social baseada na mais perfeita recriação simbólica da política do pão e circo; no caso de **Divergente**, o jogo mascara a realidade para manter as facções em ordem, motivo pelo qual foram projetadas. As duas tramas, no entanto, parecem uma leitura sofisticada do mito do Minotauro preso em seu labirinto e pronto para devorar rapazes e moças como tributos e oferendas. No mito, de acordo com Ferreira (2008), a tributação dura até que Teseu, filho do Rei de Atenas, se oferece para integrar o grupo de jovens e, com a ajuda da filha de Minos, consegue matar o Minotauro e sair do labirinto seguindo um fio que ela lhe dera, por indicação de Dédalo. A arena dos jogos Vorazes poderia ser associada ao labirinto e todo o estratagema de Teseu ao plano de resistência que é traçado fora da arena e executado dentro dela. Chicago como reduto das facções, em **Divergente**, é, em si mesmo, o próprio labirinto, com o diferencial de que seu Minotauro não os devora dentro desse labirinto, mas os manipula do lado de fora. Em ambos os casos, evidencia-se o jogo de controle e adestramento que, nos termos de Foucault (2012), inclui também o nível de manipulação da atenção para o que se quer que seja notado.

No que tange à identificação do leitor com o papel desafiador que essas protagonistas representam, é válido ressaltar que tanto Katniss quanto Beatrice são heroínas apresentadas em toda sua limitação de seres humanos, pois a divergência de Beatrice não é uma metáfora do superpoder, mas uma forma de representar a inadaptabilidade a um sistema de facções que determina o que, exatamente, cada um deve ser, assim como, a impossibilidade de permanecer nesse sistema se ultrapassar as fronteiras desse papel social, ficando estigmatizado como sem

facções. Já Katniss assume o papel do Tordo como ícone do heroísmo, mas falível como todo ser humano, depende de armas e estratégias para vencer, além de estar sujeita à sua própria limitação de heroína fragmentada. Na trama, ela assume a imagem do tordo como imagem da revolução, por ser este pássaro uma criação que contrariou a intenção originalmente projetada pela Capital:

O nosso tordo não é apenas um pássaro que canta. Ele é a criatura que a Capital jamais imaginou que pudesse existir. Nunca passou pela cabeça deles que seus gaios tagarelas altamente controlados pudessem ter seus cérebros adaptados à natureza, que pudessem transmitir seu código genético, que pudessem adquirir uma nova forma. Eles não conseguiram prever a vontade que os pássaros tinham de permanecer vivos (COLLINS, 2011a, p. 103).

187

A vontade de permanecer vivo é a metáfora da insurreição dos distritos em Jogos Vorazes. Em Divergente, poder-se-ia dizer que a insurreição vem da vontade de descobrir a vida para além dos muros de Chicago e, posteriormente, entendê-la melhor dentro destes mesmos muros. Esta insurreição, no entanto, não desponta na trama como algo intuitivo ou mera trivialidade da espontaneidade contestadora, mas como algo que requer planejamento inteligente, audaz e sensato ao mesmo tempo. Ou seja, planos que sejam literalmente divergentes de toda herança da cultura de facções, que usem simultânea e dialogicamente, a erudição e a audácia, que tenha boas doses de abnegação e amizade e que se funde na sinceridade. Ideia que parece ser bem representada pela metáfora do abismo: “o abismo serve para nos lembrar que há um limite tênue entre a coragem e a estupidez” (ROTH, 2012a, p. 72).

Caberia arrematar, visando a uma confluência de ambas as trilogias, que se o Tordo representa a Esperança, título do terceiro volume da trilogia, a divergente mais pura de todos os divergentes, notadamente humana por ser capaz de sentir e se encaixar em todas as facções e ter opiniões divergentes, é o ícone motivador para que insurgentes se manifestem e conduzam as diferenças para um ponto comum, convergente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Beatrice Prior, refletindo sobre sua própria condição dentro do sistema de facções e ainda, tentando se entender como sujeito social em meio a esse sistema, arremata “os testes não precisam mudar nossas escolhas” (ROTH, 2012a, p. 42). Os testes, naquele contexto, parecem funcionar como um sistema de avaliação castrador que define, de forma inquestionável, o que cada um deve ser. Se, por um lado, este sistema abre a mínima possibilidade de escolha, e mínima porque mesmo podendo tentar outra facção, cada jovem se sente pressionado pelo peso social de perpetuar a facção dos pais, por outro, explicita a crueldade de um sistema de facções que retalha a possibilidade de experimentação tão cara aos jovens e aniquila o valor social do sonho: a ninguém é dado o desejo de vir a ser algo que não se encaixe numa das facções.

Em **Jogos Vorazes**, este desejo deve ser considerado sob dois planos distintos: no plano real, nenhum jovem terá liberdade de optar por um distrito que não aquele em que foi predestinado pelo nascimento a estar, o que, em si, é ainda mais castrador que o sistema de facções. Por outro lado, o sonho da ascensão social e econômica é alimentado pelo fetiche dos programas televisionados da Capital. Este seria um plano marcadamente ideal, já que as possibilidades de o levar a cabo somente se efetivam sob a condição de vencer os jogos vorazes.

Nos dois casos, há uma efetiva castração do desejo de mudar que alimenta ainda mais o sonho e, por isso mesmo, parece tão atrativo ao jovem. As condições para civilizar a população em meio à barbárie de um futuro pós-apocalíptico retomam o paradigma do vigiar e punir (FOUCAULT, 2012) e incidem na manutenção de instituições que sirvam ao propósito civilizacional de manter a ordem social, no melhor estilo “aparelhos ideológicos de estado” (ALTHUSSER, 1987). Ou seja, a produção de sujeitos que se interpelem como sujeitos submetidos a outros sujeitos e se reconheçam mutuamente nesta relação subjugada de cumprimento do processo:

envoltos neste quádruplo sistema de interpelação, de submissão ao Sujeito, de reconhecimento universal e de garantia absoluta, os sujeitos “caminham”, eles “caminham por si mesmos” na imensa maioria dos casos, com exceção dos “maus sujeitos” que provocam a intervenção de um ou de

outro setor do aparelho (repressivo) do Estado (ALTHUSSER, 1987, p. 103).

Os maus sujeitos, no caso das tramas em questões, podem ser caracterizados justamente pela ação das protagonistas e, conforme argumentado até aqui, parecem funcionar exatamente como chamariz para o leitor jovem pela capacidade que possuem de interpelar o sistema e de tentar não se sujeitar a ele. Este não enquadramento se torna ainda mais significativo quando pensado dentro de um universo distópico no qual o mundo se torna um sufocante cenário de desesperança em que não coexistem maiores possibilidades de transformação, senão por meio impactante confronto com os aparelhos do Estado com o próprio discurso de submissão e enquadramento social. Neste ponto, ambas as trilogias acabam por levar a um desconforto emocional, requerendo mais do que transformação da ordem social vigente, uma transformação no modo de compreender e se posicionar frente isso. A distopia, neste caso, parece funcionar como canal de reflexão acerca das práticas sociais e dos próprios efeitos de uma sociedade marcada pela barbárie.

Não obstante, **Jogos Vorazes** e **Divergente** convergem num ponto em comum: ainda é possível ter esperança em meio a um cenário caótico e repressivo, mas, para tanto, é necessário usar todas as habilidades para insurgir de modo eficiente e definitivo. Ainda assim, o mundo permanecerá inóspito e não garantirá que todos sejam felizes para sempre, mas que, minimamente, tenham a possibilidade de experimentar a felicidade e de tentar mudar a realidade. A tentativa, neste caso, evidencia-se como grande argumento e não mais a certeza utópica de um final feliz. Em ambas as trilogias, o percurso de sofrimentos e perdas que marca a contestação da ordem, a transgressão efetiva e a plena realização do plano concreto de ação, no caso de **Jogos Vorazes**, e das ações planejadas de acordo com os acontecimentos em **Divergente**, acentuam a marca fundamental da narrativa distópica: a melancólica realidade de um final que não é feliz. Katniss se reconstrói, mas vive atormentada pelo passado, típica heroína fragmentada do romance moderno “meus filhos, que não sabem que brincam num cemitério”. (COLLINS, 2011b: 419). Beatrice não se eterniza como heroína do romance clássico, tampouco do romance moderno, pois a morte sentenciando o fim da heroína torna a evidenciar

a lógica de que a luta por mudanças pode incidir em perdas trágicas. Neste caso, da própria heroína, que morre tentando evitar o uso do soro da memória e o frequente abuso de todos aqueles que, diferentemente dela, foram geneticamente modificados. Torna-se uma mártir da causa perdida e suas palavras finais, longe de indiciar o típico final utópico em que o personagem se descobre e vive feliz para sempre, enfatizam o clássico final distópico da realidade e da lucidez:

Ele é uma parte de mim, sempre será, e eu sou uma parte dele também. Eu não pertenço a Audácia, Abnegação ou até mesmo a Divergente. Eu não pertenço a Bureau ou a experiência ou a fronteira. Eu pertenço as pessoas que eu amo e eles pertencem a mim – eles, e o amor e a lealdade que dou a ele, formam mais a minha identidade que qualquer palavra ou grupo jamais formarão (ROTH, 2012c, p. 455).

Neste ponto, todo o processo de identificação com as personagens, tão bem construído ao longo de ambas as narrativas, aponta para o fim comum da realidade melancólica. A busca pela melhoria das condições de vida, nos termos de Szachi (1972), a utopia heroica que as envolve, não lhes edulcoram como heroínas clássicas, mas como seres frágeis e transitórios que perecem, mas que abrem espaço para mudança, pois pequenos atos podem representar caminhos para a liberdade, que não se institui como um bem alcançável e disponível no desfecho de um final feliz, mas como algo que se constrói na justa medida da lucidez: a realidade. Já diria Álvaro de Campos (1993): “Nada de estéticas com coração: sou lúcido. Merda! Sou lúcido”.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas** volume I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMPBELL, Joseph. **The order and the other**: power and subjectivity in young adult science fiction and dystopian literature for adolescents. Illinois: Illinois State University, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8.ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2000.

CARDOSO, Ruth; SAMPAIO, Helena. S. (orgs). **Bibliografia sobre juventude**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

COLLINS, Suzanne. **Jogos Vorazes**. Trad. Alexandre D'Elia. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

_____. **Em chamas**. Trad. Alexandre D'Elia. Rio de Janeiro: Rocco, 2011a.

_____. **Esperança**. Trad. Alexandre D'Elia. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b.

COLOMER, Tereza. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. São Paulo: Global, 2003.

FERREIRA, José Ribeiro. **Labirinto e Minotauro**: mito de ontem de hoje. Coimbra, Portugal: Fluir Perene, 2008.

FOCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HUXLEY, ALDOUS. **Admirável mundo novo**. Trad. Lino Valandro e Vidal Serrano. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2007.

JACOBY, Russell. **O fim da Utopia**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Imagem imperfeita**: pensamento utópico para uma época antiutópica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LUKÁCS, G. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.

ORWELL, George. **1984**. Trad. Wilson Veloso. 11. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

PESSOA, FERNANDO. Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa. In.: **Lapsos corrigidos segundo Álvaro de Campos**: Livro de Versos (Edição

crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993.

ROSTOVTZEFF, Michael I. **História de Roma**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

ROTH, Verônica. **Divergente**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012a

ROTH, Verônica. **Insurgente**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012b

ROTH, Verônica. **Convergente**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012c

SZACHI, Jerzy. **As Utopias ou a Felicidade Imaginada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

SZAPIRO, A. M.; RESENDE, C. M. A. Juventude: etapa da vida ou estilo de vida? In: **Psicologia & Sociedade**, 22 (1), 2010. p 43-49. Disponível em <<<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a06.pdf>>> Acesso em 20 de mai de 2017

SEVCENKO, Miguel. **História da Vida Privada do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TEORIAS DE ASL NO ENSINO DE LÍNGUAS ADICIONAIS: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DOCENTES ✓

193

Mayara Luiza MIGLIORINI¹

Melissa Andres FREITAS²

Luis Antonio MACHADO³

Elaine Ferreira do Vale BORGES⁴

✓ Artigo recebido em 17/01/2018 e aprovado em 22/05/2018.

¹ Graduada em Letras (Inglês/Português) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: <maymigliorini@hotmail.com>.

² Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do Departamento de Estudos da Linguagem (DEEL) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: <melissafreitas@gmail.com>.

³ Graduado em Letras (Inglês/Português) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: <luisantoniomachado3@gmail.com>.

⁴ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Departamento de Estudos da Linguagem (DEEL) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: <elainefvb@gmail.com>.

TEORIAS DE ASL NO ENSINO DE LÍNGUAS ADICIONAIS:

REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DOCENTES

RESUMO

Neste artigo, objetiva-se apresentar um diagnóstico das principais teorias, modelos e/ou hipóteses de aquisição de segunda língua (ASL) – behaviorista, conexionista, aculturação, gramática universal, *input*, *output*, interação e sociocultural – que emergiram de reflexões retrospectivas sobre o processo de ASL em contextos de ensino de línguas adicionais (inglês e espanhol) de três professores. A investigação foi conduzida e discutida pelos próprios professores. Para tanto, os docentes, primeiro, estudaram as teorias de ASL em uma disciplina semestral de um curso de pós-graduação em uma universidade estadual paranaense e; em seguida, refletiram sobre como os modelos de ASL possivelmente estiveram presentes em suas concepções de ensino e de aprendizagem e em suas ações em sala de aula. Os resultados mostraram que aspectos importantes das diferentes hipóteses de ASL apareceram (implícita e/ou explicitamente) nas reflexões dos professores o que sinaliza a perspectiva de harmonização de todas as teorias (PAIVA, 2014) no fazer docente no contexto de ASL como sistema adaptativo complexo.

Palavras-chave: Aquisição de segunda língua. Fazer docente. Sistema adaptativo complexo.

SLA THEORIES IN THE ADDITIONAL LANGUAGE TEACHING:

REFLECTIONS ON TEACHING PRACTICES

ABSTRACT

This article aims to present a diagnosis of the main second language acquisition (SLA) theories, models and/or hypotheses – behaviorism, connectionism, acculturation, universal grammar, input, output, interaction and sociocultural – that emerged from retrospective reflections on the SLA process in the additional languages (English and Spanish) in teaching contexts of three teachers. The research was conducted and discussed by the teachers. In order to do so, first the teachers studied the SLA theories in a postgraduate course at a state university in Paraná, Brazil; then they reflected on how the SLA models might have been present in their conceptions of teaching and learning and their actions in the classroom. The results showed that important aspects of the different SLA hypotheses appeared (implicitly and/or explicitly) in the teachers' reflections. This indicates the perspective of harmonization of all SLA theories (PAIVA, 2014) in the teaching practice in the perspective of SLA as a complex adaptive system.

Keywords: Second language acquisition. Teaching practice. Complex adaptive system.

1 INTRODUÇÃO

A aquisição de segunda língua (ASL) é atualmente “um campo de estudo autônomo⁵” (ELLIS, 2014, p. 135) fortalecido pelas contribuições de várias áreas do conhecimento como, por exemplo, a linguística, a linguística aplicada, a psicologia, a sociologia e a educação. Segundo Ellis (2014), esse campo de pesquisa “procura descrever e explicar como os aprendizes adquirem uma segunda língua (L2)” e tem evoluído (entre diversas ramificações de estudo) para o que o autor enfatiza como **instrução em ASL** que, por sua vez, “diz respeito à relação entre instrução e aquisição de L2” (p. 135).

Em linhas gerais, segundo Borges (2013, p. 9) – partindo das reflexões de autores como Correa (1999) e Del Ré (2006) –, “as teorias de aquisição da linguagem procuram explicitar e/ou desvendar o que acontece no desenvolvimento entre um estado (inicial) e outro da produção da fala”, sendo que esse processo “não diz respeito apenas à aquisição de um sistema de sinais, mas sim da aquisição e desenvolvimento de uma importante e complexa inter-relação de aspectos linguísticos, cognitivos e sociais”.

No contexto específico da área de ASL, são muitas e diferentes as teorias e/ou hipóteses de ASL (ora também denominadas como modelos pelos seus autores). Larsen-Freeman e Long (1991) sugerem a divisão das mais de quarenta existentes em três grandes grupos: ambientalistas, nativistas e interacionistas. Inserida nessa perspectiva, Baptista (2000) nos explica que as **teorias ambientalistas** consideram que as experiências “são mais importantes para o desenvolvimento que a natureza ou as aptidões inatas” (p. 81), as **teorias nativistas** “explicam a aquisição como uma aptidão biológica que permite a aprendizagem” (p. 78), e as **teorias interacionistas** priorizam a interação entre fatores ambientais e cognitivos na aquisição. Paiva (2014) discute (entre outras) oito teorias de ASL consideradas como as mais importantes, a saber: behaviorista, conexionista, aculturação (ambientalistas), gramática universal, *input* (nativistas), *output*, interação e sociocultural (interacionistas).

⁵ Essa e outras traduções neste trabalho são de nossa responsabilidade.

No panorama da instrução em ASL e refletindo sobre situações reais de ensino, professores de línguas adicionais (LA⁶) que passam a conhecer e a entender essas hipóteses podem se questionar sobre qual seria a melhor delas para se utilizar em sala de aula; bem como qual dessas teorias se adequaria melhor aos seus alunos ou, ainda, se um modelo seria melhor do que outro. Nessa linha de reflexão, Paiva (2014, p. 148) ressalta que no paradigma da complexidade – entendendo o processo de ASL como um sistema adaptativo complexo (SAC⁷) – é possível conciliar todas as hipóteses, mesmo as incompatíveis entre si. Para a autora, cada teoria de ASL “explica um elemento do mesmo fenômeno e esses elementos estão em inter-relação com os demais” (p. 148).

Neste artigo, objetivamos entender a emergência do processo de ASL como um SAC em reflexões retrospectivas de três professores de LAs (inglês e espanhol) a respeito de suas práticas de ensino. Para tanto, dividimos este artigo em duas seções, além desta **Introdução** e das **Considerações Finais**. Na primeira seção, **Teorias de aquisição de segunda língua**, trazemos um pequeno resumo das oito teorias destacadas. Na segunda seção, **Diagnóstico e reflexão sobre teorias de ASL no fazer docente**, abordamos a discussão dos três professores de LAs (coautores deste trabalho) sobre o olhar retrospectivo de cada um para a sua prática na tentativa de enxergar as emergências das teorias de ASL aqui enfatizadas – ressaltando que nem todas as teorias discutidas neste artigo foram aventadas pelos professores em suas práticas, pois cada professor teve a liberdade de apresentar em suas reflexões apenas as teorias que entenderam como mais pungentes em suas memórias de sala de aula.

2 TEORIAS DE ASL

Nesta seção, apresentamos resumidamente os principais aspectos das teorias de ASL (PAIVA, 2014) em destaque neste artigo: behaviorista, conexionista,

⁶ Neste artigo não fazemos distinção entre língua estrangeira, segunda língua e língua adicional.

⁷ SACs são sistemas “dinâmicos, complexos e não lineares; caóticos, imprevisíveis, sensíveis às condições iniciais; abertos, auto-organizáveis, sensíveis a *feedback* e adaptativos” e que se constituem na inter-relação de seus vários elementos (PAIVA, 2014, p. 142).

aculturação, gramática universal, *input*, *output*, interação e sociocultural. Ao final, vamos discutir rapidamente sobre a ASL na perspectiva da complexidade.

A **teoria behaviorista** ou **behaviorista-estrutural** (PAIVA, 2014) teve como referências os psicólogos comportamentalistas estadunidenses John Watson (1878-1958) e Burrhus Skinner (1904-1990) e o linguista estruturalista, também norte-americano, Leonard Bloomfield (1887-1949). Epistemologicamente, o behaviorismo vem de uma concepção empirista que “estuda eventos psicológicos a partir de evidências comportamentais” (p.12) e toma a aprendizagem como “um comportamento observável, adquirido de forma mecânica e automática por meio de estímulos e respostas” (p.15). Ainda nessa perspectiva, acredita-se ser a linguagem “apenas um comportamento linguístico (...) constituído por sons, palavras e sentenças” e a aquisição “um processo de compreensão e assimilação dessas estruturas” (BORGES, 2013, p. 10).

O **conexionismo**, tendo o psicólogo norte-americano David Rumelhart (1942-2011) como um de seus mais importantes expoentes, procura explicar a aquisição pelo viés da cognição, todavia rejeitando o inatismo (PAIVA, 2014). A língua é vista como fruto da experiência humana e construída pelo uso. A mente é estudada por uma perspectiva computacional, sendo que o *input* constitui os dados que alimentam a mente e o *output* o produto. Essa teoria, ainda de acordo com Paiva, postula que a aprendizagem “é uma consequência de conexões repetidas da rede neural e se caracteriza por mudanças de padrões dessas conexões” (p. 85). A aquisição da língua materna (L1) é “entendida como processamento dos dados da experiência” (p. 87) e a aquisição da L2 (pelas relações próximas à L1) inicia-se a partir de “um estado que já está sintonizado e comprometido com a L1” (p. 88). Cabe ressaltar que na teoria conexionista a aprendizagem não é entendida como um comportamento automatizado, mas sim um processo de associações para o reforço de conexões neurais.

Para o **modelo da aculturação**, do estadunidense John Schumann, a aquisição de L2 deve ocorrer em “contexto natural, isto é, sem instrução formal” (PAIVA, 2014, p. 51). Esse processo deve acontecer no contato entre os falantes da língua que se quer aprender, sendo que o grau de aculturação (a própria aquisição) é afetado (para mais ou para menos) por fatores sociais e variáveis afetivas

(psicológicas) em relação à L2. Esse processo, segundo Paiva, parece implicar na perda de identidade e/ou da cultura do aprendiz, se entendermos que uma língua (L1 ou L2) é também uma questão de identidade e/ou de cultura, o que, para a autora, é um preço muito alto para a aquisição de L2.

O **modelo da gramática universal** (GU) tem sua origem nos estudos do norte-americano Noam Chomsky. Segundo Paiva (2014), essa teoria explicita que seu interesse é na natureza geral da linguagem advogando “a existência de princípios fundamentais, inatos e universais, que restringem a forma da gramática e de um conjunto de parâmetros que serão fixados pela experiência, ou seja, de acordo com o *input* linguístico” (p. 69). Nessa perspectiva, acredita-se “que o *input* recebido do ambiente não é suficiente para explicar a aquisição de nenhuma língua, materna ou estrangeira” (p. 65). Logo, a autora relata que o argumento da pobreza de estímulos leva a suposição “da existência de estruturas mentais inatas que agem sobre o *input* linguístico para produzir uma gramática mental” (p. 65). Todavia, a grande questão que se coloca no contexto de aquisição de L2 é se a GU estaria disponível também para os aprendizes de L2.

A **hipótese do *input* ou da compreensão** é proposta pelo linguista estadunidense Stephen Krashen. De acordo com Paiva (2014), Krashen considera que tanto os ambientes informais (oportunizadores do *intake*, a absorção do *input* linguístico) quanto os formais (responsáveis pelo desenvolvimento do monitor) contribuem para a proficiência linguística. Krashen ainda: (1) estabelece que a **aquisição** é inconsciente (como ocorre na L1) e a **aprendizagem** é consciente (um monitor); (2) determina que adquirimos a língua quando compreendemos a mensagem, quando o *input* é compreensível, sendo esse o responsável pela aquisição e não o *output*; (3) afirma a contribuição do DAL (Dispositivo de Aquisição de Linguagem) de Chomsky no processo de aquisição; (4) defende a hipótese do filtro afetivo que, uma vez alto, inviabilizaria a conexão do *input* com o DAL. Paiva afirma que Krashen revolucionou os estudos de ASL por defender que a instrução formal é pouco eficaz.

A canadense Merrill Swain é um dos principais nomes da **hipótese do *output***. Paiva (2014) relata que ela reconhece a importância do *input* compreensível de Krashen, embora não o considere suficiente para a aquisição de L2, já que é

necessário que o aprendiz também produza *output* compreensível. Nessa hipótese, o *output* não é apenas o produto do processo de aprendizagem, pois Swain defende o conceito de **output** – ou da **lingualização**, como a autora prefere nomear atualmente – como parte do processo de aprendizagem; ou seja, “uma função do *output* é fornecer oportunidade para alguém fazer uso significativo de seus recursos linguísticos” (PAIVA, 2014, p. 115).

A **hipótese da interação** é fundamentada nos trabalhos de Evelyn Hatch e Michael Long que acreditam que a aquisição de L2 não parte da gramática para o discurso, mas ao contrário, negociando significados em esforços comunicativos; ou seja, o aprendiz primeiro interage ativamente na L2 e, depois, as estruturas sintáticas dessa língua são desenvolvidas (PAIVA, 2014). Essa hipótese integra duas outras hipóteses, a do *input* e *output* compreensíveis, pois reconhece a importância de ambos os processos na interação discursiva que proporciona a aquisição da L2.

A **teoria sociocultural** surgiu a partir dos estudos do psicólogo russo Lev Vygotsky (1896-1934) sobre o desenvolvimento da linguagem. De acordo com Paiva (2014), Vygotsky não usava o termo “sociocultural”, não pesquisava aquisição de L2 e não trabalhava com adultos, mas sua teoria sobre desenvolvimento humano tem influenciado os estudos de ASL e, nesse contexto, tem-se James Lantolf com um importante expoente. Vygotsky defendia que “a aprendizagem é mediada e que a interação com outras pessoas e com artefatos culturais influenciam e geram mudanças na forma como as crianças agem e se comportam” (PAIVA, 2014, p. 129). Logo, um tema importante da teoria de Vygotsky trazidos para a área de ASL é o conceito **mediação** presente, por exemplo, nas concepções de **zona de desenvolvimento proximal** e **andaime** (mediação do especialista e por pares) e de **fala privada** (automediação).

Finalmente, na visão de **ASL como SAC**, de acordo com Paiva (2014), “a ASL não é vista como tendo começo e fim, em uma progressão sequencial, mas como fenômeno irregular, não linear, interativo (o *output* de um ciclo torna-se o *input* do seguinte) e auto-organizado” (p. 146). Nesse panorama, a autora conclui que, “na perspectiva da complexidade, é possível conciliar as principais teorias que disputam a primazia na explicação do fenômeno da aquisição da linguagem”; também, afirma

que “cada uma dessas teorias explica um elemento do mesmo fenômeno e esses elementos estão em inter-relação com os demais” (p. 148). Assim, para a autora, na ASL como SAC, aprender uma L2 é “um processo de transformação, de mudança, e que envolve muitos fatores, entre eles a autonomia e a identidade” (p. 151).

3 DIAGNÓSTICO E REFLEXÃO SOBRE TEORIAS DE ASL NO FAZER DOCENTE

Após a apresentação das principais teorias, hipóteses e/ou modelos de ASL em Paiva (2014), passamos ao diagnóstico e reflexão da emergência de aspectos relevantes dessas teorias no fazer docente. Tomaremos como norte para a discussão (como já enfatizado) a visão de Paiva sobre a possibilidade da conciliação das diferentes hipóteses que, potencialmente, faz emergir a ASL como SAC. Com isso, tentar-se-á verificar a manifestação da ASL como SAC no processo de ensino dos três professores de línguas adicionais (dois de inglês e um de espanhol) – doravante PI1, PI2 e PE, respectivamente, que participaram deste estudo e são coautores deste artigo. PI1 é professora de língua inglesa de uma escola particular, lecionando para crianças com menos de 6 anos. PI2 é professor de língua inglesa de curso ofertado para a comunidade por uma universidade estadual do Paraná, com turmas com idades variadas entre adolescentes e adultos. A PE é professora de língua espanhola de uma universidade estadual paranaense, ministrando aulas no curso de graduação dessa universidade. Os três professores são graduados em Licenciatura em Letras. Enfatizando que as considerações trazidas aqui por PI1, PI2 e PE⁸ se referem à visão retrospectiva dos próprios professores sobre suas práticas docentes e que essas manifestações são particulares a cada contexto investigado.

3.1 TEORIA BEHAVIORISTA OU BEHAVIORISTA-ESTRUTURAL

Para a **PI1**, conhecer e compreender as teorias de ASL a fez ter um olhar diferenciado em sala de aula, bem como a ajudou a compreender suas ações ao tentar aplicar o que cada teoria, em sua concepção, possuía de melhor. Todavia, a

⁸ Optou-se, neste artigo, por fazer a narração das experiências dos professores na terceira pessoa do plural e de forma indireta.

PI1 relata que ter conhecimento das teorias de ASL não é suficiente para utilizá-las em sala de aula, é preciso também conhecer os alunos, os métodos de ensino de língua que as subsidiam, o currículo e os objetivos da escola, pois todos esses fatores precisam estar integrados. Com esse novo olhar, a PI1 percebeu que a teoria behaviorista predomina em suas aulas, já que um fator muito importante nesse contexto é o comportamento. Para Skinner (2003, p. 71, *itálico do autor*), “o comportamento *opera* sobre o ambiente para gerar consequências”. Paiva (2014, p. 15) explica que “um comportamento é premiado, reforçado, até que ele seja condicionado de tal forma que, ao se retirar o reforço, o comportamento continue a acontecer”. Um exemplo relatado pela PI1 desse tipo de comportamento em sua sala de aula é quando ela premia os alunos dedicados durante a produção (oral ou escrita) das atividades em língua inglesa, deixando de premiar aqueles que não participam. Ainda para a PI1, quando se trabalha com crianças menores de seis anos alguns tipos de comportamento verbal sugeridos por Skinner são importantes; como o mando, definido por Paiva (2014, p. 14) como “ordens, regras e polidez”, assim como o comportamento ecoico “quando o professor repete o que o aprendiz fala, reforçando seu comportamento”. Dessa forma, a PI1 passou a entender que a teoria behaviorista tem muito a contribuir, principalmente quando se trata do ensino de língua inglesa para crianças (seu contexto de ensino). No entanto, ela reconhece que é necessário também compreender que o aluno não irá aprender apenas a partir da repetição e/ou via reforço de comportamentos.

Nas reflexões retrospectivas do **PI2**, há o relato de uma ocorrência em particular, muito frequente em suas aulas, que o fez compreender a emergência da teoria behaviorista em sua prática docente. O PI2 explica que sempre solicita aos seus alunos que falem em inglês durante as aulas e quando seus alunos recorrerem à língua materna ele imediatamente diz “*In English, please*” ou “*Sorry, I don’t understand Portuguese*”. O PI2 discorre que de tanto repetir essas duas frases os alunos, em algumas turmas, as internalizavam ao ponto de gerar um comportamento imediato da tentativa dos alunos em falar inglês no momento em que as frases são pronunciadas; sendo que quando o PI2 fala em português na aulas é comum ouvir de alguns alunos as mesmas frases, tentando gerar no PI2 também o comportamento da fala apenas em inglês.

Já na visão da **PE**, é muito comum encontrar nos livros didáticos (LD) de língua espanhola sequências de atividades baseadas em estímulo-resposta, inclusive no LD que ela usa com suas turmas na universidade. Para execução de tais exercícios, a PE entende estar subentendido a noção de hábito manipulável de Watson; ou seja, o uso de muitos exercícios de repetição de frases prontas, sugestões de ditados, repetições de acordo com o que é dito no material auditivo e associação de palavras com figuras, por exemplo. Em sua prática diária, a PE também reconhece que utiliza o reforço positivo, com frases como “*Muy bien, excelente, ves como consigues?*”, inclusive na correção de provas e exercícios. Também cultiva o que considera serem hábitos comportamentais verbais ligados a pronuncia, quando corrige um aluno, solicitando que ele/ela repita a forma mais próxima a pronuncia normativamente “correta” (nunca solicitando que repita a forma considerada “errada”). Ainda, trabalha bastante com repetições de estruturas para criação de hábitos como saudações e formas de polidez.

3.2 TEORIA CONEXIONISTA

A **PI1** relata que consegue visualizar a teoria conexionista quando, no início de suas aulas, utiliza do recurso nomeado como *warm up*⁹ que leva os alunos a pensarem sobre o novo conteúdo que será trabalhado na aula. Nesse sentido, de acordo com a PI1, os alunos são levados a fazer associações e/ou conexões de ideias entre as que já possuem (conhecimento prévio) com aquelas que ainda irão aprender.

Para o **PI2**, foi possível entender o surgimento dessa teoria quando ele estava ensinando os nomes das famílias em inglês para seus alunos. Nessa aula específica, o PI2 desenhou um boneco na lousa traçando linhas que interligava esse boneco a outros. Primeiro, a relação foi feita com a mãe (*mother*) e o pai (*father*), depois o PI2 foi desenhando outros bonecos do lado da mãe e do pai e questionando os alunos sobre os nomes que se atribui aos familiares, tentando fazer relações com as próprias famílias dos alunos. Esse tipo de atividade, segundo o PI2,

⁹ O *warm up* funciona como um “aquecimento” que objetiva instigar a atenção dos alunos e prepará-los para algum assunto e/ou atividade a ser desenvolvido/a.

pode contribuir para o surgimento e/ou fortalecimento de conexões como, por exemplo, nesse caso específico, entre a árvore genealógica que se vai criando e o vocabulário em língua inglesa referente a ela. Outro exemplo é quando o PI2 desenvolve atividades de leitura em inglês usando técnicas clássicas de aprendizagem dessa habilidade da língua como, por exemplo, o *skimming*. O *skimming* é uma técnica que consiste em passar rapidamente os olhos no texto procurando apreender o assunto do texto essencialmente focando: 1) em informações gerais como o *layout*, título, subtítulo, cognatos, e; 2) em informações não verbais como figuras, gráficos e tabelas. Para o uso desse tipo de técnica é preciso contar muito com o conhecimento prévio dos alunos, momento em que pode ocorrer o fortalecimento das conexões entre o que já se sabe e o que está no texto.

A **PE** enfatiza que o conexionismo parece emergir em suas aulas quando ela utiliza o que chama de “chuvas de ideias” que consiste em escreve uma palavra no quadro e perguntar aos alunos a quais outras palavras a palavra no quadro se remete, levando, assim, os alunos a fazerem associações de ideias. A PE relata que geralmente utiliza essa atividade com um recurso de preparação de seus alunos para a produção textual. Ainda, a PE descreve que conseguiu reconhecer a teoria conexionista em uma atividade sobre o léxico de profissões no livro didático que ela utiliza com sua turma. Nessa atividade, os alunos deveriam associar objetos às profissões e, na sequência, precisariam buscar outras profissões que também poderiam estar associadas aos objetos já disponibilizados no livro. Para a PE, esse tipo de atividade pode fortalecer as conexões neurais, contribuindo na aquisição de vocabulário da língua espanhola.

3.3 MODELO DA ACULTURAÇÃO

No contexto do modelo da aculturação, a **PI1** expõe que enxerga a emergência da teoria nos trabalhos com projetos (desenvolvidos com seus alunos na escola que leciona) que focam a cultura de países de língua inglesa. Ainda, a PI1 narra que sempre que possível, a escola leva falantes nativos de língua inglesa em sala de aula para conversar com e tirar dúvidas dos alunos. Tanto os projetos quando as visitas de estrangeiros à escola, na visão da PI, convertem-se em

atividades que envolvem a cultura do país da língua que se quer aprender, envolvendo fundamentos da hipótese da aculturação.

Para a **PE**, o modelo da aculturação aparece em sua sala de aula quando ela utiliza a fala de nativos para a prática auditiva do espanhol com o uso de gravações e vídeos com falas autênticas. Nesse tipo de atividade, a PE procura trabalhar velocidade e estilo na pronúncia de seus alunos ao tentar desenvolver um ritmo de fala que se aproxime ao falado em língua espanhola e fuja do silabado. Ainda nessa perspectiva, a PE enfatiza que estimula a aproximação às diferentes culturas dos países hispanofalantes ao trabalhar de forma a tentar romper com estereótipos para que seus alunos tenham uma atitude positiva em relação à língua espanhola e aos seus falantes.

3.4 MODELO DA GRAMÁTICA UNIVERSAL

Na hipótese da gramática universal, a **PI1** enfatiza que concorda com Paiva (2014, p. 74) ao discutir que “as crianças são capazes de adquirir várias línguas ao mesmo tempo, sem nenhuma dificuldade”. Isso porque, a PI1 conseguiu perceber que as crianças com as quais trabalha são capazes de produzir estruturas ou frases que ainda não foram ensinadas a elas, sendo esse um dos princípios do modelo da gramática universal.

Para o **PI2**, foi possível compreender a emergência dessa teoria, verificando parâmetros da língua portuguesa que poderiam estar influenciando a aquisição da língua inglesa, quando seus alunos falam frases do tipo “*today rain*” e não “*it’s raining today*”. Nesse exemplo, entendendo que em português tem-se a presença de sujeito nulo como em “hoje está chovendo”, os alunos parecem aplicar a mesma regra na produção do inglês. Um fenômeno semelhante pode ser observado em relação à posição dos substantivos e adjetivos nas sentenças em português e inglês, já que em inglês, é necessário que o adjetivo venha primeiro, e em português não existe uma ordem pré-determinada para que isto ocorra.

Já para a **PE**, a teoria de Chomsky parece estar presente em sua prática quando, ao trabalhar tópicos gramaticais, ela parte do princípio de que seus alunos já estão familiarizados com algumas estruturas. Dessa forma, a partir de um texto

em língua espanhola, a PE estimula os alunos a procurarem exemplos e padrões de estruturas sintáticas que se repetem nas frases ao longo desse texto para a reflexão, em grupo, da regra gramatical subjacente às frases selecionadas. Um exemplo desta prática, como a PE narra, aconteceu quando uma aluna intuiu o uso de *muy* e de *mucho*.

3.5 HIPÓTESE DO *INPUT* OU DA COMPREENSÃO

205

No que se refere à hipótese do filtro afetivo, a **PI1** acredita que as crianças têm mais facilidade para aprender uma L2 por possuírem um filtro afetivo baixo em relação às línguas adicionais, já que elas não têm medo de errar e são naturalmente motivadas a aprender, principalmente via atividades lúdicas, cheias de jogos e brincadeiras. A PI1 relata perceber esse processo em sua turma, pois seus alunos estão sempre muito receptivos aos *inputs* que são oferecidos em sala de aula, sendo esse um ponto forte da teoria de Krashen; ou seja, “o aprendiz precisa estar ‘aberto’ ao *input*” (PAIVA, 2014, p.32) para que a aquisição de L2 possa ocorrer.

Já o **PI2** relata que consegue entender a presença da hipótese da compreensão em casos de alunos que comentam gostar de ouvir música para aprender inglês, mas que nem sempre todo o *input* recebido nesse processo é compreensível. Nesse contexto, o PI2 comenta que um aluno em particular expressou que ouvir música apenas não o ajudava na aquisição do inglês, pois para compreender o que ouvia era necessário, primeiro, ler e tentar entender a letra da música. Dessa forma, o PI2 apreende que, para esse aluno, a ação de ouvir música não configura necessariamente em um *input* compreensível *a priori*, mas que o leva a reconhecer a letra da música com um *input* importante que possivelmente vai conduzi-lo a ouvir a música e a torná-la um *input* compreensível em algum momento do processo de aquisição da língua inglesa.

A **PE** entende que a hipótese do filtro afetivo emerge na sua prática quando os seus alunos estão muito agitados, ansiosos e/ou desconcentrados impossibilitando um início prazeroso de aula. Nesse caso, ela procura lançar mãos de atividades lúdicas (como os jogos “telefone sem fio” ou “forca”) para viabilizar um

relaxamento por parte de seus alunos, contribuindo para baixar o filtro afetivo deles que, provavelmente, estava alto naquele momento.

3.6 HIPÓTESE DO *OUTPUT*

Na hipótese do *output*, o *output* é parte do processo de aprendizagem, e a **PI1** percebe o surgimento dessa teoria em sua sala de aula quando ela trabalha em atividades com fantoches com as suas turmas de crianças de cinco anos de idade. Nessas atividades, as crianças interagem com os fantoches em um esforço comunicativo na produção da língua inglesa (*output*), tem em vista que os fantoches só “falam” em inglês.

No contexto das práticas docentes do **PI2**, o professor enfatiza entender a emergência desta hipótese em atividades de revisão que sempre realiza em sala de aula. Em uma dessas atividades, após a correção de um exercício de escrita em inglês, PI2 inseriu em *slides* (para a projeção no projetor multimídia) as frases produzidas pelos alunos que possuíam inadequações no uso do inglês. Ao projetar um dos *slides* cada grupo deveria anotar uma das frases e discutir os erros, corrigindo-os e reescrevendo a frase corretamente para mostrá-la aos demais grupos com o auxílio de uma placa em que deveria estar escrita a frase correta. Após cada grupo mostrar a sua placa, os demais grupos deveriam se certificar se as frases estavam mesmo corretas. Para o PI2, este tipo de atividade proporcionou uma análise dos alunos, induzida pelo professor, de seus próprios *outputs*. Ainda, o PI2 esclarece que conseguiu entender a hipótese do *output* em atividades que realizou com foco em tópicos gramaticais. Em um dessas atividades, o PI2 propôs um diálogo entre os alunos em que deveria conter frases intercaladas com os tempos verbais *present perfect* e *simple past*. Durante o diálogo, o PI2 pontua que foi possível observar que muitos alunos se autocorrigiam quando percebiam que o tempo verbal utilizado por eles era inadequado, percebendo-se assim, uma atividade de metalinguagem desempenhada pelos alunos durante a produção da fala em língua inglesa.

No contexto de sala de aula da **PE**, a hipótese do *output* é apreendida pela professora em uma atividade em que seus alunos simularam um teatro de compra e

venda numa feira. A PE destaca que o *input* compreensível (não desprezado por Swain em sua teoria) seria os nomes dos produtos, termos de compra e venda e os preços; o *output* compreensível, por sua vez, seria as produções corretas das informações em língua espanhola referente à compra e venda durante o desenvolvimento do teatro. Além dessa experiência, a PE narra que em uma aula houve a possibilidade da sua turma entrar em uma sala de conversa (*chat*) de uma rede social para conversar com falantes nativos de espanhol. Nessa interação, os alunos puderam testar suas hipóteses sobre a produção da língua espanhola ao fazer uso significativo da mesma.

3.7 HIPÓTESE DA INTERAÇÃO

A hipótese da interação, como entende a **PI1**, emerge na sala de aula quando ela tenta fazer com que seus alunos interajam uns com os outros em atividades de conversação com diálogos adequados ao nível de proficiência deles.

O **PI2** pontua que conseguiu entender o surgimento dessa hipótese em dinâmicas que utiliza em todo início de bimestre com as novas turmas: é formado dois círculos, um dentro do outro, orientando que as falas nos círculos devem ser dirigidas em direções opostas. Uma música é tocada e toda vez que ela for parada pelo professor um/a aluno/a deve, primeiro, apresentar-se à/ao colega que está ao seu lado e, depois, fazer perguntar a ele/ela utilizando palavras-chave que foram previamente escritas pelo professor na lousa, como “*name*”, “*age*”, “*city*”, “*job*”, “*hobby*”. Após a interação de cada aluno/a com dois ou três colegas, a dinâmica para. Em seguida, cada aluno/a deve apresentar a última pessoa com a qual interagiu para os demais colegas. Nesse tipo de atividade, o PI2 entende haver a negociação de significados durante os esforços comunicativos dos alunos para estabelecerem um diálogo que atenda aos objetivos da tarefa que lhes foi solicitado pelo professor.

Na visão da **PE**, uma atividade com sua turma que ela crê estar embasada na hipótese da interação seria um exercício que previa que os alunos orientassem seus colegas sobre como chegar de um ponto a outro em um mapa de uma cidade com vários estabelecimentos comerciais. Previamente, os alunos haviam recebido

orientações em língua espanhola sobre como perguntar e indicar a localização de um lugar. No entanto, ao interagirem, algumas informações não saíram conforme o planejado, então os alunos tiveram que negociar os sentidos entre eles, explicando o que pretendiam fazer para que o outro pudesse entender, por exemplo, qual era o estabelecimento comercial que queriam se dirigir. Um exemplo de negociação de sentido nessa atividade foi percebido nas frases que seguem: Aluno a) “*Quiero enviar una carta*”; Aluno b) “*Ah, si, ¿quiere usted ir a Correos?*”

3.8 TEORIA SOCIOCULTURAL

No âmbito da teoria sociocultural, a **PI1** esclarece que procura fazer atividades em que as próprias crianças sejam mediadoras; ou seja, os alunos mais avançados ajudam os alunos que tem mais dificuldade. Nesse sentido, a PI1 enfatiza ser muito importante o trabalho em duplas e em grupos.

Para a **PE**, a teoria sociocultural emana nas interações que ocorrem no grupo das suas turmas na rede social *Facebook*, por exemplo. Nesse grupo virtual, os alunos postam músicas, sugestões de leituras e páginas diversas. Eles aprendem uns com os outros ao mesmo tempo em que são autônomos em suas próprias aprendizagens. Nessas interações, a PE relata que apenas participa como incentivadora e mediadora da interação social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como proposta refletir sobre a conciliação das diferentes teorias de ASL no exercício da compreensão de como a ASL como SAC (PAIVA, 2014) emerge no processo de ensino e de aprendizagem. Esse exercício foi feito via as reflexões de três professores de línguas adicionais (inglês e espanhol) sobre o olhar retrospectivo de cada um para a sua prática docente. Para tanto, os professores em questão estudaram oito teorias de ASL (behaviorista, conexionista, aculturação, gramática universal, *input*, *output*, interação e sociocultural) durante um semestre em uma disciplina de pós-graduação de uma universidade estadual paranaense. Como resultado pode-se observar como importantes teorias de ASL

tidas como incompatíveis entre si – já que pertencem a diferentes grupos de fundamentação epistemológica (ambientalistas, inatistas e interacionistas) – emergem no fazer docente. Os professores participantes deste exercício de reflexão (coautores deste artigo) puderam entender – a partir do estudo das teorias e da reflexão retrospectiva sobre suas práticas – como os diferentes modelos de ASL estão conciliados, de fato, na emergência do fenômeno da aquisição de uma língua adicional. Fenômeno multifacetado que, como enfatiza PAIVA (2014), é explicado, em cada uma de suas facetadas (inter-relacionadas), pelas teorias estudadas aqui (e outras não destacadas neste estudo). Esse é um exercício que pode ajudar professores em formação inicial e continuada no desenvolvimento de uma fazer docente mais consciente das emergências imanentes do fenômeno do ensino e da aprendizagem de línguas adicionais em que estão inseridos, preparando-os melhor para possíveis interferências que, por ventura, necessitem realizar nesse processo.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Livia Márcia Tida Rádis. Teorias linguísticas e aquisição e aprendizagem de Línguas. **Todas as Letras**, n. 2, p. 77-85, 2000.

BORGES, Elaine Ferreira do Vale. Uma compilação das diferentes concepções epistemológicas de aquisição e desenvolvimento da lingua(gem). **DLCV**, v. 9, n. 2, p. 9-18, 2013.

CORREA, Letícia Maria Sicuro. Aquisição da linguagem: uma repectiva dos últimos trinta anos. **DELTA**, v. 15, n. Especial, p. 339-83, 1999.

DEL RÉ, Alessandra (Org.) **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006. 202 p.

ELLIS, Rod. Second language acquisition and teacher education. In **Cambridge Guide to Second Language Teacher Education**. Cambridge University Press, 2009. 325 p.

LARSEN-FREEMAN, Diane; LONG, Michael H. **An introduction to second language research**. London: Longman, 1991. 238 p.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Aquisição de segunda língua**. São Paulo: Parábola, 2014. 175 p.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. 11^o Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 489 p.

ORGANIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE EVENTOS: ANÁLISE DO CASE IFÉRIAS¹✓

211

Arthur RAPOSO GOMES²
Ana Marta dos Santos LADEIRA³

✓ Artigo recebido em 29/03/2018 e aprovado em 25/05/2018.

¹ Artigo derivado de um Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Organização e divulgação de eventos recreativos: apresentação do case IFérias”, defendido e aprovado em dezembro de 2017, como requisito parcial para a conclusão da graduação de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF);

² Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pelo CES/JF, é estudante de Jornalismo pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Foi o pesquisador e autor da monografia que originou o presente artigo. E-mail: <arthurraposogomes@gmail.com>

³ Mestra em Letras e graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), tem especialização em Marketing pela Fundação Educacional Machado Sobrinho. É docente dos cursos de Jornalismo e Publicidade do CES/JF e foi a professora-orientadora do trabalho original. E-mail: <anamartaladeira@hotmail.com>.

ORGANIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE EVENTOS:

ANÁLISE DO CASE IFÉRIAS

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo estudar as etapas de organização e classificação de um evento, sendo derivado de uma monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda. A partir das classificações teóricas selecionadas, partiu-se para a aplicação das mesmas junto ao objeto de estudo: a Colônia de Férias do IF Sudeste MG – Campus Barbacena. O enfoque foi dado às etapas e classificações do evento IFérias, utilizando, principalmente, da pesquisa documental e participante para a realização da análise. Apesar de ser relacionado à área de Lazer e Educação Física, o evento foi classificado pela pesquisa como um veículo de comunicação dirigida e aproximativa, a ser utilizado com fins ligados as Relações Públicas da organização.

Palavras-chave: Eventos. Colônia de Férias. Lazer. Classificação. Relações Públicas.

ORGANIZACIÓN Y CLASSIFICACIÓN DE EVENTOS:

ANÁLISIS DEL CASE IFÉRIAS

ABSTRACT

El presente artículo tuvo como objetivo estudiar las etapas de organización y clasificación de un evento, siendo derivado de una monografía presentada como Trabajo de Conclusión de Curso de graduación en Comunicación Social – Habilitación en Publicidad y Propaganda. A partir de las clasificaciones teóricas seleccionadas, partiendo-se para aplicación de las mismas junto al objeto de estudio: la Colonia de Vacaciones del IF Sudeste MG – Campus Barbacena. El enfoque fue dado a las etapas y clasificaciones del evento IFérias, utilizando, principalmente, de la investigación documental y participante para la realización del análisis. Aunque se relaciona con el área de ocio y educación física, el evento fue clasificado por la investigación como un vehículo de comunicación asistida y aproximativa, a ser utilizado con fines ligados a las relaciones públicas de la organización.

Palabras-clave: Eventos. Colonia de Vacaciones. Ocio. Clasificación. Relaciones públicas.

1 INTRODUÇÃO

Na vivência diária, o indivíduo é motivado por vontades e ações para atender a graus hierárquicos de necessidades que orientam, inclusive, as técnicas de estímulo ao consumo, conforme a clássica pirâmide de Abraham Maslow⁴. Entre tais necessidades, está a de lazer, diversão e entretenimento, localizada no topo da pirâmide, o grau 5 da hierarquia: o de necessidade de realização pessoal. Segundo Francisco Paulo de Melo Neto (2008, p. 15), a diversão é “um fator de compra. A sinergia diversão/entretenimento e negócios é cada vez maior e mais necessária para as empresas que desejam vender mais e conquistar mais clientes”.

Entre as formas de diversão estão os eventos, que contribuem para melhorar a autoestima do indivíduo e inseri-lo ainda mais no meio social. Os eventos são objeto de estudo de diversas pesquisas, inclusive no campo da Comunicação Social. Eles podem ser classificados de várias formas: de acordo com a sua finalidade, área de abrangência, periodicidade, público, número de participantes e a área de interesse, como categorizaram Marlene Matias (2010) e Anita Massena (2012). Entre as tipologias existentes para se classificar um evento quanto à sua área de interesse, está o evento recreativo, exemplificado pelo objeto de estudo desta pesquisa.

O presente trabalho tem como objeto de estudo o evento IFérias. Uma colônia de férias realizada nas dependências do IF Sudeste MG – Campus Barbacena: instituição federal localizada em Barbacena, cidade, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), com 126.284 habitantes, localizada na região de Campos das Vertentes, em Minas Gerais.

Desde janeiro de 2012, a instituição sedia o IFérias, evento que responde à Diretoria de Extensão, responsável, principalmente, pelo apoio ao desenvolvimento de ações de integração escola-empresa-comunidade. Em julho de 2017, foi realizada a 12ª edição, mobilizando estudantes das graduações de Tecnologia em Gestão de Turismo, Licenciatura em Educação Física, Bacharelado em Nutrição e

⁴ REZ, Raquel. Pirâmide de Maslow: Hierarquia de Necessidades do Consumidor. Nova Escola de Marketing [site]. 02 fev 2016. Disponível em: <<http://novaescolademarketing.com.br/marketing/piramide-de-maslow/>> Acesso em: 26 nov 2017

estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio – Hospedagem e Agropecuária. A iniciativa conta ainda com uma equipe de profissionais de diversos setores: docentes; a equipe de equoterapia, que trabalha no auxílio às atividades realizadas envolvendo os cavalos e os bois do Instituto; a Coordenação de Comunicação; o Setor de Transporte e as equipes de limpeza e enfermagem.

O presente trabalho se propõe a estudar as etapas de organização do IFérias, além de sugerir um modelo de classificação do mesmo, a partir de classificações apresentadas pela literatura específica, com base em referências bibliográficas selecionadas, entre as quais destacam-se os autores Marlene Matias (2010), Anita Massena (2012), Jorge Steinhilber (1995), Cleuza Cesca (2008) e Luiz Carlos Zanella (2008).

Definida por Severino (2007, p. 122) como a busca por “fonte documental no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos”, durante o trabalho foi realizada uma pesquisa documental sobre o objeto a ser analisado, sendo checados documentos impressos e legais, fotos, matérias publicadas no site da instituição e postagens feitas nas redes sociais.

Apesar disso, justificada pela atuação voluntária do pesquisador em edições do evento, o trabalho teve a pesquisa participante como a principal metodologia utilizada. Ela é identificada por Severino (2007, p. 120) como

aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos.

Essa metodologia foi utilizada para acompanhar e analisar as etapas de organização da Colônia de Férias.

As colônias de férias estão relacionadas à área de Lazer, da qual também participam os profissionais da Educação Física, que as promovem com fins recreativos. Assim, um dos objetivos do trabalho é também demonstrar a possibilidade de utilização do evento “colônia de férias” com fins de aproximação

dos públicos de uma organização – denominados, por Lattimore et al. (2012), como *stakeholders*.

A pesquisa visa contribuir também para os estudos de eventos de pequeno e médio porte, com localização mais próxima das cidades de seus pesquisadores, fortalecendo os cases de eventos dessa dimensão, em especial as colônias de férias. Entre os objetivos do autor da pesquisa está o de contribuir para a valorização do local onde vive e circula, fortalecendo os vínculos da “aldeia primitiva”⁵.

A escolha pelo objeto de estudo foi baseada no interesse do autor pelo setor de eventos e com área de mídia e divulgação, além do fato de, desde julho de 2014, o mesmo ter atuado no apoio à produção de edições do evento em questão, tendo sido voluntário de comunicação na Colônia de Férias, realizando as seguintes atribuições: cobertura fotográfica, gestão de redes sociais e redação do release pós-evento.

Realizado desde janeiro de 2012, o IFérias já foi utilizado como objeto de estudo de apresentações de trabalhos de estudantes da instituição, atuantes como monitores no evento. No entanto, em nenhuma das edições e trabalhos, há registros de informações de estudo referente à comunicação, divulgação e organização do evento em si. Assim, espera-se também que este trabalho se torne útil não só para o autor, mas também para o organizador do evento e a instituição promotora.

2 RELAÇÕES PÚBLICAS E VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO DIRIGIDA

Apesar da expressão Relações Públicas (RP) parecer autoexplicativa, são muitas as questões sobre a sua real definição: é uma atividade? Uma profissão? Um negócio? Ou um processo? (MARCONI, 2009).

⁵ José Marques de Melo apresenta essa expressão para explicar o conceito de “aldeia global”, delineado por Marshall McLuhan, para quem os avanços tecnológicos ocorridos no século XX foram responsáveis por unir o planeta, possibilitando que comunidades, mesmo distantes territorialmente, pudessem compartilhar as mesmas experiências vividas em outros espaços, transformando o planeta em uma grande aldeia.

MARTINO, Luís Mauro de Sá. **Teoria da Comunicação**: ideias, conceitos e métodos. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MELO, José Marques de. **Teoria e Metodologia da Comunicação**: Tendências do século XXI. São Paulo: Paulus, 2014.

Relações Públicas são mais que uma profissão e um conjunto de atividades ou escolha de formação. As Relações Públicas privilegiam a multidisciplinaridade, a visão holística da comunicação e o entendimento de que as organizações constituem-se de relacionamentos que demandam, sempre, aprimoramento e gestão. As relações com o público interno, imprensa, comunidade, governamentais, agências reguladoras, investidores, consumidores, são funções que a formação em Relações Públicas sempre privilegiou com as vistas à tão desejada “cidadania corporativa”. (CONERP, meio digital, 2010⁶)

Segundo Kotler e Keller (2006), as Relações Públicas possuem cinco tarefas principais, sendo elas: relacionamento com a imprensa, visando mídia espontânea; publicidade, ou seja, mídia paga; comunicação corporativa perante os públicos internos e externos; *lobby*, ou seja, relacionamento com o setor político, e também o aconselhamento em momentos de crises. A prática de RP é quase sempre confundida com “fazer propaganda de um assunto, e isso, embora seja de enorme relevância, é apenas parte do processo”, como destaca Marconi (2009, p. 13).

Pinho (2003, p. 9-10) reitera que, “enquanto a publicidade diz: ‘Compre isto’, as relações públicas podem afirmar: ‘Nós somos uma empresa responsável’. Ele ainda diz que, “as ações de relações públicas buscam, entre outros propósitos, construir reputação, criar uma imagem positiva, informar e persuadir pessoas”.

França (2011, p. 7) destaca que é preciso entender que as relações públicas atuais objetivam, “acima de tudo, estabelecer relacionamentos com as pessoas”.

Pinho (2003, p. 13) define como público “o conjunto de pessoas ou organizações que se relacionam direta ou indiretamente com uma empresa ou com os quais ela interage”.

Por sua vez, Lattimore et al. (2012, p. 177) conceituam público como sendo um “grupo de pessoas com determinadas características em comum”. Além disso, destacam que as organizações podem ter diferentes tipos de públicos, também denominados *stakeholders*. Consideram que o profissional de RP trabalha com cinco tipos gerais de públicos: a mídia, e por consequência, os respectivos profissionais;

⁶ **CONSELHO FEDERAL DE PROFISSIONAIS DE RELAÇÕES PÚBLICAS.** Definições de Relações Públicas. Disponível em: <<http://www.conferp.org.br/definicoes-de-relacoes-publicas/>> Acesso em 07 set 2017.

os funcionários e a sua relação com a organização; os consumidores dos produtos e/ou serviços oferecidos pela organização, os mercados financeiros e a comunidade.

Para se relacionar com estes públicos, a organização utiliza veículos de comunicação dirigida: “instrumentos por meio dos quais são transmitidas as mensagens com a finalidade de atingir o público receptor” (FERREIRA, 2011, p. 93). O autor apresenta uma classificação para os veículos de comunicação dirigida em veículos escritos, orais, auxiliares e aproximativos. São eles, a saber:

FIGURA 01 – Quadro de Veículos de Comunicação Dirigida

Veículos de comunicação dirigida	Exemplos
Escritos	Correspondência (interna e externa), mala direta; Manuais dos diversos tipos e segmentos; Relatórios, periódicos de empresa etc; Publicações que se destinem a um público determinado ou parte dele.
Orais	Telefone; Intercomunicador; Radiocomunicação; Alto-falante.
Auxiliares	Recursos visuais: bandeiras, cartazes e logotipos... Recursos auditivos: alarmes, apitos e sirenes... Recursos audiovisuais: filme sonorizado, multimídia em computador...
Aproximativos	Eventos diversos; Serviços prestados à comunidade.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor do trabalho, conforme Ferreira (2011).

Os veículos aproximativos são, para Ferreira (2011, p. 94), “aqueles que permitem qualquer aproximação física ou virtual entre os públicos e a instituição”. O objeto de estudo se enquadra nessa classificação, pois é um evento promovido por uma instituição pública de ensino, com caráter de extensão à comunidade.

Apesar de defender que a organização de eventos “deve ser um trabalho a ser executado por pessoas com conhecimento específico, entre as quais está o profissional de relações públicas” (CESCA, 2008, p. 191), a autora é taxativa ao afirmar que, no Brasil, existem profissionais de todas as áreas atuando nesse ramo.

3 EVENTOS

O evento é originário da Antiguidade, tendo sobrevivido com o passar da história da civilização humana até os dias atuais. O evento marco da civilização contemporânea é a Olimpíada. Mas é possível que “um dos mais antigos eventos da epopeia humana na terra tenha ocorrido há milhões de anos quando um primitivo grupo de humanos se reuniu para comemorar uma caça” (POIT, 2006, p. 19).

Atualmente, o evento não é só considerado como uma atividade econômica de grande importância, mas também como um veículo de comunicação de forte apelo em todas as camadas sociais. Assim sendo, o evento necessita de “refinado tratamento profissional” (POIT, 2006, p. 19).

Há várias definições para evento: algumas mais amplas, outras mais específicas. Tenan (2012, p. 14), por exemplo, apresenta duas definições: na primeira delas, mais geral, considera que “evento é sinônimo de acontecimento não rotineiro; fato que desperta a atenção” – e uma mais voltada aos profissionais que atuam na área, onde cita que evento é um “acontecimento especial, antecipadamente planejado e organizado, que reúne pessoas ligadas a interesses comuns”.

Massena (2012, p. 14) sintetiza o evento como um acontecimento planejado, com duração determinada, que reúne indivíduos, de maneira formal ou informal, e que tem “o objetivo de comemorar uma data ou acontecimento, ou levar ao conhecimento deste grupo um fato, uma ideia ou um produto”.

Zanella (2008) concorda com Massena, definindo evento como uma concentração ou reunião formal de pessoas ou entidades, sendo realizada em data e local especial e que visa à celebração de acontecimentos importantes e significativos. Zanella (2008, p. 1) ainda diz que, para os organizadores, “evento significa muito trabalho, iniciativa, criatividade, competência e resultados”; e já para quem participa, “significa congraçamento e integração, gerando e consolidando vínculos e relações de caráter profissional e pessoal”.

Matias (2010) cita que um evento pode ser classificado de três maneiras: de acordo com o público, a área de interesse e o número de participantes. Em relação ao público, um evento pode ser fechado ou aberto. O evento fechado é realizado em

situações específicas e é destinado para um público-alvo definido, “que é convocado e/ou convidado a participar” (MATIAS, 2010, p. 106). Já o evento aberto é proposto para um público, e, por sua vez, pode ser subdividido em evento aberto por adesão e evento aberto em geral.

O evento aberto por adesão é aquele apresentado e sujeito a um determinado segmento de público, que tem a opção de aderir mediante inscrição gratuita e/ou pagamento de taxa de participação. O evento aberto em geral é aquele que atinge todas as classes de público (MATIAS, 2010, p. 106).

Considerando a área de interesse, Matias (2010) diz que um evento pode ser classificado em: artístico, científico, cultural, cívico, desportivo, folclórico, lazer, promocional, religioso e turístico. Massena (2012) completa esta lista citando o evento recreativo, objeto de estudo deste trabalho.

Ainda segundo Matias (2010), o evento também pode ser classificado de acordo com o número de participantes envolvidos. Um evento será considerado pequeno quando envolver até 150 participantes; com 150 e 500 envolvidos, será médio; e grande, quando mobilizar acima de cinco mil participantes. Para ser classificado como um megaevento, a classificação é mais abrangente: o mesmo precisa contar com público superior a cinco mil participantes, além de apresentar as características apresentadas a seguir:

Megaevento⁷ – evento de lazer e turismo em larga escala, como os Jogos Olímpicos ou as Feiras Mundiais. Geralmente é de curta duração, com conseqüências de longa duração para as cidades que o sediam. Está associado à criação de infraestrutura e comodidades para o evento, frequentemente tendo débitos a longo prazo e sempre requerendo uso programado com bastante antecedência (MATIAS, 2010, p. 112).

Massena (2012) classifica um evento quanto à sua finalidade, à área de abrangência e à periodicidade. A autora categoriza um evento como institucional quando ele tem como fim a divulgação da imagem da empresa ou entidade, e como promocional, quando existe um objetivo comercial. Quanto à abrangência, um

⁷ O autor do trabalho seguiu a grafia da palavra em negrito utilizada por Matias (2010).

evento pode ser local, regional, nacional, internacional ou mundial. A autora ressalta que:

Essa nomenclatura refere-se à origem de seus participantes, sendo que deve se respeitar os critérios para utilizá-la. Por exemplo: uma competição mundial deve ter representantes dos quatro continentes, num congresso internacional, 20% de seus participantes devem ser oriundos de países estrangeiros, e assim por diante (MASSENA, 2012, p. 17).

Referente à periodicidade, um evento é esporádico quando não é realizado em período definido ou fixo. É considerado periódico, aquele que já tem uma data definida. Existe também o evento de oportunidade, realizado concomitantemente a outro, sem estar programado (MASSENA, 2012).

Para a organização de um evento e junção de todas essas classificações, Matias (2010), afirma que é preciso passar por quatro momentos: concepção, pré-evento, transevento e pós-evento.

3.1 ETAPAS DE UM EVENTO

Segundo Matias (2010), a primeira fase é o momento em que os organizadores precisam iniciar o delineamento de como será o mesmo, definindo pontos importantes, tais como:

- a) O reconhecimento das necessidades do evento e a elaboração das alternativas para supri-las;
- b) A identificação dos seus objetivos e resultados a serem alcançados;
- c) A definição de estimativas de tempo, espaço e recursos necessários para a sua realização, além de coleta de informações sobre os participantes, patrocinadores e outras potenciais instituições parceiras;
- d) O estabelecimento das diretrizes e dos contornos gerais do evento.

O pré-evento é o quesito fundamental no processo de organização, sendo o primeiro passo organizacional que “engloba todas as etapas de preparação e desenvolvimento do evento” (MATIAS, 2010, p. 146). É neste momento que são

definidas e realizadas questões importantes do planejamento de um evento, apontadas por Massena (2012), como:

- a) Definição dos objetivos que irão nortear todas as ações e decisões ligadas ao evento;
- b) Seleção do público-alvo, ou seja, para quem o evento será direcionado;
- c) Definição do nome;
- d) Definição de data, horário e local, levando em conta fatores determinantes para a sua realização: clima, quantidade e características de público, acesso, transporte, época do ano e dia da semana, por exemplo;
- e) Orçamento e investimento disponível para a realização do evento;
- f) Plano de trabalho, onde deve constar todas as ações e metas a serem atingidas e as suas respectivas estratégias e diretrizes;
- g) Formação da equipe de trabalho que atuará no evento;
- h) Elaboração da programação, com as definições das atividades que serão desenvolvidas;
- i) Definição das formas de divulgação mais eficazes para informar o público-alvo do evento sobre a sua realização;
- j) Elaboração do checklist – lista de todas as ações a serem executadas antes, durante e depois do evento;
- k) Escolha da forma de avaliação.

De acordo com Matias (2010, p. 171), o transevento é o momento decisivo do evento: “o transcorrer das atividades”, quando todas – ou boa parte das – as ações previstas no pré-evento acontecem.

Com o término da realização do evento, chega-se ao último momento da organização, o pós-evento. Nesta fase, segundo Zanella (2008), devem ser executadas certas ações, tais como:

- a) O acompanhamento da desmontagem das instalações e móveis, caso tenham sido necessárias para o evento;
- b) A promoção de uma reunião para a avaliação geral do evento, colhendo informações do evento encerrado;

- c) O levantamento dos equipamentos e materiais remanescentes, além de indicadores do evento – como, por exemplo, o número de participantes e o volume de operações;
- d) O recebimento de sugestões, recomendações, informações e definição de orientações para as futuras edições do evento;
- e) A análise do resultado financeiro e das diferenças entre a programação prevista e executada;
- f) A montagem de pastas com documentos referentes ao evento: formulários, relatórios, roteiros, material publicitário, fotografias e cronogramas são exemplos de documentos;
- g) A redação de um relatório final de desempenho, contendo informações sobre a programação, o histórico de atividades e os resultados das pesquisas realizadas no evento;
- h) O agradecimento às pessoas relacionadas ao evento, principalmente, patrocinadores e colaboradores. Massena (2012) registra que

Para empresas, órgãos públicos e outras entidades que patrocinaram ou apoiaram o evento é imprescindível que se faça um agradecimento formal, que pode ser por meio de correspondência acompanhada por um brinde alusivo ao evento. Este gesto, com certeza, contribuirá para garantir uma próxima parceria (MASSENA, 2012, p. 41).

Matias (2010) completa esta lista referente às atividades a serem realizadas no momento do pós-evento, com ações de divulgação – como a preparação do noticiário geral, a redação do *press release*⁸, o agrupamento de todos os *press releases* publicados e a apresentação dos relatórios finais e das fases de divulgação.

⁸ Apesar de Matias (2010) colocar a publicação de *press release* apenas no pós-evento, o autor do presente trabalho acredita em outras literaturas, que colocam a redação do *release* em todas as etapas de organização de um evento.

4 A COLÔNIA DE FÉRIAS DO IF SUDESTE MG – CAMPUS BARBACENA

Este trabalho tem como objetivo a análise do evento “IFérias”: Colônia de férias promovida pelo Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – Campus Barbacena (IF Sudeste MG – Campus Barbacena), coordenada pelo professor Luiz Carlos Gomes Júnior⁹, que também será tratado neste artigo como coordenador do evento, coordenador do projeto ou ainda organizador do evento.

A título de segmentação do estudo, destaca-se que as edições do IFérias selecionadas para análise foram a 11^a e 12^a edição do evento, realizadas – respectivamente – entre 9 e 15 de janeiro e 24 e 30 julho de 2017. A escolha foi justificada pela questão de proximidade temporal com a redação e publicação deste trabalho.

4.1 APRESENTAÇÃO DO EVENTO

Cesca (2008, p. 49) destaca a importância de se ter claro quais são os objetivos do evento, pois “é o que determina o que se pretende com o evento, de forma ampla e específica”. No caso do objeto de estudo, segundo o release publicado no site da instituição promotora, o evento tem o objetivo de proporcionar – a crianças e adolescentes – “uma alternativa de lazer no período de férias, oferecendo oportunidade de estágios e práticas pedagógicas aos alunos de diversos cursos do Instituto”. Além disso, para a comunidade da região, configura-se como “uma forma de aproximar ainda mais das dependências do IF Sudeste MG – Campus Barbacena” (IF Sudeste MG – Campus Barbacena, meio digital, 2017¹⁰).

De acordo com Silva:

⁹ Formado em Educação Física pela UFJF e Nutrição pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), é professor do IF Sudeste MG – Campus Barbacena e coordenador do IFérias. Informação retirada do perfil do professor na Plataforma Lattes. Disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/6714580563400120>> Acesso em: 10 dez 2017.

¹⁰ RAPOSO GOMES, Arthur. XI IFérias diverte crianças e mobiliza estudantes do Campus Barbacena. **IF Sudeste MG – Campus Barbacena**. 18 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.barbacena.ifsudestemg.edu.br/destaques/xi-iferiasdiverte-criancas-mobiliza-estudantes-campus-barbacena>> Acesso em 02 nov 2017.

Colônias de Férias são espaços informais de ensino-aprendizagem para crianças no período de férias escolares, onde um grupo de profissionais especializados constrói previamente o roteiro de atividades e um cronograma a ser executado. Esses eventos são muito disseminados no Brasil e os profissionais mais envolvidos são os profissionais de Educação Física (SILVA, 2008 apud MATTOS et. al., 2017, p. 393).

Segundo Steinhilber (1995, p. 4), as colônias de férias são, historicamente, promovidas com o intuito de ocupar o período das férias escolares com atividades físicas orientadas, “estimulando o gosto pelas mesmas, despertando o desenvolvimento do espírito de equipe, [...], da liderança e o espírito desportivo”, além da visão ecológica, promovida por meio do contato com a natureza.

4.1.1 Classificação e caracterização do objeto-evento

Seguindo as classificações apresentadas por Matias (2010) na seção 2, podemos considerar o IFérias de acordo com o seu público, a área de interesse e o número de participantes envolvidos.

Quanto ao público, o IFérias é um evento aberto por adesão, pois é destinado a crianças e adolescentes com idades entre 5 e 12 anos, 11 meses e 29 dias, que se inscrevem para sorteio, são sorteadas e efetuam matrícula em período determinado no edital.

Na classificação de eventos seguindo a sua área de interesse, Massena (2012) define os eventos recreativos como aqueles que “são destinados a distrair sem serem motivo de preocupação com relação a qualquer cobrança de performance ou resultados” (MASSENA, 2012, p. 26). O edital 012/2017 corresponde à 12ª edição e cita que, entre os objetivos, está: “promover recreação e lazer para crianças e adolescentes” (2017, meio digital¹¹). Assim, pode-se concluir que o IFérias é um evento recreativo. Apesar de ser considerado um evento recreativo, atividades esportivas podem ser realizadas durante colônias de férias,

¹¹ EDITAL 012/2017 – IFérias: Colônia de Férias do IF Sudeste MG – Campus Barbacena. Disponível em: <http://www.barbacena.ifsudestemg.edu.br/sites/default/files/edital_xii_iferias_julho_2017.pdf>. Acesso em 18 nov 2017.

“desde que a atividade esportiva seja dinamizada e orientada para o objetivo recreativo” (STEINHILBER, 1995, p. 28);

Além disso, realizada em janeiro de 2017, a 11ª edição do IFérias recebeu 120 crianças participantes, sendo classificada como um evento pequeno. Já a 12ª edição, promovida em julho de 2017, contou com a participação de 200 crianças, sendo considerada um evento de médio porte (MATIAS, 2010).

De acordo com as classificações de eventos apresentadas por Massena (2012), um evento também pode ser categorizado quanto à sua: finalidade, abrangência e periodicidade.

No que se refere à finalidade, o IFérias é um evento institucional, pois ele auxilia na divulgação da imagem da sua instituição promotora.

FIGURA 02 – *Print* de notícia publicada em site local

14 de dezembro de 2016 às 21h37

Campus Barbacena abre inscrições para colônia de férias

Atividades voltadas para crianças de 5 até 12 anos, 11 meses e 29 dias

Da Redação

Papais e mães devem ficar atentos ao prazo de inscrição para a XI IFérias, a Colônia de Férias do Campus Barbacena do Instituto Federal. Os participantes, de 5 até 12 anos, 11 meses e 29 dias, terão oportunidade de participar de atividades recreativas e de lazer, executadas por alunos dos cursos do Campus.

Fonte: BARBACENA ONLINE, 2016, meio digital.

Para categorizar as edições analisadas quanto a sua abrangência, foram verificadas as fichas de inscrições dos interessados. Assim, seguindo a descrição de Massena (2012), o IFérias é um evento local, recebendo, na sua 11ª e 12ª edição, apenas crianças-participantes residentes na cidade de realização do evento, Barbacena, Minas Gerais.

Com relação à periodicidade, a Colônia de Férias do IF Sudeste MG – Campus Barbacena pode ser considerada um evento periódico, pois possui

momento determinado para sua realização. Desde janeiro de 2012, quando foi realizada a sua primeira edição, acontece duas vezes por ano: uma em janeiro e outra em julho, durante o período de férias escolares.

Além destas classificações gerais de eventos, Steinhilber (1995) considera que existem normas específicas para a classificação de colônias de férias, sendo elas: quanto à entidade promotora, à duração e ao período de realização diária do evento; ao público; e ao sexo deles.

Quanto à entidade promotora, uma colônia de férias pode ser pública, quando promovida por uma entidade municipal, estadual ou federal; particular, quando organizada por um indivíduo ou grupo, ou mista, quando organizada com a união de esforços de entidades governamentais e particulares (STEINHILBER, 1995). Neste quesito, o IFérias é denominado como uma colônia de férias pública, pois é organizada por uma instituição federal, o IF Sudeste MG – Campus Barbacena.

Quanto à duração, segundo o autor (1995), uma dada colônia de férias é curta, quando durar até dez dias; média, quando for realizada entre 11 e 20 dias, e longa, quando promovida por mais de 21 dias. O IFérias é realizado durante sete dias, ou seja, pode ser considerado um evento de curta duração.

Quanto ao período de realização diária, a colônia de férias pode ter suas atividades concentradas em “meio dia”, quando realizadas “apenas na parte da manhã ou, na parte da tarde”; “dia todo”, quando promovidas em período integral, no entanto, sem pernoite; e “internamento”, quando “são realizadas com pernoites”, (STEINHILBER, 1995, p. 30). O IFérias é uma colônia de férias realizada em “meio dia”, com atividades e faixas etárias divididas em turnos – matutino e/ou vespertino.

Quanto ao público, Steinhilber (1995) ressalta que uma colônia de férias pode ser dedicada tanto para o público infantil, quanto para os jovens, adultos, pessoas da terceira idade. Isso porque a grande parcela do público adulto que sofre com o estresse e o crescimento da população da terceira idade fazem com que estes públicos se tornem bons segmentos para a atuação recreativa.

O Estatuto da Criança e Adolescente (1990, meio digital¹²) define como “criança, [...], a pessoa até doze anos de idade, e adolescente aquela entre doze e

¹² BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> Acesso em 11 nov 2017.

dezoito anos de idade”. Assim, o IFérias se mostra como um evento destinado ao público infanto-juvenil, recebendo participantes com idades a partir de 5 anos até 12 anos, 11 meses e 29 dias.

Quanto ao sexo dos participantes, Steinhilber (1995) afirma que uma colônia de férias pode ser voltada apenas para pessoas do sexo masculino, pessoas do sexo feminino ou mistas. No caso do IFérias, o público participante é misto, visto que meninos e meninas brincam juntos, separados apenas de acordo com a faixa etária.

4.1.2 Equipe de monitores voluntários e colaboradores da instituição

Segundo Massena (2012), o voluntariado vem ganhando espaço no ramo de organização de eventos, pois configura-se como “uma excelente oportunidade de aprendizado e integração com profissionais do ramo” (MASSENA, 2012, p. 114), além de possibilitar o intercâmbio de experiências entre colegas de trabalho com diferentes culturas e formações.

Para a realização do IFérias, a coordenação do evento conta com uma equipe de monitores voluntários integrada por estudantes de diversos cursos da própria instituição de ensino, como: Técnico em Hospedagem Integrado ao Ensino Médio, Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio; superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, Licenciatura em Educação Física e Bacharelado em Nutrição. Eles aplicam na prática os conhecimentos vistos em sala de aula.

Todos os colaboradores [colaboradores] são importantes no processo de execução do evento. Os organizadores sabem, [...], que os recursos humanos afetam diretamente o andamento do evento; por isso, são muito importantes os relacionamentos interpessoais e a dinâmica do grupo. Assim, a motivação, envolvimento e treinamento são essências [essenciais] para os envolvidos no evento (COUTINHO, 2010, p. 55).

De acordo com o coordenador do evento, Luiz Carlos Gomes Júnior, em matéria publicada em junho de 2017 no site do IF Sudeste MG – Campus Barbacena (junho/2017, meio digital¹³), a participação dos monitores na Colônia de Férias é uma atividade voluntária e não-remunerada. Os estudantes que atuam na realização

¹³ **IF SUDESTE MG – CAMPUS BARBACENA.** Estão abertas as inscrições para monitores da XII IFérias. Disponível em: <<http://www.barbacena.ifsudestemg.edu.br/destaques/estao-abertas-inscricoes-monitores-xii-iferias>> Acesso em 11 nov 2017.

do evento recebem certificados de horas de atividades complementares, de estágio curricular ou ainda de práticas pedagógicas, dependendo do respectivo curso e o seu Projeto Pedagógico do Curso (PPC).

FIGURA 03 – Relação de benefícios acadêmicos para os monitores por curso

Curso de origem do(a) monitor(a)	Benefício
Técnico em Hospedagem Integrado ao Ensino Médio	Para estudantes do 1º ano: horas de atividades complementares. Para estudantes do 2º e 3º anos: Horas de estágio (pré-requisito: disciplina “Técnicas de Recreação e Lazer”)
Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio	Horas de estágio
Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo	Horas de estágio
Licenciatura em Educação Física	Horas de atividades de extensão ou horas de atividades pedagógicas previstas no currículo (a ser combinado previamente)
Bacharelado em Nutrição	Horas de atividades complementares

Fonte: PPCs dos respectivos cursos (2015).

Em entrevista publicada no site do IF Sudeste MG – Campus Barbacena (Agosto/2017, meio digital¹⁴), alguns monitores voluntários registraram suas vivências no envolvimento com a Colônia de Férias. Vinícios Pires Costa Ribeiro, estudante do 2º ano do curso Técnico em Hospedagem Integrado ao Ensino Médio, confirmou que “os conhecimentos adquiridos em sala de aula, principalmente nas didáticas que aprendemos nas aulas de Recreação e Lazer, ajudaram muito durante a colônia de Férias”. Já a estudante do curso de Licenciatura em Educação Física, Vanessa Malta Matheus, em agosto de 2017, destacou que a oportunidade de atuar como monitora da 12ª edição da colônia de férias fez com que ela realizasse atividades de grande utilidade no seu futuro papel de professora. Isso porque, durante a semana, ela pode “colocar em prática os conhecimentos adquiridos no meu curso, executando jogos coletivos e pedagógicos, brincadeiras e ginásticas com as crianças [...]”.

¹⁴ RAPOSO GOMES, Arthur. XII IFérias diverte cerca de 200 crianças e recebe elogios. **IF Sudeste MG – Campus Barbacena**. 01 de agosto de 2017. Disponível em: <<http://www.barbacena.ifsudestemg.edu.br/conteudo/xii-iferias-diverte-cerca200-criancas-campus-barbacena-recebe-elogios>> Acesso em 02 nov 2017.

Além dos monitores, o evento conta com a colaboração de funcionários e servidores de diversos departamentos da instituição, que estão em atividade no período de realização do evento. De acordo com a revista de aniversário do IF Sudeste MG – Campus Barbacena, publicada em 2015, e o *release* pós-evento da 12ª edição publicada em agosto de 2017, a equipe de Enfermagem, de Seção de Alimentação e Nutrição (SAN), de segurança, do Setor de Equoterapia e dos Núcleos de Agricultura (NA) e de Zootecnia (NZ) também participam da realização do IFérias, juntamente com a equipe de Serviços Gerais do Complexo Esportivo e da Coordenação de Comunicação do IF Sudeste MG – Campus Barbacena.

4.2 ETAPAS DE ORGANIZAÇÃO DO EVENTO

A concepção do IFérias aconteceu em novembro de 2011 quando, durante a disciplina de Fundamentos do Lazer, no curso superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, foi proposta uma atividade em que seria necessária a elaboração de um projeto sobre lazer. Surgia, assim, a ideia de realizar uma colônia de férias nas dependências do IF Sudeste MG – Campus Barbacena, intitulada IFérias, como descrito no Blog Memória IFérias (2016, meio digital¹⁵).

Essa atividade foi trabalhada em caráter interdisciplinar com os alunos da primeira turma do curso de Licenciatura em Educação Física. Após a apresentação da ideia, foi definida a programação da primeira edição do evento – que contaria, inicialmente, apenas com os graduandos desses dois cursos, que teriam a oportunidade de uma experiência prática daquilo que haviam estudado em Fundamentos do Lazer e Recreação, respectivamente (BLOG MEMÓRIA IFÉRIAS, 2016, meio digital).

Sobre a concepção de eventos, Massena (2012, p. 27) diz que

As ideias para a realização de eventos podem surgir de maneira espontânea no dia-a-dia, ou provocada pela necessidade, numa reunião de trabalho. O segredo é saber aproveitá-las da melhor maneira possível, fazendo uma seleção. [...]. Todas as boas sugestões devem avançar para

¹⁵ BLOG MEMÓRIA IFÉRIAS. **Você sabia que?** 14 dez 2016. Disponível em: <<https://memoriaiferias.wordpress.com/2016/12/14/voce-sabia-que/>>. Acesso em 20 nov 2017.

uma análise mais criteriosa, a fim de que seja selecionada a que melhor se identifica com os objetivos traçados. Várias ideias podem resultar numa única, que será o ponto de partida para a geração de um evento.

O objetivo era promover a primeira edição já no mês de janeiro do ano seguinte: período de férias escolares, ideal para a realização de uma colônia de férias. Zanella (2008, p. 49) ressalta que:

Em todas as áreas de atividades, há interferências de fatores sazonais ou estacionais. No setor de turismo e eventos, a sazonalidade é influenciada pelo calendário das férias profissionais e escolares e pelas temporadas de praia e serra, que oferecem as melhores condições do ano para lazer.

A primeira edição da colônia de férias teve uma grande adesão e, durante uma semana de janeiro de 2012, cerca de 100 crianças realizaram atividades físicas e brincadeiras diversas nas dependências da instituição (IF Sudeste MG – Campus Barbacena, 2012, meio digital).

A avaliação desta primeira edição foi positiva. Assim, o coordenador do evento decidiu, desde então, promover a colônia de férias durante uma semana de cada mês de férias escolares – janeiro e julho (IF Sudeste MG – Campus Barbacena, 2012, meio digital¹⁶; Blog Memória IFérias, 2016, meio digital¹⁷).

4.2.1 O pré-evento

As etapas do pré-evento das edições analisadas aconteceram de forma rápida, visto que, realizada desde janeiro de 2012, questões importantes de um pré-evento, como objetivos e nome, já haviam sido definidas previamente. O nome do evento, por exemplo, foi criado a partir da aglutinação das iniciais da instituição promotora (Instituto Federal – “IF”), com a palavra “férias”, resultando em “IFérias”.

Sobre o nome de um evento, Massena (2012, p. 37) afirma que

¹⁶ **IF SUDESTE MG – CAMPUS BARBACENA.** 1ª Colônia de Férias do Campus Barbacena foi um sucesso. 16 de janeiro de 2012. Disponível em: <<http://www.barbacena.ifsudestemg.edu.br/destaques/1%C2%AA-colonia-feriascampus-barbacena-foi-sucesso>> Acesso em: 20 nov 017.

¹⁷ **BLOG MEMÓRIA IFÉRIAS. Você sabia que?** 14 dez 2016. Disponível em: <<https://memoriaiferias.wordpress.com/2016/12/14/voce-sabia-que/>>. Acesso em 20 nov 2017.

Deve ser um nome de impacto, que marque o evento e o relacione claramente ao tema que ele abordará. Costuma-se colocar o nome do patrocinador para denominar o evento, o que, de certa forma, garante sua continuidade, com a expectativa de realização de outras edições.

É nesta etapa que, através de pesquisa participante, foi visto que, o coordenador do IFérias é responsável pela definição da data de realização da próxima edição, assim como os turnos de atividades realizadas e se serão divididas em um ou dois turnos. Nesse momento, ele solicitou aos responsáveis pela publicação no site institucional a divulgação da abertura de vagas para que os estudantes possam fazer a inscrição para atuarem como monitores, estudando os espaços disponíveis para execução de atividades e analisando a forma mais viável pela qual a alimentação seria servida.

Em seguida, a coordenação do evento passou as informações necessárias para a Diretoria de Extensão da instituição, responsável pela publicação do edital da edição do IFérias. Este documento, entre outros itens, apresenta os procedimentos necessários para a criança participar da colônia de férias.

Com a publicação do edital, iniciaram-se os esforços de divulgação realizados pela Coordenação de Comunicação do Instituto, que se dedicou para informar à comunidade barbacenense sobre a realização do evento que se aproximava.

O familiar ou responsável legal precisaria preencher a ficha de inscrição da criança no sorteio público das vagas, que define – de forma sortida e sem distinção de renda, escolaridade ou ligação com a instituição promotora – quais serão as crianças participantes e ainda, caso haja maior demanda do que oferta de vaga, a formação da lista de espera. Após o sorteio, o responsável da criança selecionada deveria apresentar-se ao IF Sudeste MG – Campus Barbacena munido de documentos originais e cópia para a efetivação da participação da criança, através do preenchimento da ficha de matrícula.

Neste momento, o responsável pelo participante responde questões sobre a criança como, por exemplo, algum tipo de alergia, medicação utilizada ou tratamento especial necessário, além de preencher o Termo de Responsabilidade e Consentimento da participação da criança no evento, comprovando ter a ciência das informações contidas no edital e a autorização de direito de imagens e sons documentados durante a realização do IFérias.

Ainda no pré-evento, aconteceu a reunião entre o professor-coordenador e os estudantes-monitores, quando o projeto foi explicado para os que estão se voluntariando pela primeira vez, além das especificidades e restrições para com o cuidado com as crianças sorteadas na edição. Ainda neste encontro, os monitores ficaram sabendo em qual grupo etário de crianças atuarão durante a colônia de férias.

4.2.2 O Transevento

Com duração de sete dias, o transevento foi iniciado com a abertura e recepção das crianças, familiares e responsáveis legais pelo coordenador e monitores da colônia de férias. Em seguida, os monitores foram divididos pelo coordenador do evento nas quatro turmas – 5 e 6, 7 e 8, 9 e 10 e 11 e 12 anos. Os monitores foram responsáveis pelo planejamento e execução das atividades, esportivas e recreativas, com as respectivas turmas de segunda à sexta-feira. E, o autor do trabalho – também voluntário do evento – atuou, principalmente, no apoio à produção, cobertura fotográfica e gestão de mídias sociais, postando diariamente as fotos das atividades realizadas no dia nas redes sociais da Colônia de Férias.

FIGURA 04 – Fotos de atividades do transevento



Fonte: Site institucional do IF Sudeste MG – Campus Barbacena, 26 jul de 2017, meio digital.¹⁸

¹⁸ Fotos de autoria do autor do presente trabalho, enquanto voluntário para a edição do evento. Todas as imagens do IFérias apresentadas nesse artigo têm autorização de uso.

As atividades do transevento foram concentradas no Complexo Esportivo da instituição, onde os monitores e as crianças utilizaram dos materiais já existentes para a execução de práticas esportivas e recreativas. Além disso, também foram realizadas ações em outros espaços, como por exemplo no Setor de Equoterapia, no Núcleo de Agricultura (NA) e de Zootecnia (NZ). Durante entrevista para matéria pós-evento publicada no site da instituição em agosto de 2017, o estudante do 2º ano do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, Josias Jamilson Moreira, contou que:

entre as atividades mais aguardadas e pedidas pelas crianças, estavam a visita ao Setor de Equoterapia e ao Núcleo de Zootecnia (NZ), quando as crianças tiveram a oportunidade de andar de carro de boi e ter contato com cavalos, vacas, coelhos e galinhas: 'Para muitas crianças, esse foi o primeiro contato com os animais, o que torna esse momento muito especial'.¹⁹

FIGURA 05 – Fotos de atividades envolvendo animais



Fonte: Site institucional do IF Sudeste MG – Campus Barbacena, 01 ag 2017, meio digital.

Também durante o transevento, a Coordenação de Comunicação da instituição promotora realizou a publicação de uma matéria, no site da instituição, no estilo “Acompanhe as atividades da Colônia de Férias”, com fotos das atividades realizadas nos primeiros dias de evento.

Nas duas edições analisadas, o encerramento do transevento teve início na manhã do sexto dia, momento em que foi realizada uma atividade integradora com

¹⁹ Entrevista dada ao autor do trabalho, enquanto colaborador voluntário no evento, responsável pela redação do release do pós-evento. Disponível em: <<http://www.barbacena.ifsudestemg.edu.br/conteudo/xii-iferias-diverte-cerca200-criancas-campus-barbacena-recebe-elogios>> Acesso em 02 nov 2017.

todos os grupos de participantes e monitores. Na edição de janeiro, foi promovido um momento carnavalesco. E em julho, aconteceu uma festa junina, o “Arraiá do IFérias”.

Já no domingo, os monitores e os participantes fizeram um passeio ciclístico e caminhada, juntamente com seus familiares, até o Núcleo de Zootecnia da instituição. O trajeto possui cerca de 3,2 quilômetros de extensão e visou promover uma ação entre as crianças, os seus pais e familiares, e os monitores, que comandaram as atividades recreativas durante a semana.

No final da manhã, o encerramento do IFérias foi realizado, sendo apresentado em vídeo, registros fotográficos e audiovisuais de diversas práticas executadas durante a semana; a entrega de uma “lembrancinha” para as crianças e foi promovido um balanço oral do evento, feito por parte do coordenador, quando ele escuta as opiniões e avaliações de monitores e responsáveis pelos participantes da atual edição e sugestões para as próximas colônias de férias.

4.2.3 O pós-evento

Nos dias que sucederam ao término, foi publicada uma matéria sobre o pós-evento no site institucional, com depoimentos de monitores, pais e do coordenador do projeto, além do agradecimento à equipe organizadora.

FIGURA 06 – Release pós-evento da 12ª edição na homepage do site institucional



Fonte: Site institucional do IF Sudeste MG – Campus Barbacena, 2017, meio digital.

Em matéria publicada no dia 18 de janeiro de 2017, o coordenador do projeto, faz uma avaliação geral do evento e agradece publicamente aos envolvidos nas atividades da Colônia de Férias:

“Depois de seis anos à frente do IFérias, posso dizer que essa edição foi muito especial. Com a participação de membros da equipe que já atuaram em edições anteriores, a 12ª colônia de férias foi marcada por novos monitores e novas crianças participantes, mas a alegria estampada nos rostos dos dois grupos sempre se fez presente. Fica aqui o nosso agradecimento [...] à equipe do Setor de Transporte, da Equoterapia e dos Núcleos de Agricultura (NA) e de Zootecnia (NZ), além da Segurança, [...], e a equipe de Serviços Gerais do Complexo Esportivo, pelo suporte prestado. Não podendo esquecer da Coordenação de Comunicação, [...]. Fica sempre um gostinho de quero mais e o nosso abraço a todos” – finaliza o coordenador do projeto, Prof. Luiz Carlos Gomes Júnior.²⁰

²⁰ Trecho retirado do release XI IFérias diverte crianças e mobiliza estudantes do Campus Barbacena, publicado no site do IF Sudeste MG – Campus Barbacena, no dia 18 de janeiro de 2017, sendo assinado pelo autor do trabalho. Disponível em: <http://www.barbacena.ifsudestemg.edu.br/destaques/xi-iferiasdiverte-criancas-mobiliza-estudantes-campus-barbacena>> Acesso em 02 nov 2017

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar as etapas e classificações do evento IFérias e apresentar a viabilidade de utilização de um evento geralmente ligado à área de lazer, também com fins aproximativos, ligados a Relações Públicas, uma vez que proporciona uma integração entre os diversos públicos da instituição – alunos, professores, servidores e integrantes da comunidade externa – e também é uma forma de divulgação dos cursos da própria instituição: existem registros de pessoas que, no passado, participaram das primeiras edições da Colônia de Férias como crianças, e, posteriormente, vieram a se tornar estudantes do Instituto e monitores do IFérias.

A partir do que foi exposto, é possível afirmar que, a Colônia de Férias do IF Sudeste MG – Campus Barbacena configura-se como um veículo de comunicação dirigida e aproximativa, uma vez que possibilita o contato e convívio entre os diversos públicos da instituição.

Nesse contexto, é importante ressaltar também o valor de uma equipe integrada e multidisciplinar, além do fato de que o IFérias é um exemplo de evento da atualidade que não conta com um profissional de RP – citado pela literatura como o mais capacitado para a gestão de eventos –, mas sim com um organizador de eventos que, apesar de não ser formado na área, tem o perfil de Relações Públicas, uma vez que lida com os diversos públicos da instituição em que trabalha.

Apesar de ser interpretado pelo autor do presente trabalho como um modelo de evento a ser adotado por outros *campi* do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais e, mesmo, por outras instituições de ensino – desde que estas possuam espaço físico adequado e contem com profissionais – e/ou graduandos – ligados à Lazer, Educação Física, Turismo, Eventos e Comunicação, percebeu-se a possibilidade de melhorias em alguns momentos, como, por exemplo, no pós-evento.

Até então, a avaliação das atividades realizadas no evento é feita através de um balanço oral executado pelo coordenador do projeto. Assim, o pesquisador

participante sugere um questionário digital na plataforma *Google Docs*, a ser disponibilizado no site institucional do IF Sudeste MG – Campus Barbacena, divulgado nas redes sociais da Colônia de Férias e nos bilhetes de agradecimento distribuídos no último dia de realização do evento, visando à avaliação da Colônia de Férias, no momento do pós-evento.

Destaca-se ainda, a dificuldade encontrada pelo autor com relação às referências bibliográficas específicas sobre colônias de férias. Ressalta-se a esperança de que o presente trabalho contribua para a literatura deste tipo de evento específico e ainda para outros estudos futuros sobre o objeto analisado, seja na área de Educação Física, Recreação e Comunicação, ou mesmo no que se refere à formação dos profissionais que atuam na organização de eventos no Brasil e também à importância para pesquisas de eventos de pequeno e médio porte e que valorizem estudos mais sistemáticos sobre a produção de eventos junto à “aldeia original”, de forma a possibilitar, cada vez mais, o olhar da academia para o incremento e impacto dessa atividade em nível local.

REFERÊNCIAS

BARBACENA ONLINE. Campus Barbacena abre inscrições para colônia de férias. Disponível em:

<<http://www.barbacenaonline.com.br/noticia/variedades/campusbarbacena-abre-inscricoes-para-colonia-de-ferias>>. Acesso em 04 nov 2017.

CESCA, Cleuza G. Gimenes. **Organização de eventos:** manual para planejamento e execução. São Paulo: Summus, 2008. 9. ed. rev. e atual.

COUTINHO, Helen Rita Menezes. **Organização de eventos.** Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2010. Disponível em: <http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_hosp_lazer/061112_org_eventos.pdf>. Acesso em 07 set 2017.

FERREIRA, Waldir. **Comunicação dirigida:** instrumento de relações públicas. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org). Obtendo resultados com relações públicas. São Paulo: Cengage Learning, 2011. p. 91-101.

FRANÇA, Fábio. **Relações públicas no século XXI:** relacionamento com as pessoas. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org). Obtendo resultados com relações públicas: como utilizar adequadamente as relações públicas em benefício das organizações e da sociedade em geral. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

IF SUDESTE MG – CAMPUS BARBACENA. Acompanhe as atividades do IFérias. 27 de julho de 2017. Disponível em: <<http://www.barbacena.ifsudestemg.edu.br/destaques/acompanhe-atividadesiferias>>. Acesso em 19 nov 2017.

_____. **Divulgado o Edital do XII IFérias** (Colônia de Férias do Campus Barbacena). 29 de junho de 2017. Disponível em: <<http://www.barbacena.ifsudestemg.edu.br/destaques/divulgado-edital-xii-iferiascolonia-ferias-campus-barbacena>>. Acesso em 15 nov 2017.

_____. **Projeto pedagógico do curso de Bacharelado em Nutrição.** Barbacena, IF Barbacena, 2015. Disponível em: <http://www.barbacena.ifsudestemg.edu.br/sites/default/files/ppc_nutricao.pdf>. Acesso em 20 nov 2017.

_____. **Projeto pedagógico do curso superior de Tecnologia em Gestão de Turismo.** Barbacena, IF Barbacena, 2015. Disponível em: <http://www.barbacena.ifsudestemg.edu.br/sites/default/files/ppc_turismo2015.pdf>. Acesso em 20 nov 2017.

_____. **Projeto pedagógico do curso de Licenciatura em Educação Física.** Barbacena, IF Barbacena, 2015. Disponível em:

<http://www.barbacena.ifsudestemg.edu.br/sites/default/files/ppc_licenciatura_em_educacao_fisica_ifsemg.pdf>. Acesso em 20 nov 2017.

_____. **Projeto pedagógico do curso Técnico em Hospedagem Integrado ao Ensino Médio.** Barbacena, IF Barbacena, 2015.

_____. **Projeto pedagógico do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio.** Barbacena, IF Barbacena, 2015.

_____. **Revista comemorativa aos 105 anos da Antiga Escola Agrotécnica Federal de Barbacena e 06 anos do IF Sudeste MG – Campus Barbacena** [edição única].

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Barbacena:** dados gerais do município. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=310560&search=minas-gerais|barbacena|infograficos:-dados-gerais-do-municipio>>. Acesso em 15 nov 2017.

KOTLER, Philip e KELLER, Kevin Lane. **Administração de marketing:** a bíblia do marketing. Tradução Mônica Rosemberg, Claudia Freire e Brasil Ramos Fernandes. 12. ed. Rio de Janeiro: Pearson Prentice-Hall, 2006.

LATTIMORE, Dan. et al. **Relações públicas:** profissão e prática. Tradução Roberto Cataldo Costa. 3. ed. Porto Alegre: AMGH, 2012.

MATIAS, Marlene. **Organização de eventos:** procedimentos e técnicas. 5. ed. Barueri, SP: Manole, 2010.

MARCONI, Joe. **Relações Públicas:** o guia completo. Tradução Anna Maria Dalle Luche. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

MASSENA, Anita. **Eventos e competições esportivas:** planejamento e organização. Blumenau: Nova Letra Gráfica e Editora, 2012.

MATTOS, Rafael da Silva. et al. **Colônias de férias:** disciplina e biopolítica infantil. Licere, Belo Horizonte, v.20, n.3, p. 392-423, set/2017.

MELO NETO, Francisco Paulo de. **Criatividade em Eventos.** São Paulo: Contexto, 2008.

PINHO, J. B. **Relações públicas na internet:** técnicas e estratégias para informar e influenciar públicos de interesse. São Paulo: Summus, 2003.

POIT, Davi Rodrigues. **Organização de eventos esportivos.** 4. ed. São Paulo: Phorte, 2006

RAPOSO GOMES, Arthur. XII IFérias diverte cerca de 200 crianças e recebe elogios. **IF Sudeste MG – Campus Barbacena**. 01 de agosto de 2017. Disponível em: <<http://www.barbacena.ifsudestemg.edu.br/conteudo/xii-iferias-diverte-cerca200-criancas-campus-barbacena-recebe-elogios>>. Acesso em 02 nov 2017.

_____. XI IFérias diverte crianças e mobiliza estudantes do Campus Barbacena. **IF Sudeste MG – Campus Barbacena**. 18 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.barbacena.ifsudestemg.edu.br/destaques/xi-iferiasdiverte-criancas-mobiliza-estudantes-campus-barbacena>>. Acesso em 02 nov 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

STEINHILBER, Jorge. **Colônia de férias – organização e administração**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

TENAN, Ilka Paulete Svissero. **Eventos**. São Paulo: Aleph, 2002. – (Coleção ABC do Turismo).

ZANELLA, Luiz Carlos. **Manual de organização de eventos: planejamento e operacionalização**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.